

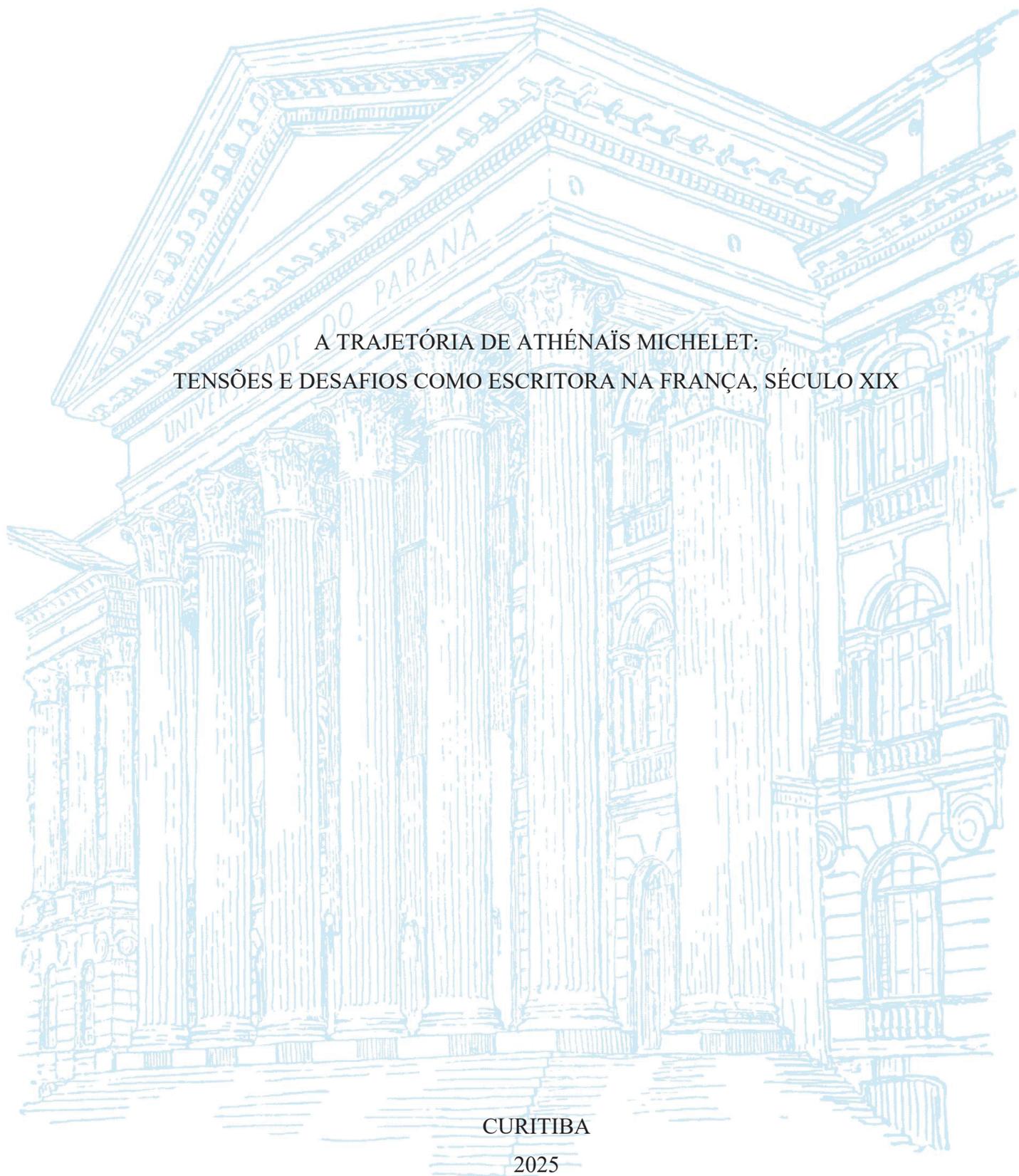
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

ALINE DAL MASO FERREIRA

A TRAJETÓRIA DE ATHÉNAÏS MICHELET:  
TENSÕES E DESAFIOS COMO ESCRITORA NA FRANÇA, SÉCULO XIX

CURITIBA

2025



ALINE DAL MASO FERREIRA

A TRAJETÓRIA DE ATHÉNAÏS MICHELET:  
TENSÕES E DESAFIOS COMO ESCRITORA NA FRANÇA, SÉCULO XIX

Tese apresentada à linha de pesquisa Cultura e Poder,  
ao Programa de Pós-Graduação em História, Setor de  
Ciências Humanas, Universidade Federal do Paraná,  
como requisito parcial à obtenção do título de Doutora  
em História.

Orientador: Prof. Dr. Rafael Faraco Benthien

CURITIBA

2025

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ  
SISTEMA DE BIBLIOTECAS – BIBLIOTECA DE CIÊNCIAS HUMANAS

Ferreira, Aline Dal Maso

A trajetória de Athénaïs Michelet: tensões e desafios como escritora na França, século XIX. / Aline Dal Maso Ferreira. – Curitiba, 2025.

1 recurso on-line : PDF.

Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Paraná, Setor de Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em História.

Orientador: Prof. Dr. Rafael Faraco Benthien.

1. Michelet, Athénaïs, 1826-1899. 2. Michelet, Jules, 1798-1874. 3. Cooperação intelectual. I. Benthien, Rafael Faraco, 1979-. II. Universidade Federal do Paraná. Programa de Pós-Graduação em História. III. Título.



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
SETOR DE CIÊNCIAS HUMANAS  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ  
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO HISTÓRIA -  
40001016009P0

## TERMO DE APROVAÇÃO

Os membros da Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação HISTÓRIA da Universidade Federal do Paraná foram convocados para realizar a arguição da tese de Doutorado de **ALINE DAL MASO FERREIRA**, intitulada: **A Trajetória de Athénaïs Michelet: tensões e desafios como escritora na França, século XIX.**, sob orientação do Prof. Dr. RAFAEL FARACO BENTHIEN, que após terem inquirido a aluna e realizada a avaliação do trabalho, são de parecer pela sua APROVAÇÃO no rito de defesa.

A outorga do título de doutora está sujeita à homologação pelo colegiado, ao atendimento de todas as indicações e correções solicitadas pela banca e ao pleno atendimento das demandas regimentais do Programa de Pós-Graduação.

CURITIBA, 15 de Abril de 2025.

Assinatura Eletrônica  
16/04/2025 15:51:45.0  
RAFAEL FARACO BENTHIEN  
Presidente da Banca Examinadora

Assinatura Eletrônica  
16/04/2025 21:08:18.0  
DAIANE VAIZ MACHADO  
Avaliador Externo (UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA JÚLIO DE  
MESQUITA FILHO - UNESP)

Assinatura Eletrônica  
16/04/2025 16:45:21.0  
ALESSANDRO HENRIQUE POERSCH ROLIM DE MOURA  
Avaliador Externo (UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ)

Assinatura Eletrônica  
16/04/2025 14:48:36.0  
HECTOR ROLANDO GUERRA HERNANDEZ  
Avaliador Interno (UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ)

Assinatura Eletrônica  
16/04/2025 18:06:46.0  
ANDRÉA CARLA DORÉ  
Avaliador Interno (UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ)

Dedico esta tese  
aos meus pais Dirceu e Elena.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço à minha família, de modo especial a meus pais, Dirceu Ferreira e Elena Dal Maso Ferreira, pelo carinho e suporte durante intermináveis onze anos em que a história fez parte do segundo tempo de minha trajetória acadêmica. À minha madrinha Marilene Guarienti Dal Maso, por todas as horas de viagem e lazer compartilhadas, e à Piti, minha pequena utopia de quatro patas, que me faz acordar cedo todas as manhãs, e continuar a caminhar.

Às minhas amigas Crislaine Aline Campana, Luciana Ramos Miranda Andersen e Pamela de Gracia Paiva, pelo carinho em todos os encontros, cafés e cinemas, e a disposição para escutarem minhas incansáveis reclamações sobre a vida nesses últimos dois anos. Em especial à Pamela, pelo incentivo e leitura dos capítulos da tese.

À minha colega de pós e Doutora Fabiane Furquim, cuja amizade e compreensão me deram forças para enfrentar as dificuldades na fase final da escrita da tese.

Agradeço ao Professor Doutor Rafael Faraco Benthien, pela orientação, confiança, e indulgência infinita desde o início das pesquisas ainda durante a graduação. Sem sua ajuda não teria concluído um doutorado.

Ao Professor Doutor Hector Rolando Guerra Hernandez, e à Professora Doutora Daiane Vaiz Machado, por terem participado do meu exame de qualificação, aos valiosos apontamentos e a contribuição para o direcionamento da tese.

À Professora Doutora Andréa Carla Doré e à Professora Doutora Ana Paula Vosne Martins, por terem participado da minha jornada, desde a graduação, na banca da monografia. À professora Doré também elas aulas nos seminários da pós-graduação, e à Professora Ana Paula pela compreensão dos momentos difíceis vividos durante a pandemia e seus reflexos nos últimos anos para a conclusão desse doutorado.

Ao Professor Doutor Alessandro Rolim de Moura, pela oportunidade concedida pela bolsa de Doutorado Sanduíche, pela sua orientação sobre poesia bucólica, e toda a ajuda nos trâmites burocráticos com o Cnpq.

Ao Professor Doutor Leopoldo Iribarren pela recepção e supervisão das atividades durante o estágio na Frana, e a contribuição com a abertura da infraestrutura da EHESS, que foi indispensável para os seminários online.

Agradeço à Pós-Graduação em História da UFPR, e em especial à Secretária Maria Cristina, pela sua prontidão em ajudar em todas as etapas burocráticas desse percurso.

Ao Cnpq, pela concessão da bolsa de estágio na França.

À CAPES, pela bolsa de doutorado concedida.

## RESUMO

Esta tese investiga a trajetória de Athénaïs Michelet (1826-1899), escritora e colaboradora de Jules Michelet (1798-1874) em uma série de livros de História Natural, bem como sua atuação intelectual em um contexto em que as mulheres raramente eram reconhecidas como autoras. Conhecida principalmente como a segunda esposa e editora das obras póstumas do historiador, sua própria produção escrita permanece pouco explorada. A análise de sua colaboração na série de livros de História Natural, bem como de suas obras autorais *Mémoires d'une Enfant* (1867) e *Nature; or, the Poetry of the Earth and the Sea* (1872), revela sua significativa contribuição intelectual e, principalmente, suas estratégias para se inserir em redes de sociabilidade literária e científica. Apesar do sucesso da série de livros de História Natural escritas em conjunto com Jules Michelet, e suas próprias obras, a autoria de Athénaïs foi frequentemente invisibilizada, reflexo das dinâmicas de gênero no século XIX, que persistem até hoje. A tese examina a colaboração intelectual do casal, e a atuação autoral de Athénaïs, com base em diversas fontes documentais, dando especial atenção à escrita de foro íntimo: os diários e as correspondências. Entre estes documentos, inúmeros manuscritos foram examinados durante o estágio de doutorado-sanduíche em Paris, onde foram encontradas correspondências inéditas de Athénaïs, que contribuíram significativamente para o desenvolvimento da pesquisa. Esta tese discute como a trajetória de Athénaïs ilustra os desafios enfrentados por mulheres intelectuais da época, que muitas vezes tiveram suas contribuições eclipsadas em prol da imagem do "homem de gênio".

Palavras-chave: Athénaïs Michelet; Jules Michelet; Colaboração Intelectual; Escrita Feminina; Redes de Sociabilidade.

## ABSTRACT

This dissertation investigates the trajectory of Athénaïs Michelet (1826–1899), a writer and collaborator of Jules Michelet (1798–1874) on a series of Natural History books, as well as her intellectual engagement within a context in which women were rarely recognized as authors. Although she is primarily known as the historian’s second wife and the editor of his posthumous works, her own literary production remains largely unexplored. The analysis of her collaboration on the Natural History series, along with her authored works *Mémoires d’une Enfant* (1867) and *Nature; or, the Poetry of the Earth and the Sea* (1872), reveals her significant intellectual contributions and, above all, the strategies she employed to participate in literary and scientific networks of sociability. Despite the success of the Natural History series co-written with Jules Michelet and the merit of her own works, Athénaïs’s authorship was frequently rendered invisible—a reflection of 19th-century gender dynamics that still resonate today. This dissertation examines the couple’s intellectual collaboration and Athénaïs’s authorial agency through a variety of documentary sources, with particular attention to personal writings such as diaries and correspondence. Among these sources, numerous manuscripts were examined during a research stay in Paris as part of a doctoral exchange program, where previously unpublished letters written by Athénaïs were discovered, significantly contributing to the development of this study. This research discusses how Athénaïs’s life and work illustrate the challenges faced by intellectual women of the period, whose contributions were often overshadowed in favor of the image of the “man of genius.”

Keywords: Athénaïs Michelet; Jules Michelet; Intellectual Collaboration; Women's Writing; Sociability Networks.

## LISTA DE FIGURAS

- Figura 1: Fotografias para cartões de visita de Jules Michelet e Athénaïs Michelet pela Carjat e Cie. (Etienne Carjat), década de 1860. Fonte: Musée Carnavalet, Disponível em: <http://parismuseescollections.paris.fr>.....26
- Figura 2: Imagem fotográfica da primeira parte de página do diário de Athénaïs do dia 7 de maio de 1859. *Journal*, 1849-1850, arquivo MS 4855 – *Fragments divers de M<sup>me</sup> Michelet*, depositado na BIF. As folhas do diário encontram-se soltas na pasta do arquivo, e sem ordem de datas. Nesta página podemos observar a escrita de Athénaïs; anotações de Jules no cabeçalho da página e correções em uma das frases. Há também várias palavras sublinhadas em vermelho, provavelmente feitas pelo próprio Michelet, como constatado em outras páginas de anotações com a letra do historiador em vermelho.....56
- Figura 3: Panfleto da Sociedade para a Educação Profissional das Mulheres, contendo um convite para as reuniões às associadas para o primeiro semestre de 1870. Fonte: arquivo MS 4856–4858, *Papiers de M<sup>me</sup> Jules Michelet*. Depositado na BIF.....74
- Figura 4: Imagem central da cidade de Paris em 1861, com os endereços dos domicílios de Jules Michelet e das Instituições de Educação Feminina: 1. Notre Dame; 2. Musée du Louvre; 3. Rue de l’Ouest 44 (Rue d’Assas 76) - endereço dos Michelet de 1854 até o ano da morte de Athénaïs, em 1899; 4. Jardin de Luxembourg; 5. Rue des Postes 12 – endereço de Michelet antes de se casar com Athénaïs; 6. Jardin des Plantes; 7. Quai de la Rapée 58 – Instituição de madame Babin-Thiébaud; 8. Rue du Val-Saint-Catherine 23 – primeiro endereço da Sociedade de Madame Lemonnier – *Société pour l’Enseignement Professionnel des Femmes*; 9. Rue Rochechuart 72 – segundo endereço da sociedade de Madame Lemonnier; 10. Rue du Rocher 52 – Instituição de Madame Bachellery; 11. Parc Monceau; 12. Rue de Villiers 43 - endereço dos Michelet de 1849 a 1852, logo após se casarem. Fonte: Mapa de Felix Benoist, In: *Paris dans sa Splendeur* v. 3, Paris: Henri Charpentier, Imprimeur-Éditeur, 1861. Como se pode ver, o casal Michelet transita sobretudo no âmbito do Quartier Latin (região delimitada entre 1,4, 5 e 6), que abriga colégios e universidades. Salvo no início de seu casamento, e mesmo de seu exílio, o que é significativo.....79
- Figura 5: Elièzer e Rebeca (1648), pintura a óleo sobre tela do pintor francês Nicolas Poussin (1594-1665), 118x199cm, que está no Museu do Louvre, na ala Richelieu, segundo andar, sala 826. Mostra uma cena bíblica em que Rebeca recebe presentes de Elièzer, enquanto em seu entorno muitas mulheres carregam água em suas ânforas em um poço de água. Fonte: Museu do Louvre - Coleções. Disponível em: <https://collections.louvre.fr/en/ark:/53355/cl010062436>.....95
- Figura 6: Exemplo da primeira página de duas versões do capítulo *Le Torrent – Ses œuvres de mort*, (*The Torrent: Its Work of Death* do Livro V: *River Scenery*), com suas correções.: Fonte: Arquivo MS 4856–4858, *Papiers de M<sup>me</sup> Jules Michelet*. Depositado na BIF.....132
- Figura 7: Figura 7: Ilustração de Hector Giacomelli para o início do terceiro livro sobre os cenários florestais, *Woodland Scenery*, do livro *Nature: or, the Poetry of Earth and Sea* de Athénaïs Michelet (1872, p. 51).....140

## LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Mulheres educadoras na rede de relações do casal Michelet, que estão vinculadas às Sociedades de Educação da Mulher em Paris.....99

Tabela 2: Correspondentes de Athénaïs e de Michelet, sobre o livro *Nature*, com informações sobre as datas e arquivos. Fontes: Correspondance Générale (CG) Tome XI e Tome XII de Jules Michelet, Paris: Librairie Honoré Champion; Correspondências manuscritas inéditas localizadas nos Arquivos MS-4856-4858, *Papiers de M<sup>me</sup> Michelet*, na *Bibliothèque de Institut de France* (BIF).....151

Tabela 3: Correspondentes de Athénaïs e de Michelet, com informações sobre os assuntos das cartas, e o cruzamento com as citações em *Nature*. Fontes: Correspondance Générale (CG) Tome XI e Tome XII de Jules Michelet, Paris: Librairie Honoré Champion; Correspondências manuscritas inéditas localizadas nos Arquivos MS-4856-4858, *Papiers de M<sup>me</sup> Michelet*, na *Bibliothèque de Institut de France* (BIF).....152

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	11
<b>CAPÍTULO 1. A intimidade de Athénaïs e Jules através dos escritos pessoais</b> .....	26
1.1 Diários de Michelet: a vida desvelada pela escrita.....	27
1.2 O ano de 1848: um divisor de águas na vida de Michelet e de Athénaïs, sua futura esposa e colaboradora.....	33
1.3 O início da relação entre Athénaïs e Jules Michelet: uma união de corpo e alma .....	39
1.4 Diário de Athénaïs: reflexões e contradições de uma educação religiosa e o anticlericalismo de Michelet.....	50
<b>CAPÍTULO 2. A construção da Mulher Ideal: a educação feminina em Michelet e a influência na obra de Athénaïs</b> .....	60
2.1 O casal Michelet e as <i>Maitrêsses de Pension</i> : sociabilidade e educação da mulher .....	65
2.1.1 As pedagogias de Madame Bachelery e Madame Marenholtz.....	66
2.1.2 As educadoras em torno das Sociedades Femininas de Educação .....	72
2.2 Entre a leitura e a escrita: a educação das meninas em <i>Mémoires d'une Enfant</i> .....	84
2.2.1 As leituras que influenciaram a construção de <i>Mémoires</i> .....	91
<b>CAPÍTULO 3. A colaboração de Athénaïs nos livros de História Natural colocada em questão</b> .....	100
3.1 A inspiração para a série de livros do casal Michelet.....	100
3.2 Livros de divulgação científica: o amadorismo em meados do século XIX. ....	103
3.2.1 Jules Michelet foi um naturalista amador? .....	105
3.3 A colaboração e a autoria feminina em debate.....	115
<b>CAPÍTULO 4. <i>Nature</i> e a emancipação de Athénaïs como escritora</b> .....	126
4.1 <i>Nature</i> : uma obra encomendada para o público anglófono .....	130
4.1.1 A parceria com Hector Giacomelli e as negociações com editoras.....	132
4.2 A importância da Sociabilidade de Athénaïs para seus estudos: as trocas a partir das correspondências .....	141
4.3 Virgílio: a poesia pastoral e bucólica nas obras do casal Michelet .....	156
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	163
<b>FONTES</b> .....	168
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	171
<b>ANEXO: Documentos transcritos. Correspondências inéditas de Athénaïs preservadas nos arquivos na <i>Bibliothèque de l'Institut de France</i> (BIF) (MS 4846-4848, <i>Papiers de M<sup>me</sup> Michelet</i>)</b> .....	181

## INTRODUÇÃO

Esta tese é sobre uma mulher e seus investimentos como escritora, em um tempo-espaço no qual estes dois qualificativos – mulher e escritora – raramente se encontravam combinados. Athénaïs Michelet (nascida Mialaret, 1826-1899) é, quando muito, (re)conhecida por ser a segunda esposa do historiador Jules Michelet (1798-1874). Seu legado inclui sua obra autoral memorialista, sua colaboração na série de pequenos livros de história natural que escreveu em parceria com o marido<sup>1</sup> e, sobretudo, seu trabalho editorial das obras póstumas de Michelet<sup>2</sup>. No entanto, como muitas mulheres do século XIX, Madame Michelet não obteve grande consagração por sua obra autoral ou mesmo por seu trabalho de colaboração com Jules. Seu nome tem sido resgatado ao longo do último século, principalmente em função de seu papel como “segunda esposa” de um homem célebre, e da polêmica gestão da memória do marido<sup>3</sup>. Antes de destacar a especificidade da presente tese para melhor contextualizá-la, é essencial revisitar os sentidos desses resgates e articulá-los com a com a própria sequência da produção autoral de Athénaïs.

Estudos dedicados especificamente sobre ela e sua obra são escassos, se comparados com a infinidade de textos dedicados à vida de Jules Michelet e à sua produção monumental. Embora as inúmeras biografias<sup>4</sup> sobre o historiador forneçam informações sobre a vida de sua esposa, esses dados ainda são insuficientes para uma compreensão mais aprofundada de sua trajetória. De fato, apenas uma única biografia foi realmente dedicada a ela: *Le Roman d’Athénaïs, une vie avec Michelet* (O Romance de Athénaïs, uma vida com Michelet), de Isabelle Delamotte<sup>5</sup>. Apesar de ser uma obra relevante, baseada em uma ampla documentação, foi escrita em estilo romaneado, e abrange essencialmente a vida de Athénaïs da infância até a morte de Jules, em 1874. Toda a sua vida como viúva, de 1874 a 1899, um total de vinte e

---

<sup>1</sup> OGILVE, Marilyn Bailey; HARVEY, Joy (Eds.). Michelet, Athénaïs (Mialaret) (1826-1899). In: \_\_. **The Biographical Dictionary of Women in Science**. Pioneering Lives from Ancient Times to the Mid-20th Century. Volume 2 L-Z. New York, Routledge, 2000, p. 892-894.

<sup>2</sup> CREYGHTON, Camille. La Politique Éditoriale d’Athénaïs Michelet. In: \_\_. **La Survivance de Michelet**. Historiographie et politique en France depuis 1870. Thèse de Doctorat. 480p. Faculty of Humanities – University of Amsterdam, 2016, p. 95-134.

<sup>3</sup> SMITH, Bonnie. A Vida Doméstica e os Grandes Historiadores. In: \_\_. **Gênero e História: homens, mulheres e a prática histórica**. São Paulo: Edusc – Editora da Universidade do Sagrado Coração, 2003, p. 180-216.

<sup>4</sup> Jules Michelet desperta grande interesse pela sua vida, marcada pelos eventos políticos da França do século XIX, e sua obra monumental sobre a História da França e sobre a História da Revolução Francesa. Listarei aqui algumas biografias importantes: MONOD, Gabriel. **Jules Michelet. Études sur sa vie ces œuvres**. Paris: Librairie Hachette et C<sup>ie</sup>, 1905; BARTHES, Roland. **Michelet**. São Paulo: Companhia das Letras, 1991; KIPPUR, Stephen. **Jules Michelet. A study of mind and sensibility**. New York: State University of New York Press, 1981; VIALLANEIX, Paul. **Michelet, les travaux et les jours 1798-1874**. Paris: Gallimard, 1998; PETITIER, Paule. **Jules Michelet: l’homme histoire**. Paris: Grasset, 2006.

<sup>5</sup> DELAMOTTE, Isabelle. **Le Roman d’Athénaïs, une vie avec Michelet**. Paris: Belfond, 2012.

cinco anos, recebeu apenas a atenção dos três pequenos capítulos finais em sua biografia, além de alguns artigos sobre suas relações de amizades durante essa fase. Um exemplo prévio é o artigo em que Eugène Ledrain (1844-1910) relata sobre sua amizade com Madame durante os anos de 1883 a 1899<sup>6</sup>. Outros dois textos analisam sua correspondência com Henri Doniol (1818-1906)<sup>7</sup>, e seu incentivo e patrocínio ao escultor Antoine Bourdelle (1861-1929)<sup>8</sup>, seu conterrâneo de Montauban, cidade ao sul da França onde ambos nasceram. Ou seja, após a morte do marido, suas ações para obter os direitos autorais sobre as obras que escreveu em colaboração com Jules, e seu trabalho intenso nas obras póstumas do marido, permanecem ainda como uma lacuna na historiografia. Apenas em parte esse tema foi abordado por Camille Creighton, em que destaca como o trabalho editorial de Madame Michelet ajudou a contribuir e garantir a sobrevivência do nome do historiador no final do século XIX e início do XX<sup>9</sup>.

Após a morte de Athénaïs, em 1899, sua trajetória foi alvo de inúmeros ataques, tanto em relação à sua colaboração nas obras de história natural e à sua influência em outras obras do historiador, quanto ao seu trabalho editorial das obras póstumas. No entanto, foi sua vida íntima e conjugal que mais despertou interesse e foi levada a escrutínio pelo público. Uma das razões para isso foi a publicação, em 1899, do livro *Lettres Inédites Adressées a M<sup>lle</sup> Mialaret (M<sup>me</sup> Michelet)*<sup>10</sup> (Cartas inéditas endereçadas à senhorita Mialaret (Madame Michelet)), poucos meses após sua morte, e que é a compilação das cartas trocadas entre ela e Michelet antes do casamento em 1849. O volume traz um prefácio escrito a quatro mãos, inicialmente por Jules e finalizado por Athénaïs, os quais contam sua história de união e de seu amor. Essa relação conjugal, que durou vinte e cinco anos, foi o principal ponto de interesse da crítica literária, gerando inúmeros artigos, não apenas com análises da obra, mas também com opiniões que tanto expressavam elogios quanto reprovações ao relacionamento do casal<sup>11</sup>.

---

<sup>6</sup> LEDRAIN, Eugène. Madame Michelet (Lettres et Souvenirs Inédits). **La Revue** (Ancienne “Revue des Revues”), volume LXVI, 1917, p. 311-331.

<sup>7</sup> BRAHM, Alcanter de. Notes sur Michelet. In \_\_. **Curiosités de Carnavalet**. Paris: Librairie Française, 1920, p. 141-156.

<sup>8</sup> VARENNE, Gaston. Le Jeune Bourdelle et M<sup>me</sup> Mialaret-Michelet. **La Revue de France**, 17<sup>e</sup> année, 1<sup>er</sup> juin 1937, p. 439-456.

<sup>9</sup> CREYGHTON, *op. cit.*, p. 95-134.

<sup>10</sup> MICHELET, Jules. **Lettres Inédites Adressées a M<sup>lle</sup> Mialaret (M<sup>me</sup> Michelet)**. Paris: Ernest Flammarion, 1899.

<sup>11</sup> Como exemplo temos: BRISSON, Adolphe. La vie intime de Michelet. In: \_\_. **Portraits intimes**. Paris: Armand Colin et C<sup>ie</sup>, 1899, p. 31-54; BORDEAUX, Henry. Les Livres et les Mœurs. Les Lettres d’Amour de Michelet. **La Revue Hebdomadaire**. Romans-Histoire-Voyages. Tome XI, 28 octobre 1899, p. 565-574; HALÉVY, Daniel. Le mariage de Michelet. **La Revue de Paris**. Neuvième année, tome quatrième, 1902, p. 557-579; CIM, Albert. Les Coulisses du Monde Littéraire. Michelet et sa seconde femme, Athénaïs Mialaret. **La Revue** (Ancienne “Revue des Revues”). 1<sup>er</sup> décembre 1918, volume XCCIV, du 1<sup>er</sup> Octobre au 15 décembre, p. 404-416.

Com a abertura dos diários de Jules Michelet na década de 1950, em uma exigência de Athénaïs Michelet quando nomeou o historiador e amigo da família, Gabriel Monod (1844-1912)<sup>12</sup>, como patrono dos direitos de algumas obras do historiador, o *Journal* (Diário) só foi publicado a partir do final dessa década. Os diários revelaram um marido obsessivamente preocupado com a saúde da esposa, e a intimidade conjugal. Mary Orr observa que o romance ficcional de Claude Pujade-Renaud, *Chers Disparus* (Queridas Desaparecidas - 2004)<sup>13</sup>, que assume a perspectiva de Athénaïs em sua viuvez, “[...] dares to name what Michelet critics cannot. Here is an abusive husband violating her writing, because he also engaged in predatory voyeurism and regular violations of her body”<sup>14</sup>. Por outro lado, há autores que caracterizam essa obsessão registrada nos diários como de extrema afetividade: “This initiated an increasingly intense fascination with nature, including the materiality of the human body and its functions, which would last until his death in 1874. The *Journal* records this extreme affective and intellectual attention of which Athénaïs Michelet was the object”<sup>15</sup>.

A obsessão de Michelet pela saúde e pelo corpo de Athénaïs, desde o início do casamento, frequentemente detalhada em seus diários, resultou na publicação de diversos artigos sobre Madame Michelet, como: *Psychanalyse posthume d’Athénaïs Mialaret épouse de Jules Michelet*<sup>16</sup> (Psicanálise póstuma de Athénaïs Mialaret esposa de Jules Michelet), no qual o autor analisa a “frigidez” da esposa, associando-a à relação “incestuosa” entre os dois, à evidente diferença de idade entre os dois, e ao fato de Madame enxergar no marido uma figura paterna. Trabalhos mais contemporâneos, como o da historiadora Pauline Mortas, *Une Rose épineuse. La défloration au XIXe siècle en France*<sup>17</sup> (Uma Rosa espinhosa. A defloração no século XIX na França), resultado de sua pesquisa para o mestrado em história, exploram as questões sociais relacionadas ao defloramento da mulher no século XIX e as dinâmicas entre

---

<sup>12</sup> Gabriel Monod. Historiador Francês, fundador da *Revue Historique* em 1875. Estudou na *École Normale Supérieure*, e lecionou na *École Pratique de Hautes Etudes*, sendo nomeado como diretor de estudos em 1876, e em 1896 foi nomeado diretor da *École*.

<sup>13</sup> PUJADE-RENAUD, Claude. **Chers Disparus**. Actes Sud, 2004.

<sup>14</sup> ORR, Mary. Catalysts, Compilers and Expositors: Rethinking Women’s Pivotal Contributions to Nineteenth-Century ‘Physical Sciences’. In: JONES, Clare G.; MARTIN, Alison E.; WOLF, Alexis (Eds.). **The Palgrave Handbook of Women and Science since 1660**. Palgrave Macmillan, 2022, p. 520. “Ousa nomear o que os críticos de Michelet não podem. Aqui está um marido abusivo, violando sua escrita, porque ele também se envolvia em voyeurismo predatório e violações regulares de seu corpo” (tradução nossa).

<sup>15</sup> HANNOOSH, Michèle. **Jules Michelet**. Writing art and History in Nineteenth-Century France. Pennsylvania: The Pennsylvania State University Press, 2019, p. 14. “Isso iniciou um fascínio cada vez mais intenso pela natureza, incluindo a materialidade do corpo humano e suas funções, que perduraria até sua morte em 1874. O Diário registra essa extrema atenção afetiva e intelectual da qual Athénaïs Michelet foi objeto” (tradução nossa).

<sup>16</sup> HINARD, André. *Psychanalyse posthume d’Athénaïs Mialaret épouse de Jules Michelet*. **Recueil de l’Académie de Montauban**, 3<sup>ème</sup> série, tome LXIX, années 1975-1976, p. 175-191.

<sup>17</sup> MORTAS, Pauline. **Une Rose Épineuse**. La défloration au XIX<sup>e</sup> siècle em France. Rennes, Presses Universitaires de Rennes, 2017. (Versão Ebook utilizada para a tese, sem numeração de páginas)

homens e mulheres. A relação de Athénaïs e Michelet é utilizada como uma fonte valiosa de informações sobre o tema, amplamente documentada nos diários do historiador. Os relatos sobre a saúde de Athénaïs também motivaram estudos na área médica, como a tese de Vera Azria Kabaker, *Le Journal de Michelet: un cas clinique de constipation chronique: Madame Michelet*<sup>18</sup> (O diário de Michelet: um caso clínico de constipação crônica: Madame Michelet), defendida em 1991.

Apesar de Athénaïs ser muito bem conhecida pela historiografia como a segunda esposa de Jules Michelet, sua própria trajetória como escritora, tanto em sua colaboração com Michelet quanto em seus trabalhos, ainda é pouco explorada. Christine Planté apontou sobre a dificuldade em se estudar as obras de mulheres escritoras do século XIX, tanto sejam elas consagradas quanto marginalizadas na literatura, pois são mais conhecidas dentro de um contexto histórico e social. As abordagens biográficas e psicológicas somadas “ne modifient pas les limites de ce point de vue: on a toujours plus vite et mieux connu les amants, les scandales et les cigares de George Sand que la composition et l’écriture de ses romans”<sup>19</sup>.

A trajetória de Athénaïs como escritora iniciou-se paralelamente à reinvenção profissional de Jules Michelet, alguns anos depois de se casarem. Após os eventos políticos de 1852, em particular o golpe de estado de Napoleão III (Charles-Louis Napoléon Bonaparte, 1808-1873), Jules, republicano e militante, perdeu seus cargos como professor da cadeira de História e Moral no *Collège de France* (Faculdade da França) e como diretor da seção de história dos *Archives Nationales* (Arquivos Nacionais), posições que o historiador jamais voltaria a ocupar. A partir desse momento, o casal enfrentou inúmeras dificuldades financeiras, que só começaram a melhorar com a publicação e o sucesso de uma série de livros populares de história natural. Em estreita colaboração escreveram *L’Oiseau* (A Ave - 1856), *L’Insecte* (O Inseto - 1857), *La Mer* (O Mar - 1861) e *La Montagne* (A Montanha - 1868)<sup>20</sup>, obras que se tornaram *best sellers* na França. No entanto, estes livros foram publicados apenas com a autoria de Jules, e a colaboração de Athénaïs ficou “invisível” ao público leitor, apesar dos indícios nas obras que sugerem esse trabalho em conjunto.

<sup>18</sup> KABAKER, Vera Azria. **Le Journal de Michelet: un cas clinique de constipation chronique: Madame Michelet.** Thèse de Doctorat. Université Sorbonne Paris Nord, 1991.

<sup>19</sup> PLANTÉ, Christine. **La Petite Sœur de Balzac: essai sur la femme auteur.** Paris: Seuil, 1989, p. 15. “Não modificam os limites deste ponto de vista: sempre conhecemos os amantes, os escândalos e os charutos de George Sand mais rapidamente e melhor do que a composição e a escrita dos seus romances” (tradução nossa).

<sup>20</sup> Para as análises serão utilizadas as seguintes edições: MICHELET, Jules. **L’Oiseau.** Paris: Librairie de L. Hachette et C<sup>ie</sup>, 5<sup>e</sup> Édition, revue et augmentée, 1858; \_\_. **L’Insecte.** Paris: Librairie de L. Hachette et C<sup>ie</sup>, Deuxième édition, revue et corrigée, 1858; \_\_. **La Mer.** Paris: Librairie de L. Hachette et C<sup>ie</sup>, 1861; \_\_. **La Montagne.** Paris: Librairie Internationale, 1868.

Sua primeira obra autoral, *Mémoires d'une Enfant*<sup>21</sup> (Memórias de uma Criança), foi publicada em 1867 e narra suas memórias de infância, entre os quatro e os quatorze anos de idade, na propriedade rural de seus pais, a *Chapitoulas*, na sua cidade natal, Montauban, na região sul da França. Na introdução de *L'Oiseau*, Athénaïs já esboçava um prelúdio do que viria a ser esta obra<sup>22</sup>. Além de suas memórias de infância, e evocar os sentimentos de solidão e de melancolia que marcaram esse período, em que a natureza se tornou seu refúgio, Athénaïs incorpora à narrativa temas que são ligados à história natural. Seu texto traz a descrição dos bosques e os jardins da propriedade, das paisagens da região de Montauban e dos costumes daquela sociedade rural, entrelaçando memória e observação do mundo natural.

Seguindo o sucesso das quatro obras, tanto na França quanto na Inglaterra, por meio de traduções, a editora dos Michelet no Reino Unido, *Thomas Nelson and Sons* (ou, *T. Nelson and Sons*), encomendou um título sobre história natural. Dessa vez, foi Athénaïs que assumiu a tarefa, uma vez que, no final dos anos 1860, Jules, já idoso e debilitado, dedicava-se intensamente, apesar das dificuldades, à redação de sua *Histoire du Siècle XIX (História do Século XIX)*. Com um contrato editorial em seu nome, Athénaïs viu nessa oportunidade um passo em direção à autonomia e, possivelmente, ao reconhecimento, ainda que demonstrasse insegurança em relação à sua escrita<sup>23</sup>. Em 1872, sua obra *Nature; or, the Poetry of the Earth and the Sea*<sup>24</sup> (Natureza; ou, a Poesia da Terra e do Mar), traduzida por William Henry Davenport Adams (1828-1891), e com gravuras de Hector Giacomelli (1822-1904) foi publicada exclusivamente na Inglaterra, permanecendo desconhecida do público francês<sup>25</sup>.

A obra aborda diversos temas presentes na série de livros de história natural, como o mar, as montanhas e os animais, mas Athénaïs inova ao incluir estudos geográficos, sobre paisagens, florestas e rios, da França e outros países, sobretudo da Inglaterra e Escócia. Além disso, insere uma dimensão memorialista, mesclando ao texto recordações de suas viagens e

---

<sup>21</sup> MICHELET, M<sup>me</sup> J. [Athénaïs]. **Mémoires d'une Enfant**. Paris: Librairie de L. Hachette et C<sup>ie</sup>, 1867.

<sup>22</sup> MICHELET. *L'Oiseau*, *op. cit.*, p. XXXV.

<sup>23</sup> DELAMOTTE, *op. cit.*, p. 340.

<sup>24</sup> MICHELET, M<sup>me</sup> [Athénaïs]. **Nature; or, the Poetry of Earth and Sea**. London: T. Nelson and Sons, Paternoster Row, 1872.

<sup>25</sup> Isabelle Delamotte indica em sua biografia que esta obra foi publicada em francês em 1893, com o título *Nature*, mas não indica a editora. DELAMOTTE, *op. cit.*, p. 405. Também o organizador das correspondências de Michelet, Louis Le Guillou (1929-2009), em nota indica esta informação, que *La Nature* apareceu na França em 1893. MICHELET, Jules. **Correspondance Générale Tome XII** (1871-1874 et suppléments). Paris: Librairie Honoré Champion, 2001, p. 166. Mas a partir das pesquisas realizadas durante o estágio de Doutorado Sanduíche em Paris, França, durante o período de março a julho de 2023, não foram encontrados nos arquivos esta obra mencionada, tanto na *Bibliothèque de l'Institut de France* (BIF) quanto na *Bibliothèque Historique de la Ville de Paris I* (BHVP), arquivos patrimoniais que contêm a maioria dos manuscritos e livros tanto de Athénaïs quanto de Jules Michelet, quanto em arquivos *on-line*, como *Internet Archive* e *Gallica*, entre outros.

observações da natureza. Assim como nas obras de história natural, *Nature*<sup>26</sup> também contou com a colaboração de Jules, que apesar da saúde fragilizada escreveu alguns trechos e revisou o texto<sup>27</sup>. No entanto, na introdução, Athénaïs afirma ter escrito o livro sem auxílio, reivindicando para si a autoria plena da obra.

Além dessas duas obras autorais publicadas em vida, que serão analisadas na tese, Athénaïs se dedicou, desde a década de 1860, ao estudo dos hábitos dos gatos, através de suas observações do comportamento dos felinos, que foram sua companhia tanto em sua infância quanto em sua vida adulta. O gato tem sido destaque na literatura desde a Idade Média, e no século XIX já havia aparecido em obras como: *Les peines de cœur d'une chatte anglaise* (Penas de amor de uma gata inglesa, 1840) de Honoré de Balzac (1799-1850); e em *Vie et opinions philosophiques d'un chat* (Vida e opiniões filosóficas de um gato, 1858) de Hyppolyte Taine (1828-1893)<sup>28</sup>. Apesar dessa aparente moda, no entanto, Athénaïs foi desencorajada por Jules, e posteriormente por Jules Champfleury (1821-1889), a quem escreveu pedindo conselhos. O escritor, que havia recém preparado seu livro ilustrado *Les Chats* (Os Gatos - 1869)<sup>29</sup>, sugeriu que ele não teria a mesma escrita delicada que a autora de *Mémoires d'une Enfant*<sup>30</sup>, tentando evitar uma concorrência. *Les Chats* de Champfleury teve um sucesso imediato na França.

Ainda assim, Athénaïs continuou suas pesquisas, mantendo correspondência com naturalistas renomados, dos quais o mais conhecido atualmente é Charles Darwin (1809-1882), a quem solicitou orientações e referências sobre o assunto, pois seu interesse pelos gatos, além de suas próprias observações, também era motivado pelas ciências naturais. Após a morte de Jules Michelet, em 1874, ela não escreveu mais obras autorais, dedicando-se à edição de obras póstumas do marido. Apesar disso, produziu pequenos textos em defesa de seus direitos como colaboradora nos livros de história natural<sup>31</sup>; justificando suas ações para o funeral do

---

<sup>26</sup> Para facilidade da escrita e leitura, o livro de Athénaïs: *Nature; or, the Poetry of Earth and Sea*, será a partir deste momento da tese, na maioria das vezes, apenas intitulado como *Nature*.

<sup>27</sup> MONOD, Gabriel. M. et M<sup>me</sup> Michelet em 1870-1871. *Revue Bleue*. La Revue politique et littéraire, n. 19, 5<sup>e</sup> série, tome IV, 4 novembre 1905, p. 582-584.

<sup>28</sup> BALZAC, Honoré de. *Les peines de cœur d'une chatte anglaise*. In: M.P.-J. Stahl (Dir.). **Scènes de la vie privée et publique des animaux**. Tome I. Paris: J. Hetzel et Paulin, Éditeurs, 1840, p. 89-112; TAINÉ, Hippolyte. *Vie et opinions philosophiques d'un chat*. In: \_\_\_. **Voyage aux Pyrénées**. Paris: Librairie de L. Hachette et C<sup>ie</sup>, 1858, deuxième édition p. 303-313.

<sup>29</sup> CHAMPFLEURY. **Les Chats**. Paris: J. Rothschild, 1869. Em 1870, o livro já estava em sua 5<sup>a</sup> edição, e foi publicado como edição de luxo, revisado e com inúmeras ilustrações extras.

<sup>30</sup> MICHELET, Jules. **Correspondance Générale Tome XI** (1866-1870). Paris: Librairie Honoré Champion, 2000, p. 408. Carta 10.731, de Jules Champfleury à Athénaïs Michelet, de 18 junho de 1868.

<sup>31</sup> MICHELET, M<sup>me</sup>. **Ma Collaboration a L'Oiseau, L'Insecte, La Mer, La montagne**. Mes droits a la moitié de leur produit. Paris: Typographie Georges Chamerot, 1876.

historiador em Paris<sup>32</sup>; em defesa das insinuações por parte do genro de Michelet<sup>33</sup>; além de um texto em homenagem ao centenário do nascimento do historiador<sup>34</sup>, entre outros. Seu livro, *Les Chats*<sup>35</sup>, ainda inacabado, foi publicado postumamente por Gabriel Monod, em 1904, contendo as correspondências que Madame Michelet trocou com diversos naturalistas.

Enquanto a trajetória de colaboração intelectual de Madame Michelet foi pouco explorada, os estudos dedicados exclusivamente às suas obras autorais são ainda mais escassos. Mesmo Gabriel Monod, historiador que se dedicou à vida e à obra de Jules Michelet, escreveu apenas alguns artigos sobre a composição de *Mémoires d'une Enfant e Nature*<sup>36</sup>. Mais recentemente, o livro *Mémoires d'une Enfant e Les Chats* foram utilizados como fontes de análise para as teses de Isabelle Matamoros (2017)<sup>37</sup> e a de Nicolas Picard (2019)<sup>38</sup>. Esses pesquisadores examinaram um amplo conjunto de fontes literárias dos séculos XIX e início do XX sobre seus temas de estudo: a prática de leitura e educação literária feminina, no caso de Matamoros, e a representação dos animais na prosa literária, no caso de Picard.

Como mencionado anteriormente, o trabalho editorial de Athénaïs com a publicação das obras póstumas de Jules Michelet foi analisado por Camille Creighton<sup>39</sup>, mas outro artigo interessante sobre as obras editadas por Athénaïs, é o de Heather Williams. A pesquisadora examina a descrição de lugares Celtas na obra de Michelet, discutindo as diferentes representações desse imaginário geográfico e poético ao comparar as descrições feitas por Michelet em seu diário da década de 1830 (publicado em 1959) com as mesmas passagens editadas por Athénaïs em *Sur les Chemins de l'Europe* (Pelos caminhos da Europa -1893)<sup>40</sup>. Ambos os trabalhos evitam o debate sobre as polêmicas que envolvem as edições de Athénaïs, como também Williams ressaltou em seu texto: seu artigo não tem “intention to contribute to

<sup>32</sup> MICHELET, Madame. **La mort et les funérailles de Michelet**. Paris: Sandoz et Fishbacher, 1876.

<sup>33</sup> MICHELET, Madame. **J. Michelet et sa famille**. Paris: Imprimerie A. Quantin, 1878.

<sup>34</sup> MICHELET, Madame. **Le Centenaire de Michelet**, ce qu'il doit être: la fête des grands souvenirs, 1798-1898. Paris: Ernest Flammarion, 1898.

<sup>35</sup> MICHELET, Madame Jules. **Les Chats**. Avec une introduction et des notes de Gabriel Monod, de l'Institut. Paris: Ernest Flammarion, 1904. Essa obra é bastante rara, encontrada apenas em algumas bibliotecas de Paris para consulta local. A partir de inúmeras edições do livro nos anos 2000, o livro passa a ser chamado *Mes Chats* (Meus Gatos), contendo apenas a primeira parte do livro, com as observações da autora sobre seus gatos, sem a segunda parte e as notas de Gabriel Monod, que são: o estudo do comportamento do gato e a correspondência de Athénaïs a naturalistas. MICHELET, Athénaïs. **Mes Chats**. Frontignan: Editions Le Chat Rouge, 2015.

<sup>36</sup> MONOD, Gabriel. Comment furent composés “Les Mémoires d'une Enfant”. **La Revue** (Ancienne “Revue des Revues”), volume LXXIV, 1908, p. 385-400; MONOD. M. et M<sup>me</sup> Michelet, *op. cit.*, p. 582-584.

<sup>37</sup> MATAMOROS, Isabelle. **Mais Surtout, Lisez!** Les pratiques de lecture des femmes dans la France du premier XIX<sup>e</sup> siècle. Thèse de Doctorat. 573p. Littératures: Université de Lyon, 2017.

<sup>38</sup> PICARD, Nicolas. **Le Grimoire Animal**. L'existence des bêtes dans la prose littéraire de langue française 1891-1938. Thèse de Doctorat. 464p. Littérature Française: Université Sorbonne Nouvelle – Paris III, 2019.

<sup>39</sup> CREYGHTON, *op. cit.*, p. 95-134.

<sup>40</sup> WILLIAMS, Heather. The poetry of Celtic places. **Nineteenth-Century Contexts**, v. 41, n. 1, 2019, p. 63-74.

the debate around Athénaïs's various roles as literary collaborator or co-writer, posthumous editor, or 'abusive widow'”<sup>41</sup>.

Os quatro livros de história natural, escritos em estreita colaboração entre Athénaïs e Jules Michelet entre os anos de 1856 e 1868, foram publicados exclusivamente sob a autoria de Jules. Como mencionado anteriormente, as obras tiveram um sucesso de público imediato na França, e foram traduzidos ao longo dos anos em diversas línguas, alcançando popularidade também na Inglaterra no século XIX. Apesar dos inúmeros indícios do trabalho conjunto, ainda é difícil para os historiadores afirmarem categoricamente que se trata de uma colaboração intensa entre Athénaïs e Michelet. Muitos pesquisadores são cautelosos ao mencionar a participação de Athénaïs, principalmente devido à construção da imagem de Jules Michelet como um gênio individual e criativo ao longo do século XX. Soma-se a isso o apagamento do papel de Athénaïs na narrativa historiográfica, que consolidou sua figura como a da "viúva abusiva", aquela que, após a morte do marido, censurou, editou e reescreveu muitos de seus manuscritos inéditos, tornando-os, aos olhos de muitos historiadores da época, obras irreparavelmente alteradas e, portanto, desconsideradas<sup>42</sup>.

Após um período de relativo esquecimento da obra de Michelet no início do século XX, o historiador francês é resgatado por estudiosos ligados à hoje chamada Escola dos *Annales*, sobretudo por Lucien Febvre (1878-1956). Febvre iniciou um projeto de publicação de uma nova edição crítica da obra completa de Jules, e encarregou os historiadores Paul Viallaneix e Claude Digeon dessa tarefa como organizadores. Dessa forma, a obra de Michelet volta a despertar interesse a partir da década de 1970 por diversos aspectos, especialmente pelos seus pequenos livros mais populares, como os de história natural. Estudos importantes desse período sobre a série de livros são os de Linda Orr e de Edward Kaplan<sup>43</sup>. Ambos mantiveram, no entanto, uma preocupação com a “genética” das obras, seguindo os passos de Viallaneix e Digeon, os quais estabeleceram e reforçaram a única autoria de Jules Michelet, com base em análises de caligrafia, e marcadamente por padrões de gênero<sup>44</sup>. Estes estudos influenciaram trabalhos posteriores sobre Michelet, como o artigo de Lionel Gossman, que argumenta:

But it was Michelet's work, the achievement of a powerfully individual writer who aspired, with typical nineteenth-century grandiosity, to contain not only

<sup>41</sup> WILLIAMS, *op. cit.*, p. 64. “Intenção de contribuir para o debate em torno dos vários papéis de Athénaïs como colaboradora literária ou coautora, editora póstuma ou “viúva abusiva” (tradução nossa).

<sup>42</sup> SMITH, *op. cit.*, p. 180-216.

<sup>43</sup> ORR, Linda. **Jules Michelet. Nature, History and Language**. Cornell University Press, 1976; KAPLAN, Edward K. **Michelet's Poetic Vision**. A Philosophy of Nature, Man & Woman. Anherst: The University of Massachusetts Press, 1977.

<sup>44</sup> SMITH, *op. cit.*, 204.

‘les deux sexes de l’esprit’, but the entire universe in himself. It was not the result of an equal collaboration between the two Michelets, as he liked to imply<sup>45</sup>.

A partir do que foi exposto, percebe-se que, apesar da vasta historiografia sobre as obras de história natural dos Michelet, a complexa relação de colaboração com sua segunda esposa, Athénaïs, ainda é pouco discutida. Quando abordada, geralmente se apresenta sob uma interpretação tendenciosa, que tende a apagar a contribuição de Athénaïs. Na contramão dessa perspectiva, alguns poucos pesquisadores contemporâneos vêm se destacando nos últimos anos por proporem novas abordagens. Ao analisar *L’Insecte*, Paule Petitier evidencia que Athénaïs não apenas colaborou e inspirou, como desempenhou um papel importante no conhecimento biológico presente no livro. Segundo a pesquisadora, *L’Insecte* demonstra uma complementaridade conjugal, em que Jules realiza uma complexa síntese entre conhecimento biológico, histórico e social, integrando a natureza no funcionamento da história<sup>46</sup>. Outro estudo, de Barbara Dimopoulou, aborda a contribuição de Athénaïs como uma segunda narradora em *La Montagne*, obra que considera profundamente intimista. Dimopoulou argumenta que Athénaïs assume um papel duplo e complementar de Jules, inserindo uma perspectiva feminina na narrativa<sup>47</sup>. Mas essa historiografia que analisa as obras de história natural como o resultado de um trabalho conjunto é ainda escassa e aparece de maneira isolada. O mais comum é incluir nas pesquisas apenas uma breve menção inicial, de que Michelet escreveu os livros “avec l’aide de sa femme qu’il chargeait parfois de certaines lectures”<sup>48</sup>, e assim resolver “o problema” da autoria, não a citando mais ao longo do texto.

Para Bonnie Smith, no século XIX, enquanto a História, como disciplina, se profissionalizava, muitas obras e pesquisas foram produzidas em família. Nesse contexto, muitos autores dependiam da ajuda de suas esposas para completarem suas tarefas, mas as convenções da época atribuíam às mulheres apenas um papel de “musa inspiradora”,

<sup>45</sup> GOSSMAN, Lionel. Michelet and Natural History: The Alibi of Nature. **Proceedings of the American Philosophical Society**, v. 145, n. 3, 2001, p. 332-333. “Mas foi obra de Michelet, a realização de um escritor poderosamente individual que aspirava, com a grandiosidade típica do século XIX, a conter não apenas “os dois sexos do espírito”, mas todo o universo em si mesmo. Não foi o resultado de uma colaboração igual entre os dois Michelets, como ele gostava de sugerir” (tradução nossa).

<sup>46</sup> PETITIER, Paule. Un discours sur la mort: Michelet et le modèle de “L’Insecte”. **Romantisme**, n. 64, Raison, Dérision, Laforgue, 1989, p. 109.

<sup>47</sup> DIMOPOULOU, Barbara. Les jardins secrets d’Athénaïs dans *La Montagne* de Michelet. In: BERNARD-GRIFFITHS, Simone; LE BORGNE, Fraçoise; MADELÉNAT, Daniel (Orgs.). **Jardins et intimité dans la littérature Européenne (1750-1920): Actes du colloque du Centre de recherches révolutionnaires et romantique**. Clermont-Ferrand: Presses Universitaires Blaise Pascal, 2008, p. 197-212.

<sup>48</sup> SÉGINGER, Gisèle. Les notes d’histoire naturelle de Michelet: émergence et transformations de la notion de métamorphose. In: AZOULAI, Juliette; FAYOLLE, Azélie; SÉGINGER, Gisèle (Dirs.). **Les Métamorphoses, entre fiction et notion**. Littérature et Sciences (XVI<sup>e</sup> – XXI<sup>e</sup> siècles), Champs sur Marne: LISAA, 2019, p. 111. “Com a ajuda de sua esposa, a quem às vezes ele encarregava de certas leituras” (tradução nossa).

camuflando sua colaboração efetiva na produção dessas obras. Esse processo contribuiu para a construção da imagem do “homem de gênio”<sup>49</sup>.

No século XX, o papel da esposa e colaboradora, exemplificado pela técnica de cinema Hélène D. em texto de Jean-Pierre Faguer<sup>50</sup>, revela uma continuidade estrutural das expectativas impostas às mulheres desde o século XIX. Sua trajetória evidencia os desafios enfrentados por mulheres, que, mesmo inseridas em profissões qualificadas, eram frequentemente vistas como suporte moral e técnico para seus maridos, muitas vezes em detrimento de suas próprias aspirações intelectuais. Assim como as mulheres do século XIX, Hélène lidou com negociações desiguais, tanto no âmbito doméstico quanto no profissional, destacando a persistência da assimetria de gênero no reconhecimento da autonomia feminina.

No livro *For Better or For Worse? Collaborative Couples in the Sciences*<sup>51</sup> (Para melhor ou para pior? Casais Colaborativos nas Ciências), que reúne estudos sobre complexas parcerias conjugais em ciências naturais e sociais na Europa do século XIX e início do século XX, os autores demonstram que, além de tempo, conhecimento e investimento financeiro, essas relações envolviam também uma intensa energia emocional. O livro questiona a noção do cientista solitário e do gênio individual, argumentando que a prática e a produção científica podem ser analisadas de maneira mais significativa quando vistas como fruto da colaboração entre parceiros conjugais.

Com base na escassa historiografia que aborda Athénaïs tanto como colaboradora quanto como autora de suas próprias obras, e inspirada em estudos recentes sobre parcerias intelectuais entre casais nas ciências, bem como nos estudos de trajetórias de mulheres escritoras, esta tese busca, no primeiro capítulo, compreender a construção da relação intelectual entre Athénaïs e Jules Michelet, iniciada com seu casamento em 1849. Essa parceria, que se estenderia ao longo de toda a vida do casal, foi marcada, nos primeiros anos, por trocas literárias e incentivos à escrita por parte de Michelet, levando a esposa a iniciar seu diário. No entanto, esse período também foi permeado por conflitos religiosos vivenciados por Athénaïs e pelos desafios impostos por um marido obcecado com a saúde da esposa.

A educação foi um dos temas principais para o pensamento de Michelet, e permeou muito de suas relações sociais como suas obras, impacto que também se estendeu para Athénaïs e sua primeira obra autoral. É a partir de seu casamento com uma jovem instruída, que a

---

<sup>49</sup> SMITH, *op. cit.*, p. 181-184.

<sup>50</sup> FAGUER, Jean-Pierre. Esposa e Colaboradora. In: BOURDIEU, Pierre. (Org.). **A Miséria do Mundo**. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2008, p. 637-650.

<sup>51</sup> LYKKNES, Annett; OPITZ, Donald; TIGGELEN, Brigitte Van (Eds.). **For Better or For Worse! Collaborative Couples in the Sciences**. Basel: Birkhäuser, 2012.

educação feminina se tornou um ideal para o historiador, e Athénaïs passou a representar, na prática, seu modelo de criação para uma “mulher ideal”. No segundo capítulo é realizada uma análise sobre as sociabilidades do casal Michelet, a partir da década de 1860, considerando as educadoras no entorno de sociedades de educação feminina que começaram a se formar em Paris. Inserida nesse círculo social, Athénaïs se beneficiou das discussões sobre a educação e o direito das mulheres e escreveu sua primeira obra autoral. Por meio de uma narrativa memorialista sobre sua infância, não apenas testemunha a realidade da educação das meninas em meados do século XIX, mas também expressa seu inconformismo com o papel imposto às jovens da época, defendendo a educação como um caminho para uma independência.

No terceiro capítulo, busca-se compreender o papel de Athénaïs nas obras de história natural, analisando as inspirações do casal. Trata-se de obras escritas com uma linguagem complexa, que podem ser consideradas de divulgação científica, mas que foram recebidas de diferentes formas à época, uma vez que já existiam diversas críticas ao que se entendia como amadorismo científico. É a partir dessas críticas que também se percebe como o público compreendeu a colaboração de Athénaïs com Jules, bem como o quanto a escrita e a autoria feminina eram colocadas em questão,

Após uma sólida trajetória de pesquisas em história natural e com uma maior autonomia conquistada com a publicação de sua primeira obra autoral, Athénaïs dedicou-se à escrita de *Nature*. Período marcado por inúmeros desafios, como as exigências da editora, como também de ordem social e médica, como a Guerra Franco-Prussiana e a crescente fragilidade da saúde de Michelet. No quarto capítulo, será analisado a construção dessa obra encomendada, explorando suas leituras e pesquisas, bem como a intensa troca de correspondências com amigos e naturalistas. Além disso, será abordada sua parceria não apenas com Jules, mas também com o ilustrador Hector Giacomelli.

A análise do início do casamento, marcado pela troca intelectual entre Athénaïs e Jules, que posteriormente resultou na escrita dos livros de história natural, permitiu compreender a relação de colaboração entre os dois e a interseção de seus conhecimentos nas áreas da história, literatura e ciências naturais. Uma fonte fundamental para entender essa parceria foram os diários íntimos de Jules Michelet, nos quais, além de registrar seu cotidiano, leituras, impressões de viagem, observações e anotações para suas obras e projetos, ele passou a documentar detalhadamente a rotina de sua esposa. Esses registros incluem aspectos de sua saúde, intimidade, leituras e participação no círculo intelectual do qual Michelet fazia parte.

Outro registro essencial para a investigação e compreensão sobre o início dessa colaboração intelectual, foi o diário de Madame Michelet, que ela escreveu durante os anos de

1849 e 1850. Período que coincide com a perda de seu único filho, Yves-Jean-Lazare Michelet, pouco após o nascimento. Gabriel Monod publicou parte de seu diário em artigo sobre o drama do casal com a perda do filho<sup>52</sup>, entretanto é um documento pouco explorado, conservado na *Bibliothèque de L'Institut de France* (Biblioteca do Instituto de França), onde se encontra grande parte dos manuscritos das obras autorais de Athénaïs. O acesso a esses documentos, como também os manuscritos do livro *Nature*, e as notas de estudos dos livros de história natural, depositados na *Bibliothèque de la Ville de Paris* (Biblioteca da cidade de Paris), foi possível durante o estágio de Doutorado Sanduíche no Exterior (CNPq) realizado no primeiro semestre de 2023 em Paris<sup>53</sup>.

A avaliação da colaboração do casal a partir da sociabilidade intelectual permitirá situar suas obras de história natural, como as obras autorais de Athénaïs, dentro do contexto do período, em que história, literatura e ciências naturais ainda estavam em processo de especialização, e cujas fronteiras disciplinares não eram rigidamente definidas. Após 1852, com a perda de seus cargos públicos, Jules Michelet deixou de ter influência direta nas instituições acadêmicas e passou a levar uma vida mais reservada ao lado de Athénaïs, dedicando-se principalmente à escrita de seus livros em um ambiente doméstico, com o auxílio da esposa como secretária e colaboradora. Mesmo afastado das instituições, manteve um diálogo constante com amigos, leitores, educadores, historiadores, escritores e jornalistas, principalmente por meio de cartas. Sua extensa correspondência foi organizada em doze volumes entre 1994 e 2001, por Louis Le Guillou, e publicada pela editora Honoré Champion. Os tomos VI a XII integram o corpus documental desta pesquisa. Vale destacar que esses volumes contêm inúmeras cartas de Athénaïs, evidenciando que a sobreposição da análise dos diários e da correspondência permitirá reconstituir, de maneira mais precisa, as redes intelectuais e os espaços de sociabilidade do casal.

Destaca-se a compreensão de uma possível posição à margem das instituições em que os Michelet se encontravam em relação às ciências naturais. Levando em consideração que esses espaços, num período em que as disciplinas estão ainda se constituindo e as suas fronteiras não estavam bem delimitadas, compreendem uma maior interdisciplinaridade, de maior

---

<sup>52</sup> MONOD. Jules Michelet. *Études sur sa vie ces œuvres*, *op.cit.*, p. 236-296.

<sup>53</sup> O estágio no exterior foi possível pela contemplação de uma bolsa do Cnpq de Doutorado Sanduíche no Exterior – SWE (Processo 200662-2022-8), pelo período de cinco meses, pelo Projeto: “Poesia Bucólica Clássica entre Ecocrítica e História Ambiental”, coordenado pelo Professor Doutor Alessandro Henrique Poerch Rolim de Moura. O estágio foi realizado durante o primeiro semestre de 2023, de março a julho, na *École des Hautes Études en Sciences Sociales – EHESS* de Paris, com a orientação do Professor Doutor Leopoldo Iribarren.

circulação e cruzamento de saberes entre os agentes. E as ciências naturais, naquele momento, fazem parte dos modos de pensar de uma sociedade erudita, e existe uma extraordinária popularidade tanto da ciência quanto dos cientistas aos olhos do público em geral, criada pela multiplicação das formas de divulgação científica, seja por jornais, revistas ou livros populares, como os publicados pelo casal<sup>54</sup>.

Desta forma, dentro do possível, o conceito de campo de Bourdieu<sup>55</sup> poderá auxiliar na compreensão das tensões existentes dentro dos campos de conhecimento pouco autônomos daquele período entre as disciplinas científicas. De fato, não há um campo ainda instituído, com capitais específicos e padrões de relação relativamente autônomos assentados sobre a distribuição desigual desses capitais. Existem, contudo, padrões de relação: serão considerados como campo os espaços sociais ocupados pelo casal, de natureza que tenderia hoje a ser visto como multi e interdisciplinares. É importante ressaltar que o conceito de Pierre Bourdieu (1930-2002) se afasta de aspectos redutores de análises apenas internalistas (que concebem que as obras são significações atemporais, excluindo determinações históricas ou funções sociais) ou apenas externalistas (como pesquisas de inspiração marxista), conservando algumas abordagens internalistas sobre as obras, mas aplicada de modo relacional ao espaço social dos produtores, e à estrutura do campo em que estão inseridos.

É nesse período que o termo “profissional” também irá se desenvolver junto com as disciplinas, e, segundo Jean-Marc Drouin, a definição do que seria um naturalista amador fica em aberto, pois muitos escritores de diferentes áreas também se dedicavam a ramos diferentes da história natural, e tanto naturalistas “profissionais” quanto “amadores” faziam naquele momento parte de um mesmo espaço de circulação de conhecimento científico. Um coletivo ainda informal, mas sujeito às hierarquias do conhecimento, por rivalidades entre os naturalistas, e marcado por desigualdades sociais, como as relacionadas ao gênero<sup>56</sup>.

Para a análise da escrita íntima dos Michelet, expressa em diários e cartas, a obra de Peter Gay (1923-2015), *O Coração Desvelado*<sup>57</sup>, pode servir como referência para compreender as manifestações do “eu” em um período de intensa introspecção entre os burgueses. Esse contexto foi marcado por tensões entre a individualidade vivida no âmbito privado e a exigência

---

<sup>54</sup> HENDRICK, Robert M. The Role of History in Teaching Science - A Case Study. The Popularization of Science in Nineteenth-Century France. **Science & Education**, v. 1, n. 2, 1992, p. 149.

<sup>55</sup> BOURDIEU, Pierre. Por uma ciência das obras. In: \_\_. **Razões Práticas. Sobre a teoria da ação**. São Paulo: Papius, 1996, p. 53-89.

<sup>56</sup> DROUIN, Jean-Marc. Les amateurs d’histoire naturelle: promenades, collectes et controverses. **Alliage**, n. 69, Amateurs?, outubro 2011, 8p. Disponível em: <http://revel.unice.fr/alliage/index.html?id=3241>.

<sup>57</sup> GAY, Peter. **O Coração Desvelado: a Experiência Burguesa da Rainha Vitória a Freud**. Volume 4. São Paulo: Companhia das letras, 1999.

de uma vida pública coletiva e civilizada. Além dessas fontes de escrita pessoal, será analisada a autobiografia de Athénaïs, para a qual o conceito de *pacto autobiográfico*, proposto por Philippe Lejeune, será essencial, visto que a autobiografia se insere no campo do conhecimento histórico. Esse conceito diz respeito ao compromisso entre autor e leitor de que a narrativa apresentada em uma autobiografia corresponde à vida real do autor. Diferente da ficção, onde a relação entre autor e narrador pode ser ambígua, na autobiografia o leitor confia na veracidade dos eventos narrados e no compromisso com a autenticidade. No entanto, Lejeune também destaca que toda autobiografia envolve memória, seleção e interpretação, tornando-se, assim, uma reconstrução subjetiva da vida do autor, ainda que baseada em fatos<sup>58</sup>.

Questão fundamental será compreender a trajetória de Athénaïs, sobretudo no que diz respeito a seus interesses por ciências naturais<sup>59</sup>, e sua posição na produção dos livros de história natural com Jules, e sua própria obra autoral, num período em que a ciência constituía uma atividade eminentemente masculina. O conceito de gênero como uma categoria analítica, proposto por Joan Scott, será uma ferramenta auxiliar, sendo gênero “um elemento constitutivo de relações sociais baseadas nas diferenças percebidas entre os sexos”<sup>60</sup>, como um conjunto de sentidos dinâmicos construídos nas relações de poder que sustentam as relações entre homens e mulheres.

Para a análise de trajetória, este estudo se orienta a partir das discussões entre história e biografia propostas por Sabina Loriga. A autora defende que a elaboração de uma trajetória ou biografia requer um equilíbrio cuidadoso entre dois aspectos principais: de um lado, as ações e decisões individuais dos agentes, e, de outro, o contexto social em que estão inseridos. Este estudo procura evitar que um se sobreponha ao outro, e os considera como forças interdependentes que se cruzam e se influenciam, ou seja, o propósito é conectar o geral e o particular<sup>61</sup>. Nesse sentido, a trajetória aqui proposta não é um conjunto coerente e ordenado sobre a vida de Athénaïs, mas sim seus deslocamentos e posições nos espaços e círculos sociais, durante o período em que esteve casada com Jules Michelet.

A pouca visibilidade da presença da mulher na história literária ou mesmo na história das ciências durante o século XIX ainda é um entrave para pesquisas contemporâneas, e elas

---

<sup>58</sup> LEJEUNE, Philippe. **O Pacto Autobiográfico**. De Rousseau à Internet. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.

<sup>59</sup> O interesse pelas ciências naturais de Jules desde sua juventude, foram abordados no primeiro capítulo da monografia da mesma autora desta tese: DAL MASO, Aline. **Considerações sobre o homem e a natureza: uma leitura sobre as contribuições às Ciências no livro *L'Oiseau* (O Pássaro) de Jules Michelet**. 2019. 95p. Monografia – Departamento de História da Universidade Federal do Paraná, Curitiba.

<sup>60</sup> SCOTT, Joan. Gênero: uma Categoria útil para análise Histórica. (Tradução de Guacira Lopes Louro e revisão de Tomaz Tadeu da Silva). **Educação e Realidade**, n. 20, v. 2, 1995, p. 86.

<sup>61</sup> LORIGA, Sabina. **O pequeno X – da Biografia à História**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2011, p. 226.

aparecem raramente como criadoras, e surgem quando o assunto de interesse é a história da conversação, dos salões, história da leitura, das traduções, da educação<sup>62</sup>. Tomando em conta Athénaïs como exemplo, e a partir do que foi exposto sobre suas obras, Athénaïs é uma mulher do século XIX que escreve! Influenciada pelo trabalho prolífico de seu marido, apesar das dificuldades para uma mulher escritora naquele período, se dedicou à escrita em diferentes segmentos, tanto obras memorialistas, quanto obras sobre história natural, tendo se dedicado também a um grande trabalho editorial, e veio a público na defesa de suas ações e de seu trabalho através de pequenas publicações.

A história tem apagado diversas mulheres e suas obras, e “if unmarried female collaborators often receive less credit, the pattern is even more pervasive among collaborative married couples”<sup>63</sup>. A pesquisadora Margaret Rossiter cunhou um termo “Matilda Effect” (Efeito Matilda), para as inumeráveis estratégias utilizadas para o apagamento das esposas colaboradoras nas ciências, e o fato de seus trabalhos autônomos serem pouco reconhecidos. Através de seu estudo, percebeu que em meados do século XX, décadas de 1950 e 1960, havia uma prática dominante na produção de compêndios sobre a produção científica, que omitia mulheres, ou mesmo se o nome das mulheres era incluído na coleta de dados, era omitido nos textos finais<sup>64</sup>.

O estudo da trajetória e das obras autorais de Athénaïs proposto nesta tese não apenas evidencia os conflitos inerentes a um casamento do século XIX, mas também revela como, a partir de suas próprias produções, ela alcançou uma autonomia intelectual que desafiava as convenções da época. Essa análise permite repensar as relações entre colaboração e individualidade, destacando a importância de reconhecer as contribuições femininas na construção e disseminação do conhecimento científico. O legado de Athénaïs, portanto, se configura como uma peça fundamental para a compreensão das dinâmicas de poder e das disputas pelo direito à educação da mulher e à expressão literária feminina no contexto histórico em que viveu.

---

<sup>62</sup> PLANTÉ, Christine. La place des femmes dans l’histoire littéraire: annexe, ou point de départ d’une relecture critique? **Revue d’Histoire Littéraire de la France**, n. 3, 2003, p. 656.

<sup>63</sup> ROSSITER, Margaret W. The ~~Matthew~~ Matilda Effect in Science. **Social Studies of Science**, v. 23, n. 2, 1993, p. 330. “Se as colaboradoras solteiras recebem frequentemente menos crédito, o padrão é ainda mais difundido entre os casais colaborativos” (tradução nossa).

<sup>64</sup> ROSSITER, *op. cit.*, p. 331-332.

## CAPÍTULO 1. A intimidade de Athénaïs e Jules através dos escritos pessoais

A complexa relação entre Athénaïs e Jules Michelet (figura 1) desafia a compreensão sobre como parcerias conjugais duradouras e prolíficas ocorreram na França em meados do século XIX, em um tempo no qual a posição da mulher se mantinha restrita ao ambiente doméstico, implicando geralmente pouco acesso à educação. Apesar de uma relação desigual entre os cônjuges, tanto na questão de idade, quanto em experiência e educação, o desejo de uma vida conjugal harmoniosa e de trocas intelectuais foram questões importantes para essa união. Ainda assim, diferentemente de muitas outras mulheres da sociedade francesa naquele período, Athénaïs pôde usufruir de uma educação desde a infância, mesmo que religiosa, e certificar-se como educadora do ensino primário. Para compreendermos o início dessa relação intelectual, os diários de Michelet e de Athénaïs são fontes importantes para abrangermos suas inclinações e desejos, e as mudanças em suas vidas, que ocorreram em função dos eventos políticos efervescentes de 1848 na França e em outras partes da Europa, a Primavera dos Povos.



Figura 1: Fotografias para cartões de visita de Jules Michelet e Athénaïs Michelet pela Carjat e C<sup>ie</sup>. (Etienne Carjat), década de 1860. Fonte: Musée Carnavalet, Disponível em: <http://parismuseescollections.paris.fr>.

## 1.1 Diários de Michelet: a vida desvelada pela escrita

Estudar a escrita íntima, como os diários, cartas e autobiografias, como fontes para análises de trajetórias, não é uma tarefa fácil, e muitas vezes é necessária uma investigação mais profunda. Essas investigações contemplam reflexões históricas sobre a literatura e a política, sentimentos e sensibilidades, além de uma interdisciplinaridade com outras áreas do conhecimento, como a perspectiva psicanalítica freudiana nas investigações de Peter Gay para compreender o “eu” da era vitoriana. Em seu livro *O Coração Desvelado*, procura cartografar a busca da introspecção de burgueses comuns, homens e mulheres franceses do século XIX, a partir de correspondências e diários, num período que essa escrita íntima se tornou mais comum e reveladora. Esses materiais analisados foram o repositório de uma vida introspectiva num século em que a preocupação com o “eu” é intensa. Ainda assim, nesse mesmo período, os desejos imperiosos do indivíduo conflitavam habitualmente com as demandas da vida civilizada<sup>65</sup>. O estudo de Peter Gay tem foco em uma literatura com uma perspectiva autobiográfica, bem como no conflito entre o “eu” interior individual e a vida exterior coletiva e cortês. Ambos são o reflexo de uma gradual separação entre o público e o privado, bem como, principalmente, de uma valorização do espaço privado, a partir do sentimento de individualismo crescente desde o Renascimento, e do sentimento de privacidade, que instigam o exercício de uma reflexão pessoal<sup>66</sup>.

A pesquisa para a presente tese, tendo como um dos temas a colaboração intelectual entre Athénaïs e Jules Michelet, baseia-se nessa escrita íntima, acessível a partir dos diários e das correspondências, tanto de Jules Michelet, a partir de um volume considerável já publicado, quanto também do diário e de correspondências de Athénaïs. Neste tópico será explanado como Michelet fez suas anotações em seu diário, durante 1848<sup>67</sup>, ano em que presenciou a revolução que implementou a Segunda República na França. Trata-se de um período em que o historiador teve algum engajamento político enquanto professor no *Collège de France* e, ao mesmo tempo, manteve trocas epistolares com a jovem Athénaïs Mialaret, preceptora das filhas da princesa romena Luxita Cantacuzène<sup>68</sup>, em Viena. Jules desempenhou nesse período o papel de conselheiro moral para a jovem educadora.

---

<sup>65</sup> GAY, *op. cit.*, p. 15, 17.

<sup>66</sup> LIMA, Nádia Laguárdia; SANTIAGO, Ana Lydia B. O diário íntimo como produto da cultura moderna. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, v. 62, n. 1, 2010, p. 23.

<sup>67</sup> MICHELET, Jules. *Journal Tome I (1829-1848)*. Org. Paul Viallaneix. Paris: Éditions Gallimard, 1959.

<sup>68</sup> Luxita [ou Luxandra] Cantacuzène [ou Cantacuzino], nascida Kretzulescu (datas de nascimento e morte incertas). Esposa do príncipe Grégoire Cantacuzène (1800-1849), que foi uma personalidade política da Valáquia

Durante esses eventos políticos que ocorreram na França ao longo de mais de um ano, outros eventos similares se espalharam pela Europa, os quais ficaram conhecidos como as Revoluções de 1848 ou a Primavera dos Povos<sup>69</sup>. Athénaïs observou e participou de alguns eventos da Revolução do Império Austríaco em Viena, os quais foram relatados em suas correspondências para Michelet. As revoluções tiveram como objetivos a queda dos velhos governos monárquicos e a libertação nacional a partir de mudanças institucionais, com a implementação de repúblicas sociais e democráticas, as quais tiveram a participação e liderança de trabalhadores pobres, estudantes e figuras proeminentes da burguesia<sup>70</sup>.

As consequências desses eventos foram uma das razões para Athénaïs deixar Viena e partir para Paris, indo assim ao encontro do professor. Ao se conhecerem pessoalmente no final de 1848, Jules e a jovem *institutrice* iniciaram um relacionamento e logo se casaram, o que mudaria sobremaneira a forma com a qual o historiador produziria seus próprios escritos íntimos e influenciaria a produção de suas obras, assim como mudaria a vida de Athénaïs.

Jules Michelet escreveu seus diários praticamente durante toda a sua vida e de forma contínua, desde sua juventude até o ano de sua morte. O diário é um documento extremamente importante para compreendermos os engajamentos que moviam um homem intelectual, tanto em sua vida pública quanto em sua vida privada, durante um século de grandes mudanças na França. E juntamente com as obras de história natural, que publicou em estreita colaboração com Athénaïs, a partir de meados da década de 1850, os diários, assim como suas correspondências, são fontes riquíssimas de informações para a reconstituição da colaboração intelectual com sua esposa. Eles permitem ainda compreender melhor suas redes de conexões nos círculos educacionais, científicos e literários francêss, bem como a introdução de Athénaïs nesses círculos a partir de sua mediação e a própria atividade intelectual da jovem, descrita nos diários de Jules.

A escrita íntima de Michelet iniciou ao final de sua formação intelectual e início de sua carreira como professor, entre os anos de 1820 e 1823, com vinte e poucos anos. Depois de uma lacuna de aproximadamente quatro anos e de sua primeira viagem para fora da França, retomou seu diário a partir de 1828, quando já atuava como professor de Filosofia e História na *École Normale* (Escola Normal), deixando esta posição em 1838, para atuar como professor na

---

e Moldávia, fundador do Partido Nacional, opositor ao protetorado russo. Mãe de quatro filhos: Marie (1843-1894), Zoe Ghika (1836-1862), Smaranditza (1848-1925) e de Georges Cantacuzène (1832-1913).

<sup>69</sup> HOBBSAWM, Eric J. A Primavera dos Povos. In: \_\_\_\_\_. **A Era do Capital 1848-1875**. Editora Paz e Terra, 1982.

<sup>70</sup> *Ibidem*, p. 31-32.

cátedra de História e Moral no *Collège de France*<sup>71</sup>. Além de ser um professor reconhecido, tendo sido suplente do historiador e político francês François Guizot (1787-1874) na cátedra de História na Universidade *Sorbonne* entre os anos 1833 e 1835, Michelet também atuou como chefe da sessão de história dos *Archives Nationales*, nomeado em 1830, e foi eleito membro da *Académie des Sciences Morales e Politiques* (Academia de Ciências Morais e Políticas) do *Institut de France* em 1838. Foi a partir da década de 1830 que Michelet começou a escrever aquela que seria sua obra monumental, a *Histoire de France* (História da França), com dezessete volumes publicados entre 1833 e 1867, e no final da década de 1840 iniciou a *Histoire de la Révolution Française* (História da Revolução Francesa), obra magna com seis volumes publicados entre 1847 e 1853<sup>72</sup>.

Em 1852, já casado com Athénaïs há três anos, Jules foi destituído de seus dois cargos públicos, como professor e chefe nos *Archives Nationales*, após o golpe de estado de Napoleão III, pois recusou-se a prestar o juramento de lealdade ao novo imperador. Então sem o salário de seus cargos públicos e o prestígio de uma posição como professor, Michelet continuou a trabalhar e escrever avidamente e passou a viver da venda de seus livros<sup>73</sup>. Trabalhando às margens das instituições e com dificuldades financeiras, conseguiu novamente reconhecimento após o sucesso de venda de seus livros de história natural, que escreveu com a colaboração de Athénaïs a partir de 1856, entre outros livros populares que publicou com temas sobre o amor e a mulher. Manteve seu diário regularmente até o final de dezembro de 1873, até pouco tempo antes de sua morte em nove de fevereiro de 1874, mesmo muito doente depois de ter sofrido uma apoplexia em 1871 e a mobilidade de sua mão direita ficar comprometida<sup>74</sup>.

Os diários da juventude de Michelet da década de 1820<sup>75</sup>, aos quais se somam algumas obras inéditas que remontam ao período das décadas de 1830 e 1840<sup>76</sup>, foram publicados após sua morte por Athénaïs e contam com edições em seu texto. Foi então que Gabriel Monod recebeu o controle sobre muitos trabalhos e documentos de Michelet, publicando algumas correspondências, memórias e partes de seu diário íntimo. Entretanto, a pedido da viúva, os diários ficaram depositados no *Institut de France*, sendo apenas permitido que fossem abertos

<sup>71</sup> SCHREINER, Michelle. Jules Michelet (1798-1874). In: BENTVOGLIO, Julio; LOPES, Marcos Antônio (Orgs.). **A Constituição da História como Ciência**. De Ranke a Braudel. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2013, p. 52-54.

<sup>72</sup> AGULHON, Maurice. La République. **L'Esprit Créateur, Michelet**: Inventaire critique des notions-clés, v. 46, n. 3, 2006, p. 15-16.

<sup>73</sup> *Ibidem*, p. 16-17.

<sup>74</sup> SCHREINER, *op. cit.*, p. 54.

<sup>75</sup> MICHELET, Jules. **Ma Jeunesse**. Paris: Calmann Lévy, 1884; \_\_: **Mon Journal (1820-1823)**. Paris: G. Marpon et Flammarion, 1888.

<sup>76</sup> MICHELET, Jules. **Rome**. Paris: Marpon et Flammarion, 1891; \_\_. **Sur les chemins de l'Europe**. Paris: Marpon et Flammarion, 1893.

ao público a partir de 1950<sup>77</sup>. Dessa forma, os diários completos de Michelet foram lançados pela Editora *Gallimard*, editados e organizados por Paul Viallaneix e Claude Digeon. Ao todo foram publicados os diários de sua juventude, *Écrits de Jeunesse* (Escritos de Juventude)<sup>78</sup>, e quatro volumes de seu *Journal* (Diário), entre os anos 1959 e 1976.

Paul Viallaneix, historiador especialista em Michelet, baseado em seus diários, bem como suas correspondências e cursos ministrados, produziu uma das biografias mais completas e relevantes sobre o historiador, escrita em ordem cronológica, ano a ano da vida profissional e de seu cotidiano. Segundo o autor, o diário de juventude de Michelet foi escrito a partir de sua intenção de criar um arquivo de sua vida, a qual então não seria perdida, e assim a reencontraria dia após dia, com seus sentimentos, pensamentos e ações. Michelet não tinha como primeira intenção a publicação de seu diário, mas garantiu sua conservação, imaginando que algum dia pudesse vir a organizar seus escritos íntimos num livro. Trata-se, para Viallaneix, de um texto que mostra um homem em toda a verdade de sua natureza, o qual ele compara com a obra *Confissões* (1782) de Rousseau(1712-1778)<sup>79</sup>.

Michelet não iniciou seu diário como a maioria dos diaristas do século XIX, na adolescência, com o tumulto de emoções que gera a puberdade, segundo as observações de Peter Gay. Contudo, conforme este autor, no fundo alguns diaristas tinham ambições de escrever um diário como fonte de uma futura biografia, ou mesmo para garantir sua “imortalidade”<sup>80</sup>. Esse, de certa forma, foi o desejo do historiador, mencionado acima, o qual foi realizado postumamente por Athénaïs, ao publicar seus diários de juventude e um livro com as trocas epistolares do início de seu relacionamento.

Paule Petitier, analisando os textos e correspondências de Michelet, indica que ele iniciou sua escrita íntima a partir do afastamento de seu amigo de infância Paul Poinot (1798-1821), que então começava seus estudos internos de farmácia no Hospital *Bicêtre*, no subúrbio ao sul de Paris. Ambos se corresponderam com regularidade, e o futuro historiador manteve o diário destinado a ser lido pelo amigo. Também se comprometeu a escrever suas memórias, novamente dedicadas à Poinot, caso morresse muito cedo<sup>81</sup>. Mas é o amigo que morre de forma prematura em fevereiro de 1821, uma das muitas perdas dolorosas que Michelet enfrentaria durante toda a sua vida.

---

<sup>77</sup> SMITH, *op. cit.*, p. 197.

<sup>78</sup> MICHELET, Jules. *Écrits de Jeunesse*. Journal (1820-1823), Mémorial, Journal des Idées. Org. Paul Viallaneix. Paris: Gallimard, 1959.

<sup>79</sup> VIALLANEIX, *op. cit.*, p. 7-8.

<sup>80</sup> GAY, *op. cit.*, p. 359-360.

<sup>81</sup> PETITIER, Paule. **Correspondance et structure du moi chez Jules Michelet**, p. 2. In: Groupe Michelet. Université Paris 7 Equipe XIX<sup>e</sup> siècle, Sem Data. Disponível em: <http://equipe19.univ-paris-diderot.fr>.

Para a autora, essa introspecção revelada na escrita íntima de Michelet faz parte de um “projet d’écrire à l’autre pour se révéler à lui mais aussi pour prendre conscience soi-même [...] à la lumière de cette sincérité motivée par l’amitié”<sup>82</sup>. A escrita íntima dedicada ao amigo era, segundo a autora, uma sublimação de um sentimento amoroso em amizade, também aparecendo como a matriz de uma literatura destinada a um público maior, porque foi cercada por justificativas intelectuais<sup>83</sup>, corroborando as observações de Peter Gay.

A partir de 1828, quando Michelet retoma a escrita de seu diário, Viallaneix afirma que este passa a ser um importante documento que apresenta sua vida detalhada, com as impressões de suas viagens, críticas sobre obras, evidenciando além do que ele desejava quando começou a escrever na juventude: seus sentimentos, pensamentos e ações. Para o autor, contudo, seu diário se transforma e passa a ficar “descentrado” quando se casa com a jovem Athénaïs em 1849. Ele passa a apresentar no diário sua paixão e admiração pela jovem esposa, mas também o detalhamento de sua vida íntima conjugal, suas experiências amorosas e o registro médico de sua saúde. Esse “descentramento” percebido em sua escrita íntima foi alvo de críticas pelos historiadores micheletistas como Viallaneix, que viam prejuízos em toda a obra futura de Michelet, tanto de livros mais populares como os de história natural, ou mesmo sua obra historiográfica, pela sua união e pela influência de Athénaïs. Esse “descentramento” em seu diário evidencia o que Angela de Castro Gomes explana como “as práticas de escrita de si podem evidenciar, assim, com muita clareza, como uma trajetória individual tem um percurso que se altera ao longo do tempo, que decorre por sucessão”<sup>84</sup>.

Michelet volta a ter o desejo de publicar suas memórias e a ter aspirações autobiográficas no final de 1867, na esperança de escrever aquele que seria *Le Livre des Livres* (O Livro dos Livros)<sup>85</sup>. Michelet jamais cumpriria a promessa de publicar uma autobiografia, ainda assim, em todo o conjunto de sua obra publicada, nas introduções e nos prefácios, tanto de sua obra historiográfica monumental como de seus inúmeros livros populares, recorda muitas datas importantes, fazendo ligações com os eventos políticos que o marcaram, suas viagens, encontros e leituras diversas, que o fizeram refletir sobre determinados temas de forma singular. Dois prefácios autobiográficos importantes, que se tornaram chave de leitura para os

---

<sup>82</sup> PETITIER, Correspondance et structure du moi, *op. cit.*, p. 2. “Projeto de escrever aos outros para revelar-se a eles, mas também tomar consciência de si mesmo [...] à luz desta sinceridade motivada pela amizade” (tradução nossa).

<sup>83</sup> *Ibidem*, p. 2-3.

<sup>84</sup> GOMES, Ângela de Castro (Org.). **Escrita de si, escrita da história**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004, p. 13.

<sup>85</sup> VIALLANEIX, *op. cit.*, p. 8-10.

escritos de Michelet, são o de seu livro *O Povo* (1846)<sup>86</sup> e o de uma nova edição completa de *História da França* (1869)<sup>87</sup>.

O prefácio do livro *O Povo* é uma carta aberta ao amigo de longa data e historiador Edgar Quinet (1803-1875), professor de línguas e literatura no *Collège de France*, e assim entrega ao público uma primeira reconstrução autobiográfica de sua vocação de historiador do povo, enunciando junto sua admiração e inspiração no poeta romano clássico Virgílio (70-19 AEC) e pelo filósofo italiano Giambattista Vico (1668-1744 AEC). Evoca sua infância pobre na imprensa de seu pai, sua participação no trabalho manual da composição, construindo um *ethos* baseado na sinceridade, com o objetivo de manifestar seu sentimento de pertencimento comum ao grupo, o povo. Para Petitier, nesta carta ele atualiza um duplo sentido de sua escrita íntima, ao amigo e, através dele, à humanidade, como fez em sua juventude com Poinot<sup>88</sup>. Para Viallaneix, ele apresenta o livro como mais que um livro, mas uma parte dele mesmo, de sua vida e de seu coração<sup>89</sup>. Já no prefácio de 1869, Michelet faz uma breve análise retrospectiva de suas pesquisas históricas, constituindo uma importante profissão de fé no ofício do historiador e em seus métodos, além de defender suas obras de história natural e a constante influência em sua carreira da natureza e das ciências naturais.

Para Paule Petitier, a partir da leitura dos diários de Michelet e da sua correspondência, é possível compreender que essa escrita íntima caracteriza o “eu” do historiador, baseado num dispositivo de sinceridade que também está presente em seus trabalhos e cursos ministrados no *Collège de France*. A escrita da história de Michelet repousa sobre o “eu”, em que o “eu” social e o “eu” criador formam uma espécie de entidade híbrida, o “eu” trabalho. Isso porque a presença do “eu” do historiador permite dar voz aos múltiplos “eus” do passado, desempenhando um papel unificador em relação a todas essas vozes. Em seu diário, Michelet escreve: “*Mon Journal et mon cours étaient mêlés, ma vie et ma science, ma tête et mon cœur*”<sup>90</sup>. Para a autora, a correspondência de Michelet faz parte de seu engajamento íntimo pessoal, mas também profissional, pois para o historiador francês a palavra como ação era mais decisiva que o engajamento político direto<sup>91</sup>, e a educação de todos era imperioso para o projeto

<sup>86</sup> MICHELET, Jules. **O Povo**. São Paulo: Martins Fontes, 1988.

<sup>87</sup> MICHELET, Jules. **On History**: Introduction to World History (1831); Opening Address at the Faculty of Letters, 9 January 1834; Preface to History of France (1869). Traduções: Flora Kimmich, Lionel Gossman and Edward K. Kaplan. Cambridge: Open Book Publishers, 2013.

<sup>88</sup> PETITIER, Correspondance et structure du moi, *op. cit.*, p. 7.

<sup>89</sup> VIALLANEIX, *op. cit.*, p. 8.

<sup>90</sup> MICHELET, Jules. **Journal Tome II** (1849-18608). Org. Paul Viallaneix. Paris: Gallimard, 1962, p. 53. Nota do dia 6 de junho de 1849. “Meu *Diário* e meu curso estavam misturados, minha vida e minha ciência, minha cabeça e meu coração” (tradução nossa).

<sup>91</sup> PETITIER, Correspondance et structure du moi, *op. cit.*, p. 8-9.

republicano. É o que podemos observar em seu diário durante o ano de 1848, ano da Revolução que instituiu a Segunda República, ano em que conheceu a jovem Athénaïs.

## 1.2 O ano de 1848: um divisor de águas na vida de Michelet e de Athénaïs, sua futura esposa e colaboradora

Em 1848, Jules Michelet começa seu diário a partir de 20 de janeiro com a sentença: “Ma vie entièrement absorbée depuis le milieu de 1846”<sup>92</sup>, ano em que publica o livro *O Povo*, no qual edifica o povo como o agente transformador da história. Além disso, foi um ano marcado pela perda de seu pai, Jean-François Furcy Michelet (1770-1846), com o qual morava e que o ajudava em suas pesquisas. Filho único, sua mãe, Angélique-Constance Millet Michelet (nascida em 1761), morreu em 1815, quando Michelet tinha dezesseis anos. Devido aos acontecimentos políticos daquele período, um descontentamento geral da sociedade com a monarquia, Jules iniciou a redação de uma *História da Revolução Francesa*, que para ele não seria “apenas o momento em que a nação afirmou seus direitos políticos contra os da monarquia, mas a encarnação do renascimento perpétuo que define a nação”<sup>93</sup>. Registra em seu diário sobre a suspensão de seu curso no *Collège de France* no dia dois de janeiro, devido ao conteúdo de suas aulas de dezembro de 1847, de princípios republicanos, defendendo a igualdade e a educação para todos, inclusive mulheres, crianças, pobres e iletrados<sup>94</sup>.

Michelet não escreveu todos os dias em seu diário de 1848, e geralmente o fez com pouca intensidade, diferente de seu costume ao descrever com clareza e detalhamentos suas viagens, suas pesquisas e suas ideias para cursos e livros. Escreveu uma ou duas frases por dia, ou mesmo uma ou duas palavras, que poderiam provavelmente significar um encontro, quando apenas citava o nome de algum conhecido. Não narrou detalhes de seu cotidiano privado, a não ser algumas notas sobre sua saúde ou alimentação, mas é muito rico em relação aos lugares e pessoas que frequentou. Suas notas são repletas de visitas a museus e arquivos, geralmente com seu genro Alfred Dumesnil (1821-1894)<sup>95</sup>; livros que leu e algumas críticas; anotações de

<sup>92</sup> MICHELET, Journal Tome I, *op. cit.*, p. 682. Nota do dia 20 de janeiro de 1848. “Minha vida inteiramente absorvida desde meados de 1846” (tradução nossa).

<sup>93</sup> PETITIER, Paule. Michelet e a História – Ressurreição. *Olho d’água*, v. 5, n. 2, 2013, p. 68.

<sup>94</sup> VIALLANEIX, *op. cit.*, p. 323.

<sup>95</sup> Alfred Poullain-Dumesnil se casou com a filha Adèle Michelet-Dumesnil (1824-1855) de Michelet em 1843, fruto do primeiro casamento com Pauline Rousseau-Michelet (1791-1839). Dumesnil e Adèle tiveram quatro filhos, Étienne (1845-1905), Jeanne (1851-1840), Camille (1853-1853), e Camille (1854-1940). Michelet também teve outro filho com Pauline, Charles Michelet (1829-1862), que era solteiro quando faleceu e não teve filhos.

quando recebeu algumas cartas e quando as escreveu, geralmente pedindo ajuda para conhecidos e alunos presos pela revolução; narrou alguns eventos que ocorreram na organização do governo provisório após a Proclamação da República em 24 de fevereiro. Anotava principalmente visitas que recebeu durante encontros e jantares com inúmeras pessoas, familiares e também de sua rede de conexões profissionais, como o amigo Edgar Quinet, dos naturalistas e zoólogos Étienne Geoffroy Saint-Hilaire (1772-1844) e seu filho Isidore Geoffroy Saint-Hilaire (1805-1861), suas influências e inspirações nas ciências naturais.

Por esta breve descrição do conteúdo do diário de Michelet no ano de 1848, pode-se perceber que seu diário teria algumas semelhanças com os *livres de raison* (livros de razão - séculos XVII e XVIII), que Madeleine Foisil destaca em seus estudos, os quais baseavam-se num esquema simples da vida cotidiana, ricos em detalhes sobre as atividades de quem os escrevia, mas que excluem a narração, sendo a descrição de forma mais direta sobre a experiência vivida<sup>96</sup>. Para Viallaneix, Michelet não investiu, de fato, aqui, em um estilo literário<sup>97</sup>. O que mais se destaca no diário de 1848, contudo, foram: suas preocupações com o curso que estava ministrando no *Collège de France*, frente aos acontecimentos políticos; suas expectativas em escrever livros populares; bem como suas pesquisas para continuar a escrever sua obra *História da Revolução Francesa*. Em 22 de fevereiro, com o início da rebelião de estudantes e operários, que culminaram na queda do Rei Luís Felipe I (1773-1850) no dia 24 de fevereiro, e a implantação do governo provisório da Segunda República, Michelet escreveu:

Donc, que dès aujourd'hui, sans attendre une révolution politique et les moyens de l'État, nous devons, dans la mesure des libertés qu'on nous laisse, commencer l'œuvre de la fraternité. Et que ce commencement doit se faire par le jeune homme; il a du temps, du cœur; lui-même est encore prolétaire<sup>98</sup>.

Paule Petitier se sentiu desapontada por praticamente não encontrar comentários diretos sobre a atualidade histórica ou política nas correspondências de Michelet. Além disso, seu diário faz poucas alusões aos eventos de 1848, pois não narra suas próprias atividades nos dias em que ocorreram as principais revoltas, nem mesmo o que pensava dos fatos<sup>99</sup>. Mas na biografia de Viallaneix, o autor consegue esquadrihar algumas atividades de Michelet a partir

---

<sup>96</sup> FOISIL, Madeleine. A escrita de foro privado. In: CHARTIER, Roger (Org.). **História da Vida Privada 3**. Da Renascença ao Século das Luzes. São Paulo: Companhia das Letras, 2009, p. 323-324.

<sup>97</sup> VIALLANEIX, *op. cit.*, p. 7.

<sup>98</sup> MICHELET, Journal Tome I, *op. cit.*, p. 684. Nota do dia 24 de fevereiro de 1848. “Portanto, a partir de hoje, sem esperar por uma revolução política e pelos meios do Estado, devemos, na medida das liberdades que nos restam, iniciar o trabalho de fraternidade. E que esse início deve ser feito pelo jovem; ele tem tempo, coração; ele mesmo ainda é proletário” (tradução nossa).

<sup>99</sup> PETITIER, Correspondance et structure du moi, *op. cit.*, p. 1.

das correspondências e outros documentos, verificando que seu nome figurou na primeira lista de membros para o novo governo provisório, mas que preferiu não assumir nenhuma responsabilidade política, recomendando seu genro Alfred para um cargo<sup>100</sup>. Sua escrita menos direta nas correspondências pode evidenciar um cuidado para que suas cartas não fossem lidas por pessoas erradas ou mal interpretadas, pois seu curso no *Collège de France* já havia sido suspenso no início do ano, e ainda havia muitas incertezas quanto ao governo.

Michelet não escreveu durante muitos dias de fevereiro e março, o que pode refletir uma intensa atividade, idas e vindas na Assembleia junto a Alfred, e mesmo em sua casa, como Viallaneix apontou. Com seu curso restituído, depois de proferir um discurso na *Sorbonne* junto com Edgar Quinet, no dia 6 de março, para uma multidão, em abril retomou seus textos sobre a Revolução e reclamou do pequeno número de ouvintes em seu curso no *Collège de France*. Não escreveu nada em seu diário sobre seu aclamado discurso. Em junho, dias antes de novas insurreições, mostrou seu descontentamento com o impasse no governo com os socialistas e com o bonapartismo, e escreveu: “Irritation vive pour l’idolâtrie napoléonienne”<sup>101</sup>. E perante todos esses acontecimentos políticos, Michelet sente a urgência de um programa republicano que valorize a educação do povo e o seu desejo de escrever livros populares educacionais, quase prevendo o colapso futuro da república: “La République, si elle survit, doit avant tout songer à se fonder par un enseignement immense qui atteigne avec sûreté tous les hommes, toutes les femmes et tous les enfants”<sup>102</sup>.

Toma a decisão de retomar a escrita da história e passa duas temporadas de descanso em Vascœuil, na região da Normandia, em julho e setembro, residência de Alfred Dumesnil e de sua filha Adèle. Em Vascœuil, Michelet tem um ritmo de vida diferente de Paris. Apesar de escrever avidamente, ele faz caminhadas e faz leituras diversas, e relata: “Enfermé par la chaleur, je lis, pour me remettre le cœur, les bons et fortifiants livres de Bernard Palissy”<sup>103</sup>. Michelet considerava a natureza como um lugar de refúgio e renovação, de suas angústias do presente e do passado, e expressou esses sentimentos no período de sua amizade com Poinso, e, principalmente, depois de seu casamento com Athénaïs<sup>104</sup>.

<sup>100</sup> VIALLANEIX, *op. cit.*, p. 328-330.

<sup>101</sup> MICHELET, *Journal Tome I, op. cit.*, p. 690. Nota do dia 13 de junho de 1848. “Forte irritação pela idolatria napoleônica” (tradução nossa).

<sup>102</sup> *Ibidem*, p. 691-692. Nota do dia 16 de junho de 1848. “A República, se sobreviver, deve sobretudo pensar em estabelecer-se através de um imenso ensinamento que chegue com segurança a todos os homens, a todas as mulheres e a todas as crianças” (tradução nossa).

<sup>103</sup> *Ibidem*, p. 697. Nota do dia 15 de julho de 1848. “Trancado pelo calor, li, para restaurar o coração, os bons e fortalecedores livros de Bernard Palissy” (tradução nossa). Bernard Palissy (1510-1589) foi um engenheiro hidráulico francês, conhecido por sua porcelana com incrustações de animais e suas contribuições às ciências naturais. Alfred, genro de Michelet, publicou uma obra sobre Palissy em 1851.

<sup>104</sup> DAL MASO, *op. cit.*, p. 28-29.

Michelet começou a se corresponder com Athénaïs no final de 1847, missivas que perduraram durante o ano de 1848, trocando experiências literárias e também discutindo sobre os eventos políticos contemporâneos. Michelet escreveu seu diário de 1848 de janeiro a outubro e durante esses meses não mencionou Athénaïs. Nos meses de novembro e dezembro não escreveu em seu diário. Mas é justamente em novembro que Athénaïs chega em Paris e conhece o professor em pessoa, casando-se com ele no dia 12 de março de 1849. Segundo Petitier, durante esses quatro meses trocaram mais de quarenta cartas apaixonadas, muito significativas, pela absorção amorosa completa de Michelet. Ele “plonge littéralement dans l’amour comme dans le plus puissant dérivatif. Il semble devenir aveugle à l’actualité politique et son travail historique même lui pèse”<sup>105</sup>.

É interessante perceber o quanto o diário de Michelet, durante o ano de 1848, mostrou principalmente as atividades que mais lhe interessaram e ocupavam: seus cursos, sua escrita da história, seu desejo de escrever livros populares para uma ação mais direta em relação à educação do povo e à república. Os vazios deixados no diário, principalmente em datas relevantes dos acontecimentos políticos, evidenciam, perante os trabalhos de Petitier e Viallaneix, o quanto Jules empenhou também em seus dias à escrita de uma correspondência, que, para ele, bem como seus escritos, fazia parte de sua ação e fundamento no relacionamento com o outro, tanto profissional, quanto de uma relação de amizade ou amorosa. Ele mesmo em seu diário aponta seu distanciamento do movimento revolucionário ao se dedicar à escrita sobre o Revolução Francesa, ao aos eventos de 1791: “Au matin, après une bonne nuit, je pris une résolution. Mon 91 m’isole trop du mouvement; je ne puis le suivre uniquement”.<sup>106</sup>

Algumas das cartas trocadas entre Athénaïs e Jules foram justamente sobre a situação em que a jovem preceptora se encontrava em Viena, diante das insurreições naquela cidade durante os meses de março e outubro de 1848, que se espelharam na revolução da França. Athénaïs escreveu em 24 de março<sup>107</sup>, narrando os acontecimentos do dia que eclodiu a revolução em Viena, 13 de março, em que os estudantes, vindos de todas as regiões do Império Austríaco, tiveram uma liderança nas ações, junto com os trabalhadores. Athénaïs tinha profundos sentimentos republicanos, muitos herdados da visão de mundo de seu pai, mas também da influência dos livros de Michelet os quais havia lido, como *O Povo*. A morte de três

---

<sup>105</sup> PETITIER, Correspondance et structure du moi, *op. cit.*, p. 5. “Literalmente mergulha no amor como a distração mais poderosa. Ele parece ficar cego às atualidades políticas e seu próprio trabalho histórico lhe pesa” (tradução nossa).

<sup>106</sup> MICHELET, Journal Tome I, *op. cit.*, p. 685. Nota do dia 8 de abril de 1848. “De manhã, após uma boa noite, tomei uma resolução. Meu 91 me isola muito do movimento; não posso apenas segui-lo” (tradução nossa).

<sup>107</sup> MICHELET, Lettres Inédites, *op. cit.*, p. 25-29. Carta de Athénaïs à Michelet, de 24 de março de 1848.

estudantes sensibilizou Athénaïs e a princesa, que lhes renderam homenagem com três coroas que foram colocadas nos caixões, enquanto a procissão fúnebre passava em frente à residência. Os estudantes ficaram honrados com esse gesto<sup>108</sup>.

Em 16 de outubro Athénaïs escreveu uma longa carta sobre os levantes violentos de seis de outubro, eventos que culminaram mais adiante com a perda das conquistas da revolução de março em Viena. A princesa Luxita e suas três filhas, Athénaïs e as *femmes de chambre* (camareiras), Catinka e Thérèse, passaram por diversos perigos, sozinhas e apenas entre mulheres, pois canhões e barricadas foram postos muito próximo de onde residiam. O marido da princesa, muito doente e acamado, seu filho Georges de quatorze anos e seu preceptor M. Barrault, estavam mais distantes e seguros, em outra residência. Durante o dia muitas vezes os combatentes entravam nas escadas do edifício e poderiam invadir os quartos. Enquanto a família da princesa se refugiava nos cômodos mais isolados, Athénaïs, sem dormir, perambulava pelos corredores:

Pour moi, je continuai à errer dans nos appartements déserts. Il m'eût été impossible de rester passive à l'écart des événements. Le danger a ses fascinations. Sans doute, j'appréhendais ce qui allait suivre, mais je préférais voir le péril en face, pour en mesurer l'étendue. Soudain, une idée me traversa l'esprit il me restait un bout du ruban tricolore dont j'avais orné les trois couronnes destinées aux étudiants morts le 13 mars. Si je m'en faisais une ceinture?... Ainsi, sans paroles, les perquisitionneurs, qui croyaient voir un ennemi apposté derrière chaque fenêtre des étages vides, sauraient que j'étais Française, c'est-à-dire d'une nation amie, et que, dès lors, en ce qui nous concernait, ils n'avaient rien à craindre...<sup>109</sup>

A jovem narrou de forma detalhada o decurso dos confrontos da Legião de estudantes e dos trabalhadores contra os canhoneiros, as quais pôde presenciar através das janelas. Sem poderem ainda saírem da casa para a outra residência mais afastada dos conflitos, ajudaram os feridos e famintos da batalha. No dia seguinte a Legião, como era chamado o grupo de estudantes revolucionários, as tranquilizou se comprometendo a velar por elas, e ao mesmo tempo convocaram as pessoas do local para levantar barricadas. Athénaïs, entusiasmada, pede à princesa a permissão para ajudar a Legião:

<sup>108</sup> MICHELET, *Lettres Inédites, op. cit.*, p. 28.

<sup>109</sup> *Ibidem*, p. 42. Carta de Athénaïs à Michelet, de 21 de outubro de 1848. “Quanto a mim, continuei vagando pelos nossos apartamentos desertos. Teria sido impossível para mim permanecer passiva e indiferente aos acontecimentos. O perigo tem seus fascínios. Sem dúvida eu estava apreensiva sobre o que estava por vir, mas preferi ver o perigo de frente, medir sua extensão. De repente, uma ideia me ocorreu: eu tinha um pedaço da fita tricolor com a qual havia decorado as três coroas destinadas aos estudantes falecidos em 13 de março. E se eu fizesse um cinto com isso?... Assim, sem palavras, os revistadores, que acreditavam ver um inimigo colocado atrás de cada janela dos andares vazios, saberiam que eu era Francesa, isto é, de uma nação amiga, e que, portanto, no que nos dizia respeito, eles não tinham nada a temer...” (tradução nossa).

Il faut que la France y aide! [...] Et sans attendre sa réplique, je cours me saisir de ce qui me reste de mon ruban tricolore. Ne pouvant plus le mettre en ceinture, je m'en fais une belle cocarde que j'épingle sur mon épaule gauche, pour qu'elle dise, cette fois encore, qui je suis, et que cela, tout au moins, m'assure le respect. [...] En un instant, je me vois entourée. La pensée qu'une de leurs barricades sera élevée par la France et l'Allemagne libérales réunies, les transporte.<sup>110</sup>

O entusiasmo republicano nos relatos de Athénaïs sobre Viena, sua coragem e atuação direta nas barricadas, símbolos essenciais das revoluções de 1848<sup>111</sup>, foram de bastante interesse para Felicité de Lamennais (1782-1854), padre e escritor francês amigo de Michelet, o qual gostaria que Athénaïs tivesse publicado seu texto<sup>112</sup>. Jules escreve sua última nota de 1848 em seu diário no dia 29 de outubro: “Porté mon volume à M. Lamennais, qui me dit un mot très beau. Je le consolai de la France en lui montrant l'Europe”<sup>113</sup>. Possivelmente essa anotação se refira à carta recebida da jovem.

Os diários no século XIX, segundo Peter Gay, fornecem pistas para a vida introspectiva e a necessidade de uma confissão, mesmo que o confidente seja fictício, e essa introspecção se beneficiava de um fenômeno crescente da cultura moderna, a privacidade e a inviolabilidade do diário<sup>114</sup>. Mas muitos registravam uma autoavaliação, temendo que sua confissão caísse em mãos alheias, utilizando estratégias defensivas para ocultar seus desejos e sentimentos mais íntimos, criando assim um paradoxo nesses escritos: o do estabelecimento de uma transparência e sinceridade, acompanhadas, ao mesmo tempo, de autocensura<sup>115</sup>.

Michelet sempre demonstrou em seus trabalhos históricos e em sua escrita íntima uma relação de sinceridade com o outro, seu público leitor e com seus próximos, mas seus diários não evidenciam aparentemente, pelo menos até 1848, uma necessidade de confissão. Apenas a partir de 1849, com uma vida nova que se abre a partir de um relacionamento amoroso com a jovem Athénaïs, Michelet irá dedicar em seu diário muitos detalhes de sua vida íntima conjugal, e “desvelar seu coração”. Para Petitier, Michelet tinha como fundamento em seus escritos

---

<sup>110</sup> MICHELET, *Lettres Inédites*, *op. cit.*, p. 54-55. Carta de Athénaïs à Michelet, de 21 de outubro de 1848. “A França deve ajudar! [...] E sem esperar sua resposta, corro para pegar o que sobrou da minha fita tricolor. Não podendo colocá-lo mais na cintura, fiz um lindo laço com ele e o prendo no meu ombro esquerdo, para que ele diga, desta vez novamente, quem eu sou, e isso, pelo menos, me garanta respeito. [...] Num instante, vejo-me cercada. A ideia de que uma das suas barricadas será erguida pela França e pela Alemanha liberais unidas, transporta-os” (tradução nossa).

<sup>111</sup> HOBBSBAWN, *op. cit.*, p. 28.

<sup>112</sup> *Ibidem*, p. 37.

<sup>113</sup> MICHELET. *Journal Tome I*, *op. cit.*, p. 702. Nota do dia 29 de outubro de 1848. “Levei meu volume ao Sr. Lamennais, que me disse uma palavra muito gentil. Eu o consolei pela França mostrando-lhe a Europa” (tradução nossa).

<sup>114</sup> GAY, *op. cit.*, p. 358-359.

<sup>115</sup> *Ibidem*, p. 366, 370.

íntimos, as correspondências e os diários, a relação com o outro, uma forma de simbiose, uma manutenção de uma continuidade, mesmo que com justificativas intelectuais, um sentimento sempre acompanhado do desejo do saber<sup>116</sup>. Essa simbiose foi iniciada em sua juventude com Poinot, perdida pela morte prematura do amigo e novamente reestruturada a partir de seu relacionamento com Athénaïs.

### 1.3 O início da relação entre Athénaïs e Jules: uma união de corpo e alma

Athénaïs Marguerite Mialaret, em 1847, com vinte e um anos de idade, trabalhava como preceptora de duas filhas da princesa Romena Cantacuzène, em Viena, como já mencionado. A história de seus primeiros anos de vida, até a idade de quatorze anos, foi contada em seu livro autobiográfico, *Memóires d'une Enfant*, um texto que começou a ser escrito em 1865, mas que foi esboçado na preparação dos livros de história natural, a partir do texto da introdução do livro *L'Oiseau*. Embora Jules Michelet a incentivasse a continuar sua autobiografia, foi o próprio historiador que entre os anos de 1861 e 1865, escreveu dois capítulos sobre a vida da esposa<sup>117</sup>, e depois ela própria passou a delinear o que seria a continuação de seu livro de memórias, que se chamaria *Mémoires d'une Jeune Fille Honnête* (Memórias de uma Jovem Honesta), com a intenção de o publicar junto às inúmeras cartas de amor que foram trocadas por eles, antes do casamento<sup>118</sup>.

O primeiro contato entre os dois deu-se a partir de uma carta de Athénaïs à Michelet, de outubro de 1847, em que, perturbada pela leitura do livro do historiador, *Le Prêtre, la femme et la famille* (O padre, a mulher e a família)<sup>119</sup>, escreveu pedindo conselhos. O livro *Le Prêtre é* caracterizado principalmente pelo tom anticlerical, pela crítica de Michelet à Igreja pelo seu poder de influência, a partir dos padres, sobre as mulheres casadas, principalmente uma crítica ao padre confessor, que acaba por manipular a relação matrimonial. A perturbação de Athénaïs pela leitura do livro, e o pedido de conselhos ao autor do texto têm um lado extremamente

<sup>116</sup> PETITIER, Correspondance et structure du moi, *op. cit.*, p. 4.

<sup>117</sup> Michelet descreve a vida de Athénaïs em Viena, durante o período de sua estadia como preceptora das filhas da princesa Cantacuzène, e depois quando se conheceram e se casaram em Paris. Estes dois capítulos foram publicados em: MICHELET, Journal Tome II, *op. cit.*, p. 570-596.

<sup>118</sup> Gabriel Monod publica um capítulo terminado deste livro de memórias de Athénaïs, *Le Roman d'une Heure*, em: MONOD, Gabriel. Les mémoires d'une jeune fille. **La Nouvelle Revue**. Troisième série, tome II, mars-avril 1908, p. 3-16.

<sup>119</sup> MICHELET, Jules. **Le Prêtre, la Femme, et la Famille**. Nouvelle Édition. Paris: Chamerot, 1861. A primeira edição do livro é de 1842.

genuíno e franco, pois ela teve uma vida educacional muito voltada para a Igreja e naquele período estava vivendo isolada da família e de amigos mais próximos.

A mãe de Athénaïs, Marguerite Emma Becnel [ou Becknell] Mialaret (1804-1864), morava em Montauban, no sul da França, mas a relação entre as duas nunca teve uma intimidade calorosa, isso se comparada àquela que a filha tinha com seu pai, Yves Louis Jacques Hippolyte Mialaret (1774-1841)<sup>120</sup>. De fato, Athénaïs descreve que a mãe a tratava com frieza e indiferença. Enquanto criança, Athénaïs nutria uma predileção pelo pai, que era carinhoso e a incentivava em seus estudos. A vida do educador francês Yves Mialaret foi contada em dois capítulos do livro de memórias de Athénaïs<sup>121</sup>.

Seu pai Yves teve uma vida fascinante de aventuras e foi uma presença importante na vida e na obra da escritora, valendo abrir aqui um parêntese para um breve resumo de sua história. Nasceu nos arredores de Montauban e, durante sua juventude em 1789, aos quinze anos, partiu para a Ilha de Santo Domingo, colônia da França. Durante seu período na ilha foi professor, inclusive dos filhos do revolucionário Toussaint L'Ouverture (1743-1803). Acabou se desentendendo com Toussaint em 1799, sendo preso, mas fugiu em um navio, que logo foi capturado por corsários Ingleses, os quais o largaram em uma ilha remota e isolada nas Bahamas, sendo salvo por americanos que o levaram para Nova York<sup>122</sup>. De volta à França, trabalhou como professor na escola onde havia estudado quando criança, e depois para o governo francês na Administração Geral de Domínios e Direitos, sendo nomeado para trabalhar na Ilha de Elba, na Itália, em 1812. Lá foi tradutor de jornais ingleses para Napoleão Bonaparte (1769-1821), no período em que este esteve exilado, tornando-se muito próximo de um dos servidores do imperador, o General Bertrand (1773-1844), principalmente de sua esposa<sup>123</sup>.

Novamente na América, após a derrota de Napoleão em Waterloo e fugir do governo francês pelas suas ligações com o imperador, Yves trabalhou como professor na região da Louisiana nos Estados Unidos, onde conheceu sua futura esposa, uma de suas alunas, a jovem Emma, que era filha de um dos maiores fazendeiros da região. Emma era órfã, tinha quatorze anos, e ele era trinta anos mais velho. Yves recebeu um dote rico de Emma, com propriedades e escravos, libertando alguns e deixando outros que escolhessem seu senhor, pois era abolicionista e não tolerava a escravidão. Retornou para a França em 1825, casado e com dois

---

<sup>120</sup> Yves e Emma tiveram dois filhos na Louisiana: Sélima (1822-1866) e Tancrede (1824-1894). Depois que se instalaram na região de Montauban, na França, o casal teve mais quatro filhos: Antonin (1825-1884), Athénaïs (1826-1899), Henry (1829-1884) e Hippolyte (1832-1905).

<sup>121</sup> MICHELET, *Mémoires d'une Enfant*, *op. cit.*, p. 293-344.

<sup>122</sup> *Ibidem*, p. 293-323, capítulo VI do livro III: Histoire de mon père: Saint-Domingue.

<sup>123</sup> *Ibidem*, p. 327-244, capítulo VII do livro III: Suite – L'Ile d'Elbe.

filhos, deixando um tutor para a gestão dos negócios. Sua última viagem para a América foi em 1840, já idoso e doente, para cuidar dos negócios da família que estavam falidos devido à crise dos bancos nos Estados Unidos e a um surto de cólera. Ao levar o filho mais velho Tancrede, que o acompanhava na viagem, a Cincinnati para seus estudos, Yves ficou doente e faleceu<sup>124</sup>.

A perda do pai em 1841 a marcou profundamente, deixando um espaço vazio e um sentimento de falta de apoio em Athénaïs. Um espaço que pôde ser provavelmente preenchido pelos sacerdotes católicos, devido à sua educação religiosa e às relações de amizade de sua mãe, mas que Athénaïs acabou projetando em sua troca epistolar com o professor Jules Michelet. Essa projeção de uma relação entre pai e filha foi mantida entre os dois ao longo de todo o casamento.

A educação religiosa de Athénaïs teve início aos treze anos, em 1840, quando foi estudar em um colégio de freiras em regime de internato, o *Dames de Nevers* (Irmãs de Caridade de Nevers)<sup>125</sup>. Até então, Athénaïs fora educada pelo pai e pela mãe na propriedade de campo em que moravam, a *Chapitoulas*, numa casa rodeada por plantações, criações, pomares, pequenos bosques e riachos, como Athénaïs descreveu em seu livro de memórias e na introdução de *L'Oiseau*<sup>126</sup>. Athénaïs recebeu da mãe o aprendizado nas artes das costuras e bordados, enquanto seu pai, que justamente havia sido preceptor quando mais novo, ensinava a ela e a seus irmãos gramática, cálculo, geografia e história natural, sem deixar de instruí-los e entretê-los com relatos sobre suas aventuras nas Américas. Depois da morte do pai, Athénaïs fez seus estudos em outros dois conventos, o *Convent des Ursulines* (Convento das Ursulinas), em Montauban, e o *Convent de l'île d'Oléron* (Convento da ilha de Oléron). Apesar do incentivo da família e dos religiosos para que fizesse os votos para ser freira, ela sonhava em ser educadora leiga, e decidiu sair da instituição religiosa e ter aulas com professores particulares, para poder estudar o programa de estudos do exame para obter o *brevet de capacité de l'instruction primaire* (diploma de ensino primário)<sup>127</sup>, o diploma disponível para mulheres naquele período<sup>128</sup>.

<sup>124</sup> DELAMOTTE, *op. cit.*, p. 42-47.

<sup>125</sup> *Ibidem*, p. 48.

<sup>126</sup> MICHELET, *L'Oiseau, op. cit.*, p. XI-XXXV.

<sup>127</sup> DELAMOTTE, *op. cit.*, p. 65.

<sup>128</sup> MAYEUR, Françoise. Les femmes et l'enseignement en France au XIX<sup>e</sup> siècle. **Bulletin du Centre Pierre Léon d'histoire économique et sociale**, n. 2-3, 1993, p. 23-30; \_\_\_\_\_. A educação das raparigas: o modelo laico. In: DUBY, Georges; PERROT, Michelet (Orgs.). **História das Mulheres no Ocidente** V. 4: O Século XIX. Porto: Edições Afrontamento, 1994, p. 277-295.

Athénaïs teve a educação disponível para as mulheres na França da primeira metade do século XIX, uma educação “sur les genoux de l’Église”<sup>129</sup>. A educação das jovens ou era realizada em casa, através de uma educação maternal, ou em conventos católicos, além de ser diferente entre as categorias sociais e as disparidades regionais. Entre 1800 e 1830, há um aumento no número de estabelecimentos educacionais laicos por toda a França e um aumento no número de pensionatos de estudos para meninas.<sup>130</sup> É a partir da década de 1830, com a Restauração da Monarquia, que o ministro da Instrução Pública, François Guizot, institui os *brevets de capacité*, a partir da lei de 28 de junho de 1833, que são diplomas obrigatórios para o ensinamento público e privado. As *Écoles Normales* ficam então a cargo de formar os *instituteurs* (educadores de escola primária). Mas só a partir da lei *Pelet*, de 23 de junho de 1836, que amplia as disposições da lei Guizot, que são determinadas as condições de abertura de escolas primárias e secundárias para meninas, não obrigatórias, e, assim, formalizado também o *brevet* para as *institutrices* (educadoras)<sup>131</sup>. As duas medidas estabelecem uma distinção entre os diplomas do certificado de competência como professor primário, *brevet de capacité élémentaire*, e o certificado de competência para o secundário, *brevet supérieur*, diploma superior que era exigido para as educadoras que quisessem abrir suas instituições de ensino privado, as *maitrèsses de pension* (diretoras de pensionatos)<sup>132</sup>.

Em 1845 Athénaïs obteve seu certificado como educadora pela *Académie de Toulouse* (Academia de Toulouse), e sua primeira experiência profissional foi em 1846, numa instituição católica de freiras *Bellas* na cidade de Bayonne, no sudoeste da França<sup>133</sup>. Nesta ocasião não tinha sentido o chamado para os votos, mas, se ela escolhesse uma vida religiosa, seria como uma irmã de caridade, idealizando poder viver em terras longínquas, aliando sua vontade de viajar e conhecer o mundo como o pai tinha feito e sua vocação de educador. Assim ela descreve para Jules em sua primeira carta, de 23 de outubro de 1847:

---

<sup>129</sup> Monseigneur Dupanloup (1802-1878) *apud*: WIERUSZESKI, Lucie. **Les institutrices au XIXe siècle: témoins et militantes de la condition féminine?** Mémoire de Master 2 professionnel. 50p. Nord-Pas-de Calais - Institut Universitaire de Formation de Maîtres, Université d’Artois, 2012, p. 4. “No colo da Igreja” (tradução nossa).

<sup>130</sup> *Ibidem*, p. 5.

<sup>131</sup> MAYEUR, Les femmes et l’enseignement, *op. cit.*, p. 25.

<sup>132</sup> WIERUSZESKI, *op. cit.*, p. 7. Para mais detalhes sobre o sistema de ensino na França: DURKHEIM, Émile. **A Evolução Pedagógica**. Tradução de Bruno Charles Magne. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995 (primeira publicação de 1938); MAYEUR, Françoise. **Histoire générale de l’enseignement et de l’éducation en France Tome III**. De la Révolution à l’École républicaine, 1789-1930. Paris: Perin, 2004. E sobre a evolução do sistema de ensino feminino: MAYEUR, Françoise. **L’Éducation des filles em France au XIXe siècle**. Paris: Hachette, 1979.

<sup>133</sup> DELAMOTTE, *op. cit.*, p. 67-68.

Les missions lointaines me tentaient. Faite sœur de charité, je serais partie d'un grand élan pour la Chine, où j'aurais soigné les malades et conquis à Dieu de petites âmes chinoises. Ma trop faible santé eût été le seul obstacle à cet entraînement. Restaient les ordres cloîtrés, mais ceux-ci m'ont toujours inspiré une sorte d'effroi. Un saint évêque m'eût voulu pour ses Ursulines qu'il dirigeait... Le libre esprit que je porte en moi arma ma résistance. J'échappai, en venant faire ici une éducation<sup>134</sup>.

Athénaïs era, portanto, uma jovem culta, e durante os anos que trabalhou para a princesa Cantacuzène dedicou-se a inúmeras leituras, às quais não teve acesso enquanto era educada pelo pai em casa, ou quando estava nas instituições religiosas, textos filosóficos do século XVIII, como os de Rousseau<sup>135</sup>. Além de seu dia de trabalho inteiramente voltado aos cuidados e à educação das filhas da princesa, Athénaïs lia os livros indicados por ela e por Monsieur (Senhor) Barrault, preceptor do filho mais velho da princesa, Georges. Michelet relata em uma breve biografia não finalizada que escreveu sobre a esposa, a qual foi publicada postumamente, que ela, pouco antes de aceitar o trabalho em Viena, foi cortejada por Monsieur Gronlier<sup>136</sup>, amigo de infância de Athénaïs. Gronlier indicou a posição de preceptora com a princesa, pois teria sido preceptor de Georges, o filho mais velho de Luxita, na Valáquia. Athénaïs também teria sido cortejada por Barrault em Viena. Barrault foi quem forneceu o endereço do historiador para a troca de correspondências, pois tinha sido ouvinte de Michelet no *Collège de France*<sup>137</sup>. Athénaïs declina as duas propostas de casamento, como consequência possivelmente de suas dúvidas em relação a uma vida religiosa, ou pelo desgosto da mãe ao primeiro pretendente, pois, apesar de ter herdado uma pequena fortuna do pai, além de ser um homem de cor, ainda não tinha um trabalho seguro e ambicionava viver a vida como escritor, e depois, pelo desgosto da princesa Cantacuzène em relação ao segundo.

Athénaïs era a segunda filha mulher entre seis filhos de Emma Mialaret e, após a morte do pai e a família passar por dificuldades financeiras, com a falência das propriedades na Louisiana, a prioridade para o dote na família seria para a filha mais velha, Sélina. Athénaïs

---

<sup>134</sup> MICHELET, *Lettres Inédites*, *op. cit.*, p. 12. Carta de Athénaïs à Michelet, do dia 23 de outubro de 1847. “As missões distantes me tentaram. Tornada irmã de caridade, teria partido com grande entusiasmo para a China, onde teria cuidado dos enfermos e conquistado pequenas almas chinesas para Deus. Minha saúde debilitada teria sido o único obstáculo para esse treinamento. Restaram as ordens de clausura, mas estas sempre me inspiraram uma espécie de medo. Um santo bispo teria me desejado para as Ursulinas que ele liderou... O espírito livre que carrego dentro de mim armou minha resistência. Eu escapei, vindo aqui para estudar” (tradução nossa).

<sup>135</sup> DELAMOTTE, *op. cit.*, p. 81.

<sup>136</sup> Monsieur Gronlier e sua irmã Mathilde Gronlier, foram amigos de infância de Athénaïs. Eram filhos de um francês rico em Cuba, e uma mulher de cor. Seu pai, com o objetivo de se livrar dos filhos, os enviou para a Europa, para serem educados em Montauban, na França, com uma pequena fortuna. Trabalharam por um tempo como preceptor e governanta na Valáquia para a família Cantacuzène, e depois em 1848 se instalaram em Paris. Gronlier foi professor, casou-se, teve filhos, e continuou morando em Paris. Aparentemente Mathilde Gronlier se manteve solteira e muito próxima da família Cantacuzène. MICHELET, *Journal Tome II*, *op. cit.*, p. 571, 647.

<sup>137</sup> DELAMOTTE, *op. cit.*, p. 91, 95.

não tinha dote. O dote, ainda em vigência no século XIX, mas em declínio, era um recurso financeiro, uma exigência que a mulher deveria cumprir para ter um bom casamento, uma instituição essencial na França oitocentista. O dote fazia parte dos acordos e estratégias familiares envolvendo interesses políticos e econômicos, importantes para a sociedade burguesa. Para Adeline Daumard, “a une époque où la vieille fille était souvent un objet de dérision et était toujours placée dans une situation marginale, les jeunes filles dont la dot était médiocre ou nulle n’avaient guère le choix de leur prétendant”<sup>138</sup>.

Para Michelet, um jovem deveria se casar principalmente com mulheres prudentes economicamente e sem dote, pois um rico dote da mulher poderia desvirtuar o homem do seu trabalho: “Com um dote de cem mil francos enterra-se assim um homem que talvez a cada ano teria ganhado cem mil francos”<sup>139</sup>. Michelet já defendia essa posição antes mesmo de conhecer Athénaïs. No livro *O Povo*, de 1846, escreveu: “Quereis arruinar-vos? Desposai uma mulher rica”<sup>140</sup>. Acentua que antes de conhecer Athénaïs, viúvo e solitário, havia sido cortejado por ricas viúvas, mas estas não estariam preparadas para uma vida laboriosa e não compreenderiam seu trabalho:

Mon cours, mon livre du Prêtre m’avaient valu les visites réitérées de riches veuves qui n’eussent pas mieux demande que de porter mon nom. Mais avec ces mondaines, il eût fallu changer mes habitudes laborieuses, sédentaires, et qui sait quitter mon grand devoir qu’elles n’étaient guère préparées à comprendre<sup>141</sup>.

Apesar de Michelet escrever que, mesmo sem dote, Athénaïs tinha a esperança de se casar, ela em suas correspondências evidencia que gostaria de ajuda para poder ser *institutrice* em Paris. Em meados de 1848, ela já havia pedido a Michelet um auxílio para que ele ajudasse seu amigo Gronlier a encontrar um bom trabalho, pois estaria com dificuldades financeiras. Depois, devido às inúmeras dificuldades que passou durante a Revolução em Viena e as dificuldades da família Cantacuzène, mencionadas no tópico anterior, além de sua saúde frágil, Athénaïs pede ajuda e conselhos ao historiador: “Pensez-vous, monsieur, que je puisse trouver

---

<sup>138</sup> DAUMARD, Adeline. *Affaire, amour, affection: le mariage dans la société bourgeoise au XIX<sup>e</sup> siècle. Romantisme*, n. 68, Amours et société, 1990, p. 36. “Numa época em que a solteirona era muitas vezes objeto de escárnio e sempre colocada numa situação marginal, as jovens cujo dote era medíocre ou ausente tinham pouca escolha quanto ao seu pretendente” (tradução nossa).

<sup>139</sup> MICHELET, Jules. *A Mulher*. São Paulo: Martins Fontes, 1995, p. 8.

<sup>140</sup> MICHELET, O Povo, *op. cit.*, p. 182.

<sup>141</sup> MICHELET, *Lettres Inédites, op. cit.*, p. 4. “Meu curso, meu livro do sacerdote, me renderam repetidas visitas de viúvas ricas que não teriam pedido nada melhor do que levar meu nome. Mas com essas mulheres mundanas teria sido necessário mudar meus hábitos laboriosos e sedentários, e quem sabe abandonar meu grande dever que elas mal estavam preparadas para compreender” (tradução nossa).

une institution où, en me rendant utile, il me soit permis de suivre des cours au dehors? J'ai mon diplôme, et j'enseigne depuis trois ans"<sup>142</sup>. Athénaïs havia sofrido com o frio de Viena, seu estado de saúde era frágil, e os médicos a instruíram a não passar mais um ano em condições climáticas tão frias, como as de Bucareste, na Valáquia, para onde a família Cantacuzène retornaria. Apesar de Michelet não aconselhar que Athénaïs viesse a Paris, devido às tensões políticas e poucas posições de trabalho disponíveis naquele momento, a situação em Viena era crítica, e assim ela chegou dia 7 de novembro de 1848 na capital francesa, e no dia seguinte foi até a casa de Michelet pedindo conselhos.

Desde quando se conheceram até o casamento, passaram-se apenas quatro meses, e Michelet escreveu: “Jamais mariage ne fut plus rapide et plus solide. Je la vis pour la première fois le 8 novembre, et, sans qu'elle le pressentît, je l'adoptai douze jours après, ou plutôt, je l'épousai de cœur et de ferme volonté”<sup>143</sup>. O pedido do casamento aconteceu em primeiro de dezembro, mas foram inúmeras as dificuldades que Athénaïs passou durante o mês de novembro em Paris, até a tomada de decisão do casamento. Diante de sua ida para essa cidade, permanecendo sozinha numa pensão simples onde os amigos Gronlier também viviam, e sem uma posição em uma instituição para trabalhar como educadora, sua mãe, Madame Mialaret, lhe escreveu pedindo seu retorno imediato a Montauban. Madame ainda pediu ajuda aos padres das instituições nas quais Athénaïs estudou, para que a pressionassem a voltar e fazer os votos como freira. Aqui é interessante relembrar que Athénaïs não tinha uma relação de proximidade com sua mãe, pois desde a infância a relação entre as duas foi relatada por ela em seu livro *Memóires d'une Enfant* como áspera e rígida. O registro mais frequente é o de que sua mãe muitas vezes a ignorava ou mesmo a tratava ocasionalmente com violência, diferente do modo como se relacionava com os irmãos, principalmente os mais velhos, nascidos na América.

Athénaïs é firme em sua decisão de não retornar a Montauban, mas pede conselhos a Jules Michelet, que já estava naquele momento encantado e seduzido: “Vous voulez bien m'appeler votre enfant, me dire que je compterai désormais dans votre destinée. Disposez donc de moi, comme d'une seconde fille. Je vous servirai d'un cœur que les épreuves ont rendu plus capable de dévouement”<sup>144</sup>. Athénaïs escreveu, no livro *Lettres Inédites*, que naquele momento

---

<sup>142</sup> MICHELET, *Lettres Inédites*, *op. cit.*, p. 35. Carta de Athénaïs à Michelet, dia 29 de setembro de 1848. “Você acha, senhor, que posso encontrar uma instituição onde, tornando-me útil, teria permissão para fazer cursos fora? Tenho meu diploma e leciono há três anos” (tradução nossa).

<sup>143</sup> *Ibidem*, p. 10. “Nunca o casamento foi mais rápido e mais sólido. Vi-a pela primeira vez no dia 8 de novembro e, sem que ela soubesse, doze dias depois adotei-a, ou melhor, casei-me com ela de coração e alma e firme vontade” (tradução nossa).

<sup>144</sup> *Ibidem*, p. 76. Carta de Athénaïs à Michelet, dia 20 de novembro de 1848. “Você gostaria de me chamar de sua filha, me diga que de agora em diante contarei no seu destino. Então me tenha como segunda filha. Servirei você com um coração que as provações tornaram mais capaz de devoção” (tradução nossa).

ela “ne pensais point au mariage, mais seulement à ce que je pourrais faire pour lui, mes habitudes de travail, se rapprochant des siennes. Étant indépendante, quel bonheur plus grand que d’être son aide, sa fille par le cœur et l’esprit!”<sup>145</sup> (grifo nosso).

A palavra *indépendante* (independente) é muitas vezes trazida em seus textos, os mais diversos, e mesmo escritos ao final de sua vida, como *Lettres Inédites*, demonstram que ela tinha o sonho de poder trabalhar como educadora. Mas, naquelas circunstâncias, Athénaïs aceitou o casamento, pois durante o século XIX, para Adeline Daumard, “jusqu’en 1914, et bien au-delà, le mariage, et lui seul, assurait à la femme une position dans le monde”<sup>146</sup>. Ou seja, para ter uma posição melhor na sociedade, aceita a união com o professor já renomado e o qual já admirava, abdicando de sua almejada independência. Uma decisão que provavelmente tomou para escapar dos embaraços e das duras críticas da sua família e da sua mãe, como perante da Igreja, a qual ela tinha ainda muita afeição, para se esquivar de uma vida religiosa austera, ou ainda de uma vida celibatária como preceptora morando na casa de patrões.

Este confinamento que as preceptoras se sujeitavam, para Cécile Dauphin, evidenciava uma “contradição entre os valores atribuídos à sua educação de *gentlewoman* e as funções que se vê obrigada a exercer”, e implicava um “controle dos corpos e a negação da identidade”<sup>147</sup>, a que muito provavelmente Athénaïs também não quis se sujeitar. Apesar de sua amizade com a princesa Cantacuzène e seus filhos, que perdurou por toda a sua vida, Athénaïs experienciou o controle da princesa, principalmente de suas relações de amizade com outros empregados.

Diferente de 1848, o qual Michelet escreveu pouco em seu diário, e durante os meses de outubro a dezembro, em que o historiador não fez nenhuma anotação, no início de 1849 seu diário foi tomado por Athénaïs e as inúmeras declarações de amor escritas: “[...] ô cher tyran de ma pensée. [...] Tu es maintenant ma nature et en toi je vis”<sup>148</sup>. Dezenas de cartas foram trocadas entre os dois, que somam o número de 45 cartas escritas de Michelet para Athénaïs. Ainda há o curso sobre o Amor e a Educação no *Collège de France*, o qual lhe dedicou.

O casamento entre Jules Michelet e Athénaïs, apesar de ter em si muitos argumentos racionais para a união, desde a necessidade de uma posição e de identidade de uma jovem na sociedade, e dos argumentos do historiador de necessidade do homem da companhia de uma

<sup>145</sup> MICHELET, *Lettres Inédites*, *op. cit.*, p. 99. “não pensava em casamento, mas apenas no que eu poderia fazer por ele, sendo meus hábitos de trabalho semelhantes aos dele. Ser independente, que felicidade maior do que ser sua ajudante, sua filha no coração e na mente” (tradução nossa).

<sup>146</sup> DAUMARD, *op. cit.*, p. 34. “Até 1914, e muito depois, o casamento, e apenas o casamento, garantiu às mulheres uma posição no mundo” (tradução nossa).

<sup>147</sup> DAUPHIN, Cécile. *Mulheres Sós*. In: DUBY, Georges; PERROT, Michelet (Orgs.). **História das Mulheres no Ocidente**. Vol. 4: O Século XIX. Porto: Edições Afrontamento, 1994, p. 484.

<sup>148</sup> MICHELET, *Journal Tome II*, *op. cit.*, p. 19. Nota do dia 14 de fevereiro de 1849. “Oh querida tirana dos meus pensamentos. [...] Você agora é minha natureza e em você eu vivo” (tradução nossa).

mulher que fosse econômica, pode ser visto como um casamento de inclinação, por parte majoritariamente de Jules. Casamentos de inclinação serão mais numerosos apenas a partir do final do século XIX, com a tendência dos argumentos para a conclusão de bons casamentos conciliarem as convenções sociais e as inclinações pessoais<sup>149</sup>. Mas tais casamentos por inclinação não escapam das críticas familiares, pelo erro de permitirem que a paixão domine os destinos que a racionalidade parece governar melhor<sup>150</sup>. Alfred Dumesnil, genro do historiador, escreveu para que Athénaïs renunciasse ao casamento, que fizesse esse sacrifício para um “bem maior”, e argumentou que a filha do Jules, sua esposa Adèle, “a seulement les sentiments et les inquiétudes naturelles d’une fille qui aime son père et qui ne connaît point la personne qui remplace tant d’affection”<sup>151</sup>. Ao que tudo indica, portanto, um casamento tão inesperado enfrentou muita resistência por parte da filha de Michelet e principalmente de seu genro Alfred, uma animosidade que perdurou até a morte de Jules, e mesmo depois. Essas desavenças se refletiram nos processos judiciais em que Athénaïs lutou contra Alfred para transladar o corpo de Jules Michelet de Hyères, cidade onde o historiador morreu, para Paris, e nos processos pelos seus direitos à metade dos livros de história natural escritos em colaboração, ocasiões em que saiu vitoriosa.

Adeline Daumard questiona se um casamento de inclinação poderia ser um casamento de amor naquele período, pois o papel da atração física se reflete em certos testemunhos masculinos, e raramente é expresso entre as meninas, “peu préparées par leur éducation à imaginer cet aspect de leur avenir”<sup>152</sup>. Pelo que podemos ver do exemplo de Jules e de Athénaïs, ele mais experiente, deixando explícito seu desejo em suas cartas e em seu diário, enquanto ela mais reservada. Aqui um exemplo em que ele pede desculpas por uma carta anterior, não preservada por Athénaïs, “peu convenable, audacieuse” (inadequada, audaciosa) que Michelet escreveu, sobre detalhes médicos:

Je ne t'accuse pas, amie, ah tu avais droit de me faire bien d'autres reproches. Celui que tu as fait, oui, il était mérité. Le violent amour que j'ai de ton corps, tout comme de ton âme, me rend subtil, peut-être pénétrant parfois, mais enfin,

---

<sup>149</sup> DAUMARD, *op. cit.*, 38.

<sup>150</sup> GOUGELMANN, Stéphane; VERJUS, Anne. Introduction. In: \_\_\_. (Dir.). **Écrire le mariage en France au XIX<sup>e</sup> siècle**. Saint-Étienne: Publications de l’Université de Saint-Étienne, 2016, p. 10.

<sup>151</sup> MICHELET, Jules. **Correspondance Générale Tome VI** (1849-1851). Org. Louis Le Guillou. Paris: Librairie Honoré Champion, 1997, p. 133. Carta 4831bis, de Alfred Dumesnil à Athénaïs Mialaret, do dia 13 de janeiro de 1849. “Tem apenas os sentimentos e preocupações naturais de uma filha que ama o pai e que não conhece a pessoa que substitui tanto carinho” (tradução nossa).

<sup>152</sup> DAUMARD, *op. cit.*, p. 40. “Pouco preparadas pela sua educação para imaginar este aspecto do seu futuro” (tradução nossa).

je l'avoue, avide du charmant mystère de ta vie, et plus que je n'ai droit de le laisser paraître, au début si récent de cette affection<sup>153</sup>.

Athénaïs passou por diversos constrangimentos durante os meses que antecederam o casamento, pois acreditava que sua saúde frágil pudesse vir a ser um impedimento. Atento a isso, Michelet se correspondeu com o médico que a atendeu em Viena, o Doutor Bischoff<sup>154</sup>, e a fez consultar com seu médico de Paris, Doutor Louis-Léon Rostan (1796-1866), para entender a extensão dos problemas de saúde da futura esposa. Athénaïs sofreu com infecções genitais e urinárias severas enquanto esteve em Viena, uma constipação crônica. Mas os médicos, em acordo, acreditavam que ela iria se curar através do casamento, o que era comum para aquele período, pois no discurso médico da segunda metade do século XIX havia a ideia de uma transformação radical física e psicológica da mulher após o casamento, que só poderia ser realizado pela intervenção masculina<sup>155</sup>. Esse problema fisiológico de Athénaïs, aliado a várias outras questões no início da vida conjugal, fez com que o casamento fosse “consumado” apenas nove meses depois<sup>156</sup>.

O casamento aconteceu dia 12 de março de 1849, numa cerimônia civil, com os amigos de Jules como testemunhas: os poetas Pierre Jean de Béranger (1780-1857) e Adam Mickiewicz (1798-1855) como testemunhas de Athénaïs, e o historiador Edgar Quinet, e o filósofo e amigo de juventude Hector Poret (1798-1864) como testemunhas de Jules. Toda a família de Athénaïs compareceu ao casamento, enquanto a filha de Jules não participou da cerimônia, e Alfred, seu genro, compareceu apenas para cumprir normas sociais<sup>157</sup>. Athénaïs consentiu em não haver casamento religioso, aceitando em partes naquele momento o anticlericalismo de Michelet, e assim sacrificando uma parcela muito importante de sua vida.

O contrato de casamento também lhe foi muito hostil, pois aceitou um acordo que era comum para casamentos em que a mulher teria o dote, sem comunhão de bens. No artigo quinto do contrato, ela apenas teria o direito “du tiers en usufruit de tous les biens meubles et immeubles qui se trouveront lui appartenir lors dudit décès, et composerand sa succession”,

---

<sup>153</sup> MICHELET. *Lettres Inédites*, *op. cit.*, p. 154. Carta de Michelet à Athénaïs, 3 de janeiro de 1849. “Eu não te culpo, amiga, ah você tinha o direito de me fazer muitas outras censuras. O que você fez, sim, foi merecido. O amor violento que tenho pelo teu corpo, assim como pela tua alma, me faz sutil, talvez penetrante às vezes, mas finalmente, confesso, ávido pelo mistério encantador da sua vida, e mais do que tenho o direito de deixar transparecer, no início muito recente desta afeição” (tradução nossa).

<sup>154</sup> Provavelmente se trata de Ignaz Rudolf Bischoff (1784-1850), médico formado em Viena no ano de 1808, e a partir de 1847 se tornou médico do Exército Austríaco, e que liderou um hospital em Viena durante a Revolução de 1848, período em que Athénaïs era preceptora. Informações em nota escrita por Viallaneix, In: MICHELET, *Journal Tome II*, *op. cit.*, p. 649. Nota 1 do editor, do dia 6 de janeiro de 1849.

<sup>155</sup> MORTAS, *op. cit.*, n.p. (seção do Ebook: Chapitre III; Et l’homme créa la femme).

<sup>156</sup> *Ibidem*, n.p. (seção do Ebook: Chapitre IX; Athénaïs et Michelet: l’impossible défloration).

<sup>157</sup> DELAMOTTE, *op. cit.*, p. 147.

além de que “ses héretiers de Monsieur Michelet auront cependant le droit de conserver par préférence à la veuve [Pauline, primeira esposa] la jouissance exclusive de la propriété littéraire de tous les ouvrages de Monsieur Michelet”<sup>158</sup>. Não havia no contrato cláusula sobre a possibilidade de Athénaïs também deixar um filho de Jules, e ela viveria de uma pensão que os herdeiros lhe pagariam. Assim, Athénaïs escreve, em seu texto de defesa de suas obras de colaboração com Jules, que “par une rédaction habile [...] il ménage tout au profit des héritiers. C’est un acte d’injustice légale”<sup>159</sup>.

Apesar das dificuldades do início do casamento, o casal construiu uma relação muito próxima tanto no carinho e respeito, como nas trocas intelectuais. Para Michelet, era muito importante que Athénaïs fosse uma mulher que o ajudasse em suas tarefas árduas como historiador, fazendo com que ele não estivesse mais sozinho nessa caminhada. Escreve aos amigos a lógica do casamento, apresentando Athénaïs como aquela que iria o ajudar como o genro Alfred já havia feito antes, mas este casado com sua filha Adèle e com sua vida toda à frente para alçar voo<sup>160</sup>, Michelet precisava desse rejuvenescimento, dessa renovação que encontrou em Athénaïs. Escreve para seu amigo Isidore Geoffroy Saint-Hilaire: “J’épouse une personne éminent par l’esprit, la seule jusqu’ici qui ait pu m’aider sérieusement dans mes travaux (après mon gendre bien entendu)”<sup>161</sup>, e ao amigo jornalista e romancista bretão Émile Souvestre (1806-1854): “J’ai épousé la seule personne qui pût m’aider dans les travaux les plus difficiles”<sup>162</sup>.

Para Adeline Daumard, muitos casamentos no século XIX permitem demonstrar que não foram incompatíveis com o amor, que muitos casamentos de convenção, sendo uma maioria para a sociedade burguesa, foram também casamentos por inclinação. Para a autora:

Loin de mener une vie séparée, la plupart des époux, dans tous les milieux e sauf exceptions individuelles, apparaissaient comme unis par des préoccupations communes; ils étaient conscientes de la nécessité de s’épauler dans la conduite de leur vie privée et familiale, professionnelle et publique.

---

<sup>158</sup> *Contrat de Mariage entre Monsieur Michelet Jules et Mademoiselle Mialaret Athénaïs*, 10 mars 1849. Arquivo MS 4855 – *Fragments divers de M<sup>me</sup> Michelet*, depositado na *Bibliothèque de l’Institut de France*. “Do terço em usufruto de todos os bens móveis e imóveis que lhe pertencam no momento do referido falecimento, e componham o seu patrimônio”, “o direito de reter preferencialmente à viúva [Pauline, primeira esposa de Michelet] o gozo exclusivo da propriedade literária de todas as obras do Sr. Michelet” (tradução nossa).

<sup>159</sup> MICHELET, *Ma collaboration a L’Oiseau, L’Insecte, La Mer et La Montagne*, *op. cit.*, p. 4. “Através de uma escrita hábil [...] ele administra tudo em benefício dos herdeiros. Este é um ato de injustiça legal” (tradução nossa).

<sup>160</sup> MICHELET, *Lettres Inédites*, *op. cit.*, p. 104.

<sup>161</sup> MICHELET, *Correspondance Générale Tome VI*, *op. cit.*, p. 142. Carta 4843 de Michelet à Isidore Geoffroy Saint-Hilaire, março de 1849. “Vou me casar com uma pessoa de espírito eminente, o único até agora que conseguiu me ajudar seriamente no meu trabalho (depois do meu genro, é claro)” (tradução nossa).

<sup>162</sup> *Ibidem*, p. 140, carta 4848bis de Michelet à Émile Souvestre, março de 1849. “Casei-me com a única pessoa que poderia me ajudar nos trabalhos mais difíceis” (tradução nossa).

L'épouse était la première collaboratrice, le premier appui de son mari, le mari était pour sa femme à la fois un guide, un protecteur et l'agent grâce auquel elle pouvait donner un sens à sa vie<sup>163</sup>.

Até agora percebe-se como a relação do casal Michelet se desenrolou principalmente na visão de Jules em seu diário, ou pelas cartas trocadas que estão publicadas na obra que Athénaïs organizou ao final de sua vida, *Lettres Inédites*, um texto escrito a quatro mãos, pois o historiador já o havia rascunhado antes de morrer. O pequeno diário que Athénaïs escreveu durante o início de seu casamento, e que foi preservado, mas de forma precária, pode ajudar a complexificar o olhar para essa união, principalmente pela visão feminina, a partir de suas emoções e mesmo contradições, pois tanto quanto as cartas, o diário escrito por mulheres naquele período, apesar de íntimo, não era de fato tão secreto, sendo a autocensura um componente presente na escrita.

#### **1.4 Diário de Athénaïs: reflexões e contradições de uma educação religiosa e o anticlericalismo de Michelet**

Durante os primeiros anos de casamento entre Jules e Athénaïs, o historiador que desde jovem escrevia seu próprio diário, incentivou essa atividade para sua jovem esposa. Entre os anos 1849 e 1850, Athénaïs redigiu muitas folhas com apontamentos pessoais, aproximadamente cinquenta e cinco, que estão arquivadas na *Bibliothèque de l'Institut de France* (BIF). Não se sabe ao certo se Athénaïs apenas escreveu esse pequeno número de folhas, pois alguns manuscritos podem ter sido perdidos ou destruídos, e mesmo se escreveu um diário apenas durante esse período de dois anos, ou se o fez também em outros períodos de sua vida.

Philippe Lejeune aponta que os diários mal existiam antes da década de 1830, e que era uma atividade predominantemente feminina. Garotas pertencentes à nobreza e à burguesia eram incentivadas a manter um diário, com um propósito educativo, para treinarem seu estilo literário e ao mesmo tempo apresentava uma função de exame de consciência, ou seja, “era aconselhado

---

<sup>163</sup> DAUMARD, *op. cit.*, p. 43. “Longe de levar uma vida separada, a maioria dos cônjuges, em todos os ambientes e com exceções individuais, pareciam estar unidos por preocupações comuns; estavam conscientes da necessidade de se apoiarem mutuamente na condução da sua vida privada e familiar, profissional e pública. A esposa foi a primeira colaboradora, o primeiro apoio do marido, o marido foi para a esposa ao mesmo tempo um guia, um protetor e o agente, graças ao qual ela pôde dar sentido à sua vida” (tradução nossa).

apenas quando ele estava sob controle”<sup>164</sup>. Como as mulheres tinham uma educação religiosa, o diário era visto com reservas, e nos internatos era proibido, o que muito provavelmente foi uma das razões para Athénaïs não ter praticado esta atividade antes. Michelet poderia ser considerado como uma exceção naquele período a partir dos apontamentos de Lejeune, pois iniciou seu diário no início da década de 1820.

O diário de Athénaïs foi poucas vezes utilizado como fonte, sendo a primeira vez em um artigo de Gabriel Monod<sup>165</sup>, publicado depois como um dos capítulos da biografia de Michelet de 1905 (*Jules Michelet, Études sur sa vie et ses œuvres*, já mencionados), o qual transcreveu trechos dos diários de Jules e de Athénaïs, sobre o período do nascimento e da perda do único filho do casal: Yves-Jean-Lazare. A segunda vez que o diário de Athénaïs foi mencionado é em sua única biografia, da autora Isabelle Delamotte, doutora em literatura francesa<sup>166</sup>. Como a biografia de Athénaïs é uma obra romanceada, não há citações de referências e datas no texto, apenas algumas passagens em itálico retiradas corretamente de diários e cartas do casal. Todavia a construção de sua narrativa é forte, embasada em vasta literatura disponível, sendo importante por traçar uma linha do tempo da vida de Athénaïs, e mesmo a cadência de algumas de suas emoções, a partir da percepção da biógrafa.

Na primeira entrada do diário de Athénaïs, dia 7 de abril de 1849, após as visitas de núpcias aos amigos, descobrimos que o comportamento ciumento do marido a deixava entristecida, somado ao isolamento em que os dois estavam vivendo, numa região perto do campo, na região de *Ternes*, na *Rue de Villiers* (figura 4, nº. 12, capítulo 2), afastado do centro de Paris:

Cette jalousie qu’il manifeste après quelques jours de mariage et à laquelle je n’ai point voulu donner sujet me laisse bien des craintes pour l’avenir. Que faut-il que je fasse pour tranquilliser son âme? J’ai demandé la solitude la plus complète et j’y vivrai tant qu’il le voudra parce que ma détermination à cet égard a été réfléchie, et que je me suis senti la force de n’exister toujours que pour lui et nos études. Que Dieu recompense la pureté de mes intentions et de mes sentiments en nous donnant à tous le deux la paix<sup>167</sup>.

<sup>164</sup> LEJEUNE, Philippe. Diários de garotas francesas no século XIX: constituição e transgressão de um gênero literário. *Cadernos Pagu*, Gênero, narrativas, memórias, v. 8-9, p. 99-114, 1997. Disponível em: <https://ieg.ufsc.br/storage/articles/October2020/31102009-093637lejeune.pdf>.

<sup>165</sup> MONOD, Gabriel. Yves-Jean-Lazare Michelet. *Fragments d’un Journal Intime 1849-1850. La Grande Revue*, Vol. 11, 01 nov. de 1899, p. 254-278.

<sup>166</sup> DELAMOTTE, *op. cit.*, p. 158-186. Consistindo em três capítulos, *Remue-ménage* (Agitação Doméstica), *Un ange passa* (Um anjo viveu), e *L’enfant au tombeau* (A criança no túmulo).

<sup>167</sup> *Journal*, 1849-1850, arquivo MS 4855 – *Fragments divers de M<sup>me</sup> Michelet*, depositado na BIF. Nota do dia 8 de abril de 1849. “Esse ciúme que ele demonstra depois de alguns dias de casamento e ao qual eu não quis dar causa me deixa com muitos medos para o futuro. O que devo fazer para tranquilizar sua alma? Pedi a mais completa solidão e viverei lá o tempo que ele quiser porque minha determinação nesse sentido se refletiu e senti a força de

Michelet, no mesmo dia, ciente da situação, escreveu em seu diário: “Nos visites de noces [...] J’étais triste et un peu aigre. Je querellai ma mie, sans trop de raison. Mon imagination travaillait fort...”<sup>168</sup>. Michelet estava trabalhando muito, escrevendo capítulos de sua monumental *História da Revolução Francesa*, e esboçando aquele que seria um livro sobre a educação, com o qual havia sonhado tanto no ano anterior, bem como lidando com as dificuldades de uma consumação plena de seu casamento. Athénaïs sofria com dores intensas em cada investida de seu marido, além de que sua saúde ainda era frágil naquele momento, consequências da doença crônica que teve início em Viena. Michelet, em busca de ajudar a esposa e a si mesmo, aconselhado pelos Doutores Bischoff e Rostan, fez Athénaïs iniciar um tratamento com banhos de ervas para ajudar nas inflamações. Situação também de início constrangedora para Athénaïs, pois Michelet a observava sempre atentamente: “Troisième bain. Peu d’effet, à juger par mon observation très attentive”<sup>169</sup>.

A frustração de Michelet, que recheia seus diários, como na passagem: “j’étais plein de mélancolie [...] L’obstacle de sa santé m’est d’autant plus douloureux”<sup>170</sup>, e o controle da saúde de sua esposa perduraram por algum tempo até a defloração de fato acontecer nove meses depois do casamento, mesmo com inúmeros momentos de intimidade entre os dois durante todo o período. Para Pauline Mortas, Michelet representou em seu diário, através dos relatos de sua intimidade, uma visão de que a mulher é propriedade de seu marido, entretanto evidenciou o fato de que ele não considerava a questão do defloramento uma questão individual, mas do casal, a ponto de levar a sério o acompanhamento médico da condição física da esposa e fazer ele próprio observações aprofundadas sobre a anatomia de Athénaïs<sup>171</sup>. Até praticamente o final de seus dias, Michelet observava assiduamente a *toilette* de sua mulher e anotava em seu diário, sobre a sua saúde, seus ciclos femininos e suas intimidades: “les règles retardées, le sexe ajourné par le cerveau”<sup>172</sup>. As anotações de Jules sempre foram motivo de preocupação para Athénaïs, e uma década após o casamento ele escreveu: “Elle a eu la discrétion de ne lire jamais mon journal pour me laisser liberté plus complete de parler d’elle comme je voudrais. Ce matin,

---

existir sempre só para ele e nossos estudos. Que Deus recompense a pureza das minhas intenções e dos meus sentimentos, dando-nos paz” (tradução nossa).

<sup>168</sup> MICHELET. *Journal Tome II*, *op. cit.*, p. 40. Nota do dia 7 de abril de 1849. “Nossas visitas de núpcias [...] fiquei triste e um pouco amargo. Briguei com minha querida, sem muitos motivos. Minha imaginação estava trabalhando duro...” (tradução nossa).

<sup>169</sup> *Ibidem*, p. 41. Nota do dia 16 de abril de 1849. “Terceiro banho. Pouco efeito, a julgar pela minha observação muito cuidadosa” (tradução nossa).

<sup>170</sup> *Ibidem*, p. 42. Nota do dia 17 de abril. “Eu estava cheio de melancolia [...] O obstáculo de sua saúde é ainda mais doloroso para mim” (tradução nossa).

<sup>171</sup> MORTAS, *op. cit.*, n.p. (seção do Ebook: Chapitre IX; Athénaïs et Michelet: l’impossible défloration).

<sup>172</sup> MICHELET, Jules. *Journal Tome IV. (1868-1874)*. Org. Claude Digeon. Paris: Gallimard, 1976, p. 201. Nota do dia 24 de janeiro de 1870. “menstruação atrasada, sexo adiado pelo cérebro” (tradução nossa).

cependant, elle craignait que je ne parlasse trop du ventre, etc., qu'un jour le public ne sût trop tout cela"<sup>173</sup>.

A defloração para Michelet foi um dos pontos importantes em seu livro *A Mulher*, e mesmo no livro *O Amor*. Para Thèrese Moreau, o homem na condição de marido, para Michelet, é digno de romper os mistérios do ciclo feminino, harmonizando a alma e o corpo, em que é “interessé a ce point au détail de sa vie physique, tu dois, par un progrès doux, incessant e patient, l’envelopper entièrement, peu à peu t’emparer de tout”<sup>174</sup>. No livro *A Mulher*, Michelet, ao tratar do casamento, muito baseado em suas próprias experiências com Athénaïs, escreve como uma carta às mães e mesmo aos jovens, indicando que “as núpcias não são em absoluto uma consumação, ou um fim, é na verdade o começo de uma longa iniciação que deve durar tanto quanto a vida”<sup>175</sup>, porque o autor assim entende o casamento:

Trata-se dela e de vosso futuro. Quando a saúde, a vida desse querido objeto está em jogo, não serás tu que reprovarás um excesso de ponderação e de ternas precauções. Acaso não é um obstáculo que faz pensar, ver em toda a nossa volta a mulher, jovem e encantadora, atingida no próprio amor, condenada às recusas, às fugas involuntárias, ou (contraste odioso) propiciando o prazer em meio ao pranto? Situação desoladora, que muito cedo ensombre o casamento<sup>176</sup>.

Michelet ainda continua seus argumentos, em que os preceitos dos juristas seriam de que o “casamento é consentimento”, assim, “cumpriria ser paciente, magnânimo e querer... não contra si mesmo, mas pelos dois... querer que também ela fosse feliz, consultá-la, obedecer-lhe e desejar este doce triunfo que a dor não importune”<sup>177</sup>.

O diário de Jules se mistura com a vida de Athénaïs, e pode-se pensar que essa escrita íntima se revelaria também como um complemento ao diário de Athénaïs. Contudo, não como Viallaneix havia apontado, como um descentramento, mas como o próprio Michelet anotava, uma vida harmoniosa em união, uma sociedade: “J’aurais voulu, [...] partager avec elle l’impression de ce spectacle grandiose [...] me pénétrer avec elle de cette renaissance de la

---

<sup>173</sup> MICHELET, Jules. **Journal Tome III. (1861-1867)**. Org. Claude Digeon. Paris: Gallimard, 1976, p. 348. Nota do dia 30 de setembro de 1865. “Ela teve a discrição de nunca ler meu diário, de me dar total liberdade para falar sobre ela como eu quisesse. Esta manhã, porém, ela estava com medo de que eu falasse muito sobre o ventre, etc., que um dia o público soubesse muito bem de tudo isso” (tradução nossa).

<sup>174</sup> MICHELET, Jules. **L’Amour**. Paris: Calmann-Lévy, s.d., p. 160, *apud*: MOREAU, Thèrese. **Le Sang de l’Histoire**. Michelet, l’histoire dt l’idée de la femme au XIX<sup>e</sup> siècle. Paris: Flammarion, 1982, p. 113. “Interessado neste momento nos detalhes de sua vida física, você deve, através de um progresso suave, incessante e paciente, envolvê-la inteiramente, pouco a pouco tomar posse de tudo” (tradução nossa).

<sup>175</sup> MICHELET. *A Mulher*, *op. cit.*, Sumário, livro segundo, título seção VI.

<sup>176</sup> *Ibidem*, p. 197.

<sup>177</sup> *Ibidem*, p. 201.

nature. Jamais mon cœur n'eut plus besoin d'une société complète, d'un mélange absolu du cœur avec celle qui est moi-même"<sup>178</sup>.

Desde o início de sua escrita íntima, Athénaïs não escreve como se fizesse um diário secreto, mas muitas vezes como se redigisse cartas a seu marido. Athénaïs era muito jovem, e o início de um casamento com uma pessoa mais velha e experiente, principalmente na arte da comunicação, pode ter sido um subterfúgio para ela poder se expressar melhor para o marido. Ou mesmo Jules, como apontou Lejeune, indicou a escrita para a esposa como uma atividade educativa, acompanhando seu processo, o que também demonstra certo controle sobre Athénaïs. Assim Jules escreveu: "elle me lit son journal du 10, qui me touche aux larmes"<sup>179</sup>, apontando que foi possivelmente uma escolha dela ler seu diário e mesmo suas cartas à família: "avec sa grâce de femme, sans me parler, mais en me lisant sa lettre à sa sœur, sur son bonheur et sa tendre admiration pour moi"<sup>180</sup>.

Em 29 setembro de 1849 ela escreveu uma carta-diário a Jules, *Pour mon mari* (Para meu marido), sobre suas dúvidas e melancolias, suas horas emotivas e cheias de lágrimas: "Je me suis levée ce matin le cœur comblé de tristesse", e ao final ela conclui: "Mais pour arriver à cette foi simple et forte qui me rendra la vie et le repos, cher ami, il faut que tu me tendes la main et que nous marchions ensemble. Avec toi, je ne craindrai plus"<sup>181</sup>. Michelet em seu diário do dia primeiro de outubro de 1849, escreveu: "Ma chère petite [...] m'avait écrit une petite lettre que je garde comme un trésor"<sup>182</sup>.

Para Brigitte Diaz, as cartas e os diários apresentam muitas comunicações entre si, apesar de divergências aparentes, mas possuindo uma mesma propensão à auto reflexividade de quem escreve<sup>183</sup>. As duas formas são escritas do dia a dia, datadas, marcadas pelo tempo que estrutura a escrita, "um momento biográfico para guardá-lo na memória"<sup>184</sup>. O diário é marcado pelo

<sup>178</sup> MICHELET, Journal Tome II, *op. cit.*, p. 41. Nota do dia 8 de abril de 1849. "Eu teria desejado [...] compartilhar com ela a impressão deste grandioso espetáculo [...] para penetrar com ela este renascimento da natureza. Nunca meu coração precisou tanto de uma sociedade completa, de uma mistura absoluta do coração com aquela que sou eu mesmo" (tradução nossa).

<sup>179</sup> *Ibidem*, p. 41. Nota do dia 13 de abril de 1849. "Ela me lê seu diário do dia 10, o que me faz chorar" (tradução nossa).

<sup>180</sup> *Ibidem*, p. 46. Nota do dia 28 de abril de 1849. "Com a graça de uma mulher, sem falar comigo, mas lendo-me a sua carta à irmã, sobre a sua felicidade e a sua terna admiração por mim" (tradução nossa).

<sup>181</sup> *Journal* 1849-1850, arquivo MS 4855 – *Fragments divers de M<sup>me</sup> Michelet*, depositado na BIF. Nota do dia 29 de setembro de 1849. "Acordei esta manhã com o coração cheio de tristeza"; "Mas para chegar a esta fé simples e forte que restaurará minha vida e descanso, querido amigo, você deve me estender sua mão e que caminhemos juntos. Com você não terei mais medo" (tradução nossa).

<sup>182</sup> MICHELET, Journal Tome II, *op. cit.*, p. 70. Nota do dia 1 de outubro de 1849. "Minha querida, me escreveu uma pequena carta que guardo como um tesouro" (tradução nossa).

<sup>183</sup> DIAZ, Brigitte. Carta e diário no século XIX: influências e confluências. **Letras de Hoje**, v. 49, n. 2, abr-jun. 2014, p. 233.

<sup>184</sup> *Ibidem*, p. 235.

tempo passado, e as cartas pelo tempo vindouro. Para a autora, o diário é como um “memorial, um relicário de si a ser conservado para ser exumado posteriormente”<sup>185</sup>, o que Jules faz inúmeras vezes com seu diário: retorna às suas próprias anotações e mesmo retorna ao diário de Athénaïs, todo lido e marcado por Jules, reescrevendo as datas e temas do assunto das anotações, sublinhando palavras e frases que parecem importantes ao historiador e mesmo corrigindo frases, como podemos perceber na Figura 2, na página a seguir.

Brigite Diaz aponta sobre as formas que atravessam essa escrita do íntimo, exemplificando que muitos inserem cartas de seus próximos no diário, assim como Michelet restituiu cartas de seu amigo Poincot<sup>186</sup>. Isso é importante pontuar, pois muitas cartas que Jules escreveu para Athénaïs, no período antes do casamento, estão também incluídas em seu diário, ou mesmo foram escritas em homenagem e mostradas a ela. Essas cartas trocadas entre os dois foram publicadas no livro *Lettres Inédites*, editado por Gabriel Monod, mas Viallaneix, na publicação dos diários completos de Michelet, o *Journal*, criticou as edições feitas em algumas cartas<sup>187</sup>, algumas que não apareceram na publicação, e outras que são compostas do diário de Michelet<sup>188</sup>. Da mesma forma como no livro *Lettres Inédites* não há todo o conjunto de cartas de Michelet, no *Journal* Viallaneix omite as cartas de Athénaïs, trazendo apenas passagens em notas de rodapé. Em *Lettres Inédites* algumas cartas de Michelet que foram retiradas de seu diário por Athénaïs foram indicadas em nota. Como exemplo a carta de 21 de janeiro de 1849, em que consta a nota: “ces pages sont sous forme de lettre dans les préludes du Cours”<sup>189</sup>, curso de Michelet no *Collège de France*, sobre o amor e a educação, o qual Michelet dedicou a Athénaïs, e escreveu a ideia das aulas no diário.

---

<sup>185</sup> DIAZ, *op. cit.*, p. 236.

<sup>186</sup> *Ibidem*, p. 234.

<sup>187</sup> Ao verificar algumas cartas entre as duas obras, encontrou-se realmente edições, como supressões de algumas palavras, ou de passagens em que Jules fala de terceiros, como dos amigos Gronlier, e que talvez para a narrativa de amor contata por Athénaïs através das cartas, não era importante, e que de maneira nenhuma comprometeu a escrita de Michelet.

<sup>188</sup> MICHELET, *Journal* Tome II, *op. cit.*, p. 601, seção *Lettres d'Amour*.

<sup>189</sup> MICHELET, *Lettres Inédites*, *op. cit.*, p. 183. Nota 1 da carta XLIV. “estas páginas estão em formato de carta nos prelúdios do Curso” (tradução nossa).

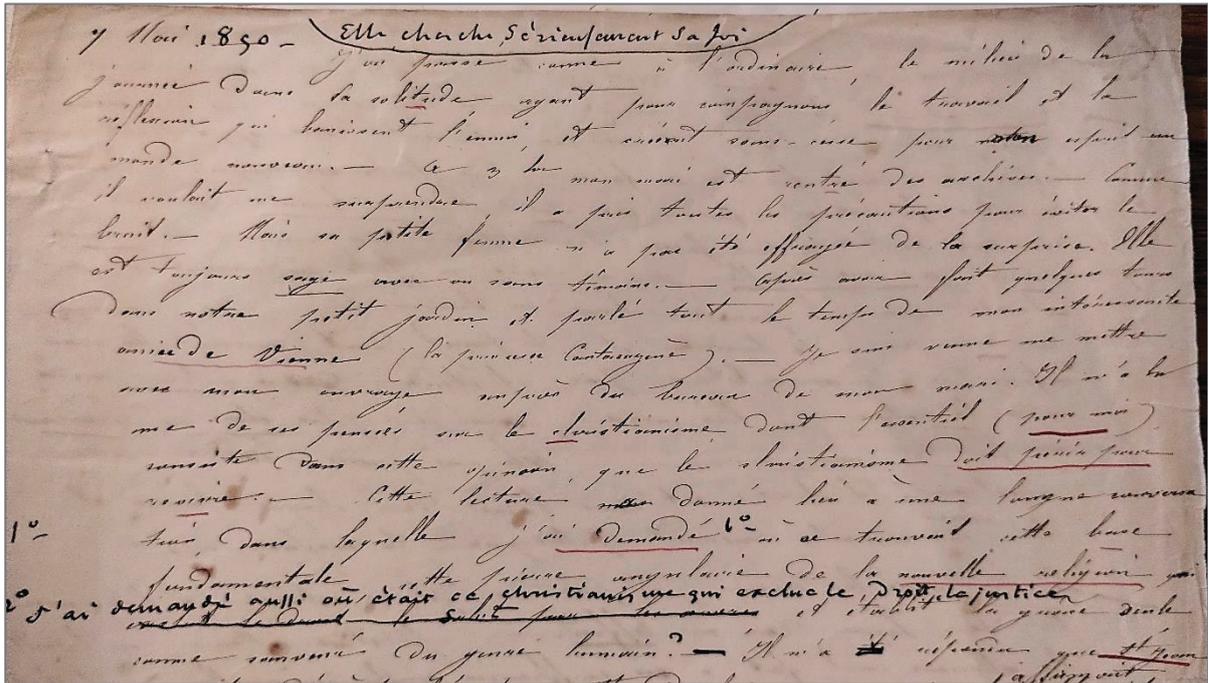


Figura 2: Imagem fotográfica da primeira parte de página do diário de Athénaïs do dia 7 de maio de 1859. *Journal*, 1849-1850, arquivo MS 4855 – *Fragments divers de M<sup>me</sup> Michelet*, depositado na BIF. As folhas do diário encontram-se soltas na pasta do arquivo, e sem ordem de datas. Nesta página podemos observar a escrita de Athénaïs, anotações de Jules no cabeçario da página e correções em uma das frases. Há também várias palavras sublinhadas em vermelho, provavelmente feitas pelo próprio Michelet, como constatado em outras páginas de anotações com a letra do historiador em vermelho.

A carta também pode identificar-se com o diário na função memorial e difere no sentido de sua escrita não ser segredo, mas, ao mesmo tempo, “passando pelo outro para chegar a si mesmo”<sup>190</sup>, como Athénaïs marcadamente o faz. Suas cartas a Jules são fruto de suas reflexões, de suas conversas e leituras noturnas, em que ela, assim como o marido, espera entre os dois um futuro harmonioso e menos melancólico. Diferente de que Corbin expressa, que “o diário é inimigo da vida conjugal!”<sup>191</sup>, os diários de Athénaïs, escritos como cartas abertas, muitas vezes a ajudaram a superar as adversidades no início de seu casamento.

Em muitos momentos das discussões iniciais do casamento, dos ajustes diários da convivência e das frustrações que se seguem, Athénaïs utilizou da escrita para mostrar a Jules todo o seu amor e lealdade, procurando o perdão de Jules, compreendendo que muitas vezes a secura de seu marido não era apenas pelas palavras ditas. Assim, ela escreve: “c’était trop me punir de ma faute involontaire”<sup>192</sup>. A intimidade em seu diário era muito mais sutil que na escrita de Michelet, e poucas vezes aparece, confirmando uma autocensura: “Nous besoin l’un

<sup>190</sup> DIAZ, *op. cit.*, p. 238.

<sup>191</sup> CORBIN, Alain. Bastidores. In: PERROT, Michele. **História da Vida Privada**, da Revolução Francesa à Primeira Guerra. Vol. 4. São Paulo: Companhia das Letras, 1992, p. 459.

<sup>192</sup> *Journal* 1849-1850, arquivo MS 4855 – *Fragments divers de M<sup>me</sup> Michelet*, depositado na BIF. Nota do dia 11 de abril de 1849. “Foi demais me punir por minha culpa involuntária” (tradução nossa).

de l'autre, de ce tête-à-tête où nous savons si bien nous dire les douces choses du cœur. Cependant, après une matinée des plus intime, je l'ai trouvé triste"<sup>193</sup>. Um dia após essa anotação, Jules escreve: “Mon indisposition me vaut un tête-à-tête de trois jours avec elle dans le plus grand oubli du monde, dans un bonheur si grand qu'il ne peut même s'écrire"<sup>194</sup>. Evidenciando que os dois estiveram em sintonia na escrita de seus diários.

As conversas íntimas Athénaïs e Michelet, o *tête-à-tête*, nesse início do casamento, foram muitas vezes sobre religião e fé. Athénaïs foi criada sob forte influência católica e muitas vezes foi à missa durante o início do casamento, a contragosto de Michelet, que apesar de ser um homem de fé, era extremamente hostil ao catolicismo e ao cristianismo. Em uma pequena nota para Jules, do dia 25 de junho de 1849, Athénaïs demonstra que está dedicada aos estudos: “jusqu'a ¼ j'ai lu le Dante et j'ai prouvé à toi dont il faut que je suis digne"<sup>195</sup>, mas Jules escreve: “je lui dis aussi ce que je pensais des dogmes féroces que Dante a colorés d'une si terrible poésie"<sup>196</sup>. Athénaïs, em maio de 1850, no final de sua primeira gravidez, em seu diário revela suas questões em relação à religião, que desde o casamento com Jules, e a partir de suas leituras, como Rousseau, Voltaire e mesmo o livro *Le Prêtre et les Jésuites* (O Padre e os Jesuítas) de Michelet, “je cherchai à trouver dans mes lectures différentes une négation de l'enseignement religieux que l'on m'avait donné. Cet état pénible cependant pour mon cœur, dura quelques mois avec une force étonnante"<sup>197</sup>.

Yves-Jean-Lazare nasceu dia 2 julho, mas a saúde de Athénaïs e de seu filho era frágil, conforme ela deixou registrado dez dias após seu nascimento, havia a incerteza de que ele viveria. No dia 25 de julho, com suas inseguranças sobre a saúde do filho, suas flutuações em relação à religião se mostravam ainda fortes e escreveu uma oração:

Seigneur, ouvre mon cœur à la foi [...]. Jamais je n'ai ressenti comme aujourd'hui le vide que laisse en moi l'absence du sentiment religieux; jamais aussi je n'en fus plus troublée. [...] Cher petite âme de mons fils, toute-puissante

<sup>193</sup> *Journal* 1849-1850, arquivo MS 4855 – *Fragments divers de M<sup>me</sup> Michelet*, depositado na BIF. Nota do dia 14 de abril de 1849. “Precisamos um do outro, desse tempo a sós em que sabemos tão bem como contar um ao outro as coisas doces do coração. Porém, depois de uma manhã muito íntima, encontrei-o triste” (tradução nossa).

<sup>194</sup> MICHELET. *Journal* Tome II, *op. cit.*, p. 41. Nota do dia 15 de abril de 1849. “Minha indisposição me rendeu um tête-à-tête de três dias com ela no maior esquecimento do mundo, numa felicidade tão grande que nem pode ser escrita” (tradução nossa).

<sup>195</sup> *Journal* 1849-1850, arquivo MS 4855 – *Fragments divers de M<sup>me</sup> Michelet*, depositado na BIF. Nota do dia 25 de junho de 1849. “Até ¼ eu li Dante e te provei, como [necessário], que sou digna” (tradução nossa).

<sup>196</sup> MICHELET. *Journal* Tome II, *op. cit.*, p. 41. Nota do dia 25 de junho de 1849. “Contei-lhe também o que pensava dos dogmas ferozes que Dante coloriu com poesia tão terrível” (tradução nossa).

<sup>197</sup> *Journal* 1849-1850, arquivo MS 4855 – *Fragments divers de M<sup>me</sup> Michelet*, depositado na BIF. Nota do dia primeiro de maio de 1850. “Procurei encontrar nas minhas diferentes leituras uma negação do ensinamento religioso que me foi dado. Este estado doloroso, porém, para o meu coração, durou alguns meses com uma força surpreendente” (tradução nossa).

dans ta pureté, viens en aide à ta mère! Une vie nouvelle doit-commencer pour moi; il faut que je reprenne une foi forte et que nous en vivions tous deux<sup>198</sup>.

Para Michelet essas palavras o preocuparam e escreveu em seu diário que Athénaïs não via seu progresso espiritual como ele via: “Elle m’écrivait les choses les plus touchantes sur la langueur religieuse. [...] Elle ne mesure pas le progrès très réel qui s’est fait en elle depuis deux ans par voie d’infiltration, la multitude d’idées de sentiments qui ont éclos en elle”<sup>199</sup>. A saúde de Lazare piora, e o filho que levava o nome símbolo para Michelet de sua história e ressurreição, morreu dia 24 de agosto de 1850. Athénaïs escreveu apenas uma pequena página tocante de uma mulher com um coração amargurado “parce que mon espérance et ma foi ont été confondues”, e faz um último pedido, para que seu filho seja batizado e um apelo:

Dors en paix loins de ta mère, chere ange béni, pauvre petite fleur brisée dès sa naissance; tu devais me ravir tes doux parfums et emporter vers un monde meilleur la plus sainte portion de mon âme. Que le courage ne m’abandonne pas, puisqu’il faut que je vive pour aimer et aider ton père qui nous aime tant tous les deux<sup>200</sup>.

Michelet ficou desolado com a morte de seu filho e o pedido de que ele fosse batizado. Escreveu seis páginas sobre seus pensamentos anticlericais e suas razões e argumentos contra esse “dogme exécrable qui damnait l’innocent qui meurt sans baptême”<sup>201</sup>, entre outros do cristianismo: “le 24, double blessure. Ma femme manifeste le désir qu’il soit ondoyé. J’obéis à l’instant. [...] Pour moi, quelle que fût l’amertume d’un acte qui m’isolait de mon fils”<sup>202</sup>. Michelet irá expressar frustração quanto à religião católica da mesma forma quando seu filho mais velho do primeiro casamento, Charles, morre em 1862. Michelet desejou que o filho fosse

<sup>198</sup> *Journal* 1849-1850, arquivo MS 4855 – *Fragments divers de M<sup>me</sup> Michelet*, depositado na BIF. Nota do dia 25 de julho de 1850. “Senhor, abre o meu coração à fé [...] Nunca senti como hoje o vazio que me deixa a ausência do sentimento religioso; nunca fiquei mais perturbada. [...] Querida alma de meu filho, todo-poderosa na tua pureza, vem em auxílio da tua mãe! Uma nova vida deve começar para mim; é preciso que eu retome uma fé forte e que nós dois vivamos” (tradução nossa).

<sup>199</sup> MICHELET. *Journal* Tome II, *op. cit.*, p. 112. Nota do dia 26 de julho de 1850. “Ela me escreveu as coisas mais tocantes sobre a languidez religiosa. [...] Ela não mede o progresso muito real que foi feito nela nos últimos dois anos por meio da infiltração, a multidão de ideias e sentimentos que floresceram nela” (tradução nossa).

<sup>200</sup> *Journal* 1849-1850, arquivo MS 4855 – *Fragments divers de M<sup>me</sup> Michelet*, depositado na BIF. Nota do dia 24 de agosto de julho de 1850. “porque a minha esperança e a minha fé foram confundidas”; “Dorme em paz longe da tua mãe, meu anjo abençoado, pobre florzinha quebrada desde o nascimento; tu me roubarás os teus doces perfumes e levarás para um mundo melhor a mais sagrada parte da minha alma. Que a coragem não me abandone, pois preciso viver para amar e ajudar o teu pai que nos ama tanto” (tradução nossa).

<sup>201</sup> MICHELET. *Journal* Tome II, *op. cit.*, p. 119. Nota do dia 25 de agosto de 1850. “dogma execrável que condenou o inocente que morre sem batismo” (tradução nossa).

<sup>202</sup> *Ibidem*, p. 118-123. Nota do dia 25 de agosto de 1850. “dia 24, dupla ferida. Minha esposa expressa o desejo de que ele seja batizado. Eu obedeco imediatamente. [...] Para mim, qualquer que fosse a amargura de um ato que me isolava do meu filho” (tradução nossa).

enterrado pelos preceitos protestantes, mas não sabia que, ao final de sua vida, Charles muito doente, havia feito os sacramentos católicos. A situação foi complicada pelos constrangimentos com os pastores, que lhe escreveram: “Quant à vous qui défendez la liberté de conscience, cette sainte cause de l’humanité, vous ne demandez autre chose que l’assurance que votre fils a été libre. Il ne me reste aucun doute à cet égard”<sup>203</sup>.

Em outubro de 1850, Athénaïs escreveu anotações quase todos os dias, e foram as últimas linhas de seu diário. Um mês que para ela foi marcado com datas importantes, como o dia de seu nascimento em 1826; a morte do pai em 1841; seu testemunho da revolução de 1848 em Viena estando entre os canhões; e o mês em que havia concebido seu filho, outubro de 1849. Entre as páginas de seu diário, entre a sua melancolia ao se lembrar do filho, ela escreveu sobre suas leituras para encontrar um conforto espiritual. Encontra-o no livro de Quinet, *Du Génie des religions* (Do Gênio das Religiões, 1842)<sup>204</sup>, que a leva estudar sobre outras religiões, e passa a olhar a Igreja com olhos diferentes e fazer duras críticas aos Jesuítas e a seu controle da educação: “Lu au matin les journaux. Je restai très étonnée de l’inertie de la presse sur les questions les plus importantes de l’époque. Les Jésuites couvrent la France, et fondent de toutes parts des maisons d’éducation”<sup>205</sup>.

Suas contradições com seus sentimentos em relação à sua educação religiosa irão acompanhá-la por algum tempo ainda, mas sua lealdade a Michelet é mais forte, e seu sacrifício aos costumes católicos é mantido. Suas amizades no entorno daqueles que lutam por uma educação laica e de qualidade para mulheres cresce na década de 1850, principalmente de mulheres educadoras, e revisita seu passado escolar e voltado à religião em sua primeira obra, *Mémoires d’une Enfant*, temas que serão contemplados no capítulo a seguir.

---

<sup>203</sup> MICHELET, Jules. **Correspondance Générale Tome X (1862-1865)**, Louis le Guillou (Org.). Paris: Librairie Honoré Champion, 1999, p. 116-117. Carta 9102, do pastor Cuvier à Michelet, de 18 de abril de 1862. “Quanto a vós que defendeis a liberdade de consciência, esta santa causa da humanidade, não pedes nada mais do que a garantia de que o teu filho foi livre. Não tenho dúvidas sobre isso” (tradução nossa).

<sup>204</sup> QUINET, Edgar. *Du génie des religions*. Paris: Charpentier Éditeur, 1842.

<sup>205</sup> *Journal* 1849-1850, arquivo MS 4855 – *Fragments divers de M<sup>me</sup> Michelet*, depositado na BIF. Nota do dia 4 de outubro de 1850. “Li os jornais pela manhã. Fiquei muito admirada com a inércia da imprensa sobre as questões mais importantes da época. Os jesuítas cobrem a França, e fundam de todos os lados casas de educação” (tradução nossa).

## Capítulo 2. A Construção da Mulher Ideal: A Educação Feminina em Michelet e a influência na obra de Athénaïs

Através dos diários, bem como das correspondências, podemos perceber o engajamento amoroso e intelectual tanto de Michelet quanto de Athénaïs, mas também a dedicação na obra educacional e engajamento pedagógico do historiador, visando a educação feminina, numa concepção do que seria para ele uma mulher ideal. Deste modo, a partir de suas concepções sobre o gênero feminino, na posição de marido e “mentor”, Michelet incentiva e “molda” Athénaïs, influenciando também seus escritos.

Desde o início do relacionamento entre Athénaïs e Jules no final de 1847, a partir de trocas epistolares sem qualquer caractere romântico inicialmente, para aconselhamento moral da jovem devido a seu isolamento da família e dúvidas interiores ainda sobre sua carreira como educadora ou religiosa, Michelet utilizou seu status de professor e sua maior experiência, indicando assim leituras de livros. Essa relação intelectual entre os dois, que ficaram intensas após se conhecerem, e a união que tanto Michelet gostava de repetir, de corpo e de alma, se manteve durante muito tempo no convívio do casamento, que perdurou vinte e cinco anos. Inicialmente havia entre os dois uma relação que poderia ser considerada como entre um professor e uma pupila, até ela alçar voo com sua primeira obra publicada, *Mémoires d'une Enfant* (1867).

Athénaïs em sua primeira carta enviada a Jules Michelet, motivada pela leitura do livro do historiador *Le Pêtre*, relatou que começou a ler o livro a partir dos capítulos sobre os “trois grands directeurs du XVII<sup>e</sup> siècle”<sup>206</sup>, Saint François de Sales (1567-1622), Jacques-Bénigne Bossuet (1627-1704) e François de Salignac de La Mothe-Fénelon (1651-1715), já indicando suas preferências de leitura, pois, destes ela escreve que gostou mais do primeiro, pelo seu amor à natureza. Michelet então a aconselhou que é “par un redoublement d'études nobles et élevées que vous franchirez ce moment difficile”<sup>207</sup>, e continua: “Lisez (s'il se peut la plume à la main) la Bible, l'Évangile, les vies de Plutarque”<sup>208</sup>, Dante, Shakespeare, Cervantes, etc. Ces livres,

---

<sup>206</sup> MICHELET, *Lettres Inédites*, *op. cit.*, p. 13. “Três grandes diretores do século XVII” (tradução nossa). Sales e Bossuet foram bispos católicos, e Fénelon foi arcebispo. Os três foram escritores e educadores religiosos franceses. O texto de Michelet se baseia nas biografias dos três religiosos e também a partir de cartas trocadas com mulheres da época, em que eles foram orientadores espirituais. Fénelon escreveu o *Traité de l'Éducation Des Filles* (Tratado sobre a educação das meninas, 1627).

<sup>207</sup> *Ibidem*, p. 16. “Ao dobrar os seus nobres e elevados estudos você superará este momento difícil” (tradução nossa).

<sup>208</sup> A tese do doutorado em letras de Jules Michelet, em língua francesa de 1819, tem como título *Examen des vies des Hommes illustres de Plutarque* (Análise das Vidas de Homens Ilustres de Plutarco).

ceux mêmes qu'on appelle profanes, sont tout pleins de Dieu"<sup>209</sup>. Além também de indicar sua própria obra, o Tomo V de *Histoire de France*, que contém a *Légende de la Pucelle d'Orleans* (Lenda da Donzela de Órleans - Joana D'Arc).

Pouco tempo depois que se conheceram pessoalmente em Paris, Jules leva para a jovem *institutrice*, no dia 14 de novembro de 1848, antes mesmo de seu pedido de casamento no dia 30 de dezembro, seus textos<sup>210</sup> sobre Madame Condorcet (nascida Marie Sophie de Grouchy, 1764-1822) e Madame Roland (Manon Roland, nascida Jeanne Marie Philipon, 1754-1793), publicados a primeira vez em 1847 no segundo Tomo da *História da Revolução Francesa*<sup>211</sup>. Trata-se de duas mulheres letradas, atuantes durante a Revolução Francesa, que deixaram uma vida religiosa para se casarem com homens vinte anos mais velhos, o que nos esclarece sobre os modelos femininos que sugeria então à Athénaïs.

Madame Roland, na visão de Michelet, teve uma vocação literária a partir da influência de seu marido, Jean-Marie Roland de la Platière (1734-1793), o qual ela ajudava, copiando, traduzindo e compilando textos para ele, e Michelet insiste sobre o culto filial de Madame Roland ao seu esposo. Madame Condorcet deixou uma vida religiosa como canonisa para se casar com o matemático e filósofo Nicolas de Condorcet (1743-1794) e depois presidir um salão que foi centro dos livres pensadores da época da Revolução e após<sup>212</sup>. Ambas apresentam correspondência forte com Athénaïs. Michelet, ao perceber a coragem da jovem em Viena ao auxiliar a Legião de estudantes, seu orgulho ao utilizar as cores da França como símbolo da Revolução, além de sua dedicação aos estudos, provavelmente, ao levar-lhe os textos, já estaria projetando como seria a posição dela em um possível matrimônio, uma projeção do que seria uma mulher ideal.

Athénaïs era muito dedicada à leitura e aos estudos, havia estudado matemática, física e música com professores particulares para o exame do *brevet de capacité primaire*. Sabia latim, provavelmente pela sua educação religiosa e também pelos ensinamentos do pai. Ensinou alemão e grego para as filhas da princesa Cantacuzène, além de ter aprendido inglês e italiano durante o período de exílio do casal após os eventos de 1852. Assistiu as aulas de Jules Michelet

---

<sup>209</sup> MICHELET, *Lettres Inédites*, *op. cit.*, p. 17. "Leia (se possível com uma caneta na mão) a Bíblia, o Evangelho, as vidas de Plutarco, Dante, Shakespeare, Cervantes, etc. Esses livros, mesmo aqueles que são chamados profanos, estão cheios de Deus" (tradução nossa).

<sup>210</sup> *Ibidem*, p. 72.

<sup>211</sup> MICHELET, Jules. **Histoire de la Révolution Française**. Tome Deuxième. Paris: Librairie Internationale, 1869, p. 277-305.

<sup>212</sup> MAROTIN, François. Michelet et les femmes de lettres. In: BELLET, Roger (Dir.). **Femmes de lettres au XIX<sup>e</sup> siècle**. Autour de Louise Colet. Lyon: Presses Universitaires de Lyon, 1982, §§ 7-8. Disponível em: <https://books.openedition.org/pul/798>. [Versão *on-line* de acesso gratuito utilizada para a tese, disponível pelo site *Open Edition*, sem numeração de páginas, apenas com a numeração de parágrafos].

no *Collège de France*, debutando na audiência a partir do dia 25 de janeiro de 1848, bem como por três anos, as lições do genro de Michelet, Alfred, o qual substituiu Edgar Quinet enquanto este tinha sido eleito deputado pela Segunda República. A primeira menção no diário de Michelet sobre Athénaïs colaborar em seu trabalho foi antes do casamento, dia 26 de janeiro de 1849: “Ma femme m’a lu et corrigé mes épreuves du 20 Juin”<sup>213</sup>. Mesmo antes, dia 9 de janeiro, já havia escrito em carta:

Ne m’as-tu pas relevé, ne m’as-tu pas ouvert une *vita nuova*, un avenir tout nouveau de fécondité chaleureuse? Mes travaux désormais sont tiens en grande partie; disons désormais *nos* travaux. De toi dérivera la vie et l’inspiration qui doit la créer; de toi encore les conseils de l’amitié et la douce critique. Où trouverais-je ailleurs un tact si fin et si sûr? Oui, le travail sera commun, comme tout le reste, dans une vie si unie<sup>214</sup>.

Para Michelet a comunhão entre homem e mulher seria uma fusão amorosa, mas ao mesmo tempo associada a uma ideia de “fecundação intelectual” que acompanha e precede a fecundação física, “le mari ensemece l’esprit de sa femme par ses connaissances, ses idées morales, et l’initie à l’activité intellectuelle”<sup>215</sup>. Essa ideia de “iniciação” é muito forte em Michelet, a iniciação da mulher a partir da educação que vem do marido e do amor.

Athénaïs, acabou ocupando dois espaços ao mesmo tempo na vida de Michelet. O primeiro deles foi como uma aluna, dedicada aos estudos e aos aconselhamentos do professor experiente, através de uma devoção filial para com um pai, demonstrada inicialmente pelas cartas. Para além dele, contudo, aceitou igualmente seu papel de esposa colaboradora, aliado ao desejo, quando conheceu Michelet, de continuar a trabalhar como educadora, criando em si a aspiração de poder escrever, através de seus esforços junto com seu marido. É a partir da trajetória de Athénaïs como colaboradora e escritora durante os anos em que esteve casada com Michelet, que é importante entender a influência do marido em seus escritos. O historiador advoga pela educação da mulher, desde sua obra *Le prêtre, la femme et la famille*, retomando o assunto no livro *O Povo*, que tomaram forma nos seus cursos de 1849 e 1850 sobre o amor e

<sup>213</sup> MICHELET, Journal Tome II, *op. cit.*, p. 14. Nota do dia 26 de janeiro de 1848. “Minha esposa leu e corrigiu minhas provas de 20 de junho” (tradução nossa).

<sup>214</sup> MICHELET, Lettres Inédites, *op. cit.*, p. 163-164. “Você não me elevou, não me abriu uma nova vida, um futuro totalmente novo de fertilidade calorosa? Minhas obras agora são em grande parte suas; Digamos agora as nossas obras. De você derivará a vida e a inspiração que deve criá-la; de você novamente o conselho de amizade e crítica gentil. Onde mais eu encontraria um tato tão fino e seguro? Sim, o trabalho será comum, como tudo o mais, em uma vida tão unida” (tradução nossa).

<sup>215</sup> FABRE, Mélanie. Explorer des couples d’intellectuels: le dialogue de l’intime et du politique. **Les Études Sociales**, n. 170, 2019, p. 16. “O marido semeia a mente de sua esposa com seu conhecimento, suas ideias morais e a inicia na atividade intelectual” (tradução nossa).

a educação da mulher no *Collège de France*, que futuramente renderam os dois livros *L'Amour*<sup>216</sup> e *La Femme*<sup>217</sup>.

Durante todo o século XIX, após a Revolução Francesa e os esforços de políticos como o casal Condorcet, que lutavam pelos direitos das mulheres à educação e ao sufrágio, houve um crescimento do entendimento de que a mulher estaria inclinada apenas ao mundo privado, como esposa e mãe. Apesar de Michelet lutar pelos ideais revolucionários e advogar pela educação da mulher, é justamente essa relação da educação da mulher atrelada ao mundo da maternidade que já prefigurara em sua primeira carta de resposta à Athénaïs, em que escreve: “*ne soyez point jeune-fille, prenez une âme grande, et fort, soyez mère par le cœur, pour vos élèves, pour les malheureux. Nul remède pour un cœur de femme, hors du sentiment maternal, ainsi élevé, agrandi*”<sup>218</sup>. Essa concepção ganhará força para Michelet quando ele vier a conhecer a pedagogia de Friedrich Fröbel, a partir de Madame Marenholtz, e incluí-la em seus livros dedicados à educação, *La Femme e Nos Fils* (Nossos Filhos, 1869)<sup>219</sup>.

Jules critica em sua obra *Le Prêtre* a educação religiosa das mulheres como deficiente, pois para a igreja e o padre, “‘science’ et ‘littérature’, ‘sont des choses de luxe, de vaines et dangereuses parures de l’esprit et étrangères à l’âme’ comme si ‘l’ignorance était l’innocence, comme si l’on pouvait, avec une littérature pauvre, fade, idiote, avoir les dons de l’âme et du cœur’”<sup>220</sup>. Essa “não educação” da mulher pelos padres também é perigosa, pois, por uma atitude ambígua dos sacerdotes, eles acabam por influenciar a mulher e assim ameaçam o casamento. Juntamente com essa crítica o historiador engloba os maridos, não melhores que os padres, que abandonam as mulheres ao tédio e às futilidades<sup>221</sup>.

O casamento para Michelet era concebido como uma cumplicidade amorosa, onde o ato de confissão ao padre favoreceria um ambíguo poder do religioso sobre a mulher, que pela confissão saberia os segredos e mistérios íntimos femininos, os segredos do coração, que o

<sup>216</sup> MICHELET, Jules. *L'Amour*. Paris: Librairie de L. Hachette et C<sup>ie</sup>, 1859.

<sup>217</sup> MICHELET, Jules. *La Femme*. Paris: Librairie L. Hachette et C<sup>ie</sup>, 1860.

<sup>218</sup> MICHELET, Lettres Inédites, *op. cit.*, p. 18. “não seja uma menina, tenha uma alma grande e forte, seja uma mãe em seu coração, para seus alunos, para os desafortunados. Não há remédio para o coração de uma mulher, exceto o sentimento maternal, assim elevado, ampliado” (tradução nossa).

<sup>219</sup> MICHELET, Jules. *Nos Fils*. Paris: Librairie Internationale, Troisième Edition, 1870.

<sup>220</sup> MICHELET, *Le Prêtre*, p. 15 *apud* BERNARD-GRIFFITHS, Simone. *L'Éducation féminine selon Michelet*. In: HECQUET, Michèle. *L'Éducation des filles au temps de George Sand*. Arras: Artois Presses Université, 1998, § 19. Disponível em: <https://books.openedition.org/apu/3343>. [Versão *on-line* de acesso gratuito utilizada para a tese, disponível pelo site *Open Edition*, sem numeração de páginas, apenas com a numeração de parágrafos]. “‘ciência’ e ‘literatura’, ‘são coisas de luxo, adornos vãos e perigosos da mente e estranhos à alma’ como se ‘a ignorância fosse a inocência, como se alguém pudesse, com uma literatura pobre, insípida e idiota, ter os dons da alma e do coração’” (tradução nossa).

<sup>221</sup> BERNARD-GRIFFITHS, *op. cit.*, §§ 20, 32.

próprio marido não saberia, e, assim, o padre se colocaria como concorrente do marido<sup>222</sup>. Para Michelet a educação da mulher, para uma sociedade moderna, seria uma prioridade, porque a filha será uma mãe, ou seja, “une puissance de Dieu pour faire des héros”<sup>223</sup>. Desta forma o homem, como marido, deve “alimentar” a mulher, materialmente e espiritualmente<sup>224</sup>, e é através do casamento que ocorre então a “iniciação” da mulher, ideias que serão defendidas pelo historiador em seus cursos e livros, e em que ele acreditava fortemente. Em seu diário, escreveu o quanto Athénaïs é ele mesmo, mas apontou que seu instinto de independência prevaleceu em muitos momentos:

Au réveil, elle me dit qu'elle croyait, d'après une personne de notre famille, qu'une première fécondation n'imprègne pas assez pour assurer la ressemblance du mari aux enfants qui suivent. Cela me fit regretter de ne lui avoir fait qu'un enfant. Du reste, l'imprégnation morale, la communauté d'idées et d'habitudes semblent y avoir bien suppléé et, dans mille choses, elle est moi. Cependant son instinct indépendant parut la rendre fort aise d'être restée un peu elle-même, de n'avoir pas subi tout à fait la transformation du ventre et de tout<sup>225</sup>.

Segundo Michelet o Estado teria o dever de oferecer para a mulher a educação cívica, de uma cultura superior de nacionalidade, ao mesmo tempo em que visaria formar um bom círculo doméstico<sup>226</sup>. Pois a mulher é própria para duas coisas: alimentar a família, de corpo e de mente, num movimento circular em que o homem alimenta a mulher no casamento através da educação que ele provê; e como transmitir essa educação aos filhos. Mas naquele momento ainda prevalecia a educação religiosa para as mulheres, e, assim, para que a sua idealização de uma mulher que fosse letrada e colaboradora do marido, como representante da esfera harmoniosa na família, fosse concretizada, era necessário o apoio principalmente das instituições laicas, *les pensionnats pour jeunes filles*, os pensionatos para meninas. É, aparentemente, a partir de seu casamento com Athénaïs que o seu círculo de contatos e amizades com mulheres educadoras aumenta substancialmente, fazendo com que Michelet seja

<sup>222</sup> BERNARD-GRIFITHS, *op. cit.*, § 35.

<sup>223</sup> Cours de Michelet au Collège de France, 24 janvier 1850 *apud* BERNARD-GRIFITHS, *op. cit.*, § 37. “Um poder de Deus para fazer heróis” (tradução nossa).

<sup>224</sup> *Ibidem*, § 38.

<sup>225</sup> MICHELET, Journal Tome II, *op. cit.*, p. 441-442. Nota do dia 19 de novembro de 1858. “Ao acordar, ela me disse que acreditava, segundo uma pessoa de nossa família, que uma primeira fecundação não penetra o suficiente para garantir a semelhança do marido aos filhos que se seguem. Fez-me arrepende de ter feito apenas um filho. De resto, a impregnação moral, a comunidade de ideias e de hábitos parecem ter-lhe bem substituído e, em mil coisas, ela sou eu. No entanto, o seu instinto independente pareceu fazê-la muito satisfeita por ter permanecido um pouco em si mesma, por não ter sofrido a transformação do ventre e de tudo” (tradução nossa).

<sup>226</sup> BERNARD-GRIFITHS, *op. cit.*, §§ 42, 43.

influenciado pelas pedagogias que eram utilizadas por elas em suas instituições, complexificando seus escritos posteriores sobre a educação.

## 2.1 O Casal Michelet e as *Maîtresses de Pension: Sociabilidade e Educação da Mulher*

Desde o início do relacionamento com Athénaïs o tema da educação foi uma força motriz para o casal e suas relações sociais. Havia no círculo de Michelet, como professor renomado do *Collège de France*, políticos, homens de letras, professores, escritores, poetas, jornalistas, estudantes, tanto em suas relações públicas de trabalho como também em seu círculo íntimo de amizades. Muitas mulheres também figuravam nesses círculos: sejam esposas de amigos, mulheres letradas, escritoras e muitas diretoras de escolas laicas para jovens mulheres.

Em suas pesquisas François Marotin apresenta a relação do historiador com mulheres letradas, as *femmes de lettres*, principalmente aquelas que apareceram em sua obra História da Revolução Francesa, textos que foram compilados e ampliados no livro *Les Femmes de la Révolution* (As Mulheres da Revolução), publicado pela primeira vez em 1854<sup>227</sup>. Entre alguns exemplos de mulheres emblemáticas que Michelet cita, além da Madame Condorcet e de Madame Roland, estão a intelectual e romancista Madame de Staël (1766-1817) e Olympe de Gouges (pseudônimo de Marie Gouze, 1748-1793), ativista política e feminista que publicou *A Declaração dos Direitos da Mulher e da Cidadã* (1791) e foi conterrânea de Athénaïs, nascida em Montauban. Jules constatou nessas mulheres o entusiasmo revolucionário corporificado, em que revelavam principalmente a vivacidade de seus sentimentos, dedicando-lhes retratos eloquentes, revelando suas qualidades intelectuais e morais. Ainda assim, o uso de substantivos pelo historiador como “graça” e “elegância”, para Marotin tiveram mais peso que a “racionalidade”<sup>228</sup>.

Essas mulheres, cheias do fervor revolucionário, não deixaram de ser criticadas pelo historiador, tanto pelo estilo da escrita como pelas suas relações amorosas. Como o casamento era um ponto crucial em sua visão para um futuro republicano para a França, Madame Condorcet e Madame Roland receberam uma maior simpatia que Madame de Staël ou mesmo Olympe de Gouges, pela instabilidade de suas vidas sentimentais<sup>229</sup>. Michelet também privilegiou a escrita de gêneros epistolares e autobiográficos dessas mulheres, dando

<sup>227</sup> MICHELET, Jules. *Les Femmes de la Révolution*. Paris: Adolphe DelaHays, Librairie-Éditeur, 1854.

<sup>228</sup> MAROTIN, *op. cit.*, §§ 13, 14.

<sup>229</sup> *Ibidem*, § 10.

importância ao estilo, à sinceridade e ao sentimento desses textos, mas criticando os romances, distinguindo assim a escrita feminina da masculina, pois às mulheres faltaria o gênio<sup>230</sup>. Entretanto, Marotin não dá exemplos da relação de Michelet com mulheres letradas contemporâneas, a não ser sua própria esposa e George Sand (pseudônimo de Amandine Aurore Lucile Dupin, 1804-1876), que é alvo de muitas críticas pelo historiador mais ao final de sua vida. Pouco se sabe de sua sociabilidade, e mesmo do casal, com outras mulheres do período, pela falta de referências sobre o assunto, apesar de haver trabalhos que se dedicaram a estudar o pensamento sobre a mulher nas obras do historiador<sup>231</sup>, ou mesmo se dedicaram a estudar as críticas de mulheres feministas contemporâneas às suas obras *L'Amour* e *La Femme*<sup>232</sup>.

Além da importância das mulheres letradas para Michelet, que se tornaram, para ele, símbolos da Revolução Francesa e exemplos a serem seguidos, destaca-se a sua relação com educadoras e diretoras de pensionatos voltados à educação de jovens mulheres, a qual se revela particularmente significativa em seu círculo social. Trata-se de sociabilidades do casal ainda pouco exploradas pela literatura especializada, mas que exerceram uma influência relevante em suas concepções e obras sobre a educação.

### 2.1.1 As Pedagogias de Madame Bachellery e Madame Marenholtz

Athénaïs, ao chegar em Paris em 1848, primeiramente ficou estabelecida em uma pensão bastante modesta junto aos seus amigos Gronlier. Após o pedido de casamento, Michelet a instalou no pensionato de Madame Joséphine Bachellery (nascida Bordaz, 1803-1872), umas das *maîtresses de pension*, diretoras de pensionatos, mais renomadas na década de 1840 em Paris. Naquele período sua instituição de educação laica, localizada próximo ao *Parc Monceau* (Parque Monceau), na *Rue du Rocher 52* (Figura 4, nº. 10), além de receber garotas, tanto para educação de internato quanto como alunas externas, alugava quartos para mulheres mais velhas ou mesmo estrangeiras. Madame Bachellery logo se tornou próxima de Athénaïs e a

<sup>230</sup> MAROTIN, *op. cit.*, § 17-19.

<sup>231</sup> CALO, Jeanne. *La Création de la Femme chez Michelet*. Paris: Librairie Nizet, 1975; MOREAU, Thérèse. *Le sang de l'Histoire*. Michelet L'Histoire et l'idée de la femme au XIX<sup>e</sup> siècle. Paris: Flammarion, 1982.

<sup>232</sup> DERA, Aleksandra. *L'Amour au féminin*, ou la philosophie morale de Jules Michelet sous la plume (et à la loupe) d'Adèle Esquiros. *Fabula / Les colloques, Critiquer au féminin au XIX<sup>e</sup> siècle* (Dir. Julie Anselmini, Lucie Barette), 2023. Disponível em: <http://www.fabula.org/colloques/document11365.php>.

acompanhava nas aulas de Michelet no *Collège de France*: “Elle assista avec M<sup>me</sup> Bachellery à ma première leçon, où je dis un mot d’elle: ... *dans la liberté ou dans la fatalité*”<sup>233</sup>.

Joséphine Bachellery era casada com Félix Bachellery (1795-1864), professor de desenho no estabelecimento de ensino de sua mulher. Juntos tiveram cinco filhos, e a família toda vivia na pensão, o que trouxe complexidade à vida do casal, trabalhando no pensionato somado às exigências familiares, e a presença de crianças que perturbavam a organização escolar<sup>234</sup>. Rebeca Rogers faz o estudo dessa relação familiar misturada à instituição, a partir dos diários do casal, que são escritos conjuntamente e mesmo por seus filhos. Esses documentos para a autora são excepcionais, pois “ni journal intime, ni journal d’éducation, ni livre de raison, ce journal témoigne de nouveaux usages de l’écrit au xix<sup>e</sup> siècle, au croisement de l’intime et du familial”<sup>235</sup>. Uma mistura que Michelet também faz em seu diário, apesar de não tê-lo redigido conjuntamente com Athénaïs.

Bachellery foi uma mulher reconhecida pela sua contribuição às reformas de educação de meninas, escritora de uma série de artigos sobre a educação e autora da obra *Lettres sur l’éducation des femmes* (Cartas sobre a educação das mulheres, 1848)<sup>236</sup>, na qual advoga pela criação de Escolas Normais superiores para mulheres, as quais só foram estabelecidas décadas mais tarde, em 1881<sup>237</sup>. Até então cada instituição teria uma liberdade de escolha de disciplinas ministradas e de pedagogias. Em 1850 a lei *Falloux* previu um programa obrigatório de aprendizagem para meninas, com leitura, escrita, rudimentos de cálculo, educação moral, religiosa, e trabalhos de agulha, e sem as disciplinas de latim e grego: o ensinamento feminino ficou apenas em nível primário, não podendo ter o status secundário<sup>238</sup>.

Madame e sua família foram presentes na vida do casal Michelet na década de 1850, fato atestado pelo diário de Jules e por algumas correspondências. Em carta de 30 de abril de 1852, Joséphine relata as dificuldades enfrentadas no momento pela instituição e o fim das esperanças revolucionárias com o golpe de Luís Napoleão Bonaparte e com o crescente domínio da educação para meninas em conventos: “nous sommes dans un précaire de plus en plus menaçant; on nous disputera bientôt le droit de vivre en travaillant; l’enseignement laïque subit

<sup>233</sup> MICHELET, Journal Tome II, *op. cit.*, p. 13. Anotação do dia 25 de janeiro de 1849. “Ela assistiu à minha primeira aula com a Sra. Bachellery, onde disse uma palavra sobre ela: ... na liberdade ou na fatalidade” (tradução nossa).

<sup>234</sup> ROGERS, Rebecca. Écrire la vie d’une famille en institution: le journal du couple Bachellery (Paris, 1835-1852). *Le Mouvement social*, n. 279, avril-juin 2022, p. 156.

<sup>235</sup> *Ibidem*, p. 155. “Nem diário íntimo, nem diário educativo, nem livro de razão, este diário testemunha novos usos da escrita no século XIX, na intersecção do íntimo e do familiar” (tradução nossa).

<sup>236</sup> BACHELLERY, Joséphine. *Lettres sur l’Éducation des Femmes*. Tome 1. Paris: Rue du Rocher d’Antin 50, 1848.

<sup>237</sup> ROGERS, *op. cit.*, p. 156.

<sup>238</sup> WIERUSZESKI, *op. cit.*, p. 6.

la mauvaise fortune de l'Université qui se laisse lâchement mourir après s'être donnée à ses ennemis”<sup>239</sup>. Um mês após essa carta, o casal Michelet passa pelas mesmas situações difíceis em Paris. Como decorrência da exoneração de Jules de seus cargos públicos, eles deixam Paris em autoexílio, retornando apenas em 1854.

Rebecca Rogers, em seu artigo, relata que Madame Bachellery manteve seu pensionato em Paris até 1853, tendo depois se instalado em Côte-Saint André, no departamento de Isère, região próxima dos alpes franceses, local onde morava seu pai, e seu filho mais velho havia sido enviado para estudar agricultura. Mas aparentemente só em 4 de janeiro de 1857 o casal Michelet recebeu uma carta de Joséphine relatando sua mudança de endereço, e possivelmente sua aposentadoria, em meio às críticas de que o ensino religioso absorveu tudo<sup>240</sup>.

Apesar do ensino laico do pensionato de Madame Bachellery se afastar de um projeto educacional voltado exclusivamente para a preparação das mulheres para o seu papel de esposas e mães confinadas à esfera privada, seu apelo à clientela, principalmente da burguesia, era de uma educação familiar, de um modelo social de educação feminina, como outras diretoras de pensionatos laicos também o faziam. Bachellery era discípula do pedagogo Joseph Jacotot (1770-1840), de sua doutrina do direito da vontade e da emancipação intelectual. Michelet estudou sobre Jacotot para escrever o livro *La Femme*, provavelmente inspirado pelo trabalho de Joséphine e outros educadores: “Extrait les *Jardins d'enfants* et *Ange Soola*; écrit sur l'éducation des filles, Fénelon, Jacotot, Froebel”<sup>241</sup>. Mas seu pensamento sobre a pedagogia de Jacotot era crítico, e mesmo em carta enviada ao filho do pedagogo, o historiador, com uma sinceridade “morde e assopra”, repete a crítica que escreveu em sua obra *Nos Fils*:

Votre père était un héros. Et personne n'eut plus d'esprit d'invention. Cependant, je persiste à croire que cette méthode, interrogative surtout, rend les enfans *parleurs*. Elle offre de plus la difficulté d'exiger des maîtres admirables, qui *semblent* ne rien enseigner. Tel était votre illustre père, ce grand accoucheur des esprits<sup>242</sup>.

---

<sup>239</sup> MICHELET, Jules. **Correspondance Générale Tome VII (1852-1855)**, Org. Louis Le Guillou. Paris: Librairie Honoré Champion, 1997 p. 69, carta 5810 de J. Bachelier, de 30 de abril de 1852. “Estamos numa situação precária cada vez mais ameaçadora; em breve disputaremos o direito de viver trabalhando, o ensino laico sofre a má sorte da Universidade que se deixa covardemente morrer depois de se entregar aos seus inimigos” (tradução nossa). Obs: no tomo das correspondências a identificação do remente está como J. Bachelier, mas pelas notas de Viallaneix no *Journal Tome II*, J. Bachelier corresponde a Joséphine Bachellery.

<sup>240</sup> MICHELET, Jules. **Correspondance Générale Tome VIII (1856-1858)**, Org. Louis Le Guillou. Paris: Librairie Honoré Champion, 1998, p. 255-256. Carta 7145 de J. Bachelier [Bachellery] de 4 de janeiro de 1857.

<sup>241</sup> MICHELET, Jules. *Journal Tome II, op. cit.*, p. 463, nota dia 15-16 de março de 1859. “Extrato de *Jardins de Infância* e *Anje Soola*; escrito sobre a educação das meninas, Fénelon, Jacotot e Froebel” (tradução nossa).

<sup>242</sup> MICHELET, Jules. **Correspondance Générale Tome IX (1859-1861)**, Org. Louis Le Guillou. Paris: Librairie Honoré Champion, 1999 p. 381-382. Carta 8340 de [28 de fevereiro de 1860], à H.V. Jacotot. “Seu pai era um herói. E ninguém tinha espírito mais inventivo. No entanto, persisto em acreditar que esse método, interrogativo

O pensamento da mulher como mãe educadora cria muita força no século XIX, e Michelet se encanta com a pedagogia do alemão Friedrich Fröbel (1782-1852), que fez eco com seus próprios ideais sobre a educação da mulher. Conheceu Fröbel (ou Froebel) a partir de Madame Marenholtz (Baronesa Bertha von Marenholtz-Bülow, 1810-1893), educadora alemã que ajudou a difundir os jardins de infância pela Europa, a partir de traduções do livro do pedagogo na língua francesa<sup>243</sup> e em outras línguas.

Bertha era de uma família nobre e casou-se em 1830, aos vinte anos, com Wilhelm von Marenholtz (1789-1865), Alto Conselheiro do Império e ex-Marechal, vinte e um anos mais velho, viúvo e com cinco filhos. A baronesa teve apenas um filho com o marido, que faleceu aos vinte e um anos de idade com tuberculose. Separou-se em 1847 sem ter formalmente o divórcio. Marenholtz conheceu Fröbel em 1850, mas logo ele faleceu, em 1852, período em que os jardins de infância foram proibidos no Reino da Prússia. Mas, com a suspensão revogada, ela abriu a primeira instituição em Berlim, a capital, em 1861<sup>244</sup>. A Baronesa escreveu várias obras sobre educação, sendo muitas delas traduzidas para o Inglês e difundidas pelos Estados Unidos<sup>245</sup>.

Michelet conheceu a baronesa em fevereiro de 1859: “Le soir, visite intéressante de M<sup>me</sup> Marenholtz (jardin d’enfants, religion de la nature)”<sup>246</sup>, a qual foi inicialmente apresentada pelo amigo Edgar Quinet em correspondência ainda em novembro de 1858: “Cette dame a voué sa vie à l’éducation du peuple. Recevez la comme une missionnaire de vos propres idées”<sup>247</sup>.

Durante o mês de maio, influenciado e inspirado por Marenholtz e a pedagogia de Fröbel, Jules estabeleceu um plano para escrever um livro sobre Educação e apresentou seus primeiros manuscritos para a educadora alemã, como também para Athénaïs. O livro então foi intitulado *La Femme* e publicado em novembro de 1859, o qual teve uma boa recepção imediata, seguindo assim o sucesso dos primeiros livros de história natural e de *L’Amour*.

---

principalmente, torna os filhos *falantes*. Oferece, além disso, a dificuldade de exigir mestres admiráveis, que parecem não ensinar nada. Tal era seu ilustre pai, aquele grande parteiro de espíritos” (tradução nossa).

<sup>243</sup> FROEBEL, Frédéric. **Manuel Pratique des Jardins d’Enfants**. Par J.-F. Jacobs avec une introduction de Madame La Baronne de Marenholtz. Bruxelles: F. Classen; Paris: L. Hachette et C<sup>ie</sup>, Librairie Éditeurs, 1859.

<sup>244</sup> BÜLOW-WENDHAUSEN, Baroness von (her niece). **The Life of the Baroness von Marenholtz Bülow**. NY, William Beverley Harison, 1901.

<sup>245</sup> Algumas obras traduzidas para o Inglês: MARENHOLTZ-BÜLOW, Baroness von. **Reminiscences of Friedrich Froebel**. Boston: Lee and Sheard, 1877; \_\_\_\_\_. **The child, its nature and relation**, an elucidation of Froebel’s principles of education. New York: E Steiger & Co., 1877.

<sup>246</sup> MICHELET, Journal Tome II, *op. cit.*, p. 459. Nota do dia 8 de fevereiro de 1859. “À noite, visita interessante da Sra. Marenholtz (jardim de infância, religião da natureza)” (tradução nossa).

<sup>247</sup> MICHELET, Correspondance Générale Tome VIII, *op. cit.*, p. 822. Carta 7861 de Edgar Quinet. “Esta senhora dedicou sua vida à educação do povo. Receba-a como missionária de suas próprias ideias” (tradução nossa).

Michelet advogou pelo trabalho de Marenholtz e recomendou-a para Madame Thiébault (s.d.), amiga íntima dos Michelet e diretora de uma pensão para meninas. Depois pediu ajuda ao amigo e jornalista Charles-Louis Chassin (1831-1901), para escrever dois artigos sobre a obra de Madame Marenholtz sobre os jardins de infância e o método de Fröbel, mas os artigos não são aceitos pela imprensa, apesar de inúmeras tentativas. Michelet então escreve ao fundador da *Revue Germanique* (Revista Germânica), Auguste Nefftzer (1820-1876): “Est-ce qu’il serait impossible d’insérer les articles de Chassin sur les Jardins d’enfants, sujet si cher à l’Allemagne qu’on l’avait prié de traiter? – sujet si importante aussi, car c’est la liberté de l’avenir, commencée par la vraie base, la jeune génération”<sup>248</sup>. Na França os jardins de infância froebelianos enfrentarão dificuldades para serem instalados, pois concorriam com as *salles d’asile* (casas de asilo) e depois com as *écoles maternelles* (escolas maternais), e porque os preceitos da pedagogia de Fröbel, de origem alemã e de cunho espiritual e religioso, não estavam em sintonia com o modelo laico e republicano proposto pelo Ministro da Educação Jules Ferry (1832-1893) na Segunda República. No início do século XX os jardins de infância froebelianos serão abertos pela iniciativa de algumas educadoras, mas essas instituições serão favorecidas amplamente pela pedagogia Montessoriana<sup>249</sup>.

No livro *La Femme*, Michelet dedica um tópico à pedagogia de Fröbel, em que as brincadeiras e a reciprocidade entre mãe e filho serão o princípio dessa educação infantil<sup>250</sup>. Mas para Jules fica implícito em seu texto que o sacrifício da vida da mulher se dá em relação ao filho: “nada querer senão o que ele quer”<sup>251</sup>. E, admirado pela pedagogia de Fröbel, diz que o pedagogo encontrou o mistério da educação, que na primeira educação é a mãe que leva o filho ao aprendizado da vida, a partir do lúdico, das brincadeiras, que ela mesma aprende observando o próprio filho. Através de um método que é o amor ao filho, trata-se de deixar a criança movimentar-se livremente, iniciando a descoberta dos objetos e da avaliação das coisas belas através do julgamento da mãe, formando sua ideia de harmonia<sup>252</sup>.

---

<sup>248</sup> MICHELET, Correspondance Générale Tome IX, *op. cit.*, p. 215. Carta 8180 à Auguste Nefftzer, de 15 de setembro de 1859. “Seria impossível inserir os artigos de Chassin sobre jardins de infância, um assunto tão caro à Alemanha, que lhe foi pedido para tratar? - assunto tão importante também, porque é a liberdade do futuro, iniciada pela verdadeira base, a geração mais jovem” (tradução nossa).

<sup>249</sup> SERINA-KARSKY, Fabienne. La formation des jardinières d’enfants, une institutionnalisation conflictuelle (1910-1931). In: GARNIER, Bruno; KAHN, Pierre (Dir.) **Éduquer dans et hors l’école**. Lieux et milieux de formation. XVIII<sup>e</sup>-XX<sup>e</sup> siècle. Presses Universitaires de Rennes, 2016, § 3, 4. Disponível em: <https://books.openedition.org/pur/45484> [Versão *on-line* de acesso gratuito utilizada para a tese, disponível pelo site *Open Edition*, sem numeração de páginas, apenas com a numeração de parágrafos].

<sup>250</sup> RIBEIRO, Milena Carolina. **A Trajetória de Madame Alice Bauer Hertz (1877-1927): Pedagoga dos jardins de infância**. Dissertação em História, Memória e Imagem. 133p. Universidade Federal do Paraná, Setor de Ciências Humanas, Programa de Pós-graduação em História, 2021, p. 77-86.

<sup>251</sup> MICHELET, A Mulher, *op. cit.*, p. 63.

<sup>252</sup> *Ibidem*, p. 65.

No livro *Nos Fils*, ele vai ainda mais longe, e escreve textos inteiros dedicados a pedagogos específicos, como os capítulos *L'Évangile de Pestalozzi* e *L'Évangile de Froebel* (O Evangelho de Pestalozzi; O Evangelho de Froebel). Johann-Heinrich Pestalozzi (1746-1827) foi um educador suíço, que influenciou a pedagogia de Fröbel. Pestalozzi se preocupava com os problemas sociais, com a pobreza e a ignorância do povo, defendendo uma escola universal, que fosse gratuita, secular e de qualidade, para crianças ricas e pobres, e que o educador auxiliasse as crianças a desenvolverem as suas disposições naturais, sem a imposição de um ensino rígido e uniforme<sup>253</sup>. Fröbel incorporou muito as ideias de Pestalozzi quanto à natureza da mãe como educadora, pois é no início da formação da criança, com atividades adequadas, que ela revelará seu pleno potencial, mantendo um princípio de relação com a natureza de forma harmônica, sem uma alfabetização forçada. A criança é para o pedagogo uma semente, que com os devidos cuidados de educação maternal irá florescer<sup>254</sup>.

Michelet detalhará sua visão da pedagogia de Fröbel pelo seu livro, *Nos Fils*, indicando a tarefa da mãe como primeira educadora, assim como fez em *La Femme*. Por isso a concepção de casamento era sagrada para Michelet, e a criança só poderia viver no seio de uma família unida e harmoniosa. Essa união para ele não era apenas espiritual, pois “l’homme et la femme deviennent par la cohabitation la même personne physique”<sup>255</sup>. Assim, o ideal para a educação da mulher é que ela fosse voltada à família, e não para o trabalho, salvo em relação às mulheres pobres e viúvas, deixando claro o recado: “a mes amis saint-simoniens, aux apôtres de la femme libre, je n’opposai jamais de très-longes plaidoyers. Je disais seulement: ‘Avec la mère errante et le foyer mobile, qu’arrive-t-il? L’enfant ne vit pas’”<sup>256</sup>.

Michelet era avesso aos ideais igualitários dos socialistas saint-simonianos e anarquistas de sua época, sendo uma das possíveis razões para ter se afastado de seu genro na década de 1860<sup>257</sup>. Alfred se envolveu com o geógrafo e militante anarquista Élisée Reclus (1830-1905)

---

<sup>253</sup> RIBEIRO, *op. cit.*, p. 83.

<sup>254</sup> *Ibidem*, p. 77-80.

<sup>255</sup> MICHELET, *Nos Fils*, *op. cit.*, p. 51. “homem e mulher tornam-se a mesma pessoa física através da coabitação”.

<sup>256</sup> *Ibidem*, p. 136. “Aos meus amigos saint-simonianos, aos apóstolos da mulher livre, nunca fiz argumentos muito longos. Eu dizia apenas: ‘Com a mãe errante e o lar móvel, o que acontece? A criança não vive’” (tradução nossa).

<sup>257</sup> Alfred criticava Athénaïs desde seu casamento com Jules, pelo seu estilo de vida burguês e sua *coquetterie*, preocupado com a influência dela sobre seu sogro. Entretanto Michelet ajudou financeiramente toda a sua família, seu filho Charles, seus tios, sua filha Adèle e seu marido Alfred, mesmo durante o período em que esteve exilado sem o salário de cargos públicos. A razão principal para o afastamento de Michelet de seu genro foi uma disputa financeira, em que Alfred gastou todo o valor que recebeu, depois de um processo longo para receber os atrasados de seu trabalho como secretário de Lamartine, em uma comunidade anarquista fundada por Élisée Reclus e seu irmão, que veio a falir. Depois pediu para que Michelet colocasse sua obra *História da França*, ainda inacabada naquele momento, em nome de suas netas, que ele controlaria as finanças até elas se casarem. Mesmo após afastados, Michelet continuou a ajudar Alfred financeiramente e pagou todas as despesas da educação de seu neto Étienne. Após essa situação Michelet, escreveu seu testamento, em uma tentativa de corrigir as falhas do contrato de casamento com Athénaïs. MICHELET, J. Michelet et sa famille, *op. cit.*, p. 13-20.

e casou-se com sua irmã Louise Reclus (1839-1917) em 1871, a qual tinha sido governanta de seus filhos desde 1862. Ver sua neta Jeanne Dumesnil flunar por Paris sozinha, ter lições com Élisée Reclus e viajar desacompanhada da família para a Inglaterra, apenas com os Reclus, em 1865, foi para ele um choque e uma grande preocupação: “Ma confiance en M<sup>lle</sup> R[eclus] est parfaite, mon estime et ma sympathie pour MM. Elie et Elisée sont grandes certainement. Mais enfin ils ont des frères non mariés et jeunes. N’y avez-vous pas songé?”<sup>258</sup>. Nesse sentido, são interessantes as contradições no entorno da vida de Michelet nesse período, pois ele estava rodeado por mulheres que defendiam a educação e o trabalho da mulher, e Athénaïs era amiga íntima de muitas delas, além dos avanços na criação de sociedades femininas de educação e de direitos.

### 2.1.2 As Educadoras em torno das Sociedades Femininas de Educação

Durante o final da década de 1850, e na década de 1860 como um todo, o casal terá relações muito duradouras com outras educadoras, num período em que começam a aparecer sociedades femininas que reivindicavam educação de qualidade para mulheres e oportunidades de trabalho, como a *Société pour l’enseignement professionnel des femmes* (Sociedade para a educação profissional das mulheres), fundada em 1862, por Élisabeth Lemonnier (nascida Grimailh, 1805-1865). Esta sociedade originalmente foi fundada em 1856, e se chamava *Société de protection maternelle* (Sociedade de proteção à maternidade), tendo como proposta fornecer gratuitamente às jovens pobres uma educação e instrução profissional<sup>259</sup>. Élisabeth morreu em 1865, após uma exaustão de seu trabalho, pois com o sucesso de sua Sociedade, em pouco tempo abriram-se novas escolas. Foi casada com Charles Lemonnier (1806-1891), jornalista *saint-simonien*, fundador da *Revue Philosophique et Religieuse* (Revista Filosófica e Religiosa, 1851) e da *Ligue de la Paix et de la liberté* (Liga da Paz e da Liberdade, 1867). Também trabalhou na *Compagnie du chemin de fer du Nord* (Companhia Ferroviária do Norte). Élisabeth aparentemente

---

<sup>258</sup> MICHELET, Correspondance Générale Tome X, op. cit., p. 853-854. Carta 10.150 de Michelet à Alfred Dumesnil, de 30 de agosto de 1865. “Minha confiança na Srta. R[eclus] é perfeita, minha estima e minha simpatia por MM. Elie e Elisée são certamente grandes. Mas eles têm irmãos solteiros e jovens. Você não pensou nisso?” (tradução nossa).

<sup>259</sup> LEMONNIER, Charles. *Élisabeth Lemonnier fondatrice de la Société pour l’enseignement professionnel des femmes*. Saint-Germain: Imprimerie L. Toinon et C<sup>ie</sup>, 1866, p. 25, 29.

não publicou obras próprias, mas colaborou no texto *Avenir de la Femme* (Futuro da Mulher)<sup>260</sup> que o marido publicou em 1831, uma obra sobre saint-simonismo.

A primeira instituição da sociedade foi fundada na *Rue de la Perle* 9, em 1862, mas, como era um espaço muito pequeno, logo se mudou para a *Rue du Val-Saint-Chatherine* 23 (*Rue de Turennes*) (Figura 4, n.º. 8), no bairro Marais (4.º *arrondissement* de Paris), e Madame Marie Joséphine de Marchef-Girard (1827-1887) foi a diretora da instituição. Marchef foi uma mulher que se dedicou à educação das mulheres, atuando como professora, diretora e depois como inspetora de escolas. Foi diretora da primeira escola secundária laica para meninas, o *Collège de Sévigné* (Colégio de Sévigné), em 1880, instituição que abriu o primeiro jardim de infância de Paris, em 1909, com princípios pedagógicos frobelianos e montessorianos. Escreveu diversas obras, sendo que em *Les femmes, leur passé, leur présent, leur avenir* (As mulheres, seu passado, seu presente, seu futuro, 1860)<sup>261</sup>, retrata a religião como um lugar de refúgio para a mulher da opressão do marido.

No diário de Jules, há apenas três citações a Marchef, uma em 1860, quando Athénaïs foi ao seu curso<sup>262</sup>, e outras duas notas em 1869 e 1870. Entretanto, a escrita do nome no diário, de diferentes formas (Gérard de Morchais; Marchef-Gérard; Gérard Monsch) deixam algumas dúvidas. O fato de Marchef ser uma mulher dedicada à religião pode ser um fator para não haver uma relação próxima com os Michelet. Já a segunda instituição de Madame Lemonnier foi aberta em 1864, na *Rue Rochechouart* 72 (Figura 4, n.º. 9), no bairro Montmartre (18.º *arrondissement* de Paris). A direção da instituição ficou a cargo de Clarisse Sauvestre (1810-1892). Tanto Clarisse quanto o seu marido, Charles Sauvestre (1818-1883), eram amigos e frequentavam a casa dos Michelet. O casal foi ativo na promoção da instrução e educação feminina, e ambos publicaram obras sobre educação. Charles fundou o jornal *L'enseignement laïque* (A educação laica) em 1871<sup>263</sup>. Após a morte de Élisabeth Lemonnier, serão as duas diretoras que continuarão a desenvolver o trabalho com a Sociedade para a educação profissional das mulheres.

<sup>260</sup> LEMONNIER, Charles. **Religion Saint-Simoniene**. Eglise de Toulouse; Enseignement de l'Athénée; Avenir de la femme. Toulouse: Presses de A. Hénault, 1831.

<sup>261</sup> HAVELANGE, Isabelle, HUGUET, Françoise; LEBEDEFF, Bernadette. MARCHEF-GIRARD Marie Joséphine de [note biographique]. In: **Les inspecteurs généraux de l'Instruction publique**. Dictionnaire biographique 1802-1914. Paris: Institut national de recherche pédagogique, Histoire biographique de l'enseignement, v. 11, 1986, p. 492-493.

Havelange Isabelle, Huguet Françoise, Lebedeff-Choppin Bernadette.

<sup>262</sup> MICHELET, Journal Tome II, *op. cit.*, p. 558. Nota do dia 29 de novembro de 1860 (“Ma mie va au cours de M<sup>lle</sup> Gérard de Morchais, voit M<sup>me</sup> Trélat”).

<sup>263</sup> MICHELET, Journal Tome III, *op. cit.*, p. 610. Nota do editor.

O casal Lemonnier frequentava os jantares que eram realizados na casa dos Michelet, e se conheceram muito provavelmente em 1860, por intermédio de Madame Thiébaud. Em carta de 1868, Athénaïs defende Élisabeth Lemonnier e a escola profissional para mulheres em relação a um texto do Bispo de Orléans, Monsenhor Félix Dupanloup (1802-1878), *La Femme chrétienne* (A mulher cristã):

Voilà, qu'après 6 ans d'existence, les écoles professionnelles lui apparaissent tout à coup et *par hasard*. Il ignore seulement que le parti catholique tâche de copier la chose sur une large échelle. Sachant que les tribunaux ne sont pas faits pour les évêques, il profane la mémoire de celle qui eut l'initiative de cette utile création. Sans doute M. Dupanloup tient moins à la vertu des jeunes filles que Mad[ame] Lemonnier<sup>264</sup>.

Athénaïs mantinha relações de amizade com as mulheres educadoras no entorno da sociedade, não apenas com a família Lemonnier, e estava a par das publicações sobre educação, como provavelmente também foi uma associada. Entre os manuscritos de seu livro *Nature*, que será analisado no quarto capítulo desta tese, foi encontrado um panfleto de dezembro de 1869, convidando as associadas a participarem das reuniões da sociedade no primeiro semestre de 1870, já com suas datas e locais marcados. Inclusive, uma das localidades estava situada na mesma rua que os Michelet moravam, na *Rue de L'Ouest* (após 1868 passou a se chamar *Rue d'Assas*, Figura 3).

Em carta a Athénaïs, Madame Augustine Girault-Lesourd (1810-1890)<sup>265</sup> lhe agradece pelo interesse por seu manuscrito: “Vous avez la bonté

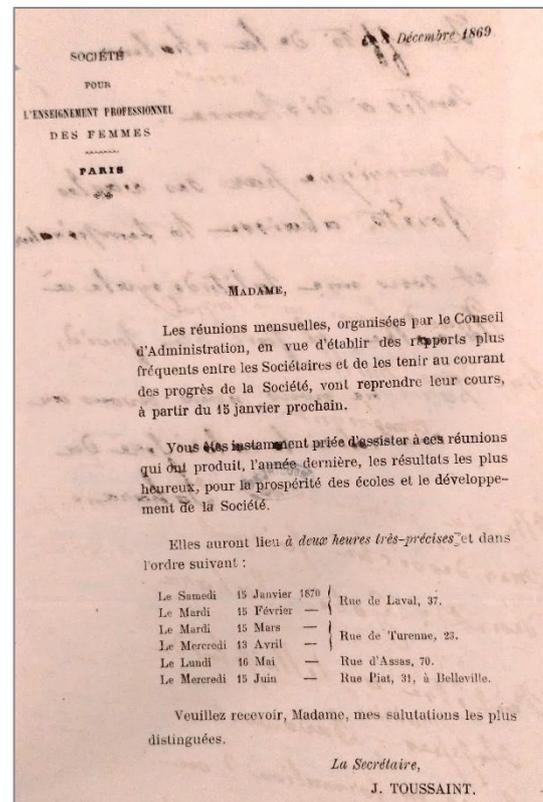


Figura 3: Panfleto da Sociedade para a Educação Profissional das Mulheres, contendo um convite para as reuniões às associadas para o 1º semestre de 1870. Fonte: Arquivo MS 4856–4858, *Papiers de M<sup>me</sup> Jules Michelet*. Depositado na BIF.

<sup>264</sup> MICHELET, Correspondance Générale Tome XI, *op. cit.*, p. 389. Carta de Athénaïs a [Zürcher-Margollé?], de 21 de abril de [1868]. “E assim, depois de 6 anos de existência, escolas profissionais de repente lhe apareceram por acaso. Ele apenas ignora que o partido católico está tentando copiar a coisa em larga escala. Sabendo que os tribunais não são feitos para os bispos, profana a memória da mulher que teve a iniciativa desta útil criação. Sem dúvida, o Monsenhor Dupanloup se preocupa menos com a virtude das meninas do que Mad[ame] Lemonnier” (tradução nossa).

<sup>265</sup> Madame Augustine Girault-Lesourd (1810-1890) foi uma feminista, artista e escritora republicana francesa da cidade de Angers. Escreveu obras que contemplaram suas viagens à Argélia, e sobre a educação das mulheres,

de vous intéresser au sort d'un manuscrit que M<sup>me</sup> Guépin vous a remis et que l'excellente M<sup>me</sup> Lemonnier vous a prié de prendre sous votre protection"<sup>266</sup>. Manuscrito que Michelet recomendará para a Editora Hachette e que será posteriormente publicado pela editora Lacroix como *Le Livre des enfants et des adolescentes* (O livro das crianças e dos adolescentes)<sup>267</sup>. Madame Floreska Guépin (nascida Floreska Clémentine Leconte, 1813-1889) e seu marido Ange Guépin (1805-1873) ficaram mais próximos dos Michelet quando estes estiveram uma temporada em Nantes, no período de autoexílio. Ela já havia assistido a aulas do historiador no *Collège de France*, e possuía uma instituição em Paris que recebia mulheres pensionistas que viajavam para se aperfeiçoarem nas artes liberais. Em 1870, ela fundou junto com o marido, em Nantes, uma escola laica inspirada na instituição de Élisabeth Lemonnier, a segunda instituição dedicada ao ensino profissional de jovens mulheres na França<sup>268</sup>.

Entre as mulheres que colocaram seus pensionatos laicos à disposição da Sociedade fundada por Élisabeth Lemonnier estiveram Madame Thiébaud e Madame Babin (s.d.): “Nous sommes heureuses de saisir cette occasion de rendre hommage au désintéressement et au dévouement avec lesquels [...] mesdames Ch. Thiébaud et Babin, à Paris, ont mis à la disposition de la société les institutions qu'elles dirigent"<sup>269</sup>. Entretanto, pouco se sabe sobre essas educadoras.

Madame Thiébaud (ou Thiébaud), na década de 1850 foi diretora de uma pensão para meninas, situada nos arredores do *Jardin des Plantes* (Jardim das Plantas), no *Quai de la Rapée* 58 (Figura 4, n.º 7), que se manteve por longos anos, até o final do século, e era conhecida como Instituição de Madame Babin-Thiébaud. Na ocasião ela já era viúva, e Madame Babin, sua filha. Antes desse período, ela manteve outra instituição com Madame Rainot, e juntas publicaram um livro com técnicas de memória para os alunos, *Mnémotechnie*, em 1845<sup>270</sup>. Françoise Mayer indica que, na primeira metade do século, muitos livros pedagógicos que são utilizados nas

---

utilizando o pseudônimo de Anne Gaël. Contribuiu com inúmeros artigos na imprensa apoiando a abolição da escravidão, a proteção dos animais, e os direitos das mulheres. BASTIT-LESOURD, Marie-Françoise. Girault-Lesourd, Augustine (Héloïse) (pseudonyme: M<sup>me</sup> A. Gaël). **Charlesfourier.fr**, 2024. Disponível em: <https://www.charlesfourier.fr/spip.php?article1274#nb9>.

<sup>266</sup> MICHELET, Correspondance Générale Tome X, *op. cit.*, p. 149. Carta 9147bis de M<sup>me</sup> Girault-Lesourd à Athénaïs dia 15 de junho de 1862. “Você tem a gentileza de se interessar pelo destino de um manuscrito que a Sra. Guépin lhe deu e que a excelente Sra. Lemonnier lhe pediu que guardasse sob sua proteção” (tradução nossa).

<sup>267</sup> MICHELET, Journal Tome III, *op. cit.*, p. 117, 593. Nota do dia 7 de junho de 1862, e notas do editor.

<sup>268</sup> Recentemente uma obra foi dedicada a Floreska Guépin e seu trabalho pela educação das mulheres. AUSSEL, Michel; DUFOUR-MAITRE, Myriam. **Floreska Guépin (1813-1889): Combats pour la liberté et l'instruction**. Presses Universitaires de Rennes, 2025.

<sup>269</sup> LEMONNIER, Élisabeth Lemonnier, *op. cit.*, p. 28. “Temos o prazer de aproveitar esta oportunidade para prestar homenagem à abnegação e à devoção com que a Srta. Marie Hillebrand, em Frankfurt am Main, e as Senhoras Ch. Thiébaud e Babin, em Paris, colocaram as instituições que dirigem à disposição da sociedade” (tradução nossa).

<sup>270</sup> THIÉBAUD et RAINOT. **Mnémotechnie**. Nouvelles formules historiques, mnémorisées d'après la méthode de M. Aimé Paris, à la usage des élèves de l'institution de M<sup>mes</sup> Thiébaud et Rainot. Paris: Chez Mesdames Thiébaud et Rainot, 1845.

instituições laicas são escritas por mulheres, além de que a maioria das *maîtresses de pension* são casadas ou viúvas e dirigem o estabelecimento com a ajuda de irmãs ou filhas, que se tornam muitas vezes *sous-maîtresses*, vice-diretoras<sup>271</sup>. A imagem da diretora de pensionatos e mesmo seus ganhos eram melhores do que as das vice-diretoras ou mesmo das *institutrices*. Durante o Segundo Império, a imagem da *institutrice* laica era mal-recebida, e sua remuneração menor do que a de uma boa empregada doméstica<sup>272</sup>.

Madame Thiébaud e sua família, sua filha Madame Babin e o filho Louis Thiébaud (1828?-1899), foram muito amigos do casal Michelet. O primeiro contato entre eles se deu em 1852, a partir de um pedido de recomendação a Michelet para o Senhor Thiébaud, um professor na *Institution Gachotte* (Instituição Gachotte), uma escola para meninos de Paris<sup>273</sup>. Michelet escreve para Madame Thiébaud em 1853 e garante que o filho dela tem a mesma fibra que ele, e que se entenderão perfeitamente<sup>274</sup>. As cartas do casal Michelet com a família Thiébaud que se encontram nos Tomos da *Correspondance Générale*, são majoritariamente as que Jules enviou para a diretora da pensão, o que proporciona uma lacuna de dados sobre essa relação de amizade e sobre a sua família. No diário de Michelet, também não há muitas menções sobre os assuntos tratados entre os amigos, e sim anotações dos dias em que se visitaram, e em que tanto ele quanto Athénaïs escreveram cartas a ela. Muitas dessas cartas não se encontram nos Tomos. Mas é perceptível a preocupação do casal com a saúde de Madame Thiébaud pela exaustão do trabalho como diretora de uma pensão. Em carta de Jules à diretora em 1856 escreve que ele e Athénaïs estão tocados pelas amizades e pelas palavras de madame, mas estão preocupados:

Je suis inquiet, je vous jure, de vous voir persévérer toute l'année sans la moindre interruption. Je sais que vous êtes *unique*, qu'on ne peut vous remplacer. Ne serait-il pas possible cependant de former une *auxiliaire* qui, dans les absences de Mad[ame] votre fille, puisse aider Madame votre sœur, et vous ménager de temps en temps huit jours de repôs? Songez-y, nous vous en prions<sup>275</sup>.

---

<sup>271</sup> MAYEUR, Françoise. Les Maîtresses de pension à l'époque de George Sand: tradition, identité, expériences. In: HECQUET, Michèle (Org.). **L'Éducation des filles au temps de George Sand**. Arras: Artois Presses Université, 1998, § 9. Disponível em: <https://books.openedition.org/apu/3268>. [Versão on-line de acesso gratuito utilizada para a tese, disponível pelo site Open Edition, sem numeração de páginas, apenas com a numeração dos parágrafos]

<sup>272</sup> MAYER, Les femmes et l'enseignement en France, *op. cit.*, p. 26.

<sup>273</sup> MICHELET, Correspondance Générale Tome VII, *op. cit.*, p. 310. Carta 6053 de Victor Hennequin à Michelet, p. 310, de 18 de dezembro de 1852.

<sup>274</sup> *Ibidem*, p. 438-439. Carta 6190 de Michelet à M<sup>me</sup> Thiébaud, do dia [30 de maio de 1853].

<sup>275</sup> MICHELET, Correspondance Générale Tome VIII, *op. cit.*, p. 154-155, carta 7046 à M<sup>me</sup> Thiébaud de 1º de setembro de 1856. "Estou preocupado, juro, em ver você perseverar o ano todo sem a menor interrupção. Eu sei que você é única e que não pode ser substituída. Não seria possível, no entanto, treinar uma auxiliar que, nas ausências da [senhorita] sua filha, pode ajudar a senhora sua irmã e lhe dar oito dias de descanso de vez em quando? Por favor, pense nisso, nós lhe imploramos" (tradução nossa).

Como Rebeca Rogers relatou no caso de Madame Bachelery, nos pensionatos havia fronteiras porosas entre os espaços da vida familiar e do ensino nas instituições, tornando complexas as relações. Pela carta de Jules, Madame Thiébaud cuidava da instituição junto com sua filha e provavelmente com sua irmã, mas diferente de Madame Bachelery, que tinha uma propriedade grande, com muitas alunas e muitos professores e empregados, a realidade de Madame Thiébaud poderia ser diferente, com uma instituição menor, acumulando funções. Madame Bachelery aparentemente não dava aulas, apenas administrava a pensão, já Madame Thiébaud dava aulas de francês para mulheres estrangeiras, como americanas e alemãs. Françoise Mayeur menciona em seu texto que as diretoras de pensionatos importantes não ensinavam, e se consagravam mais à relação com os pais e com os professores<sup>276</sup>.

A situação da família Thiébaud irá melhorar a partir de 1857, com a ajuda de Michelet, pelo que Viallaneix escreveu em nota no Tomo II de seus diários<sup>277</sup>. Provavelmente por intermédio de Jules que Louis Thiébaud conseguiu uma posição na *Compagnie du chemin de fer d'Orléans* (Companhia ferroviária de Orléans), o qual irá, com os anos, se tornar chefe da secretaria de administração da companhia. Louis também escreveu diversos artigos na imprensa. O filho de Michelet, Charles, trabalhava para a *Compagnie du chemin de fer de Strasbourg* (Companhia ferroviária de Estrasburgo) desde 1853<sup>278</sup>.

As cartas trocadas entre Michelet e Madame mostram a abertura que essa amizade proporcionou desde o início, tanto a Michelet, quanto a seu genro Alfred, de introduzirem suas obras em sua instituição, e mesmo em outras instituições a partir da recomendação da diretora. Madame demonstrava grande interesse pelo trabalho de Michelet, solicitando constantemente novas recomendações de obras, bem como suas opiniões e críticas. Além disso, acompanhava as datas de publicação de seus próximos livros e até lhe enviava cópias de artigos da imprensa sobre suas obras. Michelet sempre lhe agradecia efusivamente pelo seu interesse e pela sua bondade, retornando com suas preocupações constantes pelo trabalho excessivo no pensionato, além de retornar com reciprocidade seu interesse: “J’ai travaillé obstinément, tanto à Louis XIV, tanto à un essai sur l’éducation [La Femme]. Cela paraîtra en décembre. Et je serai bien heureux alors d’avoir vos critiques”<sup>279</sup>.

<sup>276</sup> MAYEUR, Les Maîtresses de pension à l’époque de George Sand, *op. cit.*, § 11.

<sup>277</sup> MICHELET, Journal Tome II, *op. cit.*, p. 771. Nota do editor, para o dia 7 de junho de 1857.

<sup>278</sup> O neto de Jules, Étienne Dumesnil, se formou em engenharia pela *École Centrale des Arts et Manufactures* de Paris em 1868, e trabalhou um período para a companhia ferroviária na França. Em dezembro de 1873 foi para Argentina e trabalhou na companhia ferroviária, quanto em outros empreendimentos em várias cidades do país. *Ibidem*, p. 366. Nota de 16 de dezembro de 1873.

<sup>279</sup> MICHELET, Correspondance Générale Tome IX, *op. cit.*, p. 175-176. Carta 8135 à M<sup>me</sup> Thiébaud de 27 de julho de 1859. “Trabalhei arduamente, tanto em Luís XIV quanto em um ensaio sobre educação [La Femme]. Será lançado em dezembro. E ficarei muito feliz em receber suas críticas” (tradução nossa).

Athénaïs tinha uma amizade muito próxima de Madame e a visitava constantemente, indo muitas vezes a pé e sozinha de sua casa, ao lado do *Jardin de Luxembourg* (Jardim de Luxemburgo), até o pensionato, que ficava próximo ao *Jardin des Plantes*, uma caminhada de quase uma hora (Figura 4, n<sup>os</sup>. 4 e 7). Durante o verão de 1859 em Saint-Georges-de-Didonne, região litorânea do sudeste da França, Jules e Athénaïs receberam a visita de Madame Thiébaud e seu filho durante uma semana, para seu descanso na praia<sup>280</sup>. A confiança e a proximidade entre as duas famílias pode ser percebida porque Jules muitas vezes deixou registrado em seu diário que os Thiébaud os acompanhavam até os terminais para suas viagens, na ida e no retorno, além de cuidarem algumas vezes dos gatos de Athénaïs<sup>281</sup>.

Nas correspondências não apareceram temas políticos, a não ser sobre os temas dos livros dos quais ela pedia indicação a Jules. Mas a questão religiosa na educação foi importante nas correspondências, pois Michelet, anticlerical, criticava obras que eram excessivamente generosas com os católicos<sup>282</sup>, e era mais favorável às obras de pastores protestantes, que muitas vezes eram a favor de uma educação laica. Mas é o trabalho solidário e generoso de Madame que são destaques nas cartas de Jules. Jules e Athénaïs pediram muitas vezes auxílio para Madame Thiébaud para inclusão de filhas de mulheres pobres e viúvas em seu pensionato; ou mesmo uma posição de trabalho para uma amiga de infância recém divorciada de Athénaïs; recomendações de trabalho e colocação para educadoras, e mesmo professores. Além de madame também ajudar o neto de Jules, Étienne, em seus estudos e lhe garantir um lugar em uma boa escola para meninos, os Thiébaud ajudaram o seu filho Charles quanto este teve problemas com seu trabalho na companhia ferroviária. Em uma carta ainda de 1857, Michelet agradece os atos de Madame:

J'ai toujours et toujours le besoin de vous remercier... de quoi? d'être un *si rare* personne, j'allais dire unique en ce temps, toujours préoccupée des autres. Le dirai-je? Je suis tout triste, de dire tant de belles choses et de ne rien faire. Nous serons jugés *par nos actes* et nos œuvres. Les vôtres sont de celles qui *vivent* dans les cœurs et devant Dieu<sup>283</sup>.

<sup>280</sup> MICHELET, Journal Tome II, *op. cit.*, 485.

<sup>281</sup> MICHELET, Journal Tome III, *op. cit.*, p. 433, 523.

<sup>282</sup> MICHELET, Correspondance Générale Tome VIII *op. cit.*, p. 502. Carta 7467 de Michelet à M<sup>me</sup> Thiébaud de [1857].

<sup>283</sup> *Ibidem*, p. 449. Carta 7391 a M<sup>me</sup> Thiébaud de 28 de setembro de [1857]. “Eu sempre tenho a necessidade de te agradecer... por quê? ser uma pessoa tão rara, eu diria única neste tempo, sempre preocupada com os outros. Devo dizer? Estou muito triste por dizer tantas coisas boas e não fazer nada. Seremos julgados por nossas ações e obras. Os vossos são aqueles que vivem nos corações e diante de Deus” (tradução nossa).



Figura 4: Imagem central da cidade de Paris em 1861, com os endereços dos domicílios de Jules Michelet e das Instituições de Educação Femininas: 1. Notre Dame; 2. Musée du Louvre; 3. Rue de l'Ouest 44 (Rue d'Assas 76) - Endereço dos Michelet de 1854 até o ano da morte de Athénaïs, em 1899; 4. Jardin de Luxembourg; 5. Rue des Postes 12 – endereço de Michelet antes de se casar com Athénaïs; 6. Jardin des Plantes; 7. Quai de la Rapée 58 – Instituição de Madame Babin-Thiébaud; 8. Rue du Val-Saint-Cathérine 23 – primeiro endereço da Sociedade de Madame Lemonnier – *Société pour l'enseignement professionnel des femmes*; 9. Rue Rochechouart 72 – segundo endereço da Sociedade de Madame Lemonnier; 10. Rue du Rocher 52 – Instituição de Madame Bachellery; 11. Parc Monceau; 12. Rue de Villiers 43 - Endereço dos Michelet de 1849 a 1852, logo após se casarem. Fonte: Mapa de Felix Benoist, In: *Paris dans sa Splendeur* V. 3, Paris: Henri Charpentier, Imprimeur-Éditeur, 1861. Como se pode ver, o casal Michelet transita sobretudo no âmbito do Quartier Latin (região delimitada entre 1,4, 5 e 6), que abriga colégios e universidades. Salvo no início de seu casamento, e mesmo de seu exílio, o que é significativo.

Dentre as amigas do casal Michelet, além de Madame Thiébaud, Nanine Souvestre (nascida Angélique Anne Papot, 1806-1886) e sua família foram muito presentes em suas vidas. Assim como Madame Thiébaud, Nanine também estava envolvida com a *Société pour l'enseignement professionnel des femmes*<sup>284</sup>, e foi muito amiga de Madame Lemonnier e de Madame Guépin. Nanine foi casada com Émile Souvestre, romancista bretão, amigo de longa data de Jules, desde 1837. Souvestre também atuou como professor quando morou em Nantes, e a família se mudou para Paris em 1836.

<sup>284</sup> LEMONNIER, Élisabeth Lemonnier, *op. cit.*, p. 46.

Nanine foi romancista, e escreveu quatro romances para jovens entre os anos 1836 e 1847<sup>285</sup>, além de colaborar com seu marido em seus inúmeros artigos e mesmo romances, muitas vezes escritos a quatro mãos, embora o mérito das obras seja atribuído apenas a Émile. Provavelmente ela também publicou inúmeros artigos em revistas e jornais femininos, mas anonimamente<sup>286</sup>. O casal tinha posicionamentos com valores republicanos e socialistas, que visavam a igualdade dos sexos na educação, mas a integração da mulher na sociedade pelo casamento e pela família, valores que partilhavam com os Michelet.

Pode-se perceber que a amizade entre Madame Souvestre e Athénaïs foi muito importante, pois das poucas cartas que foram preservadas e publicadas no compêndio de correspondências de Jules, a maioria é entre as duas amigas. Durante o período de exílio em Nantes dos Michelet, foi Nanine que os ajudou a encontrar uma casa, com ajuda de seu irmão Alexis Papot (1804-1869), que dirigia uma instituição de ensino com o método Jacotot na cidade, e que se tornou também muito amigo dos Michelet. Em uma carta terna, pelo período das dificuldades e do isolamento do exílio, Nanine escreveu a Athénaïs: “Que vous devez avoir une vie superbe, échangeant avec M. Michelet vos idées, vos projets, vos espoirs et alors ce n’est point que je trouve l’exilée, mais bien ceux que vous avez laissés derrière vous”<sup>287</sup>.

Após a morte de Émile Souvestre em 1854, Nanine não publicou mais nenhum romance, se dedicando à educação de suas três filhas. Noémi Lesbazeilles Souvestre (1834-1887), Marie Souvestre (1835-1905) e Adah Ana Beau Souvestre (1836-1926), trabalharam como tradutoras para enfrentar as dificuldades financeiras pela perda do pai. Noémi publicou a primeira tradução de *Jeanne Eyre, ou les mémoires d’une institutrice* (Jeanne Eyre, ou as memórias de uma professora, 1853-1854), obra de sucesso da autora inglesa Charlotte Brontë (1816-1855), publicada originalmente em 1847<sup>288</sup>. Nanine e Émile Souvestre também foram próximos de Edgar Quinet, historiador amigo de Jules. Em 1856 Nanine escreveu para Athénaïs sobre a dificuldade de Quinet com as editoras para a publicação de suas obras completas<sup>289</sup>, e

<sup>285</sup> *Antonio Giovani* (1836); *Antonio ou mensonge et repentir* (Antônio ou mentiras e arrependimentos, 1844); *Un premier mensonge ou le petit chevrier* (Uma primeira mentira ou o pequeno pastor de cabras, 1846); *Trois mois de vacances* (Três meses de férias, 1847).

<sup>286</sup> STEEL, David. Marie avant Avon Bretagne et Paris. In: \_\_. **Marie Souvestre 1835-1905 Pédagogue pionnière et féministe**. Presses Universitaires de Rennes, Archives du Féminisme, 2014. Extrato Gratuito, Disponível em: <https://www.librairie-des-femmes.fr/livre/9782753534421-marie-souvestre-1835-1905-pedagogue-pionniere-et-feministe-david-steel/>.

<sup>287</sup> Michelet, Correspondance Générale Tome VII, *op. cit.*, p. 204. Carta de Nanine Souvestre à Athénaïs, dia 8 de setembro de 1852, em nota do editor. Infelizmente o conteúdo da carta não está completo. “Que vida maravilhosa você deve ter, trocando com o Sr. Michelet suas ideias, seus projetos, suas esperanças e então não é [em] vocês que encontro o exilado, mas sim aqueles que vocês deixaram para trás” (tradução nossa).

<sup>288</sup> STEEL, *op. cit.*, p. 17.

<sup>289</sup> MICHELET, Correspondance Générale Tome VIII, *op. cit.*, p. 78. Carta 6964 de Nanine Souvestre à Athénaïs, de 13 de maio de 1856.

possivelmente essa experiência a ajudou a publicar a obra do marido a partir de 1859. A partir das correspondências podemos perceber que Nanine também ajudou os Michelet em suas pesquisas, emprestando obras de Émile Souvestre de sua biblioteca e indicando contatos e livros para Athénaïs, que renderam uma homenagem a seu falecido marido no livro *La Mer*<sup>290</sup>.

Dentre as filhas de Nanine, Marie seguiu os passos da mãe no apoio à sociedade de educação de Madame Lemonnier, e junto com sua companheira Caroline Adélaïde Dussaut (1833-1887) fundaram uma instituição de ensino para meninas em 1863, *Les Ruches* (As Colméias), em Fontainebleu e em Avon. A instituição era pioneira, visava tanto a educação primária e secundária não religiosa quanto a educação para meninas estrangeiras<sup>291</sup>. Marie teve o apoio de Victor Duruy (1811-1894), historiador e ministro da educação pública entre 1863-1869, de posicionamento liberal, indicado por Napoleão III e apoiado pela imperatriz. Marie conheceu Duruy provavelmente por intermédio de Michelet, pois quando jovem foi seu aluno na *École Normale* e seu secretário entre 1834-1837<sup>292</sup>.

Marie é considerada uma pedagoga pioneira e feminista e, apesar de não ter sido casada, desafiando os valores sociais contemplados pelos pais, manteve uma união duradoura com Caroline até 1883, quando Marie se mudou e fundou uma instituição de ensino em Londres, *Allenswood Academy* (Academia Allenswood)<sup>293</sup>. Marie admirava Jules, e em sua instituição dava aulas de história na biblioteca, enquanto Caroline, além de também dar aulas, era encarregada da pedagogia. As duas educadoras tiveram uma amizade muito próxima dos Michelet, e frequentavam constantemente as reuniões e jantares que ofereciam. Após o início da guerra Franco-Prussiana, em 1870, elas passaram um tempo em Florença, na Itália, junto aos Michelet, período em que Jules fez diversas anotações em seu diário, muito interessado no lesbianismo e na relação de amor entre as duas. Entretanto, não escreveu nada sobre o trabalho de educação que elas realizavam<sup>294</sup>.

É neste final de década, entre 1865 e 1870, que se percebe um envolvimento maior dos Michelet com a questão da educação, e mesmo algum envolvimento de Athénaïs com sociedades que reivindicavam os direitos das mulheres. Michelet publicará *Nos Fils* em 1869, obra dedicada à educação e redigida como combate, em apoio às reformas de Victor Duruy no

<sup>290</sup> MICHELET, *La Mer*, *op. cit.*, p. 421.

<sup>291</sup> STEEL, *op. cit.*, p. 12

<sup>292</sup> MICHELET, *Journal Tome III*, *op. cit.*, p. 642. Nota do editor do dia 16 de dezembro de 1863.

<sup>293</sup> BASTIT-LESOURD, Marie-Françoise. **Marie Souvestre, féministe et pédagogue**. *Les Cahiers de l'Iroise*, n. 202, Brest, 2005, p. 11. Disponível em: <https://yroise.biblio.brest.fr/ark:/12148/bpt6k9126898z/f5.item>. Artigo modificado e completado pela autora, Disponível em: <https://ouestfigureshistoriques.wordpress.com/famille-souvestre/21-2/>.

<sup>294</sup> MICHELET, *Journal Tome IV*, *op. cit.*, p. 245-295. Estadia em Florença, na Itália, de 23 de outubro de 1870 a 20 de junho de 1871.

ensino na França, que contemplavam cursos de educação secundária laica para meninas. Michelet dedicou muitas páginas do livro para Victor Duruy, pois o programa de Duruy teve uma violenta oposição da Igreja, a partir do Monsenhor Dupanloup, que o acusava de “pervertir les innocentes, en faire des ‘libres penseuses’”<sup>295</sup>.

*Nos Fils* é a última obra de Michelet voltada para um público maior, pequenos livros construídos para que fossem acessíveis ao público, que se iniciou com a publicação de *Le Prêtre*, que chamou a atenção de Athénaïs. Obras que evidenciam a missão pedagógica de Michelet, pois para ele, a palavra tinha sentido de ação<sup>296</sup>. Nesse mesmo ano de 1869, ano de eleições legislativas, Michelet irá apoiar ferrenhamente o candidato Jules Ferry (1832-1893), se manifestando com inúmeras cartas na imprensa. Jules Ferry, republicano e positivista, será eleito deputado, e depois como ministro da educação pública, entre os anos 1879 e 1883, tornará o ensino na França laico e republicano, dissolvendo a educação religiosa, consolidando os liceus e os colégios para garotas a partir da lei de 1880 de Camille Sée (1847-1919), sendo o autor das leis de 1881 e 1882, que instauram a educação pública gratuita e obrigatória, respectivamente<sup>297</sup>.

Além das sociedades dedicadas à educação das meninas, em 1866 foi fundada a *Société pour la revendication du droit des femmes* (Sociedade para a reivindicação dos direitos das mulheres), pela romancista e feminista André Léo (pseudônimo de Victoire Léodila Béra, 1829-1900). Athénaïs participou de algumas reuniões, chegou a votar em uma das sessões contra o Monsenhor Dupanloup, mas a romancista tinha fortes relações com a família Reclus, o que a desagradava, mas principalmente Jules. Em junho de 1869 Michelet anotou em seu diário: “Hier, elle a été chez M<sup>me</sup> Sauvestre et a cru qu’elle était influencée par André Léo et les Reclus (?)”<sup>298</sup>, e um ano mais tarde ele decide que Athénaïs não deveria mais participar das reuniões: “Je tranchai, et la dispensai d’aller là-bas endurer M<sup>me</sup> André Léo et tant de paroles inutiles”<sup>299</sup>.

Marie Souvestre, apesar de seu engajamento feminista, não parece ter frequentado as reuniões da Sociedade de André Léo<sup>300</sup>, bem como sua mãe Nanine e outras educadoras no entorno dos Michelet aqui apresentadas. Mas é interessante notar que elas estão próximas daquelas que estão buscando uma ação política e reivindicando não apenas a educação, mas os

<sup>295</sup> STEEL, *op. cit.*, p. 11. “perverter as inocentes, fazer delas ‘livres pensadoras’” (tradução nossa).

<sup>296</sup> DAL MASO, *op. cit.*, p. 33.

<sup>297</sup> WIERUSZESKI, *op. cit.*, p. 7.

<sup>298</sup> MICHELET, *Journal Tome IV, op. cit.*, p. 128. Nota do dia 25 de junho de 1869. “Ontem ela foi até a Madame Sauvestre e acreditou que foi influenciada por André Léo e os Reclus” (tradução nossa).

<sup>299</sup> *Ibidem*, p. 238. Nota do dia 27 de agosto de 1870. “Resolvi, e dispensei-a de ir lá aguentar Madame André Léo e tantas palavras inúteis” (tradução nossa).

<sup>300</sup> BASTIT-LESOURD, *op. cit.*, p. 7.

direitos civis das mulheres. Elas fazem parte dos primeiros grupos que colocam em questão o lugar das mulheres na sociedade, principalmente contra o domínio religioso católico, que são os saint-simonianos e os protestantes. Athénaïs, como Marie, têm um engajamento mais moderado, tolhido pelo controle do marido e de suas crenças do que seria uma mulher ideal. Entretanto, são suas relações de amizades com mulheres letradas e o incentivo de Jules, que a fazem em 1865, iniciar a escrita de sua primeira obra autoral, *Mémoires d'une Enfant* (1867), obra que é percebida como um livro sobre a educação de meninas.

A lacuna nas correspondências e a forma como Michelet escrevia em seu diário mostram a dificuldade em compreender melhor a relação de Athénaïs com essas mulheres de forma separada, faltando o seu ponto de vista feminino. Mas podemos perceber a partir desses documentos e dos silêncios de Michelet sobre determinados assuntos, como o direito das mulheres e as sociedades femininas, sua posição forte e mesmo imutável desde seu casamento com Athénaïs, de que a educação da mulher e o desenvolvimento do seu intelecto seriam apenas para o ambiente familiar, como esposa colaboradora e mãe educadora.

A independência de Athénaïs, traço às vezes mencionado nos diários de Jules, foi uma questão de desarmonia no casamento para ele no final da década de 1860. Muito provavelmente a partir do desenvolvimento das sociedades femininas e do envolvimento da esposa, mesmo que de forma intermitente. O desagrado de Jules é percebido em pequenas situações, como no controle de sua comida, que aparece muitas vezes em suas notas: “Elle avait fort peu mangé, du poulet, un peu d’asperges; demandé gentiment si je permettais la salade”<sup>301</sup>, “querela” que aparentemente se agrava em uma viagem à Glion (Suíça): “Au dîner, son ostentation désagréable d’indépendance (sur un petit sujet, la salade) qu’elle essaya d’excuser”<sup>302</sup>. Enfim, por diversas razões, após também ler os diários de Michelet em outubro de 1868, repletos de suas “*vives curiosités*”, ela acaba por reclamar sua independência: “Elle insista sur ce qu’elle appelle sa double majorité, le droit d’aller, venir”, mas que Michelet provavelmente não compreende mais a fundo as reclamações de sua mulher, porque ele continuou: “je ne sus s’il s’agissait d’un mot sur le passé, ou sur l’épuisement de Glion”<sup>303</sup>. Athénaïs deixou sua indignação e reclamação escrita em uma carta ao marido, assim como fazia no início de seu

<sup>301</sup> MICHELET, Journal Tome III, *op. cit.*, 461. Nota do dia 5 de maio de 1867. “Ela comeu muito pouco, frango, um pouco de aspargos; perguntou educadamente se eu permitia a salada” (tradução nossa).

<sup>302</sup> *Ibidem*, p.52. Nota do dia 1º de setembro de 1868. “No jantar, sua desagradável ostentação de independência (sobre um assunto pequeno, salada), que ela tentou desculpar” (tradução nossa).

<sup>303</sup> MICHELET, Journal Tome II, *op. cit.* p. 67. Nota do dia 19 de outubro de 1868. “Ela insistiu no que chamou de sua dupla maioridade, o direito de ir e vir. [...] Não sabia se era uma palavra sobre o passado ou sobre a exaustão de Glion” (tradução nossa).

casamento, ao tentar expor com mais clareza seu pensamento. Documento que ficou conservado junto aos diários de Michelet. Ao ler o diário de Jules, ela escreveu:

J'ai lu ton Journal que tu as laissé errer. Qu'ai je vu à chaque page? Le regarde clair et froid d'un ennemi. Tout est noté, barré de noire et de rouge, l'attitude, les paroles, les conversations, même l'intérieur, mais à faux. C'est une véritable anatomie. [...]

Quand tu m'offres la compensation d'être associée à ta gloire, je t'en remercie, de mon côté, j'ai tout fait pour que notre union ne servît qu'à l'augmenter. Mais en étant ta femme de cœur, de pensées, j'aurais dû rester plus moi-même, ne pas tellement m'effacer devant tes goûts, tes volontés, tes habitudes, qu'un jour viendrait, où les moindres observations sur ce point nous seraient un sujet de division<sup>304</sup> (grifo nosso).

Autonomia que aos poucos Athénaïs almejou conquistar dentro do casamento, e que foi iniciada com a escrita de sua primeira obra, *Mémoires*, que será analisada no próximo tópico.

## 2.2 Entre a leitura e a escrita: a educação das meninas em *Mémoires d'une Enfant*

Os relatos de memória de Athénaïs sobre sua infância até seus quatorze anos são contados em sua autobiografia publicada em 1867. O início da escrita de sua primeira obra autoral começa em 1865, quando o casal está em viagem em Aix-le-Bains. A partir dos diários de Michelet, Gabriel Monod nos conta essa trajetória em artigo de 1905, intitulado *Comment furent composés "Les Mémoires d'une enfant"* (Como foram compostas "As memórias de uma criança")<sup>305</sup>. Mas a escrita sobre sua infância já havia sido iniciada desde 1855, quando ela começou a estudar História Natural, e se dedicou ao estudo das aves, planejando escrever um livro para crianças. Inspirado pela esposa, Jules acaba reformulando seu trabalho, e da colaboração conjunta são publicados quatro livros de História Natural a partir de 1856. Athénaïs não tinha experiência na escrita de livros no início de seus estudos naturalistas, apesar de Michelet tê-la incentivado no início do casamento, como vimos, a escrever o seu próprio diário.

<sup>304</sup> MICHELET, Correspondance Générale Tome XI, *op. cit.*, p. 456. Documento 148: 19 de outubro de [18]68. "Li seu diário que você deixou vagando. O que eu vi em cada página? O olhar claro e frio de um inimigo. Tudo está anotado, riscado em preto e vermelho, a atitude, as palavras, as conversas, até mesmo o interior, mas isso é falso. É uma verdadeira anatomia. [...] Quando me ofereces a compensação de estar associada à tua glória, eu te agradeço; por minha parte, tenho feito tudo para que a nossa união só sirva para aumentá-la. Mas sendo sua esposa de coração, de pensamentos, eu deveria ter permanecido mais eu mesma, para não me apagar tanto diante de seus gostos, seus desejos, seus hábitos, a ponto de chegar o dia em que a menor observação sobre esse ponto seria motivo de divisão entre nós" (tradução nossa).

<sup>305</sup> MONOD, Gabriel. Comment furent composés "les Mémoires d'une enfant". *La Revue* (Ancienne Revue des Revues), v. LXXIV, 1908, p. 385-400.

Gabriel Monod relata que sua primeira experiência na escrita foi seu diário de viagem à Bélgica, em 1849, o qual publicou em sua biografia sobre Michelet<sup>306</sup>.

No livro *L'Oiseau Athénaïs* fez o primeiro esboço do que seria sua primeira obra autoral. Na introdução ela dedicou muitas páginas a sua infância, rodeada pela natureza na propriedade de sua família, a *Chapitoulas*, em meio a uma paisagem campestre da região onde morava. No livro *L'Insecte* ela dedicou o início do primeiro capítulo às suas lembranças de juventude, após a morte do pai e a mudança da família para a cidade, e a sua impressão triste sobre o estado deplorável em que a casa ficou em poucos meses após se mudarem, tomada por insetos. *La Montagne*, o último livro da série, publicado em 1868, um ano após sua estreia como autora do livro de memórias, contém três capítulos inteiramente de sua mão, e, como nos anteriores, ela rememora experiências de sua vida, agora já casada, de viagens e de lugares, misturando poesia com suas observações sobre a natureza. As páginas específicas escritas por Athénaïs nos livros de História Natural ficaram marcadas apenas por aspas, entretanto, os livros escritos a quatro mãos foram apenas publicados com o nome de Jules Michelet, e sua colaboração ficou “invisível” aos olhos mais desatentos do público leitor.

Sua primeira publicação autoral, no entanto, foi uma pequena história contada como carta ao amigo Eugène Noël, de uma andorinha a qual salvou. Noël foi quem lhe pediu um artigo para o seu *Almanaque des Normands* (Almanaque dos Normandos)<sup>307</sup>, em que o próprio Michelet e outros amigos também publicaram artigos e outros textos. Foi apenas nesse momento, mesmo depois de ter se dedicado já a três livros de História Natural junto com o marido, que ela escolheu seu nome para a publicação, Madame J.[ules] Michelet. A História da pequena andorinha ocorreu quando o casal passou uma estadia em Veytaux, na Suíça, visitando o amigo Edgar Quinet, em setembro de 1861. Em outubro ela escreveu seu texto, e Michelet em seu diário contou também um pouco sobre a aventura solidária e maternal da esposa ao cuidar da pequena andorinha, e registrou:

Je corrige l'épreuve de *L'Hirondelle blessée*, que je trouvai charmante. C'est la première chose que signe ma femme. Elle corrige la signature et met le J au lieu de l'A. Je suis fier d'elle, et c'est pour moi une très sensuelle douceur de la voir appeler Madame Jules Michelet. Du reste, elle me dit elle-même: J'avais pensé à changer l'A (d'Athénaïs) en J<sup>308</sup>.

<sup>306</sup> MONOD, Gabriel. Journal d'un Voyage en Belgique (13-27 août 1849). In: \_\_\_\_\_. Jules Michelet, Études sur sa vie et ses œuvres, *op. cit.*, p. 297-338.

<sup>307</sup> MICHELET, M<sup>me</sup> J. [Athénaïs]. Une Histoire d'Hirondelle. NOËL, Eugène; POUCHET, Georges; PENNETIER, Georges (Orgs.). **Almanach des Normands pour 1862**. Rouen: Ch. Haulard, 1861, p. 66-71.

<sup>308</sup> MICHELET, Journal Tome III, *op. cit.*, p. 75, anotação do dia 25 de outubro de 1861. “Corrigi a prova de *A Andorinha Ferida*, que achei encantadora. Esta é a primeira coisa que minha esposa assina. Ela corrige a assinatura e coloca o J no lugar do A. Tenho orgulho dela, e é para mim uma doçura muito sensual vê-la chamada Madame

Após a morte de sua mãe Madame Mialaret em 1864, Athénaïs teve coragem de escrever sobre sua infância, expandir seus esboços da introdução de *L'Oiseau*, falar sem haver constrangimentos sobre suas tristezas em relação à mãe. O que de fato não a isolou dos silêncios de seus irmãos, principalmente de Tancrède, o irmão mais velho, após a publicação de suas memórias, o que Michelet anotou em seu diário: “L’article de Karcher (Europe de Londres) lui fit hier un vif plaisir. Au contraire, le silence de son frère aîné et la gaminerie de Noël sur les poupées”<sup>309</sup>. Seus relatos contam sobre a educação que recebeu do pai e depois no internato, e as diferenças de tratamento que os irmãos recebiam em casa, mais privilegiados. Como para outras mulheres do século XIX, a vida de uma escritora é o próprio testemunho das condições sociais que favoreceram essa atividade: uma educação precoce em ambiente familiar; acesso à leitura; a um ambiente artístico ou mesmo intelectual; ao conhecimento da história da família e de seus representantes<sup>310</sup>.

Athénaïs teve o início de sua infância marcado pela separação de sua *nourrice*, sua babá e ama de leite, voltando com quatro anos para a casa dos pais, já um pouco crescida, sendo que recebeu poucas visitas dos pais durante esses anos. Ao chegar à casa da família, Athénaïs teve que se adaptar a uma vida diferente, de modos mais rígidos, longe dos carinhos e da ternura da camponesa que a amamentou e a criou de forma livre<sup>311</sup>. Athénaïs mostra que desde muito cedo aprendeu o alfabeto com o pai, enquanto a mãe a ensinava a costura, e diferente dos irmãos, ela não podia sair do lado da mãe enquanto eles brincavam<sup>312</sup>.

A educação para meninas no início do século XIX era predominantemente no seio familiar, e depois de forma descontínua e não formalizada em conventos ou pensionatos laicos. Já os meninos naquele período eram educados geralmente por preceptores contratados antes de irem para os colégios<sup>313</sup>. Como Yves Mialaret foi professor, ele mesmo ensinou seus seis filhos, e recebeu outros meninos em sua casa para serem educados<sup>314</sup>. Desta forma, Athénaïs se

---

Jules Michelet. Além disso, ela mesma me disse: Eu tinha pensado em mudar o A (de Athénaïs) para J” (tradução nossa).

<sup>309</sup> MICHELET, Journal Tome III, *op. cit.*, p. 433. Nota do dia 5 de dezembro de 1866. “O artigo de Karcher (Europa de Londres) de ontem lhe deu grande prazer. Pelo contrário, o silêncio do irmão mais velho e a infantilidade de Noël em relação às bonecas” (tradução nossa).

<sup>310</sup> HANIN, Laetitia. L’autobiographie au féminin, ou les codes de la distinction. *Littérature*, n. 191, Beauvoir em ses Mémoires, 2018, p. 16.

<sup>311</sup> MICHELET, Mémoires d’une Enfant, *op. cit.*, p. 3-5.

<sup>312</sup> *Ibidem*, p. 18.

<sup>313</sup> MATAMOROS, Isabelle. “Moi, je revenais à ma mère”. Les trajectoires “scolaires” des frères et des sœurs comme lieu d’expérience de la différence des sexes au XIX<sup>e</sup> siècle. *Genre & Histoire*, revista eletrônica, n. 20, 2017, § 1. Disponível em: <https://journals.openedition.org/genrehistoire/2845>. [Versão *on-line* de acesso gratuito utilizada para a tese, disponível pelo site *Open Edition*, sem numeração de páginas, apenas com a numeração de parágrafos].

<sup>314</sup> MICHELET, Mémoires d’une Enfant, *op. cit.*, p. 59.

beneficiou de estudos que seriam prioritariamente para os meninos, diferente da realidade de muitas meninas em seu período. Suas reivindicações sobre a infância não são essencialmente da falta de ensino, mas pelo acesso restrito a determinadas leituras e autores, e pela sobrecarga de trabalho que ela tinha no ambiente doméstico desde muito cedo, e da severidade da mãe no cumprimento dessas tarefas. Seus afazeres limitavam seu tempo de leitura e estudos, de seus passeios pelo jardim, e brincadeiras com os irmãos, que lhe seriam muito mais agradáveis, tempo que havia de sobra para os irmãos. Longe dos irmãos, com uma mãe severa e uma irmã mais velha seis anos, Athénaïs conviveu com a solidão. Assim visou contar a história de superação de seu isolamento na infância e de sua dificuldade em se conformar com seu papel de jovem menina por meio dos estudos.

Athénaïs relatou em diferentes passagens a predileção pelo escritório do pai e sua biblioteca, de sua curiosidade pelos livros dos filósofos que ajudava a limpar e guardar o que não tinha acesso para a leitura, como Voltaire e Rousseau<sup>315</sup>. Tinha grande admiração por Yves, pela sua calma e tranquilidade e pela forma de ensinar não apenas pelos livros, mas pelas suas histórias e as tarefas cotidianas. Através do lúdico os ensinava a cozinhar aos domingos, dias em que sua mulher passeava pela cidade com a filha mais velha, sendo permissivo e indulgente com as crianças, bem diferente de Emma<sup>316</sup>. Ela também relatou algumas de suas leituras em história e geografia, e mesmo seus estudos em latim:

J'avais déjà un petit fond d'étude très-attachant. Pour l'histoire, mon Grégoire de Tours abrégé par Lamé-Fleury. [...] Ma petite géographie trompait mon immobilité. Je ne pouvais bien l'apprendre que dans le mouvement. On me laissait aller sur la terrasse. Je me figurais que j'étais en voyage. [...] Le latin me donnait bien du mal; mais pour savoir les histoires touchantes de Joseph, de Ruth et de Tobie, j'y travaillais en conscience. Le soir, je ne me séparais guère d'un petit livre réservé pour mes lectures<sup>317</sup>.

Matamoros irá explicar, a partir de diferentes relatos sobre a leitura na infância, o tema da irmã mais nova que representa um tipo ideal na literatura, que se compara com a irmã mais velha, mais bonita, e também mais orgulhosa, ou seja, “la beauté des sœurs est inversement proportionnelle aux vertus et ce sont les cadettes et les benjamins qui offrent les qualités les

<sup>315</sup> MICHELET, Mémoires d'une Enfant, *op. cit.*, p. 118.

<sup>316</sup> *Ibidem*, p. 125-126.

<sup>317</sup> *Ibidem*, p. 147-148. “Eu já tinha um pequeno fundo de estudo muito atraente. Para a história, meu Gregório de Tours resumido por Lamé-Fleury. [...] Minha pequena geografia enganava minha imobilidade. Só podia aprender bem em movimento. Permitiram-me ir ao terraço. Imaginei que estava viajando. [...] O latim me dava muito trabalho; mas para conhecer as histórias comoventes de Joseph, de Ruth e de Tobie, eu trabalhava com consciência. À noite, raramente me separava de um pequeno livro reservado para minha leitura” (tradução nossa).

plus nobles”<sup>318</sup>. Além de Athénaïs se diferenciar dos irmãos, também fará comparações com a irmã mais velha, Sélima, uma jovem dona de casa nata que não tinha talentos para o estudo, características que explicariam o maior amor da mãe por ela: “Ma sœur aînée était trop loin de mon âge. Entre nous, c’était tout un siècle. Je ne me rappelle pas l’avoir jamais vue enfant à la table d’étude. C’était une jeune créole, toute au ménage ou à l’aiguille. Elle languissait sur les livres. Mon père, non sans tristesse, la laissait à ma mère”<sup>319</sup>. Segundo Matamoros, Athénaïs escolheu justificar suas escolhas de criança, e depois sua vida adulta, renunciando ao amor materno e às expectativas que pesavam sobre ela quando menina, se identificando com valores e comportamentos considerados masculinos<sup>320</sup>. Ao se apresentar como uma leitora estudiosa, ela participou do discurso da valorização da leitura de história, geografia, e mesmo filosofia, às quais ainda não tinha acesso quando criança, como repertório de autoformação, e da importância para a educação das meninas.

Athénaïs dedicou muitas passagens à vida de seu pai, dois capítulos sobre a sua vida até o casamento com sua mãe Emma na Louisiana, pequeno resumo que foi trazido no primeiro capítulo. Mas principalmente pela forma como a tratava e incentivava seus estudos, e a protegia de sua mãe, e mesmo de seus irmãos, de suas brincadeiras maldosas. Para Letitia Hanin, o olhar do pai tem um papel fundamental na confiança em si das meninas, justamente porque ele é para elas o representante do saber da época, enquanto a mãe é uma mulher *du foyer* (do lar), assim “le désir de plaire au père est solvant à l’origine des premiers efforts intellectuels”<sup>321</sup>. Para a autora a primeira educação coincide também com a consciência do prestígio social do pai, momento em que se estabelece um padrão de autoconstrução, e que orientará a existência das futuras escritoras<sup>322</sup>.

No livro *Mémoires* vemos sua relação com a religião para além de seus estudos. A primeira comunhão era um rito importante para crianças católicas, na idade entre onze e doze anos, de sua socialização, principalmente na educação das filhas, que marca a transição entre a infância e a primeira juventude<sup>323</sup>. Mas Athénaïs não dá muita importância a esse fato em seus

<sup>318</sup> LETT, Didier. Frères et sœurs: histoire d’un lien. Paris: Payot, 2009, p. 91, *apud*: MATAMOROS, Mais Surtout, Lisez! Les pratiques de lecture des femmes, *op. cit.*, p. 262. “beleza é inversamente proporcional às virtudes e são as irmãs mais jovens que oferecem as qualidades mais nobres” (tradução nossa).

<sup>319</sup> MICHELET, Mémoires d’une Enfant, *op. cit.*, p. 48. “Minha irmã mais velha era muito diferente da minha idade. Entre nós, foi um século inteiro. Não me lembro de tê-la visto na mesa de estudos quando criança. Ela era uma jovem crioula, toda voltada para trabalhos domésticos e bordados. Ela estava morrendo de saudades dos livros. Meu pai, não sem tristeza, deixou-a para minha mãe” (tradução nossa).

<sup>320</sup> MATAMOROS, Mais Surtout, Lisez! Les pratiques de lecture des femmes, *op. cit.*, p. 262.

<sup>321</sup> HANIN, *op. cit.*, p. 16. “o desejo de agradar ao pai está na origem dos primeiros esforços intelectuais” (tradução nossa).

<sup>322</sup> *Ibidem*, p. 17.

<sup>323</sup> MATAMOROS, “Moi, je revenais à ma mère, *op. cit.*, § 10.

relatos<sup>324</sup>. Para ela foi importante se dedicar aos estudos, e assim deixar seu pai orgulhoso. A saída de casa para o pensionato *Dames de Nevers* aos treze anos foi para ela difícil pelo isolamento da família, mas principalmente pela ausência sempre presente em seus dias de seu pai amoroso. A esperança de Athénaïs era poder vê-lo toda semana, entretanto suas visitas eram raras, pois ele já estava muito ocupado trabalhando em suas plantações para melhorar a renda da família, que enfrentava problemas financeiros advindos da propriedade na Louisiana, e ao mesmo tempo ele já tinha uma idade avançada e estava um pouco doente. Athénaïs se dedicava aos estudos mesmo em suas horas vagas, o que foi um refúgio para seus dias melancólicos. Chegou o dia da primeira comunhão e de seu primeiro exame, passados com louvor, mas a frustração de não ver seu pai no dia da entrega dos prêmios a marcou muito, pois não voltou com a família para casa, como todas as outras alunas fizeram, ficando sozinha no internato até o dia seguinte<sup>325</sup>.

Além do relato da primeira comunhão, haveria em seu livro de memórias mais um capítulo, de sua primeira confissão, publicado postumamente por Monod. Em seu relato ela conta que sua primeira confissão foi aos oito anos de idade, a partir da decisão de uma tia para ela começar a participar mais da Igreja. Uma experiência que para ela foi traumática. Sua irmã Sélima, que recém havia feito sua primeira comunhão, a ajudaria, mas acabou deixando-a sozinha, e durante a confissão ela ficou paralisada de medo. Athénaïs escreveu sobre sua primeira impressão estranha e confusa da relação entre o padre e Deus, mas depois da experiência escreveu:

Cette première initiation, quoique avortée, eut un résultat immédiat: celui de m'apprendre que, désormais, dans la pratique religieuse, j'aurais affaire à deux personnes et que celle qui était comme nous de ce monde, serait la première à compter. Dieu est loin, et le confesseur tout près. Quand j'irais régulièrement à la ville, je le verrais à l'église, je le rencontrerais dans la rue. S'il venait à me regarder, j'en aurais de la confusion, parce qu'il se rappellerait les fautes que je lui aurais dites. Je trouvais bien, en y réfléchissant, un moyen de n'éprouver devant lui aucun embarras, c'était de n'avoir aucun péché à lui dire. Oui, mais j'avais déjà appris, en pensant aux *balances* du bon Dieu, que la perfection n'est pas de ce monde<sup>326</sup>.

<sup>324</sup> MICHELET, Mémoires, *op. cit.*, p. 345.

<sup>325</sup> *Ibidem*, p. 363.

<sup>326</sup> MONOD, Comment furent composés “les Mémoires d'une enfant”, *op. cit.*, p. 399-400 “Esta primeira iniciação, embora abortada, teve um resultado imediato: o de me ensinar que, a partir de agora, na prática religiosa, eu lidaria com duas pessoas e que aquela que era como nós neste mundo seria a primeira a contar. Deus está longe, e o confessor muito perto. Quando eu iria regularmente à cidade, eu o veria na igreja, eu o encontraria na rua. Se ele viesse a olhar para mim, eu teria confusão, porque ele lembraria dos erros que eu teria dito. Descobri, refletindo, que uma maneira de não sentir vergonha diante dele era não ter nenhum pecado para lhe contar. Sim, mas eu já tinha aprendido, pensando na balança do bom Deus, que a perfeição não é deste mundo” (tradução nossa).

Podemos compreender que ao escrever seu livro de memórias, Athénaïs, aos quarenta anos, passados quase vinte anos de sua união com Michelet, anticlerical, podem ter mudado a forma como ela contemplou os eventos de seu passado. Pois Athénaïs teve uma relação muito próxima, em sua juventude, por conta de seus estudos no convento, com os padres de sua infância, principalmente com o padre de sua primeira confissão. A decisão de não colocar o capítulo da confissão em sua obra pode ter sido influenciada pelo marido, pois para ele, como vimos, a confissão era o símbolo do poder malicioso da religião e do padre sobre a mulher. Para Michelet a confissão da mulher seria apenas para o marido. Em conversa com Madame Clarisse Sauvestre, ele anotou em seu diário:

A déjeuner, causé de Fourier, des libertés de la femme. “Au moins, dit M<sup>me</sup> Sauvestre elle-même, il faut un confident autre que le mari.” — “Mais alors, revenons au confesseur... Et pourquoi pas le mari?” — “Oh! il serait jaloux de certaines pensées.” — “Alors, point de mariage: dans l’amour ou tout, ou rien”<sup>327</sup>.

Para José Eduardo Franco a confissão tinha um estatuto sigiloso que dava motivos para as mais diversas suspeitas<sup>328</sup>. O anticlericalismo e sua propaganda contra a confissão faziam da mulher um ser frágil, susceptível às manipulações clericais. Dessa forma, o catolicismo e o anticlericalismo coincidem em seu ideal de transformação espiritual da mulher, através de uma perspectiva paternalista, ou seja, “na visão da mulher como um gênero subalterno que precisa ser instruído e cuidado pelo lado masculino, este sim detentor do poder cultural e espiritual”<sup>329</sup>.

No século XIX era difícil a mulher mover-se dentro das normas que restringiam suas individualidades, e o ato de escrever e prestar contas retrospectivas de sua educação não é um ato trivial numa sociedade em que se debate a questão da educação das meninas, e a partir daí, de sua emancipação por direitos e trabalhos. Isso significa que escrever sobre si é a afirmação de uma singularidade, a afirmação de um “eu” num espaço social codificado<sup>330</sup>, como no caso de Athénaïs, circulando no campo literário e intelectual das redes de sociabilidades de seu marido, como também fazendo parte de um campo novo que se abria e se estabelecia na França no final do século, o de mulheres intelectuais engajadas com a educação feminina. Para

---

<sup>327</sup> MICHELET, Journal Tome III, *op. cit.*, p. 186. Nota do dia 12 de dezembro de 1869. “No almoço, conversamos sobre Fourier e as liberdades das mulheres. ‘Pelo menos’, disse a própria Madame Sauvestre, ‘você precisa de um confidente além do seu marido’. — ‘Mas então, voltemos ao confessor... E por que não ao marido?’ — ‘Oh! ele teria ciúmes de certos pensamentos.’ — ‘Então, nada de casamento: no amor ou tudo, ou nada’” (tradução nossa).

<sup>328</sup> FRANCO, José Eduardo. Anticlericalismo e universo feminino. Polêmicas e estereótipos. **Revista Lusófona de Ciência das Religiões**, Ano VI, n. 11, 2007, p. 266.

<sup>329</sup> *Ibidem*, p. 270.

<sup>330</sup> MATAMOROS, “Moi, je revenais à ma mère”, *op. cit.*, § 24.

Matamoros esse ato de escrita é na verdade uma transgressão, que envolve um investimento forte em áreas do conhecimento consideradas masculinas, e que “concernent qu’une infime minorité de femmes qui non seulement ont bénéficié d’une instruction, mais par la suite ont su transgresser la barrière morale qui s’opposait à la publication”<sup>331</sup>. Para transporem essa barreira moral, no entanto, seria necessário aceitarem a proteção masculina, ou seja, que fossem iniciadas à sombra de um grande homem: serem filhas de, mulheres de, mães, viúvas<sup>332</sup>. E ainda assim, a mulher de um escritor conhecido que publica seria facilmente julgada por ser pretenciosa, suspeita de se beneficiar das proteções do marido que permitem afirmar um talento superestimado<sup>333</sup>.

### 2.2.1 As leituras que influenciaram a construção de *Mémoires*

Athénaïs fez diversas leituras enquanto estava preparando seu livro, e Michelet anotou algumas delas em seu diário: três obras sobre bonecas; a obra *Le Lépreux de la cité d’Aoste* (O leproso da cidade de Aosta) de Xavier de Maistre (1763-1852); as fábulas de Jean de La Fontaine (1621-1695); as *Lettres Philosophiques* (Cartas Filosóficas, 1733) de Voltaire (François Marie Arouet, 1694-1778); o romance *Paul et Virginie* (1788) de Bernardin de Saint-Pierre (1737-1814); e obras contemporâneas, como a autobiografia de George Sand (Aurore Dupin), *Histoire de ma vie* (História da minha vida, 1854-1855)<sup>334</sup> e seu romance *André* (1835)<sup>335</sup>. De fato, podemos dizer que Athénaïs se beneficiou da “tutela” de Jules, e de seu vasto conhecimento em uma literatura do século das luzes em história. Além de seus estudos em História Natural, ela trabalhou como secretária do marido desde o início do casamento, lendo e corrigindo seus textos históricos.

Para escrever sobre a vida de seu pai, fez parte de suas leituras o poema *Toussaint Louverture* (1850), de Lamartine, além da obra do historiador haitiano Alexis Beaubrun Ardouin (1796-1865), que escreveu onze volumes de *Études sur l’Histoire d’Haïti* (Estudos sobre a História do Haiti), publicados entre 1853 e 1861. Lamartine e Ardouin faziam parte do círculo de historiadores no entorno dos Michelet. Podemos dizer que Athénaïs não apenas

<sup>331</sup> MATAMOROS, “Moi, je revenais à ma mère”, *op. cit.*, § 26. “dizem respeito apenas a uma ínfima minoria de mulheres que não só se beneficiaram da educação, mas que posteriormente souberam transgredir a barreira moral que se opunha à publicação” (tradução nossa).

<sup>332</sup> PLANTÉ, La Petit Sœur de Balzac, *op. cit.*, p. 132-133.

<sup>333</sup> *Ibidem*, p. 138.

<sup>334</sup> SAND, George. **Histoire de ma vie**. Paris: Victor Lecou, 1854-55.

<sup>335</sup> SAND, George. **André**. Paris: Félix Bonnaire et Victor Magen, 1835.

transgrediu ao escrever sobre sua própria vida, como Matamoros menciona, como ousou escrever as memórias do pai, intimamente vinculada à história da Revolução do Haiti e mesmo dos anos em que Napoleão esteve preso, através das cartas preservadas de sua família e de seus estudos históricos. Aliás, para Lejeune, a própria “autobiografia se inscreve no campo do conhecimento histórico (desejo de saber e compreender) e no campo da ação (promessa de oferecer essa verdade aos outros), tanto quanto no campo da criação artística”<sup>336</sup>.

Muitas mulheres que escreveram História no século XIX eram consideradas amadoras, e poucas despertaram maior interesse do público por seus escritos, como Germaine de Staël e mesmo a Condessa Marie d’Agoult (1805-1876), isoladas por um casulo de riqueza e de nobreza<sup>337</sup>. Sem falar das inúmeras colaboradoras, mulheres de historiadores, que trabalhavam assiduamente nos projetos dos maridos, de que Athénaïs é o próprio exemplo para Bonnie Smith<sup>338</sup>. Marie d’Agoult e sua família tinham relações de amizade com os Michelet, e pelas correspondências é possível perceber a troca de obras e artigos. Em carta de 1866, enviou uma de suas obras para Athénaïs, possivelmente *Dante et Goethe*, publicada no mesmo ano<sup>339</sup>. Com o pseudônimo de Daniel Stern, a Condessa publicou alguns romances, ensaios e inúmeras obras históricas, como *Histoire de la Révolution de 1848* (História da Revolução de 1848, 1862) e *Essai sur la liberté considérée comme principe et fin de l’activité humaine* (Ensaio sobre a liberdade considerada como princípio e fim da atividade humana, 1863). Podemos perceber aqui como o status das mulheres garantiu um espaço maior para publicações. Dentre as educadoras destacadas neste capítulo, a Baronesa Bertha Marenholtz-Bülów teve um número maior de obras publicadas, além de inúmeras traduções, obras que foram preservadas e ainda hoje são de fácil acesso em arquivos digitais.

As mulheres não tiveram espaço na História pelo status masculino deste no decurso do século XIX, e foi apenas em meados do século XX que elas puderam aceder a uma carreira universitária, ainda que em disciplinas consideradas secundárias. Podemos perceber como exemplo a historiadora Adeline Daumard, que mesmo com seu diploma de historiadora pela *Sorbonne*, professora no Liceu Henri IV, e sua tese em curso na década de 1950, não publicou seus trabalhos nos revista dos *Annales* sem mencionar uma tutela ou um coautor masculino<sup>340</sup>. Mesmo após o término de sua tese em 1963, e ingressar em 1968 como titular em História

<sup>336</sup> LEJEUNE, O Pacto Autobiográfico, *op. cit.*, p. 104.

<sup>337</sup> SMITH, *op. cit.*, p. 89.

<sup>338</sup> *Ibidem*, p. 180-216. (A vida doméstica e os grandes historiadores).

<sup>339</sup> MICHELET, Correspondance Générale Tome X, *op. cit.*, p. 133. Carta 10379bis de Marie d’Agoult à Michelet em [1866].

<sup>340</sup> MACHADO, Daiane Vaiz. Le genre de l’Histoire: la carrière d’Adeline Daumard, 1940-1980. *Les études Sociales*, v. 1, n. 177, 2023, p. 173.

Contemporânea na *Université de Lille* (Universidade de Lille) em Amiens, após uma década de ensino nesta instituição, ela ainda sofreu pela falta de prestígio no meio acadêmico, e expôs muitas vezes ter sido tratada apenas como secretária<sup>341</sup>. Desta forma, Daiane Machado, expõe com o exemplo de Adeline Daumard, que mais de um século depois das primeiras historiadoras, consideradas amadoras, as mulheres continuam a levantar dúvidas quanto às suas experiências profissionais.

Athénaïs ao escrever suas memórias teve provavelmente inspiração na autobiografia de George Sand, e mesmo em seu romance *André. Histoire de ma vie*, escrito entre os anos 1847 e 1854, pode ser dividida em cinco partes<sup>342</sup>. Na primeira parte ela relatou a história de sua família; na segunda, seus primeiros anos de vida; na terceira, abordou sua infância até a primeira juventude, dos seis aos quatorze anos; na quarta parte, percorreu seus momentos de transição até a independência, quando publicou seu primeiro romance, em 1832; e na última, ela dá preferência à sua vida literária e íntima, até o ano de 1854. Athénaïs se inspirou provavelmente nos modelos dos três primeiros volumes para seu livro de memórias, que acabou com a morte do pai, quando ela tinha quatorze anos. Ao passo que Athénaïs tem na figura do pai aquele que a encoraja em seus estudos, Sand, ao perder o pai muito cedo, terá sua avó como guardiã e educadora, e terá o apoio de uma figura masculina a partir de seu preceptor Deschartes, que lhe deu uma educação pouco ortodoxa. Ambas encontraram nos estudos e na leitura um refúgio de uma vida na juventude cercada por perdas e dúvidas de um futuro eclesiástico, pelas suas educações em conventos<sup>343</sup>.

George Sand, autora já consagrada, traz de início sua intenção ao escrever suas memórias, um estudo de sua própria existência para dar o exemplo aos leitores: “a minha história por si mesma é muito pouco interessante. Os fatos nela desempenham um papel menor, as reflexões a preenchem”<sup>344</sup>. Athénaïs, ainda muito insegura de sua própria pluma, não faz uma apresentação inicial, apenas uma dedicatória ao marido: “Voilà ce récit que tu m'as souvent demandé, et que pour toi j'ai trouvé doux d'écrire. De mon enfance, déjà loin, *l'Oiseau* n'a pris que les sourires, et tu veux avoir tout: aspirations, rêves et tristesses”<sup>345</sup>. Enquanto Sand ousou

<sup>341</sup> MACHADO, *op. cit.*, p. 177.

<sup>342</sup> A primeira edição publicada de *Histoire de ma vie* foi pela editora *Victor Lecou*, que publicou as 5 partes da obra divididas em 20 tomos entre os anos 1854 e 1855. A tradução da obra de Sand para o português pela editora Unesp (2017) informa equivocadamente como a publicação inaugural a de 1856 pela editora Michel Levy, dividida em 10 tomos.

<sup>343</sup> HANIN, *op. cit.*, p. 17.

<sup>344</sup> SAND, George. **História da Minha Vida**. Unesp, 2017, p. 41.

<sup>345</sup> MICHELET, *Mémoires d'une Enfant*, *op. cit.*, página inicial dedicatória. “Esta é a história que você sempre me pediu, e que para você achei doce escrever. Da minha infância, já distante, o *Pássaro* levou apenas os sorrisos, e você quer ter tudo: aspirações, sonhos e tristezas” (tradução nossa).

descrever sua história na cena pública, em defesa de sua identidade, Athénaïs não prosseguiu com a continuação de suas memórias após os quatorze anos, apesar de haver muitos manuscritos dela com uma possível continuação.

A partir da obra *André*, Athénaïs pode ter retido a forma como a autora descreveu a vida no campo. *André* é um romance em que a narrativa ocorre na zona rural de Berry, cidade em que George Sand se descobriu como poeta, num período tenso em que passava a assumir uma série de responsabilidades. Com a morte de sua avó, ela precisou casar-se apressadamente para ter um status conjugal e manter sua herança. Casou-se com o filho ilegítimo de um barão. Neste período ela mesclou “em sua intimidade do seu espírito, o desespero pela morte e a vontade de uma saída vital”<sup>346</sup>. O romance conta a história de um infeliz caso de amor de um jovem aristocrata que não se inportava com alianças desfavoráveis e cuja paixão impossível levou à morte de sua amada, uma moça pobre e operária. *André* foi concebido com um tom pastoral virgiliano e idílico, e destaca-se a importância do motivo das flores, da botânica, ao passo que vai gradualmente se passando para o drama<sup>347</sup>.

O tom pastoral na obra de Athénaïs é evidente, principalmente nos primeiros quatro capítulos da terceira parte: *Revers de fortune*, *La paix de Dieu*, *Le travail*, *Le chant du bouvier* (Revezes da Fortuna, A Paz de Deus, O Trabalho, A Canção do Vaqueiro). Faz nesses capítulos uma homenagem a Virgílio, ao descrever a região dos campos do *Midi*, como é chamada a região onde fica Montauban, ao descrever o trabalho no campo, a benevolência de seu pai com os pobre e os animais, o ir e vir dos camponeses em sua propriedade para utilizar a água da fonte: “Le soir aussi, les femmes d'alentour venant à notre puits emplissaient leurs cruches, et, non sans grâce, à la façon antique, les rapportaient sur la tête. Les jeunes bouviers ne manquaient guère d'arriver là. Et c'était le tableau d'Éliézer et de Rébecca”<sup>348</sup> (Figura 5). Rememora suas horas de pesca do tanque da propriedade, em que levava consigo suas leituras: “Avec mes Géorgiques traduites, ou une petite Mythologie qui enchantait mon imagination, je restais là des heures entières.”<sup>349</sup>.

Hannosh demonstra a profunda importância que as artes tiveram para a concepção da História para Michelet, e para as obras de História Natural que escreveu em conjunto com

<sup>346</sup> SAND, *op. cit.*, p. 11. Apresentação George Sand: uma autobiografia, por Magali Oliveira Fernandes.

<sup>347</sup> PONZETTO, Valentina. “George Sand, Œuvres complètes, 1835: André, Leone Leoni”. *Studi Francesi*, n. 173, 2014, p. 388. Resenha disponível em: <https://journals.openedition.org/studifrancesi/1898>.

<sup>348</sup> MICHELET, Mémoires d'une Enfant, *op. cit.*, p. 238. “À noite, também, as mulheres das redondezas vinham ao nosso poço, enchiam seus jarros e, não sem graça, à maneira antiga, os levavam sobre as cabeças. Os jovens vaqueiros faltavam para em chegar lá. E este era o quadro de Eliézer e Rebeca” (tradução nossa).

<sup>349</sup> *Ibidem*, p. 240. “com minhas Geórgicas traduzidas, ou uma pequena Mythologia que encantava a minha imaginação, ficava lá horas inteiras” (tradução nossa).

Athénaïs: “he discusses nature with reference to, and using the language of art, creating a painting of his own”<sup>350</sup>. Athénaïs enriqueceu suas obras com inúmeras referências a produções artísticas, demonstrando que, além da leitura, as artes visuais também desempenharam um papel fundamental na construção de seu livro.



Figura 5: Elièzer e Rebeca (1648), pintura a óleo sobre tela do pintor francês Nicolas Poussin (1594-1665), 118x199cm, que está no Museu do Louvre, na ala Richelieu, segundo andar, sala 826. Mostra uma cena bíblica em que Rebeca recebe presentes de Elièzer, enquanto em seu entorno muitas mulheres carregam água em suas ânforas em um poço de água. Fonte: Museu do Louvre - Coleções. Disponível em: <https://collections.louvre.fr/en/ark:/53355/cl010062436>.

Outra obra ficcional que pode ter influenciado Athénaïs foi *Jayne Eyre*, da romancista inglesa Charlotte Brontë (1816-1855). Como mencionado anteriormente, esta obra foi traduzida por Noémi Souvestre, amiga de Athénaïs. Publicado em 1847 sob o pseudônimo de Curren Bell, *Jane Eyre* traz como subtítulo *An Autobiography* (uma Autobiografia). A primeira parte do livro, que compreende os cinco primeiros capítulos, é amplamente baseada nas próprias experiências de Charlotte em uma instituição de educação para meninas. A protagonista, Jane Eyre, teve uma infância melancólica e triste. Órfã dos pais, foi criada por sua tia, que a

<sup>350</sup> HANOOSH, *op. cit.*, p. 15. “Ele discute a natureza com referência à linguagem da arte e usando-a, criando uma pintura de sua autoria” (tradução nossa).

maltratava. Aos onze anos foi enviada para um internato, onde concluiu sua educação em seis anos, e depois trabalhou como professora na mesma instituição por mais dois anos. Depois dessa experiência, aos dezoito anos, foi trabalhar como preceptora em casa de família<sup>351</sup>.

Toda essa jornada da personagem Jayne Eyre, até seus dezoito anos, ressoa com as próprias experiências de Athénaïs. As críticas ao livro de autora inglesa foram fortes, devido ao questionamento da autora sobre a condição da mulher, em particular da preceptora. Em uma visão de mundo em que a mulher está destinada ao privado e à governança do lar, a preceptora, cada vez mais requisitada no século XIX pela classe média, mulher solteira com um trabalho remunerado e independente, mesmo agregada à vida doméstica, era uma “anomalia”. Entretanto é necessário salientar que, apesar de ser a única oportunidade de trabalhar para mulheres instruídas, as condições eram precárias e desvantajosas<sup>352</sup>. Tanto preceptoras em casas de família, como *institutrices* em pensionatos de ensino, ganhavam, como visto, menos que boas empregadas domésticas, e trabalhavam praticamente todos os dias, sem descanso. Podemos ver o nível de preocupação dos Michelet com a exaustão em correspondência à Madame Thiébaud, e mesmo o fim trágico de Madame Lemonnier pela fadiga. Como mencionado, Athénaïs ao trabalhar em Viena como preceptora também passou muitas dificuldades, pelo controle da princesa, mas também ficou extremamente doente.

A personagem Jayne Eyre tem uma melhor amiga no internato, mas esta sofre com tuberculose, e morre. Charlotte retratou essa situação baseada na vida de suas duas irmãs mais velhas, Maria e Elizabeth, que estudaram na mesma instituição que Charlotte, e vieram a morrer da mesma doença<sup>353</sup>. Nas pensões era sabido que os alunos passavam por inúmeras enfermidades, como febre tifoide, doença que Athénaïs teve aos 8 anos de idade, com recaídas e episódios de febre que perduraram por dois anos. Doença que quase a matou, e que possivelmente a deixou com a saúde muito fragilizada por toda a sua vida. No Convento, levando uma vida solitária e melancólica depois da partida do pai para a Louisiana, Athénaïs manteve uma relação próxima de carinho e amizade com uma freira, Thérèse, mas esta estava muito doente, e acabou falecendo<sup>354</sup>.

Charlotte Brontë, depois dos estudos, trabalhou como preceptora na mesma instituição em que se formou. Assim como Athénaïs, a romancista também tinha conhecimento em línguas

<sup>351</sup> BRONTË, Charlotte. **Jane Eyre**. São Paulo: Martin Claret, 2014.

<sup>352</sup> MONTEIRO, Maria Conceição. Figuras errantes na época Vitoriana: a preceptora, a prostituta e a louca. **Fragmentos**, v. 8, n. 1, 1998, p. 63.

<sup>353</sup> CAMPANA, Crislaine Aline. **A irmã silenciosa: Anne Brontë e a escrita de autoria feminina na Inglaterra no início do século XIX**. Monografia em História, Memória e Imagem, 112p. Universidade Federal do Paraná, Setor de Ciências Humanas, 2017, p. 22.

<sup>354</sup> DELAMOTTE, *op. cit.*, p. 57-58.

clássicas, o que era raro para mulheres, pois eram disciplinas obrigatórias apenas para os meninos. Charlotte teve duas propostas de casamento, mas recusou as duas, pois almejava poder trabalhar e abrir sua própria escola, se casando depois devido a certas conveniências<sup>355</sup>.

Além do pai como referência fundamental na construção da identidade feminina, as personagens de romances, com semelhanças na realidade também são assimiladas. Para Hanin, a literatura desempenha um papel socializador, uma vez que, restritas ao ambiente doméstico e religioso, as mulheres passam grande parte do tempo expostas apenas a uma visão de mundo moldada pela moralidade social, que as define principalmente como esposas e mães. O livro, contudo, abre espaço para outras possibilidades, apresentando personagens rebeldes que rejeitam vidas banais e oferecem às mulheres um reflexo de seus próprios sentimentos e uma comunidade simbólica onde podem se reconhecer<sup>356</sup>.

Para escrever suas memórias, Athénaïs buscou obras que a aproximassem de seu pai, e outras com o lugar em que passou sua infância, mas é importante compreender como as obras contemporâneas, as de George Sand, mesmo a leitura provável de *Jane Eyre* pela proximidade com a tradutora, e outras que Michelet provavelmente não anotou, mostram um reflexo interior de não aceitação de um papel que lhe é designado, seu desejo sempre de ser dona de si, que foi extravasado pela pluma. A comunidade em seu entorno de educadoras, bem como o avanço nas reflexões sobre a educação da mulheres, foram modelos essenciais para que ela pudesse concretizar a publicação de suas memórias, que por muito tempo haviam sido idealizadas. Entretanto, em sua entrega e sacrifícios para o amor conjugal e uma vida de colaboração intelectual, ficou presa por muito tempo ao papel de esposa e mulher ideal, o qual Jules costurou para sua vida, até “alçar voo” com suas próprias obras. Colaboração que será analisada no próximo capítulo, e que está intimamente ligada com a própria construção de si, aqui analisada:

Je dus à ce labeur de ma première enfance le goût delà simplicité, de l'action. Je n'aimai que le bien qui me vient du travail. A la bonne fortune j'ai dit - Merci! Mais je n'ai jamais craint ses revers, espérant toujours rester *moi* (grifo do autor)<sup>357</sup>.

Essa citação é essencial para compreender o “eu” de Athénaïs, que se manifesta de forma marcante em sua escrita, seja nas cartas ao marido, seja em sua autobiografia. Ao

---

<sup>355</sup> CAMPANA, *op. cit.*, p. 27, 43.

<sup>356</sup> HANIN, *op. cit.*, p. 17-19.

<sup>357</sup> MICHELET, *Mémoires d'une Enfant*, *op. cit.*, p. 232-233. “Devo a esse trabalho da minha infância o gosto pela simplicidade e pela ação. Eu só amava o que de bom vinha do trabalho. À boa fortuna eu disse: Obrigada! Mas nunca temi seus reveses, sempre esperando permanecer eu mesma” (tradução nossa).

preencher as lacunas de sua memória de infância em sua narrativa, ela incorpora questionamentos e reflexões do presente. Athénaïs se percebia não apenas como esposa de Michelet, mas como uma mulher intelectual com ambições literárias, inserida em um universo de conhecimento que o casamento lhe proporcionou. Participando de um círculo social ativo que discutia questões femininas, como o direito e a educação, e convivendo com mulheres letradas e intelectuais (tema abordado em tópico anterior e resumido na Tabela 1, Athénaïs encontrou espaço para desenvolver sua identidade como escritora. Apesar de suas inseguranças em relação à escrita, ela persistiu em afirmar sua participação e autoria nas obras de história natural.

Tabela 1: Mulheres educadoras na rede de relações do casal Michelet, que estão vinculadas às Sociedades de Educação da Mulher em Paris.

<b>Educadora</b>	<b>Cônjuge / Filhos</b>	<b>Instituição - Local</b>	<b>Obras publicadas</b>
Joséphine Bachelery (1803-1872), Diretora de pensionatos laicos para jovens meninas.	Félix Bachelery (1795-1864), Artista, professor de desenho na instituição da esposa.	Paris - Pensionnat de Jeunes Demoiselles dirigé par M <sup>me</sup> Bachelery (1835-1853) Rue du Rocher 52.	<i>Lettres sur l'éducation des femmes</i> (1848), e artigos em jornais dedicados à educação.
Baronesa Bertha von Marenhotz-Bülow (1810-1893), Difundiu os Jardins de Infância e a pedagogia de Friedrich Fröbel em vários países da Europa.	Wilhelm von Marenholtz (1789-1865), Alto conselheiro do Império (separados sem divórcio oficial).	Berlim – fundada em 1870.	Ajudou a difundir a obra de Fröbel, promovendo traduções pela Europa. Escreveu quatro obras próprias, e algumas foram traduzidas para o inglês: <i>Reminiscences of Friedrich Froebel</i> (1877); <i>The child, its nature and relation</i> (1877).
Élisa Lemonier (1805-1865), Fundou a primeira sociedade para ensino profissional de mulheres em Paris.	Charles Lemonier (1806-1891), Jornalista, fundador da <i>Revue Philosophique</i> ; e da <i>Ligue de la Paix et de la liberté</i> . Trabalhou na <i>Compagnie du chemin de fer du Nord</i> .	Paris - <i>Société de protection maternelle</i> (1856); e <i>Société pour l'enseignement professionnel de femmes</i> (1862). 1) Rue du Val Saint-Catherine 23; Diretora: Joséphine de Marchef-Girard (1827-1887); 2) Rue Rochechouart 72; Diretora: Clarisse Sauvestre (1810-1892).	Colaborou com o texto <i>Avenir de la Femme</i> (1831) de Charles.
Floreska Guépin (1813-1889), Fundou a segunda sociedade para ensino profissional de mulheres.	Ange Guépin (1805-1873), médico, escritor e político francês.	Nantes - <i>Société nantaise pour l'enseignement professionnelle des jeunes filles</i> (1873).	Obras de tradução do francês para o Inglês, e biografia sobre o marido.
Madame Thiébaud (s.d) Professora e Diretora de pensionato de educação laica para meninas.	Filha: Madame Babin (s.d), Institutrice Filho: Louis Thiébaud (1828?-1899), Professor, trabalhou na <i>Compagnie du chemin de fer d'Orléans</i> .	Paris – <i>Pensionat pour Jeunes Filles de Madame Babin-Thiébaud</i> Quai de la Rapée 58.	<i>Mnémotchnie</i> (1845).
Nanine Souvestre (1806-1886) Romancista, tradutora, e engajada nas sociedades femininas Madames Lemonnier e Guépin.	Émile Souvestre (1806-1854). Advogado, jornalista e romancista.	Colaborou com Élis Lemonier na <i>Société pour l'enseignement professionnel de femmes</i> .	Nanine escreveu quatro romances, e colaborou com artigos de seu marido, sem ser creditada. Também publicou artigos em revistas, geralmente como anônima.
Marie Souvestre (1835-1905), Pedagoga, tradutora, diretora de escolas de ensino secundário para meninas	Companheira: Caroline Dussault (1833-1887), Pedagoga, professora, diretora da Escola <i>Les Ruches</i> a partir de 1883.	Fontainebleau e Avon - <i>Escola Les Ruches</i> (1865); Winbledon (Inglaterra) – <i>Allenswod Academy</i> (1883).	Aparentemente nem Marie nem Caroline publicaram livros. Mas podem ter contribuído com artigos em jornais, ou mesmo panfletos de educação.

### **CAPÍTULO 3. A colaboração de Athénaïs nos livros de História Natural colocada em questão**

A inspiração para a série de livros dos Michelet está diretamente ligada à experiência do casal com a natureza, desde o início de seu relacionamento, através dos anos de exílio. A partir de 1852, com a mudança para Nantes e, posteriormente, para Nervi na Itália, o contato com o ambiente natural tornou-se ainda mais intenso e significativo, influenciando profundamente sua produção intelectual. Enfrentando dificuldades financeiras e políticas, Jules Michelet encontrou na natureza não apenas um refúgio, mas um novo campo de investigação, ampliando sua abordagem histórica para incorporar elementos da natureza. Athénaïs, por sua vez, mergulhou nos estudos de ciências naturais, mantendo um rico intercâmbio com o amigo Eugène Noël.

Jules Michelet foi frequentemente descrito como um naturalista atípico, pois, antes de se dedicar à história natural, era historiador e professor em instituições renomadas, como a *École Normale* e o *Collège de France*. Sua obra naturalista, incluindo *L'Oiseau* e *L'Insecte*, muitas vezes foi recebida com críticas que o classificavam como um poeta que se aventurava na ciência, e não um cientista ou mesmo um divulgador de ciências. No entanto, no século XIX, as fronteiras entre amadores e profissionais ainda eram fluidas, e tanto Michelet quanto sua esposa, Athénaïs, que colaborou ativamente em suas pesquisas, estavam inseridos nas redes de sociabilidade científica.

No entanto, é interessante perceber como Athénaïs foi recebida pela crítica quando publicou sua obra autoral *Mémoires d'une Enfant*, e como a crítica reverberou as críticas negativas às obras de *L'Amour* e *La Femme* de Jules Michelet, e trazendo críticas à sua colaboração nas obras de história natural. Athénaïs não escapou das críticas e controvérsias da época, principalmente devido às normas sociais e às expectativas de gênero da sociedade oitocentista.

#### **3.1 A inspiração para a série de livros do casal Michelet**

Desde o início do relacionamento dos Michelet a natureza estava presente, envolvendo-os, como um *álibi*, como Michelet escreve em seu diário e seus livros<sup>358</sup>. É interessante notar a

---

<sup>358</sup> DAL MASO, *op. cit.*, p. 29.

partir do ano de 1852, quando o casal parte de Paris para o interior da França em Nantes, em autoexílio, um fator possivelmente determinante, que podemos constatar nas cartas de Michelet aos amigos e familiares, foi a questão econômica, além das questões políticas da França e o golpe de Napoleão III.

Michelet, destituído dos cargos de professor no *Collège de France* e de chefe da seção de História dos *Archives Nationales*, fica apenas com a renda da venda de seus livros. Entretanto, a venda de seus livros de história também diminuiu consideravelmente, pois foram retirados do rol da lista para os alunos. Michelet tinha compromissos financeiros, pois pagava a pensão de sua família, que incluíam seus dois filhos do primeiro casamento com Pauline Rousseau-Michelet, Adèle Michelet-Dumesnil, casada com Alfred Dumesnil, e Charles Michelet (1829-1862), além do tio Narcisse Michelet (1776 -1867), irmão já idoso de seu falecido pai. Desta forma, o historiador não vê outra alternativa que se mudar a princípio de seu apartamento, que ficava próximo ao *Panthéon*, na região central de Paris, para um lugar mais barato, e depois mudar-se para Nantes. As economias do casal são imensas, e durante o exílio, apesar de terem em alguns momentos algumas ajudantes, Athénaïs se vê com todas as obrigações e os afazeres do lar, além de se dedicar aos estudos e ajudar Jules lendo as provas de seus livros de história. Em carta a Eugène Noël (1816-1899)<sup>359</sup>, já instalados no segundo local do exílio, em Nervi, perto de Gênova na Itália, Michelet escreve sobre sua mulher: “Elle s’est tirée de tout d’une manière héroïque au ménage et aux affaires, comme aux livres et à l’étude, elle est la même, vive, appliquée et elle réussit à tout, même au patois de Gênes”<sup>360</sup>.

Jules tinha uma relação intensa de amizade com Eugène Noël, desde que o conheceu a partir de Alfred Dumesnil, quando era professor dos dois no *Collège de France*, na década de 1840. A intimidade de Jules e Noël transparece nas cartas, através das trocas literárias entre os dois, do apoio recíproco aos projetos de livros, da franqueza das críticas, principalmente por parte de Noël, e também pela troca de experiências da vida privada, do lar, evidenciada pela liberdade em Michelet poder falar de Athénaïs, de suas dificuldades e de seus estudos. Athénaïs também se correspondia com Noël, e ele foi para ela uma grande inspiração aos seus estudos em ciências naturais.

---

<sup>359</sup> Eugène Noël foi um escritor e jornalista francês em Rouen de 1860 a 1888. Escreveu obras naturalistas como *Pisciculture, pisciculteurs et poissons* (1856) e *La Vie des fleurs et des fruits* (1859), no mesmo período em que Jules e Athénaïs publicaram seus livros de história natural. Eugène Noël foi muito amigo de Jules Michelet, também confidente, e trocaram por correspondência muitos de seus interesses e planos de trabalho, inclusive sobre os livros de história natural.

<sup>360</sup> MICHELET, Correspondance Générale Tome VII, *op. cit.*, p. 678. Carta 6450 de Michelet à Eugène Noël, dia 5 de janeiro 1854. “Ela lidou com tudo de forma heroica, tanto nas tarefas domésticas e nos negócios, quanto nos livros e estudos. Ela é a mesma, animada, diligente e tem sucesso em tudo, até mesmo no dialeto de Gênova” (tradução nossa).

Em carta de Noël a Athénaïs, ele fala de seus interesses e também indica livros a Jules Michelet: “Rousseau, Montesquieu, Buffon! Il me faut étudier tous ces hommes; cela n’empêche pas que je ne sois quelque fois à mes fleurs et que je ne jette aussi les yeux de temps en temps sur les bonnes choses que produit notre siècle”<sup>361</sup>. Noël, inspirado por Michelet e seus estudos, publicou obras sobre *Rabelais* (1850), *Molière* (1852) e *Voltaire* (1855), mas sua vida no campo, em Rouen, e seus afazeres na propriedade levaram-no a se interessar pelas ciências naturais. Ele publicou, no mesmo período em que os Michelet publicavam seus primeiros livros de história natural, dois livros também nessa temática, um sobre piscicultura, *Pisciculture, pisciculteurs et poissons* (Piscicultura, piscultores e peixes, 1856), e outro sobre flores, *La vie des fleurs et des fruits* (A vida das flores e dos frutos, 1859), assunto em que a partir das cartas trocadas com Athénaïs, sugere o interesse recíproco dos dois sobre as flores e os jardins, como ele escreve à Jules Michelet:

Madame me demande pourquoi je ne continue pas mes lettres sur les fleurs. Elle a raison, on devrait parler toujours de ces créatures innocentes. Je reprendrai quelque jour cette causerie [...] Je tâche aussi à me faire une petite histoire de l’horticulture. [...] Madame Michelet devrait bien entrer avec moi dans ce travail...<sup>362</sup>.

Athénaïs se correspondeu durante o exílio com várias outras pessoas do círculo de Michelet, do qual ela agora faz parte, mas é com Noël que ela parece ter mais trocas sobre questões da natureza. Michelet, também muito envolvido com a escrita de seus livros em 1852 e 1853, com o término do livro sobre a Revolução francesa, e depois muito doente durante o período em que esteve em exílio, sem poder se dedicar à escrita pela fadiga<sup>363</sup>, muda de Nantes para Nervi, procurando um clima melhor para sua recuperação. Ele faz então relatos sobre o entorno exuberante de natureza de sua estadia em Nantes, e que lhe faltava essa vida em Nervi. Esses relatos de Michelet aparecem em suas correspondências principalmente com Eugène Noël, algumas com seu genro Alfred Dumesnil, e com Charles Alexandre (1821-1890), além dos amigos Hector Poret (1799-1864) e sua mulher Madame Poret. No período em que esteve

<sup>361</sup> MICHELET, Correspondance Générale Tome VII, *op. cit.*, p. 272. Carta 6015 de Eugène Noël à Athénaïs, dia 12 de novembro 1852. “Rousseau, Montesquieu, Buffon! Devo estudar todos esses homens; Isso não me impede de estar às vezes nas minhas flores e também de lançar meus olhos de vez em quando para as coisas boas que nosso século produz.” (tradução nossa).

<sup>362</sup> *Ibidem*, p. 403. Carta 6154 de Eugène Noël à Athénaïs, dia 5 de abril 1853. “A senhora me pergunta por que não continuo minhas cartas sobre flores. Ela está certa, devemos sempre falar sobre essas criaturas inocentes. Retomarei essa conversa algum dia [...] Também estou tentando contar um pouco da história da horticultura. [...] Madame Michelet deveria se juntar a mim neste trabalho” (tradução nossa).

<sup>363</sup> Michelet apresentou muitos problemas gastrointestinais durante o exílio, e além de tomar muitos remédios utilizados naquele período para tentar remediar o problema, como Bismuto, Magnésio, até Clorofórmio, teve uma dieta quase que restrita a leite enquanto estava em Nervi na Itália, o que o deixou extremamente fraco.

em Nantes, de junho de 1852 até outubro de 1853, Michelet pouco escreveu sobre a natureza em seu Diários. É nas cartas que Michelet tem uma atividade maior de trocas com seus amigos e conhecidos, tentando entender o processo do exílio, do término de seu livro sobre a Revolução que o estava consumindo, e principalmente com o apoio de Alfred Dumesnil, sobre seus contratos com as editoras. A principal experiência para Michelet, de ligação com a Natureza, registrada em seu diário, é a partir de sua mudança para Nervi, da falta de Nantes, e de suas experiências renovadoras com os banhos de mar e de lama em Acqui.

Dessa forma, o exílio dos Michelet, embora marcado por dificuldades financeiras e incertezas, revelou-se também um período fértil de descobertas intelectuais e artísticas. A experiência direta com a natureza, vivida tanto em Nantes quanto em Nervi, não apenas reforçou a conexão do casal com o ambiente natural, mas também influenciou profundamente sua produção literária. Athénaïs, imersa no estudo das ciências naturais e no diálogo com figuras como Eugène Noël, encontrou na observação do mundo natural uma fonte de inspiração e resistência. Já Michelet, apesar dos desafios enfrentados, viu na natureza um refúgio e um elemento central para sua escrita, ampliando sua visão histórica para incorporar uma dimensão mais sensível e orgânica. Assim, a série de livros que o casal desenvolveria nos anos seguintes não surgiu apenas de um interesse erudito, mas de uma vivência intensa e transformadora, na qual a natureza se tornou tanto um refúgio quanto um campo de exploração intelectual.

### 3.2 Livros de divulgação científica: o amadorismo em meados do século XIX

O historiador francês Jules Michelet e sua segunda esposa, Athénaïs Michelet, a partir de 1855, dedicaram-se a estudar e escrever, em estreita colaboração, livros de história natural. Inicialmente Athénaïs teve o interesse em escrever um livro de história natural sobre aves para crianças, influenciada pela leitura do livro de ornitologia de Alphonse Toussenel (1803-1885)<sup>364</sup>, *Le Monde des Oiseaux* (O Mundo das Aves, 1853-1855)<sup>365</sup>. Jules, em seguida, admirado pelos estudos de sua esposa, sentiu-se impelido a (re)escrever o livro<sup>366</sup>, utilizando o conhecimento dos estudos literários-científicos que ele e sua esposa haviam iniciado durante o

<sup>364</sup> Alphonse Toussenel foi um escritor, jornalista e naturalista francês, discípulo do socialista utópico Charles Fourier (1772-1837), e antissemita. Apesar da admiração do casal Michelet ao naturalista, no livro *L'Oiseau* há críticas severas à prática da caça que Toussenel realizava e defendia.

<sup>365</sup> TOUSSENEL, Alphonse. *L'Esprit des Bêtes*. Le monde des Oiseaux. Ornithologie passionnelle. Paris: Librairie Phalantérienne, 1853.

<sup>366</sup> MICHELET, Journal Tome II, *op. cit.*, p. 290. Michelet escreveu em seu diário no dia 21 de junho de 1855: “Commencé à refondre le livre de la mie[nne]”.

autoexílio, entre 1853 e 1854, no interior da França e da Itália. Durante este período, o casal teve uma aproximação maior com a natureza e passaram muitas horas lendo livros de naturalistas e viajantes.

Com a publicação do primeiro livro de história natural, *L'Oiseau*, em 1856, e que foi sucesso imediato de público, o casal se dedicou a publicar outro livro com a mesma temática, *L'Insecte*, no ano seguinte, bem como *La Mer e La Montagne*, ambos na década de 1860. Essas obras foram publicadas apenas com a autoria de Jules, e a colaboração de Athénaïs permaneceu de certa forma “invisível” aos olhos do público leitor. São obras que trazem um conteúdo bastante complexo, pois misturam tanto conhecimentos sobre os saberes biológicos da época, a ornitologia, a entomologia, a geografia, a botânica, através das obras de naturalistas e viajantes, quanto de suas próprias observações em campo; bem como fazem relações com a história e a política do momento, através de uma linguagem poética e pedagógica.

Hoje essas obras naturalistas são ainda conhecidas, havendo algumas novas edições contemporâneas em francês, mas principalmente a partir de estudos literários, e mesmo históricos, que estão sendo realizados desde a década de 1970. Ainda assim, a maioria dos pesquisadores enfatizou unicamente o trabalho de Jules Michelet como naturalista e poeta original. Mais contemporaneamente, muitos têm se dedicado a evidenciar os saberes biológicos presentes em obras naturalistas de meados do século XIX, colocando em protagonismo também os colaboradores, principalmente as esposas e familiares, tentando compreender o espaço em que os autores e as obras ocuparam num período em que a ciência constituía uma atividade eminentemente masculina, e que o amadorismo científico e a profissionalização das ciências começaram a tomar forma.

Cabe, no entanto, perguntar: Jules Michelet e Athénaïs foram considerados naturalistas em sua época? Suas obras foram qualificadas como de ciências naturais, de vulgarização, ou de divulgação científica? Essas obras, que tiveram um grande alcance de público em geral, tiveram também de alguma forma influência em outros naturalistas, como nos campos das ciências naturais que estavam se profissionalizando? É possível, a partir de fontes como o diário de Jules Michelet, e de sua correspondência, documentos que já foram utilizados por inúmeros pesquisadores, levantar hipóteses, ou mesmo respostas, para essas questões? Nesse sentido, este tópico pretende discutir sobre o conceito de amadorismo, relativo às práticas de amadores nas ciências naturais de meados do século XIX em contraposição aos “profissionais” naturalistas.

### 3.2.1 Jules Michelet foi um naturalista amador?

No início da pesquisa do doutorado, na busca por mais informações sobre Athénaïs Michelet, uma menção pareceu intrigante: o fato de Athénaïs ser descrita como naturalista amadora.<sup>367</sup> Geralmente Madame Michelet é descrita como escritora memorialista pelas suas obras autorais, lembrada como colaboradora dos trabalhos de história natural do marido, e dificilmente encontra-se a menção de que ela foi naturalista. O mesmo não acontece para Jules Michelet. Desde as pesquisas para a monografia, iniciada em meados de 2017, a grande parcela dos trabalhos sobre as obras de história natural de Michelet o definem como um naturalista. É também verdade que os adjetivos são inúmeros: naturalista poeta, naturalista autodidata, naturalista “esclarecido”, até mesmo um naturalista “atípico”. Para Elisabeth Plas, o adjetivo “atípico” não seria no sentido de Jules Michelet ter ocupado uma posição marginal, pois foi professor na *École Normale* e *Collège de France*, mas porque antes de ser naturalista, foi historiador.<sup>368</sup> A autora faz essa distinção, pois Alphonse Toussenel, objeto de seu estudo, para a autora também foi um naturalista atípico, entretanto marginal em relação aos campos institucionais do saber no século XIX, e que apesar de Michelet tê-lo elogiado<sup>369</sup> tanto em sua obra *L’Oiseau*, permaneceu desconhecido.

Elisabeth Plas evidencia que a obra de muitos autores originais, naturalistas atípicos, como Toussenel, se beneficia com o interesse das pesquisas atuais sobre a posição dos amadores nos círculos da sociabilidade científica, ou mesmo para uma história da ciência do ponto de vista dos próprios amadores<sup>370</sup>. Mas a prática científica de amadores naturalistas é diferente da prática dos naturalistas ditos oficiais, em meados do século XIX? Pois tanto amadores quanto “profissionais” estavam integrados nas mesmas redes de sociabilidade, seja por correspondências, leituras, reuniões ou por contatos mais próximos, como de amizade, fazendo parte de um mesmo espaço de circulação de conhecimento científico, não havendo naquele momento, incompatibilidade entre grupos de literatos, historiadores ou mesmo naturalistas<sup>371</sup>.

De acordo com o estudo de Loïc Casson sobre entomologistas por volta de 1900, as fronteiras entre amadores e profissionais ainda estavam longe de serem bem definidas nesse campo das ciências naturais. Utilizando também o adjetivo “atípico” para muitos

<sup>367</sup> OGILVE & HARVEY, *op. cit.*, p. 892-893.

<sup>368</sup> PLAS, Elisabeth. Qui veut dire l’homme dit la bête: Alphonse Toussenel et sa zoologie passionnelle: stratégies éditoriales et enjeux épistémologiques. **Mémoires du livre/ Studies in Book Culture**, v. 6, n. 1, 2014, p. 11.

<sup>369</sup> Toussenel foi o autor com mais referências diretas na obra *L’Oiseau*, com treze menções. Depois foi o ornitólogo e naturalista Alexander Wilson (1766-1813), o qual foi dedicado um capítulo em homenagem.

<sup>370</sup> PLAS, *op. cit.*, p. 3.

<sup>371</sup> DROUIN, *op. cit.*, p. 4-5.

entomologistas do período, o autor preferiu trabalhar com a ideia de importância entre entomologistas que trabalhavam em instituições públicas e aqueles que trabalhavam de forma privada. Ao fazer o retrato do grupo de entomologistas por volta de 1900, fazendo análises qualitativas e quantitativas dos membros da *Société Entomologique de France* (Sociedade Entomológica da França) ou da *Société Zoologique de France* (Sociedade Zoológica da França), o autor observou que “les entomologistes qui occupent une fonction institutionnelle en lien avec leur spécialité sont donc particulièrement rares. Au début du XX<sup>e</sup> siècle, seul le Muséum National d’Histoire Naturelle possède une chaire spécialisée”<sup>372</sup>. Entre outras observações do autor, as distinções entre amadores e profissionais não seriam apenas as questões salariais, mas de uma distância em relação às instituições e aos grupos de entomologistas da capital, portanto, era comum o amador ser provinciano<sup>373</sup>.

Estas observações de Casson, da relação da posição do amador em relação à capital Paris podem ajudar a entender por que Toussenet não foi tão conhecido, e suas obras não tiveram tanto apelo popular quanto as de Michelet, mas não explica totalmente, como Plas observa. Existem muitos caracteres envolvidos nessas posições, como a própria biografia do autor, seus ideais, suas relações, o apelo de suas obras anteriores, bem como estratégias editoriais.

E nesse sentido estratégico editorial, aliado a uma rede de sociabilidades já bem formada, Jules Michelet era bastante ativo, como suas correspondências o mostram, e mesmo em suas anotações em seu diário. Michelet enviava seus livros para amigos e conhecidos, na França, na Itália, na Inglaterra, e pedia para estes entrarem em contato com periódicos para fazerem notas ou resenhas. Muitas vezes esse pedido era direto aos jornalistas de sua rede de conhecidos, ou mesmo amigos. A partir de uma pesquisa básica pelo site da *Gallica*, é incontável o número de notas e entradas nos jornais sobre seus livros publicados entre 1855 e 1857, que contam com os tomos VII, VIII, IX, X e XI de História da França: *Renaissance* (Renascença, 1855), *Reforme* (Reforma, 1855), *Guerres de Religion* (Guerras de Religião, 1856), *La Ligue et Henri IV* (A Liga e Henrique IV, 1856), *Henri IV et Richelieu* (Henrique IV e Richelieu, 1857); e seus livros de história natural: *L’Oiseau* (1856) e *L’Insecte* (1857).

Um de seus correspondentes na Inglaterra foi o escritor russo Alexandre Herzen<sup>374</sup> (1812-1870). Michelet e Herzen já haviam feito anteriormente essa relação de trocas de

---

<sup>372</sup> CASSON, Loïc. L’entomologie autour de 1900: une science d’amateurs? *Gesnerus*, v. 73, n. 2, 2016, p. 300. “Entomologistas que ocupam uma função institucional vinculada à sua especialidade são, portanto, particularmente raros. No início do século XX, apenas o Museu Nacional de História Natural possuía uma cátedra especializada” (tradução nossa).

<sup>373</sup> *Ibidem*, p. 307.

<sup>374</sup> Alexandre Herzen foi um escritor, filósofo, jornalista e socialista russo, que idealizava o camponês. Se autoexilou em Paris em 1847 devido suas críticas ao regime Tsarista, e escreveu inúmeros artigos na revista

publicidade sobre suas obras<sup>375</sup>. Em carta de 21 de março de 1856, Jules quer enviar seus dois livros publicados do ano, além de saber sobre as publicações de Herzen:

L'un, c'est *l'Oiseau*, petit livre d'histoire naturelle, fait en partie par ma femme. L'autre, qui vous intéressera davantage, ce sont *les Guerres de Religion* (1547-1572). [...] Les deux éditeurs (Hachette pour *l'Oiseau*, Chamerot pour *les Guerres*) ont leurs correspondants à Londres, auxquels ils veulent envoyer; mais, si vous voulez diriger ou recommander la publicité, j'en serai fort reconnaissant. Dites-moi, je vous prie, ce que devient *l'Etoile polaire* et vos publications russes. Rien ne m'intéresse davantage. Êtes-vous parvenu à vous mettre en rapport avec ce sombre et immense océan de la Russie? Des cœurs y battent, dit-on, pour la liberté, mais lesquels?<sup>376</sup>

É com o exemplo dessa carta, que diz muito sobre as estratégias de publicação de Jules, que também compreendemos como Michelet durante este período tão prolífico de sua vida, publicando intensamente seus livros de História, paralelamente trabalhou nos livros de história natural. Michelet sempre compartilhou em muitas de suas cartas que sua esposa Athénaïs fora sua colaboradora, e que era ela a que tinha um coração mais voltado às ciências naturais.

Em carta ao amigo Eugène Noël, em janeiro de 1855, antes de escrever no diário que começou a reformular o livro da esposa (junho de 1855), Jules escreveu ao final da carta: “Ma femme vous salue. Elle fait aussi de l’hist[oire] naturelle”<sup>377</sup>, e a carta continua com uma parte escrita por Athénaïs, pendido ajuda ao “historiador e poeta” em seus estudos:

Voilà, mon mari, qui vous révèle mon secret, cher Monsieur. Puisqu’il en est ainsi, je n’y mets plus de discrétion moi-même et je vous demande de m’aider dans mes études. Vous nous avez dit tant de choses charmantes en histoire naturelle! Laissez quelquefois ce Don Quichotte qui vous absorbe et dites-moi ce que chantent vos oiseaux. – C’est au milieu d’eux que je vis en ce moment, plus encore en souvenir qu’en réalité! Et moi aussi, j’ai vécu dans la liberté des champs et j’ai écouté parler la nature. – Ma jeunesse s’est écoulée dans les bois et les prairies, entourée de toutes ces bêtes [du] bon Dieu qui valent mieux que

---

*L’Etoile Polaire* em combate ao regime. Conheceu Michelet em 1851, e a amizade, apesar de idas e vindas pelas diferenças de pensamento sobre a Rússia, permaneceu até a morte de Herzen em 1870. Herzen nunca retornou para Rússia, e além de Paris, viveu em Roma, Londres, Genebra e Nice. CADOT, Michel. Herzen e Michelet. *Revue des Études Slaves*, Alexandre Herzen l’Européen, tomo 78, fascículo 2-3, 2007, p. 177-185.

<sup>375</sup> *Ibidem*, p. 184.

<sup>376</sup> MICHELET, Correspondance Générale Tome VIII, *op. cit.*, p. 45. Carta 6926 de Michelet à Alexandre Herzen, de 21 de março de 1856. “Um deles é *A Ave*, um pequeno livro de história natural, feito em parte pela minha esposa. A outra, que lhe interessará mais, são as *Guerras de Religião* (1547-1572). [...] Os dois editores (Hachette para *A Ave*, Chamerot para *As Guerras*) têm os seus correspondentes em Londres, a quem querem enviar; mas, se você quiser direcionar ou recomendar publicidade, eu ficaria muito grato. Por favor, diga-me o que está acontecendo com a *Estrela Polar* e suas publicações russas. Nada me interessa mais. Você conseguiu entrar em contato com esse oceano escuro e imenso da Rússia? Dizem que os corações batem pela liberdade, mas quais?” (tradução nossa).

<sup>377</sup> MICHELET, Correspondance Générale Tome VII, *op. cit.*, p. 902. Carta 6746 de Michelet à Eugène Noël, de janeiro de 1855. “Minha esposa o cumprimenta. Ela também faz história natural” (tradução nossa).

nous. Aujourd'hui pour me consoler de mon exil de la nature, je fais revivre mes impressions et le soir assise au foyer près de mon mari, nous en causons ensemble<sup>378</sup>.

Eugène Noël foi uma das pessoas do convívio de Jules que passa a fazer parte também da rede de sociabilidades de Athénaïs. Apesar de o historiador Paul Viallaneix na biografia sobre Michelet mostrar as ressalvas trocadas por correspondência entre Noël e seu amigo íntimo Alfred Dumesnil<sup>379</sup> sobre a colaboração de Athénaïs nos livros<sup>380</sup>, Athénaïs e Noël trocavam correspondências e falavam tanto sobre os trabalhos históricos de Jules, quanto de história natural.

Jules Michelet dividia seu tempo para a escrita de seus livros. É durante suas viagens de “retiro” ao interior da França ou em viagem a outros países, devido à estafa provocada por seu trabalho árduo com as pesquisas e a escrita histórica, que ele se dedica mais à escrita dos livros de história natural, indicando em seu diário suas leituras, as leituras e observações de Athénaïs<sup>381</sup>, dividindo também por correspondência com Eugène Noël sobre as teorias de sua “história eterna”:

Je n'ai pas lu Huber, cher ami. Mais chaque soir, ma femme me lit ses naturalistes et, parfois aussi, des voyages très riches en histoire naturelle. Tout cela, mêlé avec les papiers [de] Granville et l'immense collection du cabinet de Charles Quint – L'histoire, et l'histoire éternelle vont maintenant de front dans mes pensées – frappée surtout que je suis de ce qu'il ya d'éternel dans l'histoire mobile de l'homme, et de progressif dans celle du globe et de la nature, immuable en apparence<sup>382</sup>.

<sup>378</sup> MICHELET, Correspondance Générale Tome VII, *op. cit.*, p.902. Carta 6746 de Michelet à Eugène Noël, de janeiro de 1855. “Eis, meu marido, que vos revela o meu segredo, caro Senhor. Sendo assim, não sou mais discreta sobre isso e peço que me ajude nos meus estudos. Você nos contou tantas coisas encantadoras sobre história natural! Deixe esse Dom Quixote que às vezes te absorve e me diga o que seus pássaros estão cantando. – É entre eles que vivo neste momento, mais na memória do que na realidade! E eu também vivi na liberdade dos campos e ouvi a natureza falar. – Minha juventude foi passada nas florestas e prados, cercada por todos esses animais [do] bom Senhor que são melhores do que nós. Hoje, para me consolar do meu exílio da natureza, revivo minhas impressões e à noite, sentada em casa perto do meu marido, conversamos” (tradução nossa).

<sup>379</sup> Alfred Dumesnil, escritor, historiador e horticultor, foi secretário do poeta, escritor e político Alphonse de Lamartine entre 1852 e 1862. Depois da morte da morte de sua esposa Adèle em 1855, filha de Jules Michelet, casou-se novamente em 1871 com Louise Reclus (1830-1905), irmã do geógrafo Elisée Reclus (1830-1905).

<sup>380</sup> VIALLANEIX, *op. cit.*, p. 401.

<sup>381</sup> Entre 8 de agosto e 20 de outubro de 1855, o casal viajou para Saint Adresse, na região da Normandia na França. Nessa ocasião o casal tomou seus primeiros banhos de mar, e Michelet escreveu sobre suas conversas com Athénaïs em suas caminhadas, sobre aves, sobre a metamorfose dos insetos, sobre o mar, reflexões que já seriam inspiração para os próximos livros naturalistas. MICHELET, Journal Tome II, *op. cit.*, p. 291-294.

<sup>382</sup> MICHELET, Correspondance Générale Tome VII, *op. cit.*, p. 975-976. Carta 6828 de Michelet à Eugène Noël, dia 9 de outubro de 1855. “Não li Huber, caro amigo. Mas todas as noites, minha esposa lê para mim seus naturalistas e, às vezes também, viagens muito ricas em história natural. Tudo isso, misturado aos papéis [de] Granville e à imensa coleção do gabinete de Charles Quint – História e história eterna agora andam de mãos dadas em meus pensamentos – impressionado acima de tudo como estou pelo que é eterno na história móvel do homem e progressivo na do globo e da natureza, imutável na aparência” (tradução nossa).

Entretanto a relação entre Athénaïs e Jules durante a escrita de *L'Oiseau* não foi totalmente harmônica. Há poucos indícios nos diários, mas Paul Viallaneix reitera essa desarmonia entre os dois<sup>383</sup>. E enquanto estavam escrevendo *L'Oiseau*, já estavam também pesquisando sobre os insetos. Os diários não deixam claro se foi uma decisão de Athénaïs se voltar aos insetos pela frustração de Jules reescrever seu livro, mas parece que ambos se dedicaram às novas pesquisas em conjunto.

Depois da publicação de *L'Oiseau*, do sucesso de vendas, e da melhora considerável na vida financeira do casal, Jules começa a anotar mais sobre a harmonia entre os dois, e de uma mistura em relação à vida íntima e intelectual. É a partir dessas suas anotações no diário que Michelet tem a inspiração para outros dois livros, *L'Amour* e *La Femme*, que serão publicados em 1858 e 1859, respectivamente. Em 1856, novamente o casal faz uma viagem longa, para a Suíça e para Holanda, entre 6 de julho a 30 de setembro. Enquanto Athénaïs continua seus estudos em entomologia, inclusive com um microscópio que Jules comprou, eles visitam os Alpes, regiões de glaciares e de lagos, e o historiador faz grandes anotações em seu diário sobre suas teorias que misturam o amor, a natureza, os animais, a força moral da luz, e a história humana: “Le progrès historique, humain est calqué sur le progrès des espèces antérieures”<sup>384</sup>. Mas a vida do casal também faz parte de suas anotações e Jules escreve: “Elle me versait son cœur, avec une véritable éloquence, sur l’enseignement religieux de l’histoire naturelle. Jamais nous n’eûmes peut-être une pénétration mutuelle, plus complète d’âme et de pensée”<sup>385</sup>.

Apesar das anotações nos diários serem de vital importância para entender como se desenvolveu a colaboração entre Athénaïs e Michelet, e como o historiador expunha suas ideias, é em sua correspondência que percebemos suas preocupações com a divulgação de suas obras, tanto históricas quanto naturalistas. Recebeu cartas de muitos amigos mais próximos saudando *L'Oiseau*, inclusive algumas cartas em que cumprimentam as belas partes escritas de Athénaïs, ou mesmo percebendo o olhar dela pelo livro. Michelet por muitas vezes escreveu à Alfred Dumesnil, que foi assistente de Alphonse de Lamartine (1790-1869), perguntando se Lamartine teria escrito sobre *L'Oiseau* na *Revue de Paris* (Revista de Paris), na qual ele colaborava. Só em 1857, já depois da publicação de *L'Insecte*, que Alfred diz que Lamartine escreveu um artigo, e Jules anota em seu diário: “Alfred écrit que Lamartine a écrit et imprimé: Audubon,

---

<sup>383</sup> VIALLANEIX, *op. cit.*, p. 401.

<sup>384</sup> MICHELET, *Journal Tome II, op. cit.*, p. 308. Anotação do dia 16 de agosto de 1856. “O progresso histórico humano é modelado no progresso de espécies anteriores” (tradução nossa).

<sup>385</sup> *Ibidem*, p. 312. Nota do dia 20 de agosto de 1856. “Ela abriu seu coração para mim, com verdadeira eloquência, sobre o ensinamento religioso da história natural. Talvez nunca tenhamos tido uma penetração mútua mais completa de alma e pensamento” (Tradução nossa).

*Wilson, Toussenel et Mme Michelet...* Je regrette que son père ne vive plus pour lire cela” (grifo do autor)<sup>386</sup>.

O texto de Lamartine, em que ele publica essas palavras, foi publicado na *Nouvelle Revue de Paris* (Nova Revista de Paris) em 1864, intitulado *Les Fables de L’Inde* (As Fábulas da Índia)<sup>387</sup>, onde fala sobre novos fabulistas modernos, historiadores dos animais, que percebem o surgimento dos pressentimentos sobre a inteligência e a alma dos animais:

En Angleterre, Audubon et Wilson, ces deux Christophe Colomb des forêts peuplées de vie de l’Amérique en France, Bernardin de Saint-Pierre, Chateaubriand, M<sup>me</sup> Michelet, M<sup>me</sup> de Tracy, Toussenel, qui trouve le génie dans l’observation, viennent de nous faire penser, comprendre et aimer, en nous associant dans des pages ravissantes de naïveté et de tendresse, à leurs observations et à leur amour pour les animaux<sup>388</sup>.

Lamartine transcreve a parte da Introdução do livro *L’Oiseau* que foi escrita por Athénaïs, em que ela fala da infância em Montauban na França, rodeada pela natureza e pelos cuidados e ensinamentos do pai. Depois também irá elogiar Jules Michelet, pelo seu trabalho, e transcreve a nota dos Esclarecimentos finais do livro sobre o Instinto e a Razão, nota vinculada ao capítulo *Éducation* (Educação):

Les notes de ce livre sur le chant du rossignol et sur ses mœurs, sur l’intelligence développée et diverse des oiseaux et des animaux, selon les climats qu’ils habitent, sont écrites par une main plus virile, mais non moins délicate et non moins sûre<sup>389</sup>.

Dentre os comentários que Jules recebeu sobre o livro *L’Oiseau*, e que se estendem ainda pelos anos à frente da publicação em 1856, em inúmeras cartas e em periódicos, de amigos e conhecidos, ou mesmo de jornalistas interessados em crítica literária, vemos uma percepção do historiador que se torna naturalista, do historiador poeta e original, de grande imaginação. E

---

<sup>386</sup> MICHELET, Journal Tome II, *op. cit.*, p. 363. Nota do dia 28 de outubro de 1857. “Alfred escreve que Lamartine escreveu e imprimiu: Audubon, Wilson, Toussenel e Mme Michelet... Lamento que seu pai não viva mais para ler isto” (tradução nossa)

<sup>387</sup> Em carta de Alfred para Jules, ele indica que Lamartine iria publicar na *Revue de Paris*, ainda em novembro de 1857. Esta publicação não foi encontrada, nem nos números da revista em 1857, nem em 1858. Carta 7426, de 27 de outubro de 1857. In: MICHELET, Correspondance Générale Tome VIII, *op. cit.*, p. 473.

<sup>388</sup> LAMARTINE, Alphonse de. *Le Fables de L’Inde. Nouvelle Revue de Paris*, première année, tome deuxième, 1864, p. 11. “Na Inglaterra, Audubon e Wilson, estes dois Cristóvão Colombo das florestas povoadas de vida da América, em França, Bernardin de Saint-Pierre, Chateaubriand, Madame Michelet, Madame de Tracy, Toussenel, que encontram o gênio na observação, acabam de nos fazer pensar, compreender e amar, associando-nos em páginas encantadoras de ingenuidade e ternura, às suas observações e ao seu amor pelos animais” (tradução nossa).

<sup>389</sup> *Ibidem*, p. 20. “As notas deste livro sobre o canto do rouxinol e seus hábitos, sobre a inteligência desenvolvida e diversa dos pássaros e dos animais, segundo os climas que habitam, são escritas por uma mão mais viril, mas não menos delicada e não menos segura” (tradução nossa).

essas palavras eram tanto usadas como críticas positivas, quanto negativas. E algumas críticas faziam uma mistura com política, história e suas obras, como no jornal *Le Constitutionnel* (O Constitucional)<sup>390</sup> de 1861, anunciando o livro *La Mer* de Jules Michelet, publicado em 15 de janeiro. O autor do artigo, L. Etienne, também faz comparações com o historiador Edgar Quinet, amigo íntimo de Jules Michelet de longa data:

Nous attendions une occasion de réparer l'oubli où nous avons laissé le *Merlin l'Enchanteur* de M. Edgar Quinet (1); le nouveau livre de M. Michelet (2) nous la fournira; il y a des souvenirs qui se rappellent et se répondent naturellement dans les échos de la mémoire.

Le hasard rapprocha ces deux noms, comme dans un orage, et, malgré la distance entre une riche imagination et un talent étudié.

[...] Historien durant dix mois, naturaliste pendant les vacances, M. Michelet, après avoir volé à tire d'ailes à la suite de *l'Oiseau* dans les airs, bourdonné, voltigé au tour des plantes, et trempé sa plume dans la corolle des roses avec *l'Insecte*, après être redevenu terrestre et même trop terrestre dans les leçons *d'Amour* qu'il donnait à *la Femme*, M. Michelet, dans l'humide année de 1860, a tourné ses conquêtes du côté de l'empire des eaux: il s'est emparé de la mer. Que contient ce nouveau livre, ce nouveau présent, qu'il apporte de sa campagne terminée?<sup>391</sup> (grifo nosso).

A palavra amador para designar o trabalho naturalista de Jules ou mesmo Athénaïs não foi encontrada nas críticas em suas correspondências, ao passo que suas obras foram consideradas muitas vezes como ficção por alguns críticos, e em críticas negativas, como a do jornal *Le Constitutionnel*, ele foi um “naturalista durante as férias”. Para Jules Michelet e sua esposa, a observação da natureza e dos animais, e a escrita da história natural estavam bem longe de ser apenas nos “gabinetes”:

Les ignorants, et encore les naturalistes de cabinet accordent les diversités d'espèce à espèce, mais croient que, dans chaque espèce, actes et travaux, toute

<sup>390</sup> Em setembro de 1859, Michelet recebe uma carta do amigo e historiador Charles-Louis Chassin (1831-1901), reclamando dos jornalistas do *Le Constitutionnel*, e suas críticas à Edgar Quinet. Carta 8179, de 9 de setembro de 1859. In: MICHELET, Jules. **Correspondance Générale Tome IX** (1859-1861). Org. Louis Le Guillou, Paris: Librairie Honoré Champion, 1999, p. 213. Entre os redatores do jornal se encontram Adolphe Thiers (1797-1877) e Sainte-Beuve (1804-1869), que consagrou à Michelet algumas críticas positivas em seus artigos.

<sup>391</sup> ETIENNE, L. **Le Constitutionnel**, journal politique, littéraire, universel, Paris (France), samedi, 25 janvier 1861, Seção: Littérature. Bibliographie Hebdomadaire, p. 3. “Estávamos esperando uma oportunidade para reparar o descuido em que havíamos deixado Merlin, o Mágico, do Sr. Edgar Quinet (1); O novo livro do Sr. Michelet (2) nos fornecerá isso; Há memórias que são recordadas e respondem naturalmente aos ecos da memória. O acaso uniu esses dois nomes, como numa tempestade, e, apesar da distância entre eles, uma imaginação rica e um talento estudado. [...] Historiador por dez meses, naturalista durante as férias, o Sr. Michelet, depois de ter voado a toda velocidade seguindo o Pássaro no ar, zumbido, esvoaçado em volta das plantas e mergulhado sua pena na corola de rosas com *O Inseto*, depois de ter se tornado novamente terreno e até muito terreno nas lições *de Amor* que deu à *Mulher*, o Sr. Michelet, no ano úmido de 1860, voltou suas conquistas para o império das águas: ele se apoderou do mar. O que contém este novo livro, este novo presente, que ele traz de sua campanha concluída?” (tradução nossa).

se ressemble. On a pu le soutenir tant qu'on a vu les choses *de loin et de haut* dans une *généralité majestueuse*. Mais le jour où les naturalistes ont pris le bâton de voyage, le jour où, modestes, opiniâtres, infatigables pèlerins de la nature, ils ont mis leurs souliers de fer, toutes choses ont changé d'aspect<sup>392</sup> (grifos do autor).

Para além das críticas literárias que os livros de história natural dos Michelet receberam, o que se pode dizer sobre a recepção dos livros de história natural do casal em outras publicações naturalistas, ou dedicadas às ciências naturais?

No livro *Études Ornithologiques* (Estudos Ornitológicos), de 1857, de Charles-Jules Giraud (1801-1877), ele dedicou o prefácio à Jules Michelet e à Toussenel: “Et ce motif m’engage encore à le dédier aux personnes qui, ainsi que moi, aiment à étudier la nature, sans prétendre pour cela viser à la science”<sup>393</sup>, apesar de ter escrito que não leu os livros, para não desanimar frente às obras dos escritores. Giraud foi um jornalista, admirador de Jules Michelet, advogado, político e proprietário de terras em Corzé, e que além de seu livro sobre aves, escreveu outros livros dedicados à agricultura e à economia agrícola. Não foi um livro muito conhecido, já que a segunda edição apareceu apenas em 1862, junto a um livro sobre economia rural. Mas o quanto Giraud conhecia Michelet, ou tenha lido as resenhas e críticas sobre o livro *L’Oiseau*, para não o considerar um livro que visava a ciência? Ele mesmo em seu primeiro capítulo fala da inteligência dos animais, e defende a mesma visão de Michelet contra o mecanicismo de Descartes.

O livro de Michelet também influenciou outras publicações relativas à agricultura, já que em todo o seu livro defende as aves por serem úteis aos homens, as destruidoras dos insetos prejudiciais às lavouras. *L’Oiseau* é antes de tudo um livro pioneiro dedicado à proteção das aves e dos animais. Na *Revue et Magazin de Zoologie Pure et Appliquée* (Revista de zoologia pura e aplicada) de 1861, na seção *Mélanges et nouvelles* (Misturas e novidades), o editor, Félix Édouard Guérin-Meneville (1799-1874), escolhe publicar a carta de Odilon Ranc, que faz suas observações sobre o artigo de M. Aurel, *Protection aux Oiseaux* (Proteção das Aves), e críticas à petição feita no *Comice Agricole de Toulon* (Feira Agrícola de Toulon), o qual pedia a ampliação à caça de algumas espécies de aves, e observa:

---

<sup>392</sup> MICHELET, *L’Oiseau*, *op. cit.*, p. 323. “Os ignorantes, e até mesmo os naturalistas de gabinete, admitem a diversidade de espécie para espécie, mas acreditam que, em cada espécie, os atos e as obras se assemelham. Poderíamos apoiá-lo contanto que vissemos as coisas de longe e de cima numa *generalidade majestosa*. Mas no dia em que os naturalistas pegaram seu cajado de viagem, no dia em que, modestos, teimosos e incansáveis peregrinos da natureza, calçaram seus sapatos de ferro, todas as coisas mudaram de aparência” (tradução nossa).

<sup>393</sup> GIRAUD, Charles-Jules. *Études Ornithologiques*. Angers: Cosnier et Lachèse, 1857, p. 2. “E esse motivo também me incentiva a dedicá-lo às pessoas que, como eu, amam estudar a natureza, sem pretender para isso visar a ciência” (tradução nossa).

Les hommes de science, Michelet, Toussenet, et tant d'autres, ont signalé le mal; aux hommes pratiques, aux agriculteurs, de demander l'application du remède, le rétablissement d'un équilibre rompu, d'une harmonie détruite pour le plus grand dommage de nos récoltes<sup>394</sup>.

Em outra edição da mesma revista, de 1867, Guérin-Meneville publica as críticas que M. Crosse fez a Victor Hugo (1802-1885) e Michelet, em artigos no *Journal de Conchyliologie* (Jornal de Conchologia):

Dans deux articles écrits avec un certain piquant, M. Crosse a fait ressortir le tort qu'ont certains littérateurs de vouloir écrire sur des sujets d'histoire naturelle, sans prendre un peu connaissance de la matière. Il a démontré que ces écrivains devraient au moins savoir lire avant de faire leurs livres, et à la fin d'une critique fort juste sur un passage du livre de M. Victor Hugo intitulé *les Travailleurs de la mer*, il ajoute:

“On voit que l'instruction des masses est en bonnes mains et en bonne voie, au point de vue des sciences naturelles. M. Michelet, littérateur, fourvoyé, lui aussi, dans la science, avait déjà tracé du *Poulpe* un portrait de fantaisie tout à fait réjouissant. Mais, après celui de M. Victor Hugo, il faut tirer l'échelle. On pourra facilement faire plus exact, mais on ne fera pas plus fort.”

Dans un article intitulé : *les Vulgarisateurs en matière de malacologie*, il traite aussi sévèrement et aussi justement un autre auteur moderne<sup>395</sup> (grifos do autor).

Guérin-Meneville foi um entomólogo francês, que introduziu a sericicultura na França. Em sua juventude foi um ilustrador naturalista, e na década de 1820 viajou pelo mundo e descreveu inúmeras espécies de insetos e outros animais, publicando ativamente estudos científicos a partir de 1830. Foi membro de várias sociedades agrícolas e de ciências, eleito em 1846 presidente da *Société Entomologique de France* (Sociedade Entomológica da França), além de ter fundado inúmeras revistas zoológicas. Sua experiência como naturalista se iniciou

<sup>394</sup> RANC, Odilon. Carta de Odilon Ranc, ancien juge de paix. **Revue et Magasin de Zoologie pure et appliquée**, Paris (France), 2<sup>a</sup> Série, tome XIII, 1861. Seção: Mélanges et Nouvelles, p. 379-382. “Os homens da ciência, Michelet, Toussenet e muitos outros sinalizaram o mal; aos homens práticos, aos agricultores, para pedir a aplicação do remédio, o restabelecimento de um equilíbrio quebrado, de uma harmonia destruída pelo maior dano às nossas colheitas” (tradução nossa).

<sup>395</sup> G. M. **Revue et Magasin de Zoologie pure et appliquée**, Paris (France), 2<sup>a</sup> Série, tome XIX, 1867. Seção: Analyses D'Ouvrages Nouveaux, p. 247-248. “Em dois artigos escritos com certa ironia, o Sr. Crosse destacou o erro que certos escritores cometem ao querer escrever sobre temas de história natural, sem ter um mínimo de conhecimento sobre o assunto. Ele demonstrou que esses escritores deveriam ao menos saber ler antes de escrever seus livros e, no final de uma crítica muito justa a uma passagem do livro do Sr. Victor Hugo intitulada *Os Trabalhadores do Mar*, ele acrescenta: “Vemos que a educação das massas está em boas mãos e no caminho certo, do ponto de vista das ciências naturais. O Sr. Michelet, um homem de letras, também desorientado na ciência, já havia desenhado um retrato fantástico muito agradável do *Polvo*. Mas, depois do Sr. Victor Hugo, é preciso subir a escada. Poderíamos facilmente fazer algo mais exato, mas não faremos algo mais poderoso.” Em um artigo intitulado: *Popularizadores em Malacologia*, ele também trata outro autor moderno de forma severa e justa” (tradução nossa).

na mesma época em que Jules Michelet começava sua vida como professor de história, na década de 1820.

Podemos perceber um salto em sua decisão sobre as críticas, de considerar publicar uma carta em 1861 favorável a Michelet, como homem das ciências, e em 1867, concordar com a opinião do Monsieur Crosse sobre os escritores, e ao mesmo tempo indicar a leitura sobre vulgarizadores da ciência. É interessante notar também que estes autores, que fizeram críticas mais negativas, como L. Etienne do jornal *Le Constitutionnel* (O Constitucional), ou mesmo Guérin-Meneville e M. Crosse, não são pessoas com quem Michelet se correspondeu ou mesmo tiveram menção nas cartas publicadas nos Tomos da *Correspondance Générale*.

O que podemos notar é que Jules Michelet, tanto em seu diário quanto em suas correspondências, não deixa de mencionar que sua esposa foi sua colaboradora nos livros de História Natural, e que ele celebra essa harmonia intelectual entre eles, o que o influenciará a escrever os livros *L'Amour* e *La Femme*. Estas observações afastam o que muitos historiadores escreveram sobre a colaboração do casal, como Lionel Gossman, como exemplificado em citação na introdução desta tese<sup>396</sup>.

Outro ponto importante, refletindo sobre o trabalho de Loïc Casson: ainda há mais algumas perguntas sobre a prática dos naturalistas amadores em meados do século XIX e no início do século XX, além das que ele levantou, sobre a relação entre trabalho público e privado, e a distância do autor das instituições da capital. A quantidade de obras que os naturalistas produzem faz deles mais amadores do que outros? E o alcance de seus trabalhos para um público mais geral ou mais seletivo dentro das ciências naturais faz dessas obras naturalistas trabalhos de divulgação, ou não? A partir dos exemplos sobre o livro *L'Oiseau*, que foi sucesso de público, percebe-se que o alcance foi tanto popular, num sentido literário, quanto científico, entre aqueles que se dedicavam à agricultura e à botânica, até mesmo as críticas recebidas em revistas zoológicas.

Neste sentido são importantes as reflexões de Elisabeth sobre as questões da marginalidade de uma obra ou autor naturalista. A princípio, a ideia de marginalidade na obra naturalista dos Michelet parece adequada, pois Jules está num sentido fora das instituições, principalmente de seu trabalho com a escrita da História da França. Mas não deixa de trabalhar de forma privada, como muitos naturalistas indicados no artigo de Casson, que produziram importantes trabalhos dentro das sociedades científicas, ou mesmo ajudando outros naturalistas.

---

<sup>396</sup> GOSSMAN, *op. cit.*, 332-333.

Mas, por outro lado, Toussenel, mesmo considerado um autor à margem das instituições por Plas, é muitas vezes lembrado junto a Michelet quando o assunto é aves.

E uma virada de posição em relação à questão da marginalidade pode ser devido ao alcance dos livros de História Natural muito além das redes de sociabilidade em que Jules e Athénaïs estão inseridos, o que pode ser o reflexo de uma conduta muito ativa de Jules na divulgação de seus livros através de suas cartas, como visto em tópicos anteriores.

### 3.3 A colaboração e a autoria feminina em debate

A intimidade amorosa e intelectual entre Athénaïs e Michelet foi motivo de muitos artigos em jornais e revistas após a morte de Madame Michelet em 2 de abril de 1899, pois no mesmo ano Gabriel Monod contribuiu para a publicação do livro *Lettres Inédites Adressées à M<sup>lle</sup> Mialaret (M<sup>me</sup> Michelet)*, uma das últimas obras em que ela estava trabalhando. *Lettres Inédites* contém as cartas que foram trocadas entre ambos em seu período de relacionamento epistolar, entre o final de 1847 até o seu casamento em 1849, evidenciando um crescimento de ternura entre os dois e as circunstâncias que levaram ao casamento. Na obra também consta um prefácio escrito por Jules Michelet, pois, ao que Athénaïs indica, existia a intenção por parte de Jules de publicar as cartas ainda no início da década de 1860, mas a ideia foi sendo postergada em decorrência de sua dedicação incessante às demais obras, e, mesmo após a sua morte, Athénaïs focou seus esforços e suas emoções nas publicações póstumas de Michelet.

O prefácio, ainda um tanto inacabado, como Monod indica, marca uma data bastante afetiva para Athénaïs, o cinquentenário de seu casamento com Jules:

Vingt-cinq ans ont passé sur ces événements en les ajoutant aux vingt-cinq de notre étroite union, cela fait un demi siècle. Aujourd'hui, dimanche 12 mars 1899, je fête en mon cœur notre cinquantenaire, car, comme je l'ai dit, je ne suis point sa veuve, mais seulement 'son âme attardée'<sup>397</sup>.

Este trecho indica assim a forma como a relação entre Jules e Athénaïs foi sendo construída em seu casamento, com a idealização de uma estreita união de almas. Como Jules

---

<sup>397</sup> MICHELET, *Lettres Inédites*, *op. cit.*, p. VII. "Vinte e cinco anos se passaram desde esses acontecimentos, somando-os aos vinte e cinco de nossa estreita união, totalizamos meio século. Hoje, domingo, 12 de março de 1899, celebro em meu coração nosso cinquentenário, porque, como disse, não sou sua viúva, mas apenas 'sua alma tardia'" (tradução nossa).

também em muitas ocasiões faz referência em seu diário desde o início de seu casamento com Athénaïs<sup>398</sup>, bem como ela se manteve como viúva, fortemente ligada a Jules, não se casando novamente e trabalhando para a publicação de obras póstumas para manter vivo o nome do historiador<sup>399</sup>. Mas é justamente essa alusão a uma estreita união de almas do casal e a uma relação de intimidade intelectual de Athénaïs com Jules, pois ela não apenas colaborou ativamente nos livros de História Natural, como também atuou como secretária de Jules, que será muito criticada por muitos no período pós morte de Athénaïs, bem como mesmo durante as publicações das obras de Jules Michelet, *L'Amour* (1858) e *La Femme* (1859), e de sua primeira obra autoral *Mémoires d'une Enfant* (1867). As críticas a Athénaïs aumentam também após sua morte quando Gabriel Monod publica sobre as censuras e edições nos textos e obras póstumas de Michelet realizadas por Athénaïs.

Em 1870, em pequeno trecho crítico sobre a obra *Mémoires d'une Enfant*, de Athénaïs, no jornal satírico *Le Charivari* (“A Barulheira”), de Paris, o autor da crítica, Henry Maret (1837-1917) indica o quanto a relação de união entre os dois já era vista como complexa: “Je vien d’achever la lecture d’un fort joli livre; il s’appelle: *Histoire d’une enfant* et est signé M<sup>me</sup> Michelet. M<sup>me</sup> ou M. Michelet, Dieu me pardonne, je crois que c’est tout un...”<sup>400</sup>. Ao mesmo tempo em que Jules acaba sendo criticado nas entrelinhas que seus trabalhos teriam sido influenciados por sua esposa, a crítica é forte em relação à mulher escritora do período, e Henry Maret continua: “C’est égal, ce livre prouve incontestablement que la femme ne saurait avoir d’originalité et s’inspire sans cesse de quelqu’un..., car M. ou M<sup>me</sup> Michelet, vous le voyez, c’est la même chose”<sup>401</sup>.

Um ano antes, Gustave Merlet (1828-1891)<sup>402</sup>, em seu livro *Hommes et livres: causeries morales et littéraires* (Homens e livros: conversas morais e literárias, 1869), dedicou um capítulo a Madame Michelet e sua obra *Mémoires d'une Enfant*. Inicia o texto de forma clara e

<sup>398</sup> Jules Michelet idealizava um casamento harmonioso entre o homem e a mulher, desde a escrita de *Le Prêtre, la Femme et la famille* (1845), que a “femme, se prête à seconder l’homme, et peut devenir pour lui, non la compagne seulement, mais la compaignon, l’amí, l’associé, l’alter ego”. In: BERNARD-GRIFFITHS, *op. cit.*, parágrafo 49.

<sup>399</sup> CREYGHTON, *op. cit.*, p. 95-134.

<sup>400</sup> MARET, Henry. Michelet (M<sup>me</sup>). *Le Charivari*, Paris (France), dimanche 18 septembre 1870. Seção: Panthéon de Poche. Des Célébrités Contemporaines, p. 3. “Acabei de ler um livro muito bom; Chama-se: História de uma criança e é assinado Sra. Michelet. Sra. ou Sr. Michelet, Deus me perdoe, Eu acho que é tudo um...” (tradução nossa).

<sup>401</sup> *Idem*. “Não importa, este livro prova, sem sombras de dúvidas, que as mulheres não podem ter originalidade e são constantemente inspiradas por alguém..., porque o Sr. ou a Sra. Michelet, veja bem, é a mesma coisa” (tradução nossa).

<sup>402</sup> Gustave Merlet (1828-1891), foi um escritor francês e crítico literário, de formação na École Normale Supérieure. Trabalhou como professor de retórica e agregado de letras no Liceu Louis-le-Grand. Não aparece presente nos círculos de amizade dos Michelet.

bastante realista em relação à crítica literária: “Ne soyons pas étonnés de voir M<sup>me</sup> Michelet prendre à son tour la plume, et affronter la responsabilité littéraire d’un nom qui l’oblige au succès”<sup>403</sup>. Athénaïs estava entrelaçada ao nome de Jules, e sua escrita deveria estar à altura do grande historiador e grande poeta da natureza, já que os livros que realmente fizeram grande sucesso de público foram as obras de História Natural. Mais à frente no texto, o autor indica a questão do envolvimento de Athénaïs no livro *L’Amour*, se não como colaboradora, como musa, e explicita esse argumento falando da colaboração de Athénaïs no livro *L’Oiseau*, explanando sobre a introdução do livro sobre as aves, em que já há cenas autobiográficas da infância de Athénaïs. Aliás, esse seria o tipo de literatura indicada à escrita de mulheres:

Il y avait là de séduisantes esquisses, et l’accueil qu’on leur fit devait enhadir le pinceau qui les traça furtivement, comme s’il ignorait lui-même son adresse ou redoutait la lumière. Qu’il soit donc le bien venu, ce talent qu’ont encouragé nos sympathies, et félicitons-le d’avoir enfin renoncé aux scrupules d’une réserve que serait ennemie de notre plaisir. D’ailleurs, le sujet qu’a choisi M<sup>me</sup> Michelet est de ceux qu’une femme peut essayer sans exposer ses doigts à se tacher d’encre<sup>404</sup>.

A aparição na crítica literária dessa colaboração entre Athénaïs e Jules não é evidente quando os livros de História Natural são publicados, e os artigos de jornais evidenciam a grande imaginação e poesia do grande Historiador, que se tornou naturalista. Ao que tudo indica, a colaboração dos dois passa a ser mais evidente para o público em geral<sup>405</sup> quando Michelet publica, na sequência dos primeiros livros de História Natural, *L’Oiseau* e *L’Insecte*, os livros *L’Amour* e *La Femme*. Assim, Merlet continua sua crítica sobre o livro *Mémoires d’une Enfant*, indicando a complexa colaboração entre Athénaïs e Jules, muito influenciado pela leitura de *L’Amour* e *La Femme*, e caracterizando assim o texto, como pitoresco e, ao mesmo tempo, com um estilo masculino:

Mais glissons: l’espace nous fait défaut, et nous n’avons point encore parlé de l’écrivain qui nous le reprocherait; car il a droit à l’attention, et ne cache nullement son désir de la solliciter par des traits ingénieux, par des pages

<sup>403</sup> MERLET, Gustave. **Hommes et livres: causeries morales et littéraires**. Paris: Librairie Académique, Didier et C<sup>e</sup>, 1869, p. 261. “Não nos surpreendamos ao ver a Sra. Michelet pegar a pluma e enfrentar a responsabilidade literária de um nome que a obriga ao sucesso” (tradução nossa).

<sup>404</sup> *Ibidem*, p. 263. “Havia ali alguns esboços atraentes, e a recepção que lhes foi feita deve ter encorajado o pincel que furtivamente os traçou, como se ele próprio ignorasse seu propósito ou temesse a luz. Seja, pois, bem-vindo esse talento que foi encorajado pelas nossas simpatias, e felicitemo-lo por ter finalmente renunciado aos escrúpulos de uma reserva que seria inimiga do nosso prazer. Além disso, o tema escolhido pela Sra. Michelet é aquele que uma mulher pode experimentar sem expor os dedos a manchas de tinta” (tradução nossa).

<sup>405</sup> Aqui é importante mencionar que a crítica recebida por cartas, pelo círculo de amizades e conhecidos de Jules Michelet foi diferente, pois desde o início havia o entendimento pelos mais próximos sobre a colaboração de Athénaïs.

pittoresques qui brillent en pleine lumière. Um mot suffit à son éloge. C'est surtout de M<sup>me</sup> Michelet qu'on pourrait dire: *Le style, c'est l'homme*, ou, si vous voulez: *le mari*. Dieu nous garde de transformer cette formule en épigramme! Nous entendons simplement par là que M. Michelet ne nous a pas trompés jadis, quand il professait cette doctrine que *le mari doit créer sa femme*. Cet axiome, qui a pu faire sourire certains lecteurs ou en effrayer d'autres, n'a rien de paradoxal, du moins si je m'en rapporte à ce livre que nous avons entre les mains. Oui, ce problème a été résolu par celui qui l'a posé. Il s'est emparé si victorieusement d'une âme qu'elle est devenue sienne, qu'on ne la distingue plus de lui-même<sup>406</sup> (grifos do autor).

As críticas sobre o entrelaçamento conjugal podem ser interpretadas como negativas, como no primeiro exemplo da revista Charivari, mas, apesar das críticas por Merlet à escrita feminina, para Jules, o reconhecimento dessa associação com sua mulher lhe é positivo, e escreve em seu diário: “Article de Merlet dans *La France* sur les *Mémoires d'une enfant*; il dit que j'ai créé (imprégné) ma femme de moi, ce qui me fu très doux...”<sup>407</sup>. No dia seguinte, Michelet comenta com Athénaïs sobre o artigo, e escreve em seu diário: “Je lui dis le plaisir que m'avait fait Merlet (article de *La France*) em disant que je l'ai faite mienne, créée, etc. Elle dit en riant: ‘Oh! j'avais bien aussi l'étoffe, ma petite âme méridionale’”<sup>408</sup>, defendendo em si também seu conhecimento e experiência de vida anterior ao casamento.

Interessante notar que é a partir da publicação de seu livro de memórias, que as críticas começam a indicar a colaboração de Athénaïs tanto nos livros de História Natural, como uma possível colaboração em *L'Amour* e *La Femme*. Logo que o livro *La Femme* foi publicado em 1859, havia uma desconfiança sobre o tema feminino do livro ter sido escrito totalmente por Michelet:

Le livre de M. Michelet: *La femme*, qui vient de paraître, aura certainement le même succès que *l'Amour*, qui a valu l'année dernière à cet écrivain, tant d'éloges et de critiques. C'est qu'en effet, dans l'ouvrage nouveau de M. Michelet, l'on trouve à côté de pages ravissantes sur la femme dans ses différents âges, et ses différents conditions sociales, des morceaux d'un tel

<sup>406</sup> MERLET, *op. cit.*, p. 274. “Mas divaguemos: falta-nos espaço, e ainda não falamos do escritor que nos reprovava; pois ele tem direito à atenção, e de forma alguma esconde seu desejo de solicitá-la com características engenhosas, com páginas pitorescas que brilham em plena luz. Uma palavra basta para elogiá-lo. É especialmente da Sra. Michelet que se poderia dizer: O estilo, é o homem, ou, se preferir: o marido. Deus nos livre de transformar esta fórmula num epigrama! Queremos dizer com isso simplesmente que o Sr. Michelet não nos enganou no passado, quando professava esta doutrina de que o marido deve criar sua esposa. Este axioma, que pode ter feito alguns leitores sorrirem ou assustado outros, não é nada paradoxal, pelo menos se me referir a este livro que temos em mãos. Sim, esse problema foi resolvido por quem o fez. Ele conquistou uma alma tão vitoriosamente que ela se tornou sua, que não é mais distinguível de si mesmo” (tradução nossa).

<sup>407</sup> MICHELET, *Journal Tome III, op. cit.*, p. 466. Nota do dia 18 de maio de 1867. “Artigo de Merlet em *A França* sobre as *Memórias de uma Criança*; ele disse que eu criei (impregnei) minha esposa de mim, o que me foi muito suave” (tradução nossa).

<sup>408</sup> *Ibidem*, p. 466. Nota do dia 19 de maio de 1867. “Contei-lhe o prazer que me havia feito Merlet (artigo do *A França*), dizendo que eu a havia tornado minha, criada, etc. Ela disse rindo: ‘Ah! Eu também tinha o material, minha pequena alma sulista’” (tradução nossa).

réalisme, que l'on se demande si c'est bien la même plume qui a écrit tout le volume<sup>409</sup>.

No mesmo jornal, em 1866, a crítica sobre o livro de memórias indica as colaborações de Athénaïs com Michelet: “Ceux qui veulent que M<sup>me</sup> Michelet ait, parfois, collaboré aux ouvrages de son mari, trouveront, dans ce nouveau volume une sorte de témoignage à l'appui de leurs conjectures; on y rencontre, em effet, bien des pages qui rappellent le talent si sympathique de l'auteur de *l'Amour, de la Femme, de l'Insecte* et de *l'Oiseau*”<sup>410</sup>. No mesmo ano, na Revista *Le monde Illustré* (O Mundo Ilustrado), a crítica ao livro *Mémoires d'une Enfant* indica a comunhão na escrita entre Athénaïs e Michelet e, principalmente, o reconhecimento da colaboração no livro *L'Oiseau*:

Balzac professait que deux époux, bien unis de cœur et de pensée, finissent, au but d'un certain temps, par se ressembler de visage. Qu'y a-t-il de vrais dans cette théorie, et comment s'opère la métamorphose? [...]

En tout cas, il n'est pas douteux que la manière, la façon de parler, l'accent et le style arrivent assez vite chez deux personnes qui vivent dans une intimité étroite, à se confondre et à s'identifier complètement. Les *Mémoires d'une enfant*, par M<sup>me</sup> J. Michelet, en fourniraient la preuve au besoin. Déjà, dans *l'Oiseau*, œuvre indivise, tel passage qui, pour l'esprit et le faire, étaient du mari, appartenait à la dame. Sans les guillemets qui marquaient la soudure, personne n'eût découvert les traces de la collaboration. Ici, dans ces *Mémoires d'une enfant*, la similitude de style est parfaite, avec je ne sais quoi d'adouci, de moins brusque qui décèle les grâces et le charme de la femme<sup>411</sup> (grifo nosso).

Estas críticas, mesmo que ambíguas muitas vezes, evidenciam o quanto no século XIX apesar do aumento do número de mulheres escritoras em todos os gêneros em relação ao século anterior, considerava-se que a mulher não teria capacidade própria para ser original, e seu

<sup>409</sup> La Femme. Par M. Michelet. **Journal du Cher**, 26 novembre 1859, Seção: Variétés, p. 3. “O livro do Sr. Michelet, *A Mulher*, que acaba de ser publicado, certamente terá o mesmo sucesso que *O Amor*, que rendeu a este escritor tantos elogios e críticas no ano passado. De fato, na nova obra do Sr. Michelet, encontramos, além de páginas encantadoras sobre mulheres em suas diferentes idades e condições sociais, peças de tal realismo que nos perguntamos se foi realmente a mesma pluma que escreveu todo o volume” (tradução nossa).

<sup>410</sup> GRANDIN, G. **Journal du Cher**, Bourges (France), 27 novembre 1866. Seção: Chronique, p. 2. “Aqueles que acreditam que a Sra. Michelet por vezes colaborou nas obras do marido encontrarão neste novo volume uma espécie de testemunho para apoiar suas conjecturas; encontramos ali, de fato, muitas páginas que lembram o talento muito simpático do autor de *O Amor, a Mulher, o Inseto e o Pássaro*” (tradução nossa).

<sup>411</sup> DAURIAC, Philippe. **Le Monde Illustré**, Paris (France), 01 décembre 1866. Seção: Revue Littéraire, p. 362. “Balzac professava que dois esposos, bem unidos de coração e pensamento, acabam, depois de um certo tempo, por parecerem iguais. O que é verdade nessa teoria e como ocorre a metamorfose? [...] De qualquer forma, não há dúvidas de que a maneira, o modo de falar, o sotaque e o estilo chegam muito rapidamente a duas pessoas que vivem em grande intimidade, a se fundirem e a se identificarem completamente. As *Memórias de uma Criança*, da Sra. J. Michelet, forneceriam prova disso, se necessário. Já em *O Pássaro*, uma obra indivisa, tais passagens que, em espírito e ação, eram do marido, pertenciam à senhora. Sem as aspas que marcavam a solda, ninguém teria descoberto os vestígios da colaboração. Aqui, nestas *Memórias de uma Criança*, a semelhança de estilo é perfeita, com algo suavizado, menos abrupto, que revela as graças e o encanto da mulher” (tradução nossa).

trabalho intelectual, sua escrita, ou mesmo suas pesquisas, no caso de mulheres que publicaram em Ciências Naturais, seriam geralmente inspiradas sempre em outras pessoas, geralmente o marido, o pai, o irmão, ou seja, aquele que de fato estaria mais apto às atividades intelectuais na sociedade patriarcal francesa do século XIX, o homem. E essa inspiração que a mulher teria em suas próprias obras, muitas vezes, poderia ser vista como uma apropriação, pois à mulher se negava o direito da individualidade e, ainda mais, o direito à erudição.

Os exemplos de críticas aqui apresentados corroboram o chamado *Efeito Matilda*, termo cunhado por Margaret Rossiter em 1993 para descrever situações em que mulheres deixam de receber o devido reconhecimento por suas contribuições científicas ou intelectuais, frequentemente atribuídas a colegas homens. As produções de Athénaïs e suas colaborações com Michelet — assim como ocorreu com inúmeras outras mulheres no século XIX e ainda hoje, como no caso da técnica de cinema Hélène, mencionado na introdução — são sistematicamente desvalorizadas, sendo seus trabalhos subordinados ao estilo e à genialidade atribuída ao historiador e marido.

Essas questões também são apontadas mesmo na Introdução do livro *L’Insecte*, em que Michelet homenageia Athénaïs por seu trabalho minucioso e solitário, por receber de suas mãos “les éléments divers de cette grande étude par l’intermédiaire d’une âme éminemment tendre aux choses de la nature”<sup>412</sup>. Ele se pergunta também se “Mlle Jurine a si heureusement contribué aux surprenantes découvertes de son père sur les abeilles”<sup>413</sup>. Christine Jurine (1776-1812) foi uma ilustradora naturalista genovesa, colaboradora do entomólogo François Huber (1750-1831) e de seu pai médico e naturalista Louis Jurine (1751-1819). Huber ficou cego desde os quinze anos e precisou da ajuda de colaboradores para continuar suas pesquisas com abelhas. A senhorita Jurine fazia as observações e dissecações nas abelhas, assim como ilustrou as pranchas dos trabalhos de Huber e ilustrou os trabalhos de seu pai sobre insetos. Assim, em concordância com os críticos da época, para Michelet, “les yeux et les mains des femmes, fines et faites aux petits objets, au travail à petits point, son éminemment propres à ces choses”, ao mesmo tempo em que elas são “si poétiques, eles sont moins poètes, et imposent moins au réel la tyrannie de leur pensée”<sup>414</sup>.

---

<sup>412</sup> MICHELET, *L’Insecte*, *op. cit.* p. X. “os vários elementos deste grande estudo por intermédio de uma alma eminentemente sensível às coisas da natureza” (tradução nossa).

<sup>413</sup> *Idem*. “A Srta. Jurine contribuiu com muita alegria para as descobertas surpreendentes de seu pai sobre as abelhas” (tradução nossa).

<sup>414</sup> *Ibidem*, p. X-XI. “os olhos e as mãos das mulheres, finos e feitos para pequenos objetos, para pequenos trabalhos de ponta, são eminentemente adequados para essas coisas”; “tão poéticos, são menos poetas e impõem menos à realidade a tirania do seu pensamento” (tradução nossa).

Mesmo Athénaïs cedendo ao estereótipo imposto pela sociedade e pelo seu marido, fazendo parte dos livros de História Natural apenas como colaboradora, trabalho mais propenso às mulheres, ou na escrita de textos que seriam restritos às mulheres, como romances e obras memorialistas, no caso de Athénaïs, as críticas foram muito duras com sua primeira obra autoral, e seu livro não teve um grande sucesso de público. Uma das razões é a seguinte: muitas críticas ao livro de memórias fizeram eco das críticas negativas aos trabalhos de Jules Michelet, *L'Amour e La Femme*, que teriam sido escritos por influência de Athénaïs. À mulher, nesse sentido, seria permitido um status como de musa inspiradora para um homem das letras, mas, em determinadas situações, como de Athénaïs para Michelet, sua inspiração para os cursos sobre o Amor e a Educação da Mulher do historiador no *Collège de France* em 1849 e 1850, que depois renderam os dois livros, foi vista por muitos como uma intervenção nociva.

Apesar de Athénaïs ser uma debutante na publicação de sua obra *Mémoires*, sem esquecermos de sua colaboração aos livros de História Natural, as críticas dirigidas a ela são parecidas com as críticas de inúmeras autoras mulheres daquele período já bem conhecidas. Podemos citar aqui um caso excepcional como o da escritora George Sand, já consagrada pelo público com obras de grande sucesso desde a década de 1830, mas que sofreu duros ataques pela crítica literária e mesmo de outros escritores de seu entorno, por toda a sua carreira<sup>415</sup>. George Sand fazia parte do círculo de amigos e literatos republicanos de Jules Michelet e, em 1856, publicou uma obra autobiográfica, que muito provavelmente, como visto, foi inspiração para Athénaïs publicar suas memórias. George Sand é o pseudônimo de Amandine Aurore Lucile Dupin (1804-1876), e a escolha pela publicação com um pseudônimo masculino teve muito provavelmente duas razões mais evidentes: uma familiar, pois sua sogra se opôs que ela publicasse em seu nome; e, num segundo momento, uma razão comercial, pois, depois do sucesso de seus primeiros livros, seu editor não quis a mudança dos nomes<sup>416</sup>. Para Alexandre François, o pseudônimo expressou a representação artística de George Sand, “elle est liberté supérieure, dépassement de tous les clivages subis par l'être humain: de classe, de sexe, d'âge, de culture, d'opinion”<sup>417</sup>. A escolha do nome George Sand não foi uma afirmação do sexo

<sup>415</sup> LORUSSO, Silvia. La misogynie littéraire. Le cas Sand. *Revue italienne d'études Françaises* [En ligne], v. 7, 2017, p. 1-12. Disponível em: <https://journals.openedition.org/rief/1473>.

<sup>416</sup> ALEXANDRE, François. La Femme et l'oiseau dans l'œuvre de George Sand. In: BERNARD-GRIFFITHS, Simone; MADELÉNAT, Daniel. *La Femme et L'Oiseau aux XVIII<sup>e</sup> et XIX<sup>e</sup> siècles*, dans la littérature, la peinture et la musique. Presses Universitaires Blaise Pascal, 2011, p. 23.

<sup>417</sup> *Ibidem*, p. 24. “É uma liberdade superior, que supera todas as divisões sofridas pelos seres humanos: classe, gênero, idade, cultura, opinião” (tradução nossa).

masculino para Françoise, mas traduziu a vontade da escritora em construir, fazer um nome, de seu trabalho, sozinha, “échappant au double déterminisme du milieu et du sexe”<sup>418</sup>.

E é o gênero, ou o sexo, da autora George Sand, que lhe rendeu muitas críticas, que supostamente seriam literárias, mas acabam por mesclar e confundir seu trabalho e sua vida privada, como também aconteceu com Athénaïs Michelet. Silvia Larusso, em seu artigo, traz um catálogo de insultos destinados a George Sand por Barbey d’Aurevilly, Sainte-Beuve, Goncourt, Proudhon, e mesmo Baudelaire e Nietzsche, entre outros. Para a autora,

La première transgression qu’on lui reproche, c’est celle d’être une femme (qui écrit); la deuxième, celle d’être une femme qui vit dans la plus grande liberté sa vie sexuelle; la troisième transgression enfin, qui me semble être en contradiction avec les deux autres, celle de ne pas être vraiment une femme!<sup>419</sup>

Essa intimidade próxima dos dois, em muitos artigos, está relacionada a uma profunda desconfiança em relação a Athénaïs, principalmente após sua morte em 1899, por ser uma mulher jovem e que “s’y montre sans doute un peu trop maîtresse d’elle même”<sup>420</sup>. Jules Levallois (1829-1903)<sup>421</sup>, jornalista e crítico literário, que conheceu a família dos Michelet, após a morte de Athénaïs escreveu o artigo *Femmes d’Hier* (Mulheres de Ontem), sobre três mulheres intelectuais<sup>422</sup> de seu tempo, sendo Athénaïs uma dessas mulheres, no qual a crítica pela publicação de suas cartas de amor: “...je crois que le récent volume des lettres inédites aurait pu et aurait dû rester dans l’ombre”<sup>423</sup> e dá o tom de crítica negativa à influência da mulher nas obras de Michelet: “si l’on veut à toute force qu’elle ait agi sur les travaux des dernières années, on se reportera plus logiquement vers les petits livres d’histoire naturelle”<sup>424</sup>.

Alguns anos mais tarde, Gabriel Monod publicou *Jules Michelet Études sur sa vie et ses œuvres* e, logo na introdução, irá explanar sobre as obras póstumas do historiador, elogiando e defendendo os esforços de Athénaïs no trabalho de publicação, mas esclarecendo que em partes

<sup>418</sup> ALEXANDRE, *op. cit.*, p. 24. “escapando do duplo determinismo do ambiente e do sexo” (tradução nossa).

<sup>419</sup> LORUSSO, *op. cit.*, p. 6-7. “A primeira transgressão da qual ela é acusada é a de ser mulher (que escreve); a segunda, a de ser uma mulher que vive sua vida sexual com a maior liberdade; a terceira transgressão finalmente, que me parece estar em contradição com as outras duas, a de não ser realmente uma mulher” (tradução nossa).

<sup>420</sup> LEVALLOIS, Jules. *Femmes d’hier*. **Revue Bleue**. La Revue Politique et Littéraire, n. 17, 4<sup>e</sup> série, tome XII, 21 octobre 1899, p. 529-535. “mostra-se sem dúvida muito senhora de si” (tradução nossa).

<sup>421</sup> Jules Levallois, nascido em Rouen, foi um escritor, jornalista e crítico literário. Conheceu a família Michelet a partir dos amigos Eugène Noël e Alfred Dumesnil. Foi contratado por Athénaïs para revisar as provas da grande edição *Œuvres Complètes de J. Michelet* pela Editora Flammarion, que foi editada entre 1893-1898.

<sup>422</sup> LEVALLOIS, *op. cit.*, p. 532.

<sup>423</sup> *Ibidem*, p. 531. “acredito que o volume recente das cartas inéditas poderia e deveria ter ficado na sombra” (tradução nossa).

<sup>424</sup> *Ibidem*, p. 532. “se queremos a todo o custo que ela tenha agido sobre os trabalhos dos últimos anos, nos referiremos mais logicamente aos pequenos livros de história natural” (tradução nossa).

destas obras Madame Michelet alterou os textos de Jules, incluindo ou censurando algumas partes, sem deslegitimar o próprio texto do historiador<sup>425</sup>. Apesar de trazer à superfície o que muitos críticos desconfiavam, Monod nunca deixou de trabalhar com a própria produção bibliográfica de Athénaïs, publicando seus trabalhos póstumos, como *Les Chats*, e defendendo Athénaïs das críticas sobre a sua saúde em seu casamento, como em carta resposta ao artigo de Émile Faguet (1847-1916):

On le rassura; mais lorsqu'ils se marièrent, il se passa plusieurs mois encore pendant lesquels ils vécurent comme des fiancés, et Madame Michelet ne trouva jamais dans la vie conjugale d'autres jouissances que celles du cœur et de intelligence. Le reste n'était pour elle que devoir et sacrifice<sup>426</sup>.

Como Jules Levallois, Monod conheceu a família dos Michelet, e foi a pessoa a quem Athénaïs nomeou como patrono de toda a documentação e das obras de Jules Michelet após sua morte. Teve uma relação constante com Jules Michelet a partir de 1864, quando o conheceu, até a morte do historiador, e manteve sempre contato com Athénaïs. Ao final de sua vida consagrou seus esforços à obra de Michelet, entre mais de 80 estudos publicados entre 1899 e 1912, ano de sua morte. Dedicou-se a um curso no *Collège de France, Jules Michelet, Histoire générale et méthode historique* (Jules Michelet, História geral e método histórico), entre 1906 e 1911<sup>427</sup>.

No mesmo período, André Maurel escreve o artigo *L'Art d'être Veuve* (A Arte de ser Viúva)<sup>428</sup> e, novamente, como um sintoma da época, irá criticar três mulheres viúvas, condenando Athénaïs por sua influência “maligna” na vida de Michelet: ele critica sua colaboração nos trabalhos de Jules Michelet, insinuando que era apenas uma copista.

Todas essas publicações acabam culminando no artigo famoso *Les veuves abusives* (As viúvas abusivas)<sup>429</sup> de 1936. É a partir desse artigo, mais conhecido, que a imagem de Athénaïs, perante suas ações após a morte de seu marido, ficará incrustrada na historiografia sobre Jules Michelet. Bonnie Smith, em sua obra “Gênero e História”<sup>430</sup>, irá fazer praticamente uma

<sup>425</sup> MONOD, Michelet. Études sur sa vie et ses œuvres, *op. cit.*, p. 1-10.

<sup>426</sup> MONOD, Gabriel. Les deux Madame Michelet. **La Revue des Revues**, 1<sup>er</sup> décembre 1906, p. 365. “tranquilizaram-no; mas quando se casaram, passaram ainda vários meses durante os quais viveram como noivos, e Madame Michelet nunca encontrou na vida conjugal outros prazeres que os do coração e da inteligência. O resto era apenas dever e sacrifício para ela” (tradução nossa).

<sup>427</sup> LÉVY-DUMOULIN, Oliver. Les “Écoles historiques” à l'épreuve de Gabriel Monod. Un historien célèbre et méconnu. **Revue Historique**, Retour sur Gabriel Monod, n. 664, v. 4, 2012, p. 789-801; POTIN, Yann. Les fantômes de Gabriel Monod. Papier e paroles de Jules Michelet, érudit et profete. **Revue Historique**, Retour sur Gabriel Monod, n. 664, v. 4, 2012, p. 803-836.

<sup>428</sup> MARUEL, André. L'art d'être Veuve. **Gil Blas**, Paris (France), 12 novembre 1905, p. 1.

<sup>429</sup> MONZIE, Anatole de. **Les veuves abusives**. Paris: Grasset, 1936.

<sup>430</sup> SMITH, *op. cit.*, p. 180-216.

genealogia dessas críticas que Athénaïs recebeu durante o século XX, que reverberou entre muitos historiadores, começando por Gabriel Monod (1844-1912), chegando a Lucien Febvre (1878-1956) e depois a Paul Viallaneix (1925-2018), no intuito de mostrar que essa difamação era o reverso lógico da construção da imagem de Michelet como um gênio solitário e trabalhador monástico.

Athénaïs foi, assim, uma das mulheres do período, que foram criticadas pelo seu trabalho de edição das obras póstumas do marido. Hermione Quinet (nascida Asachi [ou Asaki], 1821-1900), teve uma trajetória muito similar e próxima de Athénaïs, e que também é ainda bastante desconhecida. Ela foi a segunda esposa de Edgar Quinet (1803-1875), historiador francês e amigo muito próximo de Jules Michelet, desde a década de 1820. De origem romena, Hermione passou a viver em Paris a partir da década de 1840, já divorciada de seu primeiro casamento e com um filho, George. No final da monarquia de julho, ela passa a assistir às aulas de Jules Michelet, Edgar Quinet e Adam Mickiewicz (1798-1855) no *Collège de France*<sup>431</sup>.

Hermione se torna muito próxima de Edgar Quinet e sua família e, após a morte da primeira mulher de Quinet, em 1851, ela se torna secretária de Quinet. Com o Golpe de Estado de Napoleão III em 1852, ela o acompanha em seu exílio na Bélgica, e se casam em julho de 1852. Hermione tinha trinta e um anos quando se casou com Quinet, este com quarenta e nove anos, com uma grande diferença de idade entre os dois, assim como quando Athénaïs e Jules se casaram em 1849. Perde seu único filho de seu primeiro casamento, Georges, que falece em 1856 com dezessete anos, e não teve nenhum outro filho de seu segundo casamento com Quinet. Como Athénaïs, Hermione ajudou seu marido em seu trabalho, compilando documentos, fazendo anotações e o ajudando a publicar sua obra completa a partir de 1857, com ajuda de Jules Michelet e de Alfred Dumesnil. É em 1869 que ela debuta em sua primeira obra autoral<sup>432</sup>, também sobre memórias, como Athénaïs, *Mémoires d'Exil (Bruxelles, Oberland)* (Memórias de Exílio (Bruxelas, Oberland)), em que evoca suas memórias de exílio na Bélgica e na Suíça, junto a Quinet, mas principalmente relembrando a vida do seu marido, e depois seguindo com outras obras memorialísticas com *Journal d'un siège* (Diário de um lugar, 1873) e *Sentier de France* (Trilha da França, 1875), além de obras póstumas de Edgar Quinet<sup>433</sup>.

Estas obras pessoais e memoriais de seu casamento junto a seu marido foram alvo de críticas de Jules Amedée Barbey d'Aurevilly (1808-1889), de teor similar às que Athénaïs

<sup>431</sup> GRIBENSKI, Fanny; JARDIN, Étienne. Introduction. In: QUINET, Hermione. **Ce que dit la musique**. Présenté et Commenté par Fanny Gribenski et Étienne Jardin, Actes Sud, 2016, p. 10.

<sup>432</sup> Hermione Quinet, já tinha traduzido na década de 1840, enquanto também era secretária de seu pai Gheorges Asachi (1788-1869), quatro livros para a língua Romena.

<sup>433</sup> GRIBENSKI & JARDIN, *op. cit.*, p. 11.

recebeu, da complexa relação de intimidade conjugal: “Certes, on ne se serait trop fixer l’attention sur le phénomène d’amour conjugal dont Mme Quinet nous offre aujourd’hui l’étonnant modèle. Caramba! c’est presque une question religieuse? c’est presque un miracle! À force d’amour conjugal, le phénomène biblique de la côte d’adam est retrouvé”<sup>434</sup>.

E como Athénaïs, Hermione Quinet também foi alvo de críticas às suas publicações de livros póstumos do marido, de censurar e editar os textos, mesmo contemporaneamente, por um dos editores das obras de Jules Michelet junto a Paul Viallaneix, Louis Le Guillou, em resenha sobre a publicação do livro de cartas entre Edgar Quinet e sua mãe, “Rompant avec la désinvolture d’une Hermione Quinet, première éditrice de ces lettres mais qui, tributaire de son siècle, ne se priva ni de raturer, ni de censurer, voire de remanier les textes”<sup>435</sup>, ainda indicando na resenha cartas omitidas por Hermione.

O caso de Athénaïs Michelet exemplifica as contradições e os limites impostos às mulheres no campo intelectual do século XIX, revelando como a colaboração feminina, foi frequentemente silenciada ou minimizada. As discussões em torno de sua participação nas obras de Michelet, assim como as reações ambíguas à sua própria produção autoral, refletem um cenário social em que a mulher escritora era simultaneamente incentivada a colaborar e desestimulada a assumir protagonismo. Protagonismo que Athénaïs tentou alcançar com sua segunda obra autoral, *Nature*, que será analisada no próximo capítulo.

---

<sup>434</sup> Jules Barbey d’Aureville, XIX<sup>e</sup> Siècle. Les œuvres et les hommes. 5<sup>e</sup> partie: les bas-bleus, Paris: Société Générale de Librairie Catholique, 1878, apud GRIBENSKI & JARDIN, *op. cit.*, p. 11. “Certamente, não seria demais fixar a atenção no fenômeno do amor conjugal de que a Sra. Quinet nos oferece hoje o modelo surpreendente! é quase uma questão religiosa? é quase um milagre! Através do amor conjugal, redescobre-se o fenômeno bíblico da costela de Adão” (tradução nossa).

<sup>435</sup> LE GUILLOU, Louis. Resenha: Edgar Quinet, lettres à sa mère, T.I (1808-1820). Textes réunis, classés, et annotés par Simone Bernard-Griffiths et Gérard. Peylet. Paris H. Champion, 1995. In: **Revue d’histoire littéraire de la France**, 01 mars 1998, p. 315. “Rompendo com a desenvoltura de Hermione Quinet, a primeira editora destas cartas, mas que, tributária do seu século, não se privava nem de riscar, nem de censurar, nem mesmo de reformular os textos” (tradução nossa).

#### Capítulo 4. *Nature* e a emancipação de Athénaïs como escritora

O livro *Nature; or, the Power of the Earth and the Sea* foi a segunda obra autoral de Athénaïs Michelet, publicada no Reino Unido em 1872 pela editora T. Nelson and Sons, responsável também pelas traduções de outros quatro livros de História Natural escritos em colaboração com Jules Michelet. A obra, originalmente escrita em francês por Athénaïs, foi traduzida para o inglês pelo escritor e jornalista inglês William Henry Davenport Adams (1828-1891). Além disso, conta com duzentas e dez gravuras do ilustrador italiano Hector Giacomelli (1822-1904), que já havia colaborado na ilustração do livro *L'Oiseau* para a nova edição francesa de 1867, publicada pela editora Hachette. O livro inicialmente seria publicado em inglês e depois em francês, como Michelet indicou ao amigo Eugène Noël em carta: “Le livre d’Hist[oire] nat[urelle] de ma femme paraîtra en anglais en décembre à Edimbourg et à New York (illustré). Plus tard, en France”<sup>436</sup>. No entanto, a edição em sua língua original não foi localizada durante as pesquisas realizadas em bibliotecas de Paris, tampouco em acervos de bibliotecas digitais.

Existem informações discordantes sobre a citada versão em francês do livro *Nature*. Em nota no diário de Michelet, o editor informou que a obra nunca foi publicada em francês<sup>437</sup>. Entretanto, há a informação de sua publicação em nota no Tomo XII da *Correspondance Générale* de Jules Michelet: “Le volume La Nature ne paraîtra en France qu’en 1893, illustré par Giacomelli [...]”<sup>438</sup>. A biógrafa de Athénaïs, Isabelle Delamotte, também mencionou: “La même année [da publicação do livro *Sur les chemins de l’Europe*, em 1893], son livre *Nature*, jusqu’alors uniquement publié en anglais, fut traduit en français”<sup>439</sup>, mas ambos não trazem nenhuma informação sobre a editora. Caso tenha existido uma versão em francês, supostamente publicada em 1893, como indicado, é provável que algum exemplar físico tivesse sido preservado nos acervos das bibliotecas de Paris visitadas durante o estágio de doutorado sanduíche. Durante essas pesquisas, foram encontrados outros textos de Athénaïs, possivelmente ainda mais raros devido à tiragem limitada de suas edições. Uma possível razão que pode indicar a aparente confusão sobre a existência dessa tradução é que também no ano

<sup>436</sup> MICHELET, *Correspondance Générale* Tome XII, *op. cit.*, p. 166. Carta 11.617, de Jules Michelet a Eugène Noël, de 2 de setembro de 1871. “O livro de História Natural da minha esposa será publicado em inglês em dezembro em Edimburgo e Nova York (ilustrado). Mais tarde, na França” (tradução nossa).

<sup>437</sup> MICHELET, *Journal* Tome IV, *op. cit.*, p. 454.

<sup>438</sup> *Idem*. Nota do editor da carta 11.617. “O volume La Nature só apareceria na França em 1893, ilustrado por Giacomelli” (tradução nossa).

<sup>439</sup> DELAMOTTE, *op. cit.*, p. 405. “No mesmo ano [da publicação do livro *Nos Caminhos da Europa*, em 1893], seu livro *Nature*, até então publicado apenas em inglês, foi traduzido para o francês” (tradução nossa).

de 1893 a editora *Flammarion* iniciou o lançamento da publicação da obra completa de Jules Michelet, incluindo os livros de História Natural.

É curioso que Gabriel Monod nunca tenha demonstrado interesse pela obra *Nature*, embora tenha publicado postumamente *Les Chats* de Athénaïs, além de outros escritos da autora. Em um artigo na *Revue Bleue* (Revista Azul) de 1905, Monod mencionou *Nature*, mas destacou sobretudo a importância do capítulo escrito por Michelet nesse livro. Interessante observar que apesar de Gabriel Monod continuar a trabalhar com os manuscritos de Athénaïs e reconhecer seu esforço nas publicações póstumas do marido, o valor intrínseco no livro *Nature* ainda parece ser atribuído unicamente a Michelet e à sua contribuição. No artigo dedicado aos anos difíceis de 1870 e 1871 enfrentados pelo casal, Monod destacou que dois terços do livro já haviam sido escritos antes da declaração da Guerra Franco-Prussiana (19 de julho de 1970)<sup>440</sup>, período anterior à partida do casal para Pierrefonds, mais ao nordeste da França. Enquanto Athénaïs se dedicava a seus estudos, Jules concentrava-se na redação de sua obra *Histoire du XIX<sup>e</sup> siècle* (História do Século XIX), sobre a história dos Bonapartes. Segundo o autor, após um período em que Michelet esteve gravemente doente, no início de 1871<sup>441</sup>, e de uma ligeira recuperação, durante uma longa temporada na Itália, nas cidades de Florença e Pisa, ele revisou os textos de Athénaïs. Além disso, ambos colaboraram na escrita de um capítulo sobre a região de Maremma, na Itália. Em um texto contraditório, Monod afirmou:

Le chapitre du livre de M<sup>me</sup> Michelet sur la fièvre des maremmes, intitulé *l'Expiation*, est sorti directement de cette collaboration des deux époux. Nous ne avons le texte tout entier écrit de la main de Michelet. Il serait téméraire d'affirmer qu'il est tout entier composé par lui, car nous en avons une autre copie, un peu différente, de la main de M<sup>me</sup> Michelet. Mais si nous le comparons aux autres chapitres du livre, il nous semble porter la griffe du lion. C'est, en tout cas, un morceau d'une haute allure, qui mérite d'être connu"<sup>442</sup> (grifo nosso).

---

<sup>440</sup> A Guerra Franco-Prussiana ocorreu entre 1870 e 1871, e marcou o fim do Segundo Império Francês, com a queda de Napoleão e a proclamação da Segunda República. Foi também a ocasião do estabelecimento da Comuna de Paris, o primeiro governo socialista da história, por um breve período em 1871. HOBBSAWM, *op. cit.*, p. 91.

<sup>441</sup> Michelet teve uma crise de apoplexia em 30 de abril de 1870, enquanto estava na cidade de Pisa (Apoplexia é um termo antigo para o que hoje conhecemos como acidente vascular cerebral - AVC). Esta primeira crise o deixou desorientado, sem fala e o braço esquerdo paralisado, mas foi passageira, e logo retornou ao seu trabalho no final de maio. Teve uma segunda crise em outubro de 1872, junto com uma infecção pulmonar, e o agravamento da paralisia do braço esquerdo, e mesmo com muitas dificuldades, terminou o terceiro tomo de sua obra *Histoire du XIX<sup>e</sup> siècle*. VIALLANEIX, *op. cit.*, p. 528, 536.

<sup>442</sup> MONOD, M. et M<sup>me</sup> Michelet em 1870-1871, *op. cit.*, p. 582-584. "O capítulo do livro de Madame Michelet sobre a febre da Maremma, intitulado Expição, surgiu diretamente dessa colaboração entre os dois esposos. Não temos o texto completo escrito pela mão de Michelet. Seria precipitado afirmar que foi composto inteiramente por ele, porque temos outra cópia, um pouco diferente, da autoria de Madame Michelet. Mas se compararmos com os outros capítulos do livro, parece-nos que ele traz a garra do leão. De qualquer forma, é uma peça de alto estilo, que merece ser conhecida" (tradução nossa).

Monod publicou no número seguinte da mesma revista o capítulo *L'Expiation* (A expiação) do livro *Nature*<sup>443</sup>. Durante as pesquisas na *Bibliothèque de L'Institut de France* (BIF), onde os manuscritos do livro *Nature* se encontram, o capítulo *L'Expiation* escrito em parte por Jules não foi encontrado. Todos os manuscritos dos capítulos do livro, inclusive suas várias versões de correções, que estão no arquivo, estavam com a letra de Athénaïs. Mas isso não indica realmente a inexistência de uma colaboração entre eles na escrita, podendo indicar simplesmente que o manuscrito em questão pode ter sido perdido ou se encontra em outro arquivo. A presença da letra de Athénaïs também não é um indício absolutamente seguro de que ela trabalhou sozinha: seu companheiro pode lhe ter ditado partes da obra.

De todo modo, essa questão parece estar relacionada à conservação de documentos por Gabriel Monod, pois também os manuscritos do livro *Les Chats* de Athénaïs, o qual publicou postumamente, não se encontram na BIF, onde há a maioria dos documentos sobre Athénaïs, e não foram encontrados na *Bibliothèque Historique de la Ville de Paris* (BHVP). E, mesmo em pesquisas realizadas em linha em outras instituições, não foram encontrados<sup>444</sup>. Inclusive, no compêndio de correspondências de Michelet, há apenas a indicação de algumas cartas trocadas com Gabriel Monod e seu pai, na década de 1870, certificadas devido às anotações de Jules em seu diário. No entanto, não há o conteúdo das cartas, nem indicação de que elas estejam depositadas em algum arquivo em Paris<sup>445</sup>. As poucas cartas, cinco no total, que restaram de Monod e Michelet, foram publicadas em artigo de Yann Potin<sup>446</sup>. O autor destacou que no período da década de 1870 Monod já havia recebido sua *Agrégation d'Histoire* (Agregação de História, 1865), e tinha uma relação constante com o casal desde 1864, o que explica em grande medida a ausência de cartas. Desde 1868, ano em que começou a lecionar na *École pratique des hautes études* (Escola Prática de Estudos Avançados), a pedido do Ministro da Instrução Pública, Victor Duruy, residiu no mesmo imóvel que os Michelet, na *Rue d'L'Ouest 44 (Rue d'Assas 76)*<sup>447</sup>. Mesmo correspondências que foram publicadas em artigos de Monod, ou aquelas que ele publicou ao final de *Les Chats*, obras e textos bem conhecidos pelos historiadores, não fazem parte do compêndio de correspondência de Michelet.

Apesar da defesa de Monod da ampla colaboração de Jules na obra *Nature*, e mesmo correções, os documentos que estão preservados na BIF mostram que essa presença de Jules se

<sup>443</sup> MONOD, Gabriel. *L'Expiation*. *Revue Bleue*, La Revue politique et littéraire, n° 20, 5<sup>e</sup> série, Tome IV, 11 nov. 1905, p. 609-611.

<sup>444</sup> Existem alguns poucos arquivos de Athénaïs depositados no Museu Carnavalet, e mesmo algumas correspondências no Museu Bourdelle, em Paris.

<sup>445</sup> MICHELET, Correspondance Générale Tome XII, *op. cit.*, p. 142, 185, 265, 268, 275, 278, 280, 281.

<sup>446</sup> POTIN, *op. cit.*, p. 803-836.

<sup>447</sup> *Ibidem*, p. 803.

manifestou nos manuscritos por breves anotações de leitura nas páginas, e grifos, assim como fez no diário de Athénaïs. Também se encontram, na imensidão de anotações de estudos de Athénaïs, algumas folhas de Jules, principalmente sobre aves, que provavelmente também haviam sido utilizadas para o livro *L'Oiseau*. A sua pouca presença nos manuscritos de *Nature* pode ser explicada por algumas razões, primeiramente por sua idade já mais avançada e sua saúde ficando debilitada. Além do fato do historiador, após a publicação de *La Montagne* (1868), o último livro da intensa colaboração com sua esposa, decidir não se dedicar mais a história natural e dedicar-se apenas à História e outras produções, como o livro *Nos Fils* (1869)<sup>448</sup>. Trata-se de uma decisão provavelmente tomada até mesmo antes do livro *La Montagne* ser publicado, pois Athénaïs tinha idealizado e estava fazendo seus estudos sobre as montanhas desde 1865, mas começou a escrever seu livro de Memórias em 1866, adiando a escrita de *La Montagne* para 1867. Uma terceira razão, e bastante plausível, é que a obra *Nature* não seria uma obra de sua criatividade, e sim algo encomendado, o que explica também a recusa de início, quando o empreendimento lhe foi ofertado pela editora.

Em carta para o ilustrador Giacomelli, no início das negociações, Athénaïs comentou, mostrando uma certa insegurança e o seu pesar pela obra não ser escrita a quatro mãos, junto com o marido: “Mon mari ne pourrait donner son nom à une œuvre qui ne serait point sienne, et en librairie le nom de Madame est fort à distance du sien”<sup>449</sup>, e mesmo Jules escreveu em seu diário alguns dias depois: “Elle me dit que le livre perdait [fort] à n’être pas à deux”<sup>450</sup>. Entretanto, o interesse de Jules pelo trabalho de Athénaïs é amplamente detalhado em seu diário, evidenciado por sua ajuda constante na compra e no empréstimo de livros, no contato com autores e amigos, e na descrição do avanço da escrita e das pesquisas da esposa.

Ao assumir a tarefa de escrever *Nature* no final de 1869, Athénaïs teve de lidar com o agravamento da saúde de Jules, que se tornou cada vez mais frágil, profundamente abalado pelos eventos de 1870. Entre as adversidades enfrentadas estavam as trágicas notícias da Guerra Franco-Prussiana; a invasão de *Vascœil*, propriedade de seu genro Alfred, por soldados da Prússia; o envolvimento de seu neto Étienne como segundo-tenente dos engenheiros militares durante o cerco de Paris<sup>451</sup>; e o incêndio que atingiu parte do primeiro andar de seu apartamento na *Rue de l’Ouest*, ocorrido durante a Comuna. Nessas circunstâncias, além de auxiliar Jules

<sup>448</sup> DELAMOTTE, *op. cit.*, 332.

<sup>449</sup> MICHELET, Correspondance Générale Tome XI, *op. cit.*, p. 629. Carta 11.008bis de Athénaïs à [Giacomelli], dia 11 de novembro de 1869. “Meu marido não poderia dar seu nome a uma obra que não fosse sua, e na livraria o nome de Madame está muito longe do seu” (tradução nossa).

<sup>450</sup> MICHELET, Journal Tome III, *op. cit.*, p. 182. Nota do dia 19 de novembro de 1869. “Ela me disse que o livro perdia [muito] por não ser à dois” (tradução nossa).

<sup>451</sup> DELAMOTTE, *op. cit.*, p. 350.

em sua recuperação e atuar como sua secretária, gerenciando toda a correspondência e negociando com editoras sobre novas publicações e reedições<sup>452</sup>, Athénaïs levou dois anos para concluir *Nature*, publicado na primavera de 1872.

#### 4.1 *Nature*: uma obra encomendada para o público anglófono

Os manuscritos de *Nature* foram preservados na *Bibliothèque de l'Institut de France* (BIF) em três grandes pastas, provavelmente ainda em seu estado original. A organização atual não reflete a forma como os capítulos foram publicados pela editora *T. Nelson and Sons*, ou seja, os documentos ainda não foram devidamente classificados. De acordo com as anotações nos diários de Jules e as correspondências com Giacomelli, Athénaïs a princípio estruturou e escreveu *Nature* em cinco grandes partes, que se encontram organizadas da seguinte maneira: a primeira pasta reúne os capítulos e notas de estudo sobre rios e lagos (MS 4856); a segunda aborda as montanhas (MS 4857); e a terceira contém os manuscritos dos capítulos sobre o mar e a floresta (MS 4858)<sup>453</sup>. Contudo, observa-se uma certa mistura entre documentos e pastas.

A obra publicada foi dividida em sete partes, chamadas de Livros: o primeiro é *The Garden* (O Jardim) e o segundo *Pastoral Scenery* (Cenário Pastoral). Após explorar os jardins, prados e campos de trigo, Athénaïs voltou sua atenção para as florestas e árvores, dedicando-se às lendas, ao lobo e ao desaparecimento das matas, temas principais do terceiro livro: *Woodland Scenery* (Cenário de Florestas). No quarto livro, *Mountain Scenery* (Cenário de Montanhas), ela abordou as paisagens montanhosas, do Himalaia aos Alpes, realizando um estudo que mesclou poesia e geologia.

Em seguida, Athénaïs refletiu sobre as águas do mundo, contemplando desde torrentes e rios, até lagos e pequenos córregos, temas que ganharam destaque no quinto e sexto livro: *River Scenery* (Cenário de Rios) e *Lake Scenery* (Cenário de Lagos). Suas reflexões exploram as metamorfoses da água, abordando em seguida os grandes rios do mundo, como o Missouri e o Mississippi nos Estados Unidos, o Volga na Rússia, o Ródano e o Loire na França. Ela também dedicou vários capítulos aos lagos dos Alpes e da Escócia. Athénaïs visitou a região

---

<sup>452</sup> DELAMOTTE, *op. cit.*, p. 343;

<sup>453</sup> Notas e manuscritos dos capítulos do livro *Nature*, originais em francês: arquivos MS 4856, 4857, 4858: Brouillon em français de l'ouvrage traduit en anglais par William-D. Adams et publié à Londres en 1872 sous le titre *Nature or the poetry of Earth and Sea - Papiers de M<sup>me</sup> Jules Michelet*. Depositado na *Bibliothèque de l'Institut de France*.

de Maremma na Itália, que contemplou em um dos capítulos para seu último livro: *The Sea* (O Mar), no qual também escreveu sobre a arte e dedicou um capítulo especial aos cisnes.

Quanto ao tamanho das partes, o Livro I, *The Garden*, é o menor, com apenas três capítulos, seguido pelo Livro II, *Pastoral Scenery*, que contém quatro capítulos. As maiores divisões são os livros III (*Woodland Scenery*) e o livro IV (*Mountain Scenery*), com treze e dez capítulos, respectivamente. O restante dos livros segue uma média de seis capítulos (Livro V - *River Scenery*; Livro VI - *Lake Scenery*; livro VII, *The Sea*).

A análise dos manuscritos na BIF revelou um aspecto interessante: várias versões de um mesmo capítulo estão arquivadas juntas, frequentemente em duplicata ou triplicata, todas contendo inúmeras correções no texto. As alterações foram feitas com a mesma cor da escrita original, seja com tinta preta ou lápis, sempre na caligrafia de Athénaïs. Além disso, é possível observar muitos grifos em vermelho e, ocasionalmente, anotações feitas por Jules nas margens das páginas.

No acervo, não foram encontradas versões ou cópias mais limpas do texto, o que sugere que essas provavelmente foram enviadas ao editor e, posteriormente, ao tradutor. Um exemplo ilustrativo pode ser observado nos manuscritos do capítulo *Le Torrent. Ses Œuvres de Mort* (A Torrente. Suas Obras de Morte - 1º capítulo do Livro V: *River Scenery - The Torrent: its work of death*) (Figura 6). De modo geral, os manuscritos de cada capítulo estão organizados em uma pasta principal, que abriga outras duas ou três pastas menores em seu interior. Uma delas geralmente contém uma versão do texto com inúmeras correções; outra traz uma versão relativamente mais limpa, mas ainda com ajustes; e uma terceira pasta reúne folhas soltas repletas de anotações de estudo.

*Nature* foi um empreendimento ambicioso de Athénaïs, marcado por sua dedicação e visão criativa, mas também enriquecido pela parceria com o artista Hector Giacomelli. O processo de produção dessa obra é amplamente documentado, não apenas nas anotações do diário de Jules, mas também em uma série de correspondências trocadas entre Athénaïs e o ilustrador. Essas cartas revelam discussões detalhadas sobre os desenhos, o alinhamento estético com o texto e os desafios de traduzir em imagens a essência das descrições naturais. A colaboração estreita entre os dois foi fundamental para a integração entre texto e ilustrações, destacando a importância de Giacomelli na realização desse projeto.

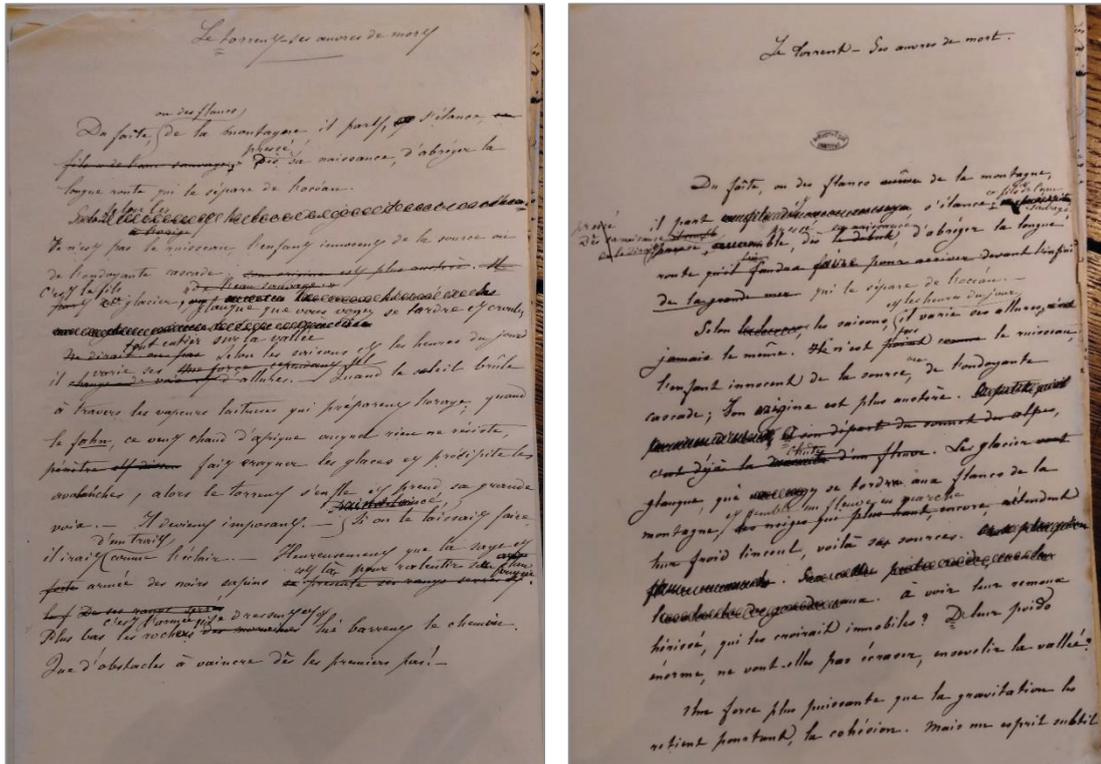


Figura 6: Exemplo da primeira página de duas versões do capítulo *Le Torrent – Ses œuvres de mort*, (*The Torrent: Its Work of Death* do Livro V: *River Scenery*), com suas correções.: Fonte: Arquivo MS 4856–4858, *Papiers de M<sup>me</sup> Jules Michelet*. Depositado na BIF. Fotos da autora.

#### 4.1.1 A parceria com Hector Giacomelli e as negociações com editoras

Quando Athénaïs aceitou o trabalho para o livro *Nature*, já existia a proposta central do editor: criar uma relação entre a descrição poética da paisagem e as ilustrações de Hector Giacomelli. O editor Thomas Nelson Jr. (1822-1892) tinha a expectativa de que a obra fosse concluída em apenas um ano, como a própria Athénaïs escreveu a Giacomelli, mencionando que o trabalho deveria ser “fait à la vapeur”<sup>454</sup>.

Desde o início, Athénaïs compreendeu a complexidade da tarefa, especialmente devido ao tempo necessário para a elaboração das ilustrações. Para lidar com esses desafios, ela manteve inúmeras conversas e trocas de correspondências com o editor e seu representante em Paris, o senhor Nimmo<sup>455</sup>. No entanto, essas missivas não estão incluídas no compêndio de correspondências de Michelet. Por outro lado, uma ampla troca de cartas com o ilustrador italiano foi publicada, totalizando trinta correspondências, das quais a maioria são de

<sup>454</sup> MICHELET, Correspondance Générale Tome XI, *op. cit.*, p. 629. Carta 11.008bis de Athénaïs à [Giacomelli], dia 11 de novembro de 1869. “feito a todo vapor” (tradução nossa).

<sup>455</sup> Provavelmente trata-se de John C. Nimmo (falecimento 1908). Fundou uma editora britânica. J. C. Nimmo Ltd.

correspondências ativas, ou seja, as escritas por Athénaïs e enviadas a Giacomelli. Desse total, de cartas, apenas duas são de Jules Michelet, uma ao ilustrador e a outra ao tradutor. Essa correspondência, embora incompleta, revelou diversas dificuldades enfrentadas por ambos em relação às requisições da editora. Como se tratava de um trabalho encomendado para o público inglês, o editor estabeleceu expectativas específicas, diretamente vinculadas à lógica mercadológica da época.

Dificuldades que foram percebidas por pessoas próximas, como seu irmão Tancrède e sua amiga Hermione Quinet. Seu irmão de Valência na Espanha, Tancrède lhe enviou uma carta em janeiro de 1870, preocupado que ela pudesse estar em Hyères (França), cidade em que os Michelet passavam os invernos, pelo montante de temas que ela deveria estudar e pesquisar, e ao mesmo tempo escrever o texto em tão pouco tempo: “Du grand travail que tu as entrepis, je conclus à un déplacement peu probable, car ça demande du temp et puis, trouverais-tu ailleurs les documents dont tu as besoin pour poursuivre ton œuvre?”<sup>456</sup>. Questão realmente importante, pois apesar de Athénaïs, em julho de 1870, já ter escrito boa parte de seu trabalho, com a declaração de guerra e a saída do casal Michelet de Paris para Pierrefonds (França), e depois para uma temporada em Florença na Itália, ela teve dificuldades em terminar a última parte do livro, sobre o mar, deixando-o apenas com as paisagens marinhas italianas<sup>457</sup>. Hermione também levantou outra questão: sendo *Nature* uma obra direcionada ao público inglês, ao descrever paisagens francesas, se Athénaïs não correria o risco de causar algum desconforto aos leitores daquela nacionalidade:

Je vois d'ici les Anglais selon leur coutume admirer non le paysage qu'ils auront sous les yeux mais la page qui le décrit. Et cette fois ils auront raison de se fier à leur guide et aux riches couleurs de sa palette. Mais ne craignez-vous pas de déchaîner la vieille animosité entre la France de Jeanne d'Arc et les Anglais, en les favorisant les premiers avec votre livre?<sup>458</sup>

Um retorno a um tópico discutido no início do capítulo revela-se importante aqui, pois uma das prováveis razões para a obra *Nature* não ter sido publicada na França poderia estar

---

<sup>456</sup> Carta inédita de Tancrède Mialaret Becknell à Athénaïs, de Valence dia 14 de janeiro de 1870. (Anexo, Carta 1) Fonte: Arquivo MS 4856 – 4858: Papiers de M<sup>me</sup> Jules Michelet. Depositado na BIF. “Do grande trabalho que você empreendeu, concluo que uma mudança é improvável, porque leva tempo e você encontraria em outro lugar os documentos necessários para continuar seu trabalho?” (tradução nossa).

<sup>457</sup> MICHELET, Correspondance Générale Tome XII, *op. cit.*, p. 75. Carta 11.469bis de Athénaïs à Hector Giacomelli, de Pisa, dia 8 de março de [18]71.

<sup>458</sup> MICHELET, Correspondance Générale Tome XI, *op. cit.*, p. 717. Carta 11.133 de Hermione Quinet à Athénaïs, de Veyteux, dia 20 de março de 1870. “Daqui posso ver os ingleses, como é seu costume, admirando não a paisagem diante de seus olhos, mas a página que a descreve. E desta vez eles estarão certos em confiar em seu guia e nas cores ricas de sua paleta. Mas você não tem medo de desencadear a velha animosidade entre a França de Joana d'Arc e os ingleses, ao favorecer os primeiros com seu livro?” (tradução nossa).

relacionada a uma percepção de Émile Templier (1821-1891), colaborador da editora Hachette responsável pela publicação de séries literárias. Para Templier, a obra possuía uma visão marcadamente inglesa, o que, somado ao elevado custo de produção, poderia gerar desconforto entre os franceses, uma situação contrária da que Hermione havia levantado. Em carta enviada a Giacomelli, Athénaïs relatou:

Je crois utile de vous dire l'impression de M. Templier sur l'illustration du volume. Je cite textuellement: "L'édition je dois l'avouer ne m'as pas enthousiasmé. C'est une réminiscence de *L'Oiseau*, avec force vues anglaises. La nouveauté, la variété manquent. Je crains bien que malgré toute leur finesse, toute leur fraîcheur, toute leur distinction, les dessins de M. G[iacomelli] n'aient pas un très grand succès en France. Nous ne serions donc pas disposés, quant à nous, à en acheter des clichés à un prix élevé".  
[...] Vous êtes beaucoup plus à même que moi de savoir ce que demande M. Nelson des *clichés* et ce qu'on peut entendre par un prix élevé. J'espère que tout s'arrangera pour le mieux, si vous vous en mêlez. Nous sommes bien heureux d'apprendre qu'il vous reviendra d'illustrer *L'Insecte*<sup>459</sup> (grifo nosso).

Por essa carta, é possível compreender que a questão levantada por Templier sobre as ilustrações de Giacomelli não terem alcançado sucesso, possivelmente em referência ao livro *L'Oiseau*, publicado em 1867, não parece justificar a não-publicação de *Nature* na França. Mas afinal, Giacomelli foi rapidamente recontratado para ilustrar *L'Insecte*. As críticas de Templier quanto à originalidade da obra também se mostram bastante vagas, considerando que *Nature* não é um livro sobre aves, tema abordado apenas em alguns capítulos pontuais. O foco principal da obra está nas paisagens e na geografia da França, Inglaterra, Escócia, além de regiões da Itália e até mesmo da América. Vale ressaltar que Templier já havia recusado anteriormente a publicação de *La Montagne* pela editora Hachette, o quarto volume da série de História Natural dos Michelet — uma coleção que havia alcançado enorme sucesso pela mesma editora. Apenas *La Mer* vendeu mais de nove mil exemplares em vinte dias<sup>460</sup>. Posteriormente, *La Montagne* foi publicada pela editora Lacroix, que também adquiriu os direitos para publicar as obras completas de Michelet por um período de quinze anos<sup>461</sup>.

<sup>459</sup> MICHELET, Correspondance Générale Tome XI, *op. cit.*, p. 244. Carta 11.751bis de Athénaïs à [Giacomelli], de Hyères dia 31 de janeiro de 1872. "Acho que é útil contar a impressão do Sr. Templier sobre a ilustração do volume. Cito textualmente: 'Devo admitir que a edição não me entusiasmou. Lembra *A Ave*, com fortes visões inglesas. Falta novidade e variedade. Temo que, apesar de toda a sua delicadeza, todo o seu frescor, toda a sua distinção, os desenhos do Sr. Giacomelli não farão muito sucesso na França. Portanto, não estaríamos dispostos a comprar *clichés* por um preço alto'. [...] Você está muito melhor posicionado do que eu para saber o que o Sr. Nelson pediu de *clichés* e o que significa um preço alto. Espero que tudo se resolva para o melhor, se você se envolver. Ficamos muito felizes em saber que vai voltar a ilustrar *O Inseto*" (tradução nossa).

<sup>460</sup> MICHELET, Journal Tome III, *op. cit.*, p. 7. Nota do dia primeiro de fevereiro de 1861.

<sup>461</sup> MICHELET, Correspondance Générale Tome XI, *op. cit.*, p. 332-335. Documento 144: Projet de traité pour *La Montagne*.

Os impasses com a editora Hachette, responsável pela publicação da maioria das obras populares de Michelet, parecem ter sido iniciados com a recusa de publicar *La Sorcière* (A Feiticeira)<sup>462</sup> em 1862. Templier também havia rejeitado a publicação do livro ilustrado *L'Oiseau* com a assinatura de uma autoria conjunta do casal, sugerindo que Michelet se limitasse a fazer apenas uma dedicatória a Athénaïs: “A mon avis, il vaudrait mieux, pour le succès de cette édition, laisser votre nom seul sur le titre, et rendre à Madame Michelet, dans une préface speciale, témoignage de la part qui lui revient dans l’ouvrage”<sup>463</sup>. Além do mais, a ideia de ilustrar a obra, posteriormente apresentada como um pedido à editora, foi inicialmente proposta por Athénaïs. Vale destacar que *Mémoires*, publicada em 1867 pela Hachette, não alcançou o mesmo sucesso de vendas que os livros de história natural. Esse somatório de situações, entre outras questões inerentes à própria editora, pode ter contribuído para que *Nature* não fosse publicado na França.

Jean-Yves Mollier, historiador francês dedicado à história da imprensa, do livro e das editoras, expõe que a relação entre as mulheres escritoras e as editoras no século XIX foi uma luta constante pelo reconhecimento ao direito de poder escrever e publicar. Neste período, as editoras estavam se estabelecendo fortemente no campo literário, através de um formato extremamente mercantil, e para o autor, o dinheiro foi uma das maiores causas de conflitos, e não apenas o gênero<sup>464</sup>. Algumas escritoras alcançaram prestígio junto às editoras, como George Sand, que possuía um contrato exclusivo com a editora Michel Lévy Frères e recebia um pagamento mensal por suas obras<sup>465</sup>. Muito diferente dos contratos que eram estipulados naquele período, ou pela venda total dos direitos da obra por um único valor, uma taxa fixa, sendo paga geralmente pela primeira obra de um escritor, ou com o autor recebendo royalties sobre a porcentagem de livros vendidos, e que tinha relação com as tiragens das edições.

Diferente de George Sand, a Condessa Sophie de Ségur (1799-1874), autora de numerosas obras de literatura infanto-juvenil, apenas recebeu royalties pela editora Hachette após a venda de diversas obras. Mollier argumenta que “Émile Templier’s determined refusal

---

<sup>462</sup> A primeira edição de *La Sorcière* foi publicada pela editora Dentu & Hetzel. A segunda edição apareceu pela editora belga Lacroix.

<sup>463</sup> MICHELET, Correspondance Générale Tome XI, *op. cit.*, p. 30. Carta 10.244 de Emile Templier à Michelet, Paris, dia 15 de fevereiro de 1866. “Na minha opinião, seria melhor, para o sucesso desta edição, deixar seu nome sozinho no título e dar a Madame Michelet, em um prefácio especial, um testemunho da parte que lhe é devida na obra” (tradução nossa).

<sup>464</sup> MOLLIER, Jean-Yves. Women authors and their publishers in the nineteenth century: A long struggle for the recognition of the right to be a writer. Publicado originalmente como: Les femmes auteurs et leurs éditeurs au XIXe siècle: un long combat pour la reconnaissance de leurs droits d’écrivains, **Revue Historique**, p. 313-333, v. 2, n. 638, 2006, p. 3-4. Disponível em: <https://www.sharpweb.org/linguafranca/wp-content/uploads/2017/06/Women-authors-and-their-publishers-in-nineteenth-century-France.pdf>.

<sup>465</sup> *Ibidem*, p. 12.

to give the Comtesse de Ségur the same conditions he granted to women he published in other series raises a number of questions”<sup>466</sup>. A Hachette vendeu milhares de seus livros e, com a compra dos direitos das obras por uma taxa fixa, segundo Mollier, seria fácil compreender o lucro exorbitante da editora com esses contratos. O autor também enfatiza a relação hierárquica dentro do campo literário e nas negociações das editoras pelas autoras femininas, pois uma literatura de livros infanto-juvenis não tinha legitimidade nem prestígio: os “records of the contracts drawn up at L. Hachette et C<sup>ie</sup> contain indications of this overt hierarchy applied to women authors, who were treated differently depending on whether they wrote school textbooks, novels for adults, or stories for children”<sup>467</sup>.

Segundo Bourdieu, o campo literário, no final do século XIX, já poderia ser compreendido como um espaço relativamente autônomo de produção cultural, em que os agentes (escritores, editores, críticos) disputavam posições de poder. Nesse contexto haveria um peso distinto entre o *capital simbólico* (prestígio e reconhecimento) e o *capital econômico* (recursos materiais), com uma valorização maior do segundo. Além disso, o *habitus*, conjunto de disposições incorporadas pelos agentes moldadas pela trajetória social e cultural, influenciava diretamente suas práticas e estratégias dentro do campo<sup>468</sup>. Em termos propriamente de gênero, apenas algumas figuras femininas consideradas como excepcionais, como George Sand, conquistaram um determinado prestígio junto às editoras e dentro do campo literário, devido a seu status social e/ou a seu capital econômico, entretanto não escaparam da opinião dos críticos e do público do período<sup>469</sup>.

O contrato firmado entre Athénaïs e a editora Hachette por *Mémoires* não foi encontrado nas fontes analisadas, mas as correspondências com as negociações com a editora Lacroix pela publicação mostram que esta editora ofereceria *royaltes* de 0,50 francos por exemplar vendido, em uma primeira edição de oito mil livros (2.000 francos)<sup>470</sup>. Esse foi praticamente o valor do

---

<sup>466</sup> MOLLIER, *op. cit.*, p. 14. “A recusa determinada de Émile Templier em dar à Condessa de Ségur as mesmas condições que concedeu às mulheres que publicou em outras séries levanta uma série de questões” (tradução nossa).

<sup>467</sup> *Ibidem*, p. 15. “os registros dos contratos elaborados na L. Hachette et Cie contêm indícios desta hierarquia evidente aplicada às mulheres autoras, que eram tratadas de forma diferente consoante escrevessem manuais escolares, romances para adultos ou histórias para crianças” (tradução nossa).

<sup>468</sup> BOURDIEU, Pierre. **As regras da arte: gênese e estrutura do campo literário**. São Paulo: Companhia das letras, 1996.

<sup>469</sup> CHARUE, Marie. Perspective historique: les femmes em littérature jusqu’au XXe siècle. In: \_\_. **Mécanisme d’exclusion de autrices dans le champ littéraire: condition littéraire, genres, prix, paratopie**. Faculté de philosophie, arts et lettres, Université catholique de Louvain, 2020, p. 14-15.

<sup>470</sup> MICHELET, Correspondance Générale Tome XI, *op. cit.*, p. 177-118. Carta 10.357 de Albert Lacroix à Michelet, de Bruxelas, dia 3 de novembro de 1866.

contrato, em 1858, por *L’Insecte* pela Hachette<sup>471</sup>. Provavelmente as condições oferecidas pela Hachette pelo contrato de *Mémoires* foram mais expressivas que as da Lacroix. Para a obra *Nature*, Athénaïs recebeu um valor total de 10.000 francos pela editora inglesa<sup>472</sup>, um valor menor em comparação com *La Montagne*, quando recebeu 25.000 mil francos pela publicação<sup>473</sup>.

Em relação aos diversos exemplos de valores que Mollier colocou em seu artigo entre escritores e escritoras, Athénaïs recebeu por *Mémoires*, sua primeira obra autoral publicada, uma soma maior que Comtesse de Ségur em suas primeiras obras infanto-juvenis (500 francos em uma taxa fixa), ou mesmo que a romancista e exploradora Léonie d’Aunet (1820-1879) (0,15 francos por exemplar vendido pela sua coletânea de contos *Historiettes*), e equiparou seu ganho de *Nature* com Gustave Flaubert (1821-1880), por sua obra *Salambô*<sup>474</sup>.

A título de comparação, podemos registrar o valor que o romancista Victor Hugo (1802-1885) recebeu por *Les Misérables* (Os Miseráveis) pela Hachette em 1862: 240.000 francos pelos direitos da obra por dez anos<sup>475</sup>. Já Michelet recebeu a oferta da Lacroix de 200.000 francos pela venda dos direitos de sua obra completa por vinte anos. A partir desses números percebe-se que Athénaïs, mesmo *Mémoires* sendo sua primeira obra autoral e *Nature* sua segunda, ocupou uma posição mais privilegiada junto às editoras em comparação com outras escritoras do período. Ela já conhecia muitos dos editores por intermédio de seu marido, auxiliava nas negociações de publicações e participava desses círculos sociais através dos jantares promovidos em sua casa, as *soirées* (noites), encontros aos quais organizava. Além disso, Michelet a apoiava e estava envolvido nas negociações, o que contribuiu para fortalecer sua posição nesse meio.

Para além das dificuldades de negociações monetárias para a publicação com as editoras, havia algumas exigências impostas aos autores, sobre o texto, o título, e mesmo censuras, que poderiam ser respaldadas ou não, em razão do governo ou até da influência da igreja, entre tantas outras questões. Mollier explica que alguns editores, principalmente em obras de que já haviam obtido os direitos autorais, muitas vezes cortavam e editavam os textos, sem o consentimento dos autores, como Comtesse de Ségur acusou Templier<sup>476</sup>.

---

<sup>471</sup> MICHELET, Correspondance Générale Tome VIII, *op. cit.*, p. 425-427. Documento 121: Contrat pour *L’Insecte*.

<sup>472</sup> MICHELET, Journal Tome IV, *op. cit.*, p. 179. Nota do dia 6 de novembro de 1869.

<sup>473</sup> MICHELET, Correspondance Générale Tome XI, *op. cit.*, p. 332-335. Documento 144: Projet de traité pour *La Montagne*.

<sup>474</sup> MOLLIER, *op. cit.*, p. 14-16.

<sup>475</sup> *Ibidem*, p. 5.

<sup>476</sup> *Ibidem*, p. 18.

A intervenção de M. Nelson em *Nature* foi bastante visível pelas correspondências entre Athénaïs e Giacomelli, e ela foi determinante para a direção do trabalho de Athénaïs muitas vezes, que apesar de ter a liberdade de produção sobre as paisagens naturais, teve de administrar os pedidos e alguns cortes do editor. A diferença notável entre a quantidade de capítulos dos dois primeiros livros (*The Garden* e *Pastoral Scenery*) e o restante da obra, mencionada anteriormente, foi um dos exemplos, e pode ser compreendida através das missivas. Como um livro realizado por encomenda, o editor Nelson estava atento aos detalhes. Em março de 1870, Athénaïs escreveu para Giacomelli: “M. Nelson a paru si effarouché de la brièveté de la première partie que je lui fait une forêt très ample, en 13 chapitres”<sup>477</sup>. Pressão evidente, pois, em outra correspondência, acredita que o editor irá se tranquilizar, pelo menos pela quantidade em seu capítulo<sup>478</sup>. Mesmo a decisão sobre o título, no final do trabalho, partiu do editor:

M. Nelson n’accepte pas pour l’édition anglaise, celui que je lui proposais: *Un regard sur la terre*. Il m’a offert: *Nature*, ou bien *Poésie de la Terre et de la Mer*. Le premier est vague, le second ambitieux. Il expose l’auteur à ce que le public lui nie ses prétentions, le trouve peu poète. [...]. Qu’en penserez-vous? *A tire d’aile!* Au dessous, une vignette représentant tout le globe de la terre sur lequel un oiseau passe d’une aile rapide! Vous feriez cela à merveille<sup>479</sup>.

Desde o início de 1870, Athénaïs dedicou-se intensamente ao seu trabalho, escrevendo as quatro primeiras partes do livro ao longo do primeiro semestre, cumprindo a urgência da editora. A partir do diário de Jules, é possível acompanhar o progresso de sua escrita: em janeiro, ela completou o texto sobre os jardins (*The Garden*); entre fevereiro e março, trabalhou no texto sobre as florestas (*Woodland Scenery*); nos meses de abril e maio, desenvolveu o livro três, dedicado às montanhas (*Mountain Scenery*); e, em junho e julho, já havia iniciado a redação da parte sobre os lagos (*Lake Scenery*)<sup>480</sup>. Tanto a parte sobre os rios e lagos (*River e Lake Scenery*), quanto o mar (*The Sea*), serão apenas finalizados entre março e agosto de 1871<sup>481</sup>. Nesse ínterim, Michelet reportou em seu diário os avanços de seus capítulos, suas

<sup>477</sup> MICHELET, Correspondance Générale Tome XI, *op cit.*, p. 716. Carta 11.132bis de Athénaïs à [Giacomelli], de [Paris, dia 20 de março de 1870]. “O Sr. Nelson pareceu tão surpreso com a brevidade da primeira parte que lhe dei uma floresta muito ampla, em 13 capítulos” (tradução nossa).

<sup>478</sup> *Ibidem*, p. 720. Carta 11.137bis de Athénaïs à [Giacomelli], de Paris, dia 26 de março de [18]70.

<sup>479</sup> *Ibidem*, p. 197. Carta 11.677ter. de Athénaïs à Hector Giacomelli, de Hyères dia 5 de novembro de [18]71. “O Sr. Nelson não aceitou o que lhe propus para a edição em inglês: *Um Olhar para a Terra*. Ele me ofereceu: *Natureza*, ou *Poesia da Terra e do Mar*. A primeira é vaga, a segunda ambiciosa. Isso expõe o autor ao fato de que o público negará suas alegações e o considerará pouco poeta. [...]. O que você acha? [Um vôo rápido]! Abaixo, uma vinheta representando todo o globo terrestre sobre o qual um pássaro passa com uma asa rápida! Você faria isso maravilhosamente” (tradução nossa).

<sup>480</sup> MICHELET, Journal Tome IV, *op. cit.*, p. 193-196. Resumo escrito por Michelet do primeiro semestre de 1870.

<sup>481</sup> *Ibidem*, p. 300. Pequeno resumo escrito por Michelet para o mês de agosto de 1871.

leituras e elogios à escrita e a dedicação ao trabalho de Athénaïs, além das obras que ela leu, os livros que ele emprestou para suas pesquisas na *Bibliothèque de l'Institut de France*, ou os que eles compraram, além de muitas vezes deixar registradas as correspondências que ela enviou e recebeu: “Du 4 au 10 mars, je relus sa Forêt... étonnant progrès de style, mais de nervosité aussi. Elle me parut mieux le 10. La satisfaction de voir son œuvre avancer et réussie y aidait”<sup>482</sup>.

A elaboração dos capítulos e a colaboração com Giacomelli ocorreram por meio de reuniões realizadas na casa dos Michelet, no primeiro semestre de 1870, e de uma intensa troca de correspondências. Esses encontros permitiram a discussão sobre a lista de gravuras, os detalhes das ilustrações e, ao mesmo tempo, possibilitaram que Athénaïs se inspirasse na arte de Giacomelli para a redação do texto<sup>483</sup>. Os dois trabalharam em conjunto especialmente porque era necessária a aprovação do editor Nelson, que preferia desenhos mais sóbrios. Athénaïs esforçou-se bastante com o editor para a inclusão de ilustrações que para ela fossem importantes para a obra: “Il ne refuse pas les gravures que je crois encore nécessaires, mais prie d’être sobre. Il serait donc urgent que je visse vos richesses avant toute chose”<sup>484</sup>. Além de solicitar gravuras para Giacomelli, descrevendo muitas cenas e o formato que seria interessante:

Dans la forêt nous avons arrêté le portrait d’un chêne; s’il se peut, un sous bois de nos pays, doucement éclairé, futaie de hêtre par exemple, *une forêt vierge bien sombre* et encore un souvenir de Lands[ee]r pour la chasse au cerf. [...] Concentrons-nous sur le crépuscule de la forêt vierge que j’aimerais un peu sauvage, avec des troncs mouvementés, à racines serpentées, montant au-dessus des eaux dormantes<sup>485</sup>.

Athénaïs e Michelet já haviam colaborado com Giacomelli na edição ilustrada de *L’Oiseau*, mas a parceria para esta obra foi ainda mais estreita, devido às circunstâncias de uma edição encomendada. Além disso, Athénaïs teve maior liberdade para expressar suas expectativas em relação às ilustrações enquanto desenvolvia o texto, permitindo que compartilhasse suas ideias de forma mais direta e integrada ao processo criativo (Figura 7).

<sup>482</sup> MICHELET, Journal Tome IV, *op. cit.*, p. 194. Nota do dia 11 de março de 1870. “De 4 a 10 de março, reli sua Floresta... um progresso surpreendente no estilo, mas também no nervosismo. Ela me pareceu melhor no dia 10. A satisfação de ver seu trabalho avançar e bem sucedido ajudou” (tradução nossa).

<sup>483</sup> MICHELET, Correspondance Générale, Tome XI, *op. cit.*, p. 760-761. Carta 12.212 de Athénaïs à [Giacomelli], de Paris, 19 de junho de [18]70.

<sup>484</sup> *Ibidem*, p. 684. Carta 11.082bis de Athénaïs à [Giacomelli], de Paris dia 22 de janeiro de [18]70. “Ele não recusa as gravuras que ainda acredito serem necessárias, mas pede para ser sóbrio. Seria, portanto, urgente que eu visse suas riquezas antes de qualquer coisa” (tradução nossa).

<sup>485</sup> *Idem*. “Na floresta paramos no retrato de um carvalho; se possível, um sub-bosque dos nossos países, suavemente iluminado, uma floresta de faias por exemplo, *uma floresta virgem muito escura* e outra lembrança de Landseer para caça de veados. [...] Vamos nos concentrar no crepúsculo da floresta virgem que eu gostaria que fosse um pouco selvagem, com troncos retorcidos, com raízes serpenteantes, erguendo-se acima das águas paradas. Fizemos tanto esta floresta enfeitada que o cansaço toma conta de mim” (tradução nossa).

Após o hiato na produção e o afastamento do casal de Paris, as cartas trocadas a partir de março de 1871 tornaram-se a única forma de comunicação para o desenvolvimento do trabalho, intensificando-se em frequência<sup>486</sup>. Apesar das dificuldades no envio dos manuscritos à editora, causadas pelas restrições impostas pela guerra e pela instabilidade em Paris, que também afetaram o progresso do trabalho de Giacomelli, o ilustrador colaborou com Athénaïs ao enviar para ela suas notas de estudo que estavam em Paris. Esse gesto permitiu que ela concluísse o texto de suas notas e realizasse os ajustes finais necessários<sup>487</sup>. Athénaïs terminou sua escrita em agosto de 1871, e Giacomelli terminou suas ilustrações apenas no final do ano. Foi uma parceria prolífica, pois Giacomelli ainda ilustraria *L’Insecte*, que apareceria apenas em 1876. Essas versões ilustradas também seriam publicadas pela editora *T. Nelson and Sons*.

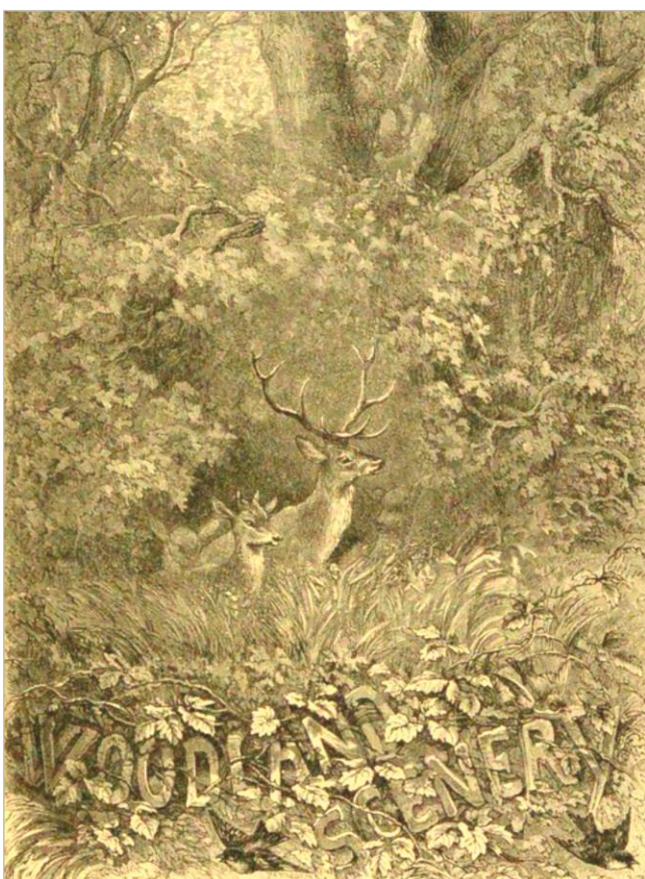


Figura 7: Ilustração de Hector Giacomelli para o início do terceiro livro sobre os cenários florestais, *Woodland Scenery*, do livro *Nature: or, the Poetry of Earth and Sea* de Athénaïs Michelet (1872, p. 51).

Athénaïs não contou apenas com o apoio de Jules ou com as correspondências trocadas com Giacomelli e os editores para a elaboração de *Nature*. Ela também se valeu de sua ampla rede de sociabilidades para aprofundar seu conhecimento e preencher lacunas em seus estudos. Por meio de inúmeras cartas, pediu informações e referências, esclareceu dúvidas e buscou diferentes perspectivas que enriqueceram seu trabalho. Essas correspondências revelam a importância de sua interação com diversas figuras intelectuais da época.

<sup>486</sup> Para o período de 1870 foram preservadas onze cartas, e para o período de 1871 quinze cartas. Em 1872, conforme as negociações sobre uma possível versão francesa, foram trocadas ainda mais quatro cartas, todas publicadas na *Correspondance Générale* de Michelet, tomos XI e XII.

<sup>487</sup> MICHELET, *Correspondance Générale* Tome XII, *op. cit.*, p. 125. Carta 11.539bis de Athénaïs à [Giacomelli], de Glion [Suisse] dia 19 de junho de [1871].

## 4.2 A importância da Sociabilidade de Athénaïs para seus estudos: as trocas a partir das correspondências

Logo após concluir *Nature*, Athénaïs retomou seus estudos sobre os gatos, um projeto concebido desde o início da década de 1860, mas frequentemente adiado. Apesar de seus esforços, a segunda parte do livro permaneceu inacabada, com poucas revisões realizadas. A primeira parte da obra foi dedicada às memórias de seus próprios gatos, enquanto a segunda, para diferenciar-se do trabalho de Champfleury, foi idealizada como um estudo sobre a fisiologia e a “psicologia” dos felinos, algo que hoje poderia ser considerado um precursor dos estudos sobre comportamento animal. Champfleury, aliás, retribuiu a amizade e a compreensão de Athénaïs, citando as memórias de seu gato Moquo no capítulo *Les amis des chats* (Os amigos dos gatos)<sup>488</sup>. Na publicação póstuma de *Les Chats* de Athénaïs, Monod incluiu a segunda parte inacabada e anexou a correspondência de Athénaïs com uma dezena de *savants*, que haviam ajudado a esclarecer suas dúvidas ou fornecido informações bibliográficas de caráter científico<sup>489</sup>.

A correspondência de Athénaïs, desde o início de seus estudos de história natural, está repleta de textos relativos às suas pesquisas, de sua adoração às aves e aos gatos, de suas observações da geografia e das plantas das regiões em que o casal viajava, seja litorânea ou montanhosa. No entanto, a prática de trocar cartas pedindo informações mais diretas sobre seus temas de pesquisa teve início durante as investigações sobre seu pai para o livro de memórias. Athénaïs buscava correspondências trocadas entre ele e o General Bertrand, a quem Yves conheceu enquanto trabalhava na Ilha de Elba<sup>490</sup>.

Impulsionada pela necessidade de acessar informações e fontes bibliográficas com maior agilidade para a realização de *Nature*, essa prática se expandiu e se consolidou. O editor do *Journal de l'Agriculture* (Jornal da Agricultura), Jean-Augustin Barral (1819-1884) apoiou sua posição de buscar informações mais especializadas para seu empreendimento: “Je partage tout à fait votre avis sur la necessite d’avoir recours, pour l’œuvre que vous vous entreprenez, aux bases fournies par les observations des hommes compétents”<sup>491</sup>. Após a publicação de

<sup>488</sup> CHAMPFLEURY, *op. cit.*, p. 98-101.

<sup>489</sup> MICHELET, *Les Chats, op. cit.*, p. 292-333.

<sup>490</sup> MICHELET, *Correspondance Générale Tome XI, op. cit.*, p. 77, 81, 92: Carta 10.302 de Michelet ao General Bertrand, dia 9 de junho de 1866; Carta 10.320 de Athénaïs à Antonin Macé de Lépinay, dia 23 de junho de 1866; e Carta 10.318 de Adolphe Chérueil à Athénaïs, de 1º de agosto de 1866, respectivamente.

<sup>491</sup> *Ibidem*, p. 697. Carta 11.106 de [Jean-Augustin] Barral à Athénaïs Michelet, de Paris, dia 15 de fevereiro de 1870. “Compartilho inteiramente sua opinião sobre a necessidade de recorrer, para o trabalho que você está realizando, às bases fornecidas pelas observações de homens competentes” (tradução nossa).

*Mémoires*, Athénaïs superou sua insegurança em relação à exposição pública, ganhando confiança para enfrentar os desafios que a nova obra apresentava. Ela manteve uma vasta correspondência com diversos intelectuais da época, incluindo historiadores, geólogos, geógrafos, arqueólogos, naturalistas amadores, botânicos, químicos, professores, além de amigos próximos e familiares. Michelet, em nome de Athénaïs, também enviou inúmeras cartas solicitando referências e bibliografias. Muitas dessas correspondências foram preservadas e publicadas, embora, na maioria dos casos, apenas trechos, como parágrafos ou mesmo pequenos resumos do conteúdo, tenham sido registrados nos textos disponíveis.

Das cartas que foram publicadas na *Correspondance Générale* de Michelet, foi identificado um total de dezenove entre 1870 e 1871, que estão diretamente relacionadas aos assuntos de *Nature*, sendo doze correspondências de Athénaïs, e sete de Michelet. Um novo grupo de correspondências inéditas foi encontrado arquivado junto aos manuscritos de *Nature* na BIF. Cada uma dessas cartas estava armazenada na pasta de um capítulo correspondente às informações solicitadas por Athénaïs. Ao todo, foram encontradas dezesseis cartas completas. Dessas, apenas três não estão relacionadas ao conteúdo da obra, e são de cunho mais pessoal, de amizade, e não fizeram parte das análises. Das treze cartas que abordam os temas de pesquisa de Athénaïs, apenas uma é endereçada a Michelet. A transcrição dessa correspondência inédita encontra-se no Anexo.

Ao total foram analisadas trinta e duas cartas, que estão listadas na Tabela 2, ao final do presente tópico, com as informações sobre as datas e a localização dos remetentes e dos destinatários, além da fonte. Na Tabela 3 é apresentado um breve resumo do conteúdo das correspondências, indicando também o cruzamento com o livro *Nature* e suas citações. O número das correspondências aqui analisado é uma pequena amostra das correspondências do casal e de Athénaïs nesse período, devido à incompletude do acervo, mas que não compromete a avaliação da rede de sociabilidades a qual ela estava inserida. Das cartas que ficaram preservadas, ora são correspondências ativas (enviadas por Athénaïs), ora são correspondências passivas (respostas recebidas). Apenas no montante de cartas inéditas encontramos tanto as enviadas por Athénaïs, quanto as respostas emitidas, reforçando a riqueza e a diversidade desse intercâmbio epistolar.

No grupo de pessoas que são mais próximas intimamente de Athénaïs, encontram-se as amigas Condessa Emma De Gérando (1809-1893), Hermione Quinet (1821-1900) e Jeanne Bétant (s.d.), além de seus dois irmãos, Tancrede e Antonin Mialaret. Tancrede e Hermione, como visto em tópico anterior, escreveram sobre suas preocupações quanto ao andamento do trabalho e das expectativas do público inglês. Já Emma e Jeanne escreveram sobre suas

observações de temas solicitados por Athénaïs. Emma, natural da Hungria, descreveu as planícies da região, a vegetação gramínea, a fertilidade do solo e as culturas, as pastagens, as características do gado, e mesmo aspectos culturais dos vaqueiros. Jeanne descreveu observações sobre os cisnes no lago Léman de Genebra, cidade onde morava, a aproximação das aves com as crianças, com as lavadeiras, e mesmo suas próprias observações sobre a morte dos cisnes, questionando lendas e fábulas sobre o assunto.

Seus irmãos também lhe enviaram relatórios de estudo e informações. Tancrède lhe escreveu notas sobre a região de Montauban, Tarn et Garonne, principalmente da riqueza dos solos, e das plantações, dados que ele obteve com o amigo Castel<sup>492</sup>. Já Antonin, irmão fotógrafo e químico que residia na Louisiana, nos Estados Unidos, escreveu um longo fichamento, de onze páginas, sobre a obra *Geologie Pratique de la Louisiana* (Geologia prática da Louisiana, 1860), por Raymond Thomassy (1810-1863). Também deixou registradas suas próprias impressões sobre o rio Mississippi, e fez questão de pedir à irmã que, se as anotações lhe fossem úteis, fizesse referência a Thomassy em seu livro.

Em todas essas cartas há também uma troca mais íntima, de foro privado, com compartilhamento de informações sobre familiares, de saúde, de preocupações com projetos pessoais e viagens. Esse caráter afável é demonstrado, por exemplo, na carta de Jeanne Bétant: “Nous avons été charmes de la famille de Gérando, ce sont des esprits si distingués. Mademoiselle m’a plus particulièrement, car nous avions un sentiment commun, notre amitié pour vous”<sup>493</sup>. Ao mesmo tempo, evidencia a dedicação e o comprometimento dos correspondentes em repassar as informações solicitadas por Athénaïs, assim como o tempo investido na coleta dos dados e na escrita de suas notas e fichamentos.

Deise Rodrigues, ao analisar as cartas do zoólogo e geólogo suíço Louis Agassiz (1807-1873) no início de sua carreira ainda na Europa, destacou como as correspondências dirigidas a seus familiares, embora carregadas de um conteúdo sentimental, funcionavam como verdadeiros relatórios científicos de história natural. Agassiz orientava seus irmãos, que coletavam e desenhavam espécies de peixes para suas pesquisas, transformando-os em colaboradores ativos de seu trabalho<sup>494</sup>. Sua mãe se preocupava com a carreira do filho, e o

<sup>492</sup> Provavelmente se trata de um advogado protestante de Montauban. Em seu diário Michelet, de duas viagens a Montauban nos anos de 1863 e 1866, deixou registrado o encontro com Castel. MICHELET, Journal Tome III, *op. cit.*, p. 190, 387.

<sup>493</sup> Carta inédita de Jeanne Bétant à Athénaïs, de Genebra, dia 18 de julho de 1870. (Anexo, Carta 10) Fonte: Arquivo MS 4856 – 4858: *Papiers de M<sup>me</sup> Jules Michelet*. Depositado na BIF. “Ficamos encantados pela família de Gerando, eles são espíritos muito distintos. Mademoiselle me conquistou mais particularmente, porque tínhamos um sentimento comum, nossa amizade por você” (tradução nossa).

<sup>494</sup> RODRIGUES, Deise. As cartas de Agassiz: uma dinâmica epistolar na interação intelectual e na circulação de conhecimento na história natural no século XIX. In: RINKE, Stefan (Ed.). **Entre Espacios: La historia latino-**

término de seus estudos em medicina seria importante para que ele tivesse mais facilidade em se estabelecer como profissional. O casamento para ela também era uma questão importante ao término de seus estudos: “Quanto mais cedo você terminar seus estudos, quanto mais cedo você puder estender a sua tenda, pegar sua borboleta azul, e metamorfoseá-la em uma dona de casa amorosa”<sup>495</sup>. Assim, amigos e familiares também se tornaram parte de uma rede de trocas intelectuais, onde o conteúdo privado frequentemente se misturava ao teor científico, adicionando complexidade às atividades profissionais.

De maneira semelhante, Rafael Benthien, ao estudar as correspondências entre Marcel Mauss (1872-1950) e Henri Hubert (1858-1932), argumenta que, além do conteúdo marcado por sua colaboração intelectual como pesquisadores nas diversas áreas em que transitavam, como a sociologia, a arqueologia e a antropologia, as cartas também refletem uma amizade muito próxima entre os dois. O tema do casamento, assim como para Agassiz e sua mãe, atravessou todo o conjunto de suas correspondências. Essa análise revela o entrelaçamento intrincado entre o público e o privado, mostrando como as relações pessoais influenciam o trabalho científico. Essas dinâmicas, segundo Benthien, afetam não apenas as práticas acadêmicas, mas também a estrutura e as relações sociais que as sustentam<sup>496</sup>.

Athénaïs manteve um contato mais familiar também com *savants* de seu convívio. Em uma das únicas cartas preservadas do ilustrador Giacomelli, ele agradeceu o trabalho em conjunto, e fez um desabafo de suas tristezas e desesperanças em relação aos tempos da guerra, e do medo da França cair em uma nova monarquia:

Je fermerai cette petite lettre sans la relire, craignant de me trouver bien hardi de dire ainsi mes peurs et mes tristesses désespérées à Madame Michelet, à la femme, à la sœur intellectuelle de notre grand historien! De notre grand voyant! C’est à vous deux de nous réconforter, de nous rendre un peu d’espérance. Vous portez dans votre pensée beaucoup de l’avenir, dites nous ce que nous devons attendre<sup>497</sup> (grifo nosso).

---

**americana en el contexto global.** Actas del XVII Congreso Internacional de AHILA, Berlin, 9-13 de septiembre de 2014. Berlín: Universität, 2016, p. 973.

<sup>495</sup> AGASSIZ, Elizabeth Cary. Louis Agassiz: his life and correspondance, Boston, MA: Houghton Mifflin, 1885-86, p. 60 *apud*: Rodrigues, *op. cit.*, p. 978-979.

<sup>496</sup> BENTHIEN, Rafael Faraco. Sociabilidades privadas no fazer científico: Marcel Mauss, Henri Hubert e a questão da constituição de uma família. In: DORÉ, Andréa; RIBEIRO, Luiz Carlos. **O que é Sociabilidade?** São Paulo: Editora Intermeios, 2019, p. 106-107.

<sup>497</sup> MICHELET, Correspondance Générale Tome XII, *op. cit.*, p. 162-163. Carta 11.613 de Hector Giacomelli à Athénaïs, de [Versailles], dia 30 de agosto de [18]71. “Encerrarei esta pequena carta sem relê-la, temendo ser ousado demais para expressar meus medos e minha tristeza desesperada à Madame Michelet, à esposa, à irmã intelectual do nosso grande historiador! Do nosso grande vidente! Cabe a vocês dois nos confortar, nos devolver um pouco de esperança. Vocês carregam muito do futuro em seus pensamentos, diga-nos o que devemos esperar” (tradução nossa).

Mesmo em correspondências com pesquisadores mais distantes do convívio cotidiano em Paris, em um contexto institucional, como o historiador e arqueólogo Devals Ainé (1814-1874), arquivista do departamento de Tarn-et-Garonne e seu compatriota de Montauban, a cordialidade e a afabilidade entre os dois foram notavelmente maiores do que aquelas demonstradas por Athénaïs com outros intelectuais. Ainé agradeceu o contato de Athénaïs: “Je vous remercie de m’avoir, une foi de plus, fourni l’occasion de vous être agréable en vous transmettant les renseignements que vous avez bien voulu me demander sur les allures tantôt torrentielles, tantôt assoupies de notre charmant Aveyron”<sup>498</sup>. Ele descreveu de forma técnica os rios da região, e espera que Athénaïs dilua as informações com “les trésors de votre riche palette” e “charmants récits”<sup>499</sup>. Em resposta Athénaïs ousou escrever sobre si, de forma poética, ao fazer uma comparação com seu tema de estudos, as águas:

J’ai reçu ici votre belle et bonne lettre qui m’a fait un bien grand plaisir. Je vous suivais, je voyais avec vous se dérouler le cher torrent à la fois impétueuse et calme, comme sont les forces vives de la nature. Et sans orgueil je me sentais lui-même. L’humanité est comme l’eau tour à tour agitée et dormante. Et les belles grandes passions passent aussi par ces alternances<sup>500</sup>.

Nas notas finais de *Nature*<sup>501</sup>, Athénaïs deixou registrada toda a bibliografia que utilizou para as pesquisas de cada capítulo, e escrevendo a importância das obras e alguns esclarecimentos. Deixou registrado também o agradecimento a muitos intelectuais que a ajudaram nessa busca por uma bibliografia especializada, ou mesmo de suas observações pessoais, e empréstimos de livros. Faz um agradecimento especial a Jean A. Barral (1819-1870), que lhe indicou obras tanto por correspondência, quanto em visitas: “I ought here to thank M. Barral, the eminent editor of the journal, *L’Agriculture*, who has kindly directed me in my researches”<sup>502</sup>, e também ao conselheiro geral da província de Grosseto, Comte Salvatore

<sup>498</sup> Carta de Devals Ainé à Athénaïs Michelet, de Montauban, dia 15 de julho de 1870. (Anexo, Carta 8). Fonte: Arquivo MS 4856 – 4858: *Papiers de M<sup>me</sup> Jules Michelet*. Depositado na BIF. “Agradeço por ter, mais uma vez, me dado a oportunidade de agradá-la, transmitindo-lhe a informação de que teve a gentileza de me perguntar sobre o ritmo às vezes torrencial, às vezes sonolento do nosso encantador Aveyron” (tradução nossa).

<sup>499</sup> *Idem*. “os tesouros da sua rica paleta” e “histórias encantadoras” (tradução nossa).

<sup>500</sup> Carta de Athénaïs Michelet a Devals Ainé, de Pierrefonds (Oise), dia 29 de julho de [1870]. (Anexo, Carta 12). Fonte: Arquivo MS 4856 – 4858: *Papiers de M<sup>me</sup> Jules Michelet*. Depositado na BIF. “Recebi aqui sua linda e gentil carta que me deu grande prazer. Eu te segui, vi contigo o fluir da querida torrente, impetuosa e calma, como as forças vivas da natureza. E sem orgulho eu me senti ela mesma. A humanidade é como a água, alternadamente inquieta e parada. E as grandes e belas paixões também surgem através dessas alternâncias” (tradução nossa).

<sup>501</sup> As notas finais dos livros de história natural são chamadas pelo casal de *Éclaircissements* (Esclarecimentos), assim como ela nomeou também as notas de *Nature* em seus manuscritos. Na versão traduzida em inglês, ficou como *Illustrative notes* (notas ilustrativas).

<sup>502</sup> MICHELET, *Nature*, *op. cit.*, p. 402. “Devo aqui agradecer ao Sr. Barral, o eminente editor da revista *L’Agriculture*, que gentilmente me orientou em minhas pesquisas” (tradução nossa).

Correa (s.d), capital da região do Maremma na Itália, a qual visitaram em 1871. Agradeceu sua hospitalidade e os inúmeros artigos que ele disponibilizou<sup>503</sup>.

Nos capítulos de *Nature*, o texto traz uma linguagem fluida e lírica, e Athénaïs citou muitos autores e artistas conhecidos, franceses e ingleses, tanto de literatura e poesia, quanto pintores, ou mesmo escritores mais clássicos, como Virgílio, Dante, Rousseau, etc. Ela assim deixou para as notas finais as referências mais científicas. Em carta para o botânico belga Édouard Morren (1833-1886), agradecendo a indicação da obra *Le Chute des Feuilles* (A queda das folhas) do botânico alemão Hugo von Mohl (1805-1872), escreveu algumas informações de suas leituras sobre doenças causadas por algas e fungos, e pediu mais orientações sobre o assunto, além de falar da característica de sua obra: “Dans ce livre que j’écris et qui sous forme littéraire ne veut rien donner à la fantaisie”<sup>504</sup>. O casal já havia conhecido Morren desde 1867, período em que pesquisavam e escreviam *La Montagne*, na qual o botânico é citado sobre a vegetação de pântanos<sup>505</sup>. Em *Nature* ele é novamente lembrado pela tradução da obra *Les Arbres* (As Árvores) de Hermann Schacht (1814-1864), e pela indicação do livro de Mohl. Athénaïs também agradeceu a carta que Morren lhe enviou sobre suas observações das doenças que são causadas por águas paradas, a partir de algas e fungos<sup>506</sup>, tema que ela abordou no capítulo *L’Expiation* (Livro VII, *The Sea*), escrito junto com Jules.

Além de Morren, Doutor Louis Lortet (1836-1909) foi um dos correspondentes de Athénaïs que igualmente foi citado em *La Montagne*. O pai de Lortet foi um conhecido médico, que mantinha uma amizade de longa data com Jules, e conseqüentemente toda a família dos Lortet teve relações de amizade com o casal Michelet. Lortet foi um cientista prolífico e atuante, foi médico e professor de história de natural na faculdade de medicina de Lyon, a qual ajudou a formar. Trabalhou como diretor do Museu de História Natural de Lyon, e atuou em diferentes áreas do conhecimento científico, como botânica, zoologia, paleontologia, além de egiptologia e antropologia, participando de inúmeras viagens e missões ao oriente médio. Em *La Montagne* foi citado por sua obra *Recherches sur la fécondation et la germination du Preissia commutata* (Pesquisa sobre a fertilização e germinação de *Preissia commutata*, 1867)<sup>507</sup>. Em *Nature* Athénaïs lhe agradeceu efusivamente pela obra *Dans les Montagnes* (Nas Montanhas, 1869) do

<sup>503</sup> MICHELET, *Nature*, *op. cit.*, p. 417.

<sup>504</sup> Carta de Athénaïs Michelet a Édouard Morren, de Paris, dia 1[3] de julho de [18]70. (Anexo, Carta 6). Fonte: Arquivo MS 4856 – 4858: *Papiers de M<sup>me</sup> Jules Michelet*. Depositado na BIF. “Neste livro que estou escrevendo e que em forma literária não quer dar nada à fantasia” (tradução nossa).

<sup>505</sup> MICHELET, Jules. **La Montagne**. Éditions le Pommier, Les pionniers de l’écologie, 2020, p. 253.

<sup>506</sup> Carta de Édouard Morren à Athénaïs Michelet, de Liège, dia 17 de julho de 1870. (Anexo, Carta 9). Fonte: Arquivo MS 4856 – 4858: *Papiers de M<sup>me</sup> Jules Michelet*. Depositado na BIF.

<sup>507</sup> MICHELET, *La Montagne* (2020), *op. cit.*, p. 253.

físico britânico John Tyndall, que havia praticamente acabado de traduzir, além de seus próprios estudos sobre o “mal da montanha”, que havia realizado no *Mont Blanc* (Monte Branco – a mais alta montanha dos Alpes)<sup>508</sup>. Em uma carta de janeiro de 1869 a Jules Michelet, Lortet pediu ajuda ao historiador, possivelmente para a divulgação de sua tradução, uma obra atípica de história natural, sobre escaladas<sup>509</sup>, e em abril de 1870 ele envia esta obra (*Deux ascensions au Mont-Blanc et le mal des montagnes* – Duas escaladas ao Mont Blanc e o mal das montanhas, 1869) a Athénaïs, período em que ela está estudando e escrevendo novamente sobre montanhas para o livro *Nature*<sup>510</sup>.

Algumas correspondências e solicitações de obras foram feitas por intermédio de Jules, como no caso do escritor Alphonse Esquiros (1812-1876) e do geógrafo Adolphe-Laurent Joanne (1813-1881), ambos devidamente referenciados em *Nature* nas notas de esclarecimento final. As cartas de Athénaïs revelam a diversidade de escritores e pesquisadores em sua rede de sociabilidade. É fato que sua primeira inserção nesses círculos literários e científicos ocorreu por meio de Jules. No entanto, Athénaïs, a partir da década de 1860, não se limitou ao círculo intelectual do marido nem permaneceu dependente de sua mediação. Ela cultivou uma rede própria de contatos, ampliando a comunicação através das trocas epistolares e, inclusive, contribuindo para expandir e fortalecer as próprias conexões de Jules.

Rodrigues argumenta que a comunidade científica se construía a partir das redes de solidariedade e de sociabilidade, e a dinâmica epistolar entre os naturalistas, “foram um dos maiores ou melhores instrumentos, no momento em que o conhecimento sobre uma natureza, aparentemente infinita, em relação à diversidade e à extensão geográfica, estava em questão”<sup>511</sup>. Diante das restrições impostas às mulheres no acesso a instituições, universidades e sociedades científicas, elas buscaram outras formas de inserção na produção do conhecimento. As trocas epistolares, assim como a participação em determinados espaços de sociabilidade, como os salões literários e as *soirées*, jantares promovidos por intelectuais em suas residências, tornaram-se importantes meios de atuação e engajamento no meio científico<sup>512</sup>.

A rede de sociabilidade no entorno das educadoras das Sociedades de Educação Profissional para Mulheres, destacada no capítulo dois, evidencia um maior protagonismo de

<sup>508</sup> MICHELET, *Nature*, *op. cit.*, p. 405.

<sup>509</sup> MICHELET, *Correspondance Générale Tome XI*, *op. cit.*, p. 498. Carta 10.836bis de Louis Lortet, de Lyon, dia 15 de janeiro de [1869].

<sup>510</sup> *Ibidem*, p. 728. Carta 11.148 do Dr. Louis Lortet à Athénaïs Michelet, de Lyon, dia 5 de abril de 1870.

<sup>511</sup> Rodrigues, *op. cit.*, p. 987.

<sup>512</sup> SOUZA, Maria de Fátima Medeiros; OLIVEIRA, Emerson Dionisio Gomes. As mulheres na produção editorial científica ilustrada do século XIX: Maria Graham, Anna Atkins e Matilda Smith. Campinas, SP, *Cadernos Pagu*, n. 63, 2021, p. 3.

Athénaïs e suas ações para seus interesses literários e científicos. Em muitas ocasiões pode-se perceber nos diários de Jules, notas sobre as visitas que Athénaïs recebeu, como da tradutora da obra *A Origem das Espécies* de Charles Darwin na França, Clémence Royer (1830-1902), em 1862. Clémence escreveu sobre economia, filosofia, ciência e feminismo, e ganhou notoriedade com a tradução da obra de Darwin. No entanto, ela tinha suas próprias dúvidas e concepções sobre a teoria da hereditariedade, e a partir de seus estudos, na terceira edição, sem o consentimento do autor, incluiu um prefácio em que desafiava e criticava a teoria<sup>513</sup>. Provavelmente Clémence foi uma ponte para que, em maio de 1872, Athénaïs enviase sua primeira carta ao naturalista<sup>514</sup>. Nessa primeira carta, Athénaïs lhe enviou sua obra *Nature* e pediu indicações de obras que tratassem sobre felinos, além de relatar algumas informações sobre o hibridismo de seus gatos, informação que ela acreditava que fossem interessantes para Darwin, pois ele tratou do assunto em sua obra *Variation: The variation of animals and plants under domestication* (Variação: A variação de animais e plantas sob domesticação, 1868), que dedica um capítulo aos felinos:

Le nom de mon mari vous étant connu, je l'espère, par ses grands travaux historiques, et notre admiration pour votre génie, étant exprimée dans plusieurs de ses ouvrages, je viens en humble disciple, demander l'aide de vos conseils pour un travail qui m'occupe en ce moment. [...]

Mon livre, néanmoins, n'a pas de prétentions scientifiques. Il sera le frère de *l'oiseau*, de *l'Insecte*, etc, où nous avons cherché, ensemble, à donner aux gens du monde, le goût de l'histoire naturelle, à faire naître le désir de la mieux connaître, près des maîtres de la science.

J'ai lu très attentivement dans votre ouvrage des variations, le chapitre qui concerne les chats, regrettant bien sa brièveté. Je puis vous affirmer, monsieur, que les métis demi angora, se reproduisent entr'eux, et avec les chats communs. [...]

Oserai-je vous prier, monsieur, de me dire s'il en a été fait des comptes rendus qui méritent qu'on s'y arrête? Je voudrais savoir aussi, s'il existe en anglais quelques biographies, ou des études partielles d'amateurs, sur les chats domestiques et sur les grands chats, lion, tigre etc. [...].

Recevez, je vous prie, l'expression de notre très haute considération.

A Michelet

P S. J'aurai l'honneur de vous envoyer mon petit livre, réclamant d'avance pour lui, toute votre indulgence. C'est une monnaie généreuse que les grands esprits ne savent pas refuser<sup>515</sup> (grifo nosso).

<sup>513</sup> HARVEY, Joy. Darwin's 'Angels': the women correspondents of Charles Darwin. **Intellectual History Review**, v. 19, n. 2, 2009, p. 203.

<sup>514</sup> Carta de Athénaïs Michelet à Charles Darwin, de Paris, dia 17 de maio de 1872. Darwin Correspondance Project. Cambridge University Library (2023). Disponível em: <https://www.darwinproject.ac.uk/>.

<sup>515</sup> *Idem*. "Sendo o nome do meu marido conhecido por você, espero, através de suas grandes obras históricas, e nossa admiração por sua genialidade sendo expressa em várias de suas obras, venho como uma humilde discípula pedir a ajuda de seus conselhos para um trabalho que me ocupa no momento. [...] Meu livro, no entanto, não tem pretensões científicas. Ele será irmão do pássaro, do inseto, etc., onde procuramos, juntos, dar aos povos do mundo, o gosto pela história natural, fazer nascer o desejo de conhecê-la melhor, perto dos mestres da ciência. Li com

A correspondência se estendeu até março de 1873, conforme documentos preservados e publicados online, na página *Darwin Correspondence Project* (Projeto de Correspondência Darwin). Athénaïs foi a única francesa a se corresponder com Darwin, além de Clémence Royer. Joy Harvey, analisando a correspondência de Darwin com mulheres, observou que a maioria das mulheres estrangeiras que escreveram para o naturalista, todas elas comentaram algum fato científico, com algo a oferecer ao naturalista, como uma planta, um livro, uma informação que para ele fosse interessante nas suas pesquisas<sup>516</sup>. Como as outras correspondentes, Athénaïs ofereceu inicialmente suas observações sobre a fertilidade dos gatos, depois virou o jogo, e “this is one of the few cases in which a correspondent managed to use Darwin as a source of specific information instead of the other way around”<sup>517</sup>. Assim como Rodrigues, Harvey reforça que a correspondência científica serviu como um grande sistema de trocas, e Athénaïs usou isso a seu favor para seus estudos de *Nature* e também sobre os gatos, ainda que não fosse publicado em vida, mas também para um segundo tempo em sua vida, para suas futuras publicações, como editora das obras póstumas de Jules Michelet.

Daiane Vaiz Machado demonstrou como o percurso intelectual das mulheres, a partir do exemplo da historiadora brasileira da Universidade Federal do Paraná, Cecília Westphalen (1927-2004), pode ser recuperado por meio da análise de sua correspondência, permitindo compreender sua inserção em campos historiográficos estrangeiros em dois momentos distintos de sua carreira. Embora atuasse em um período diferente, marcado por uma maior presença feminina em ambientes institucionais no século XX, mas não menos excludente, principalmente aos objetos de pesquisa das mulheres, Cecília precisou adotar inúmeras estratégias para construir e consolidar sua rede de sociabilidade. Por meio dessas conexões, manteve um intenso intercâmbio com historiadores renomados, além de desempenhar um papel ativo na mediação, circulação e divulgação de obras<sup>518</sup>.

---

muita atenção em seu livro de variações, o capítulo sobre gatos, lamentando sua brevidade. Posso lhe assegurar, senhor, que mestiços de angorá se reproduzem entre si e com gatos comuns. [...] Ouso perguntar-lhe, senhor, se há algum relatório que mereça consideração? Gostaria também de saber se há biografias em inglês, ou estudos parciais de amadores, sobre gatos domésticos e sobre grandes felinos, leões, tigres, etc. [...]. Queira aceitar a expressão da nossa mais alta consideração. A. Michelet P.S. Terei a honra de lhe enviar meu pequeno livro, solicitando antecipadamente sua total indulgência. É uma moeda generosa que grandes mentes não sabem recusar” (tradução nossa).

<sup>516</sup> HARVEY, *op. cit.*, p. 198, 201.

<sup>517</sup> *Ibidem*, p. 203-204. “Este é um dos poucos casos em que um correspondente conseguiu usar Darwin como fonte de informação específica em vez do contrário” (tradução nossa).

<sup>518</sup> MACHADO, Daiane Vaiz. Dois tempos de um percurso de experiências historiográficas: 1958-59 e 1970. As cartas que Cecília Westphalen trocou com Altiva Pilatti Balhana e Fernand Barude. **Patrimônio de Memória**, São Paulo, Unesp, v. 11, n. 1, 2015, p. 137-159.

Athénaïs demonstrou que, mesmo em um contexto de restrições institucionais para mulheres na ciência no século XIX, ela foi capaz de construir uma rede própria de sociabilidade, utilizando-se das trocas epistolares para aprofundar seus estudos e ampliar suas conexões e usando sua posição de esposa de Michelet também como estratégia. A correspondência não apenas lhe proporcionou acesso a informações e bibliografias especializadas, mas também sua inserção em debates científicos e literários a partir de seus escritos, como a crítica à devastação das florestas, um tema bastante presente em *Nature*. A interseção entre vida privada e produção intelectual presente nessas cartas evidencia como as relações pessoais, marcadas por amizade e principalmente confiança, foram fundamentais para o desenvolvimento de seu trabalho. Ao manter contato com naturalistas, historiadores e cientistas, Athénaïs não apenas ampliou seu conhecimento, mas também reforçou seu papel como interlocutora no círculo do qual fazia parte, conquistando uma emancipação intelectual, frente as suas próprias restrições domésticas. Sua troca com Darwin é um exemplo emblemático dessa postura, evidenciando que sua busca por reconhecimento e legitimidade na história natural ultrapassava as barreiras sociais impostas às mulheres do século XIX.

Tabela 2: Correspondentes de Athénaïs e de Michelet, sobre o livro *Nature*, com informações sobre as datas e arquivos. Fontes: Correspondance Générale (CG) Tome XI e Tome XII de Jules Michelet, Paris: Librairie Honoré Champion; Correspondências manuscritas inéditas localizadas nos Arquivos MS-4856-4858, *Papiers de M<sup>me</sup> Michelet*, na *Bibliothèque de Institut de France* (BIF).

<b>Data</b>	<b>De:</b>	<b>Local</b>	<b>Para:</b>	<b>Arquivo</b>
14 jan. 1870	Tancrède Mialaret	Valência (Espanha)	Athénaïs	BIF – MS 4846-4858, 3 págs.
17 jan. 1870	Édouard Matignon	Hyères (França)	Athénaïs	CG Tome XI, p. 680
21 [jan.] 1870	Emma DeGerando	Pau (França)	Athénaïs	BIF – MS 4846-4858, 4 págs.
24 jan. 1870	Emma DeGerando	Pau (França)	Athénaïs	BIF – MS 4846-4858, 3 págs.
29 jan. 1870	A. Grisza	Paris	Athénaïs	CG Tome XI, p. 690
7 fev. 1870	Michelet	[Paris]	Edouard Schuré	CG Tome XI, p. 694
11 fev. 1870	Édouard Morren	Liège (Bélgica)	Athénaïs	BIF – MS 4846-4858, 4 págs.
14 fev. 1870	Jean. A. Barral	Paris	Michelet	CG Tome XI, p. 696
15 fev. 1870	Jean. A. Barral	Paris	Athénaïs	CG Tome XI, p. 697
22 fev. 1870	Marcelin Berthelot	-	Athénaïs	CG Tome XI, p. 700
4 mar. 1870	Edouard Matignon	Hyères (França)	Athénaïs	CG Tome XI, p. 702
7 mar. 1870	Antonin Mialaret	Louisiana (EUA)	Athénaïs	BIF- MS 4846-4858, 11 págs.
20 mar. 1879	Hermione Quinet	Veytaux (Suíça)	Athénaïs	CG Tome XI, p. 716-717
26 mar. 1870	Athénaïs	Paris	Pierre Larroque	CG Tome XI, p. 720-721
5 abr. 1870	Louis Lortet	Lyon (França)	Athénaïs	CG Tome XI, p. 728
5 jun. 1870	Alphonse Esquiros	Paris	Michelet	CG Tome XI, p. 749
30 jun. 1870	Michelet	[Paris]	Adolphe Joanne	CG Tome XI, p. 769
5 jul. 1870	Hermann Semming	Orléans (França)	Michelet	CG Tome XI, p. 771
1870?	Michelet	-	Adolphe Joanne	CG Tome XI, p. 771
7 jul. 1870	Edouard Matignon	St. Valery (França)	Athénaïs	CG Tome XI, p. 772
1[3] jul. 1870	Athénaïs	Paris	Édouard Morren	BIF – MS 4846-4858, 4 págs.
13 jul. [1870]	[Jules] Desnoyers	Paris	Michelet	BIF – MS 4846-4858, 3 págs.
15 jul. 1870	Devals Ainé	Montauban (França)	Athénaïs	BIF – MS 4846-4858, 3 págs.
[17] jul. 1870	Édouard Morren	Liège (Bélgica)	Athénaïs	BIF – MS 4846-4858, 4 págs.
18 jul. 1870	Jeanne Bétant	Genebra (Bélgica)	Athénaïs	BIF – MS 4846-4858, 6 págs.
29 jul. 1870	Athénaïs	Pierrefonds (França)	Devals Ainé	BIF – MS 4846-4858, 4 págs.
29 jul. 1870	Athénaïs	Pierrefonds (França)	Édouard Morren	BIF – MS 4846-4858, 6 págs.
3 ago. 1870	Devals Ainé	Montauban	Athénaïs	BIF – MS 4846-4858, 4 págs.
15 abr. 1871	Michele Amari	Florença (Itália)	Athénaïs	CG Tome XII, p. 92
18 abr. 1871	Salvatore Correa	Grassatto (Itália)	Michelet	CG Tome XII, p. 94
20 abr. 1871	Pasquale Villari	Florence (Itália)	Athénaïs	CG Tome XII, p. 95
28 jul. 1871	Jules Quicherat	Paris	Athénaïs	CG Tome XII, p.138-139

Tabela 3: Correspondentes de Athénaïs e de Michelet, com informações sobre os assuntos das cartas, e o cruzamento com as citações em *Nature*. Fontes: Correspondance Générale (CG) Tome XI e Tome XII de Jules Michelet, Paris: Librairie Honoré Champion; Correspondências manuscritas inéditas localizadas nos Arquivos MS-4856-4858, *Papiers de M<sup>me</sup> Michelet*, na *Bibliothèque de Institut de France* (BIF).

Correspondente	Informações	Assuntos	Referência nas obras
Ainé, Devals (Jean-Ursule Devals, 1814-1874)	Historiador, arqueólogo e arquivista de Montauban.	1) Na primeira carta descreveu sobre as torrentes do Aveyron, região vizinha de Montauban, com detalhes dos cursos dos rios. 2) Em resposta Athénaïs discorreu sobre o Aveyron, sobre o desenvolvimento da humanidade, de suas montanhas e cavernas, e de suas ideias para o livro. 3) Ainé elogiou a compreensão de Athénaïs sobre o Aveyron, e continuou com informações e indicações.	Capítulo de <i>Nature: The Torrent: its work of life – The Aveyron</i> , Livro 5: <i>River Scenery</i> (p. 243-247); nas notas ela cita o livro <i>Les Merveilles du Grande Central</i> , de Leblanc de Vernet, que foi indicado por Devals na correspondência.
Amari, Michele (1806-1870)	Professor, historiador, orientalista, e político italiano. Amigo de longa data de Michelet.	Escreveu que enviará duas obras que M. Sebatier indicou em carta anterior, e devolveu dois textos: <i>Cosmos</i> e <i>Visões da Natureza</i> de Humboldt	Citou <i>Cosmos</i> de Humboldt nas notas do capítulo <i>The Mission of the Mountain</i> ( <i>Woodland Scenery</i> , p. 403)
Barral, Jean- Augustin (1819-1884)	Químico, escreveu numerosas obras de vulgarização científica. Publicou obras de François Arago, seu antigo professor. Editor do jornal <i>L'Agriculture</i> .	1. Enviará obra de Becquerel, e cita também três artigos sobre florestas do mundo. 2. Indicou <i>Annales Forestières</i> , e outras obras: <i>Le monde des bois</i> ; <i>Dans les bois</i> de Enault; <i>Les Oiseaux chanteurs</i> ; além de obras de Maury sobre florestas antigas.	Nas notas do capítulo <i>Disappearance of the Forest</i> ( <i>Woodland Scenery</i> ), Athénaïs agradeceu Barral que gentilmente a guiou em suas pesquisas (p. 402). Citou os livros indicados por ele, <i>Annales Forestières</i> de Delbet, <i>Destruction des Forêts</i> de Becquerel (p. 400).
Berthelot, Marcelin (1827-1907)	Preparador químico no <i>Collège de France</i>	Fala sobre a neve, o inverno, a luz necessária aos homens e plantas. Fala de relatos de Homero, da escuridão dos cimérios.	Citou Berthelot nas notas do capítulo <i>The Winter</i> ( <i>Woodland Scenery</i> , p. 399).
Bétant, Jeanne (s.d)	Filha de Elie-Ami Bétant (1803-1871), político e professor helenista suíço. Amigo dos Michelet de longa data.	Sobre cisnes. Faz um relato de suas observações. Pasta: <i>Le chant du cygne</i>	Athénaïs dedicou um capítulo no livro <i>Nature</i> sobre os cisnes: <i>Why the swan sings no more</i> ( <i>The Sea</i> , p. 328- 336).
Correa, Comte Salvatore (s.d.)	Conselheiro geral da província de Grossetto, na Itália, capital da região do Maremma.	Escreveu que irá recolher os melhores trabalhos sobre Maremma para Athénaïs.	Cita Salvatore nas notas do capítulo <i>To the wounded Earth the Sea offers its Healing Stores</i> ( <i>The Sea</i> , p. 417), e agradeceu os artigos recebidos para seus estudos. Falou sobre Grossetto em seu capítulo <i>The Maremma</i> ( <i>The Sea</i> , p. 371)

Correspondente	Informações	Assuntos	Referência nas obras
DeGerando, Comtesse Emma (nascida Teleki, 1809-1893)	Húngara, foi casada com o historiador, Auguste DeGerando. Escreveu obras para educação de crianças, foi pedagoga, e na década de 1870 abriu escolas de educação para meninas na Hungria.	1. Na primeira carta Emma descreveu os prados húngaros, falou dos animais, do gado, e as diferenças de suas colorações. 2. Na segunda carta ela informou que seu compatriota Grisza enviará o poema de Petöfi traduzido, e descreveu os prados e as florestas virgens da Hungria.	Citou Petöfi (“Portufi”) na parte <i>Hungarian song to the stork</i> do capítulo <i>The sadness of the lofty deserts</i> ( <i>Mountain Scenery</i> , p. 168).
Desnoyers, [Jules] [1800-1887]	Geólogo, arqueólogo e historiador de Paris.	Fez uma pesquisa, e indicou inúmeros livros antigos (séculos XVI, XVII, XVIII) sobre os cisnes. Sobre obras modernas, indicou que todos os que estudam ornitologia, devem falar sobre a espécie.	Nas notas do capítulo <i>Why the swan sings no more</i> ( <i>The Sea</i> , p. 412-413), citou algumas obras e autores indicados por Desnoyers: Aldrovandus, Gessner, Bufon, etc.
Esquiros, Alphonse (1812-1876)	Escritor francês, exilado depois de 1852 em Bruxelas. Escreveu <i>L'Angleterre et la vie anglaise</i> (5 volumes, entre 1859-1869)	Respondeu que não tem nada em particular sobre o rio Tamisa, e a indicou uma obra de Hail, <i>The book of the Thames</i> . Michelet anota em seu diário, de 30 de junho de 1870, que Esquiros enviou o livro de Marcey para Athénaïs, <i>Scotia</i> .	Esquiros é citado junto com A. Joanne em <i>Nature</i> , nas notas do capítulo sobre a Escócia: <i>Highlands</i> ( <i>Mountain Scenery</i> , p. 407). Ela citou também a obra <i>Scotia</i> de Marcey no capítulo. Escreveu <i>The Mission of the Thames</i> no capítulo <i>Our River: The Loire</i> ( <i>River Scenery</i> , p. 261).
Grisza. A. (s.d)	Húngaro, amigo de Emma DeGerando,	Traduziu para Athénaïs o poema de Petöfi sobre os prados húngaros, a <i>Pustza</i>	Citou Petöfi (“Portufi”) na parte <i>Hungarian song to the stork</i> do capítulo <i>The sadness of the lofty deserts</i> ( <i>Mountain Scenery</i> , p. 168).
Joanne, Adolphe-Laurent (1813-1881)	Advogado, fundador da revista <i>L'Illustration</i> de Paris, geógrafo e viajante, publicou uma coleção de Itinerários, os <i>Guides Joanne</i> .	1. Jules agradece em nome de Athénaïs o envio dos Guias, e pergunta sobre a obra de Amédée Pichot sobre a Escócia. 2. Novamente agrade o Guia sobre Loire, e se ele teria alguma publicação sobre rios.	<i>Nature</i> : notas do capítulo <i>Highlands</i> , ( <i>Mountain Scenery</i> , p. 407). No mesmo parágrafo cita Amédée Pichot. E nas notas dos capítulos <i>The Torrent</i> e <i>Metamorphoses of the Water</i> , ( <i>River Scenery</i> , p. 408-409).
Larroque, Pierre (s.d.)	Pastor em Saint-Georges-de-Didonne (o casal passou uma temporada de verão em 1859 na cidade)	Pede ao amigo, que interrogue os marinheiros de St. Georges sobre o farol Courdouan e o abismo de Montmusson. Está recolhendo histórias interessantes, como lendas, naufrágios, aves do mar, para seu capítulo sobre os Faróis.	No capítulo <i>The charm of the Dunes</i> ( <i>The Sea</i> , p. 347-349), Athénaïs faz referência à viagem de verão de 1859, e dedica umas páginas sobre Faróis (352-353).
Lortet, Louis Charles Émile (1836-1909)	Médico e diretor do Museu de História Natural de Lyon. Também foi botânico, zoólogo, paleontólogo, egiptólogo e antropólogo. Seu pai	No resumo da carta no compêndio, é dito que ele enviou o livro <i>Montagnes de Tyndall</i> , que ele traduziu em 1869.	No livro <i>La Montagne</i> , Lortet é citado nos Esclarecimentos, pela sua obra <i>du Preissia</i> (1867). Em <i>Nature</i> é citado pelo livro de Tyndall, mas também pelos seus estudos sobre o “mal da montanha” que realizou no Mont Blanc.

Correspondente	Informações	Assuntos	Referência nas obras
	Pierre, também médico, foi muito amigo de Michelet.		(Capítulo <i>The medicinal influence of the Upper Valleys, Mountain Scenery</i> , p. 405)
Matignon, Édouard (s.d.)	Escriturário em Fontainebleau, botânico amador.	<ol style="list-style-type: none"> <li>1. Escreveu que não poderá dar as informações sobre as plantas que precisa, porque a coleção de seu herbário é pequena.</li> <li>2. Trouxe informações sobre árvores, como o carvalho, e algumas espécies de coníferas australianas.</li> <li>3. No resumo do compêndio, diz que ele deu informações sobre a flora da região do vale do Somme.</li> </ol>	Athénaïs dedicou um capítulo sobre o carvalho, <i>The Oak (Woodland Scenery</i> , p. 72-77).
Mialaret, Antonin (1825-1884)	Irmão de Athénaïs que vive em St. Jean Baptiste, na Louisiana, EUA. Químico, Fotógrafo. Também foi professor, e tinha plantações.	Indicou a obra <i>Geologie Pratique de la Louisiane</i> de R. Thomassy. Fez um fichamento longo sobre a obra, com algumas de suas impressões sobre a Louisiana, e o rio Mississippi.	Cita Thomassy pelo capítulo <i>The Word-creators: The Ganges, The Mississippi (River Scenery</i> , p. 409), e no capítulo <i>The trembling Prairies (Lake Scenery</i> , p. 412); e o irmão na p. 409, pelas suas observações do rio Mississippi.
Mialaret, Tancrede (1824-1894)	Irmão mais velho de Athénaïs, nascido na Louisiana.	Está preocupado com o trabalho da irmã, pelo tempo curto de escrita (1 ano) se ela irá encontrar todos os documentos que procura para o trabalho. Escreve notas que obteve com o amigo [Castel], sobre a região de <i>Tarn et Garonne</i> , em que Montauban é a capital.	Escreveu sobre a região de Tarn et Garonne, e sobre a cidade de Montauban, nas notas do capítulo <i>The Meadow (Pastoral Scenery</i> , p. 392-393).
Morren, Charles Jacques Édouard (1833-1886)	Professor de Botânica na Universidade de Liège (Bélgica). Diretor do Jardim botânico da Universidade. Editor do jornal <i>La Belgique Horticole</i> .	<ol style="list-style-type: none"> <li>1. Morren indicou a obra de Hugo von Mohl, <i>Chute de feuilles</i>;</li> <li>2. Athénaïs agradeceu por <i>Chute des feuilles</i>, e falou sobre a parte que está escrevendo, <i>eux vivantes</i>, e pediu informações sobre algas que trazem doenças, esporos, que se espalham pelo ar.</li> <li>3. Morren trouxe informações sobre algas e champignons, e outras vegetações de águas paradas.</li> <li>4. Athénaïs agradeceu os esclarecimentos sobre as algas e dos champignons da última carta. Falou de átomos na atmosfera.</li> </ol>	Morren traduziu <i>Les Arbres</i> de H. Schacht, citado em <i>La Montagne e Nature</i> . Nos esclarecimentos de <i>Nature</i> , Morren é citado pela sua série de trabalhos: <i>Colouring of Plants</i> , no capítulo <i>The fall of the Leaves (Woodland Scenery</i> , p. 399), junto com Schacht e <i>Chute des feuilles</i> , obra de Hugo von Mohl que ele a havia indicado. No capítulo <i>The Expiation (The Sea)</i> , Athénaïs escreveu sobre doenças causadas por algas e fungos (p. 417).
Quicherat, Jules (1814-1882)	Historiador e arqueólogo francês.	Encontrou o livro que ela procurava, <i>La chasse au loup</i> . de Baron Couteulux	Athénaïs dedicou um capítulo aos lobos: <i>The Kingdom of the Wolf (Woodland Scenery</i> ,

Correspondente	Informações	Assuntos	Referência nas obras
	Foi diretor da <i>École des Chartes</i> .	(1861) com pranchas da natureza de Crémieres.	p. 92-100), e nas notas do capítulo citou a obra que Quicherat encontrou (p. 398)
Quinet, Hermione (1821-1900)	Esposa do historiador Edgar Quinet, e sua colaboradora.	Ela fala do seu livro de história natural, <i>La création</i> com Quinet. Preocupada com a questão de <i>Nature</i> favorecer os franceses, em relação a seu público inglês.	Não citou Hermione ou mesmo Edgar Quinet nas notas.
Schuré, Édouard (1841-1929)	Escritor, poeta, romancista	Michelet pede se ele não conheceria alguma boa obra que fale das tradições alemãs, que Athénaïs precisa.	Citou a obra <i>Lied Allemand</i> de Schure nas notas dos capítulos <i>Our Ancien Forests</i> e <i>The legends of the woods (Woodland Scenery, p. 397)</i> .
Semmig, Hermann (1820-1897)	Escritor e professor particular de alemão, e depois com o apoio de Michelet, conquistou cadeiras em Liceus.	Indicou diversas obras, como <i>La Loire Historique</i> . E indicou uma edição sobre geografia de Adolphe Joanne <i>Géographie, Histoire, Statistique et Archéologie des 89 départements</i> .	Capítulo <i>Our River: The Loire (River Scenery, p. 260-267)</i> . Não citou nenhuma das obras indicadas por Semmig nesta carta, mas outra obra de Adolphe Joanne, <i>Tour du Monde</i> (p. 408)

### 4.3 Virgílio: a poesia pastoral e bucólica nas obras do casal Michelet

Entre os autores a que Jules Michelet fazia muitas referências e de que se dizia um grande discípulo, além do filósofo Vico, estava o poeta Virgílio, o “Cisne de Mântua”. Inspirada pelo marido, Athénaïs tornou-se uma leitora assídua de Virgílio, incorporando em suas obras, como *Mémoires* e *Nature*, diversas passagens que refletem as características da poesia pastoral e bucólica do poeta. Gabriel Monod, em sua biografia sobre Michelet, escreveu que o historiador deixou uma frase célebre, e bem conhecida: “je suis né de Virgile et de Vico”<sup>519</sup>, frase que pode ser compreendida através de todo o seu diário, mas também de uma passagem explicada por Monod na biografia do historiador: “Je me fiaï à l'Italie, cette seconde mère et nourrice, qui, jeune, m'allaita de Virgile, et, mûr, me nourrit de Vico”<sup>520</sup>.

Virgílio foi um poeta romano clássico, que viveu de 70 a 19 AEC, nascido na região norte da Itália, na cidade de Mântua, e foi o autor de três grandes obras da literatura latina, as Bucólicas (ou Éclogas, publicada em 39AEC) e as Geórgicas (publicada em 29 AEC), poesias com temas pastoris, consideradas como poesia bucólica e poesia didática, respectivamente; e a poesia épica Eneida (publicado após sua morte). Desde a tenra idade de Jules Michelet, durante seus estudos e sua vida como professor de história, e mesmo depois, Virgílio se fez muito presente em todas as suas obras, bem como em seus diários e cartas, em seus momentos de meditação, além de inspirar outros autores e amigos à sua volta, como sua esposa Athénaïs.

Evidentemente, Michelet não foi o único a se inspirar em Virgílio em suas obras e sua vida. Outros grandes autores do início do século XIX, durante o período do pré-romantismo e romantismo francês, garantiram a sobrevivência dos textos clássicos de Virgílio, associada a uma fascinação pela Itália. Esta fascinação muito se deve a Goethe, considerado um dos fundadores do romantismo, e a sua viagem à Itália entre os anos 1786-1788. Assim, as viagens à Itália por autores eruditos daquele período mostraram-se como uma peregrinação às fontes, mostrando uma aliança que se operou na tradição artística entre a natureza e a arte<sup>521</sup>. Jean Marie-André nos traz a reflexão sobre os traços de Virgílio nas obras de Madame de Staël, Chateaubriand (1768-1848), Stendhal (1783-1842), Lamartine e Victor Hugo, autores que influenciaram de certa forma Jules Michelet a partir da leitura de suas obras e, alguns, a partir

<sup>519</sup> MONOD, Jules Michelet, études sur sa vie e son œuvre, *op. cit.*, p. 18. “Eu nasci de Virgílio e Vico” (tradução nossa).

<sup>520</sup> *Ibidem*, p. 27. “Eu confiei na Itália, esta segunda mãe e ama, que, quando jovem, me amamentou de Virgílio e, quando adulto, me nutriu de Vico” (tradução nossa).

<sup>521</sup> ANDRÉ, Jean-Marie. La Survie de Virgile dans le preromantisme et dans le romantisme français. **Würzburger Jahrbücher für die Altertumswissenschaft**, v. 8, 1982, p. 149-159.

de seu convívio. Stendhal, Chateaubriand e Lamartine, a partir de carreiras diplomáticas, puderam realizar a “viagem dos sonhos”, e suas experiências na Itália lhes renderam obras dedicadas e relatos de viagem ao país. Em suas análises, André demonstrou que Chateaubriand pintou um Virgílio melancólico, com seus versos cheios de ternura e dor; já Stendhal, partilhando do impulso de seus contemporâneos para a Itália, pátria da arte, da beleza e da paixão, o via como o poeta do lirismo amoroso. Para Victor Hugo, o poeta de Mântua, o “cygne errant du vers limpide”<sup>522</sup>, foi o iniciador do naturalismo, enquanto Madame de Stael o definiu como um poeta da sensibilidade. Para Lamartine, ele é o “doce Virgílio” que representa “la verve rustique et la communion avec la nature”<sup>523</sup>, e o apresenta “comme une sorte de symbole de la quête poétique et du génie”<sup>524</sup>.

Michelet durante toda a sua vida teve diferentes reflexões em relação a Virgílio, similares aos autores anteriormente citados, e que Éric de Saint-Denis ressalta em seu artigo<sup>525</sup>. As citações latinas são abundantes em seus diários, e aparecem em muitas ocasiões, como através das trocas literárias com seu primeiro amigo Poinot, sobre as passagens das Geórgicas sobre o amor, entre tantas outras citações, sobrea as quais meditou diante de uma paisagem, ou de alguma sala de um museu, entre tantas outras situações. Michelet cita o texto latino de memória, o que explica muitas vezes a inexatidão dos versos, entretanto mantendo a métrica, os hexâmetros e a musicalidade dos versos<sup>526</sup>. Um dos versos citado cinco vezes em seu diário, entre os anos de 1828 e 1848, foi o verso final da primeira Bucólica: “maioresque cadunt altis de montibus umbrae” (et les ombres, tombant du haut des monts, s’allongent)<sup>527</sup>, verso que “dans l’imagination de Michelet, ce vers a bientôt pris une valeur symbolique: couchant du jour..., couchant de l’année,... et couchant de la vie”<sup>528</sup>, evidenciando uma visão melancólica do texto de Virgílio e um simbolismo que o crepúsculo virgiliano trouxe à obra e à vida de Michelet. Mas Michelet não via apenas melancolia no texto de Virgílio; também teve contato com a compaixão virgiliana e com a sua simpatia universal, “sympathie pour les travailleurs de

<sup>522</sup> ANDRÉ, *op. cit.*, p. 156. “cisne errante de verso límpido” (tradução nossa).

<sup>523</sup> *Ibidem*, p. 158. “entusiasmo rústico e comunhão com a natureza” (tradução nossa).

<sup>524</sup> *Ibidem*, p. 159. “como uma espécie de símbolo de busca poética e genialidade” (tradução nossa).

<sup>525</sup> SAINT-DENIS, Éric de. Virgile et la formation de Michelet. **Bulletin de l’Association Guillaumé Budé**, v. 2, 1960, p. 272-284.

<sup>526</sup> *Ibidem*, p. 278.

<sup>527</sup> *Idem*. “e as sombras, caindo do alto das montanhas, alongam-se” (tradução nossa).

<sup>528</sup> *Ibidem*, p. 279. “na imaginação de Michelet, este verso logo adquiriu um valor simbólico: o cair do dia..., o cair do ano,... e o cair da vida” (tradução nossa).

la terre et de la mer, pour les proscrits et pour les victimes de l'amour ou de la guerre, pour les bêtes et pour les plantes”<sup>529</sup>.

Além da presença de Virgílio no diário de Jules Michelet, o poeta latino também foi citado nas obras de História Natural do casal Michelet, e também nos livros autorais de Athénaïs. Athénaïs foi de toda forma inspirada por Jules aos textos clássicos: “M. Michelet has supplied me with passages from the ancient writers”<sup>530</sup>.

No livro *L’Insecte*, o casal Michelet dedicou um capítulo a Virgílio, *Les Abeilles de Virgile* (As abelhas de Virgílio), que faz referência ao canto IV das Geórgicas, que apresenta a apicultura num ambiente agrícola. Os antigos tinham noções erradas sobre as abelhas, e no canto IV Virgílio apresenta o nascimento das abelhas como algo espontâneo, que nasciam das entranhas dos touros imolados em honra dos deuses<sup>531</sup>. Pelo fato de as abelhas “desaparecerem” no inverno para só ressurgirem na primavera, elas eram vistas como símbolo da morte e da ressurreição<sup>532</sup>. É nesse sentido que Michelet vai fazer uma homenagem a Virgílio, e uma homenagem a seu pai e ao seu único filho com Athénaïs, Yves-Jean-Lazare, já falecidos. Em uma visita ao cemitério *Père-Lachaise*, no outono de 1856, Michelet refletiu sobre os insetos naquele lugar, sempre tão poucos, mas ao chegar à tumba de seus entes queridos, ele observou uma dezena de “abelhas” brilhantes sobre um jardinete, e se sentiu “reconnaissant de voir les mystérieux petits êtres animer cette solitude”, e Michelet continuou: “je fus saisi de voir celles-ci suppléer, tenir ma place. En mon absence eles peuplaient, vivifiaient le lieu, consolaiement mes morts, les réjouissaient peut-être”<sup>533</sup>.

Michelet reconheceu o seu próprio erro por um instante, e o erro dos antigos, de observarem abelhas que “nasceriam” de touros imolados, porque na verdade esses insetos que ele observou no cemitério não eram abelhas, mas dípteros, a ordem das moscas, insetos alados decompositores, e Michelet conclui em sua reflexão sobre a morte: “Loin de rougir de leur origine, nobles abeilles virgiliennes, elles ne dédaignent pas les fleurs du cimetière, elles font

---

<sup>529</sup> SAINT-DENIS, Éric. Les souvenirs de Virgile dans le Journal de Michelet. *Les Études Classiques*. Tome XXVIII, n.º. 3, 1960, p. 271. “simpatia pelos trabalhadores da terra e do mar, pelos marginalizados e pelas vítimas do amor ou da guerra, pelos animais e pelas plantas” (tradução nossa).

<sup>530</sup> MICHELET, Nature, *op. cit.*, p. 412. “M. Michelet me forneceu passagens de escritores antigos” (tradução nossa).

<sup>531</sup> SANTOS, Elaine Cristina Prado dos. *O IV canto das Geórgicas*. São Paulo: Scorteccei, 2007, p. 27.

<sup>532</sup> *Ibidem*, p. 29.

<sup>533</sup> MICHELET, *L’Insecte*, *op. cit.*, p. 309. “grato por ver os misteriosos pequenos seres animar esta solidão”; “Fiquei surpreso ao vê-las preenchendo, mantendo meu lugar. Na minha ausência povoaram, animaram o lugar, consolaram os meus mortos, talvez os alegraram” (tradução nossa).

société aux morts, et, pour les vivants, recueillent ce miel de l'âme, l'espoir de l'avenir"<sup>534</sup>.

Assim, para Michelet:

Virgile y substitua sa résurrection des abeilles, ce chant plein d'immortalité, qui, dans le mystère des transformations de la nature contient notre meilleur espoir: Que la mort n'est pas une mort, mais une nouvelle vie commencé. [...] Virgile est l'enfant de la terre, la noble et candide figure du vieux paysan italique, religieux interrogateur, soigneux et naïf interprète des secrets de la nature<sup>535</sup>.

Para Kaplan, as observações de Michelet nesse capítulo, e no livro *L'Insecte* como um todo, é de que a visão dos insetos, como as abelhas, o lembra também da sua capacidade como historiador de ressuscitar a vida integral do passado<sup>536</sup>. Para Michelet, Virgílio é a encarnação perfeita do homem de gênio, como escritor comprometido, pois o poeta exemplifica a dupla missão de Michelet como historiador das pessoas comuns e poeta da natureza<sup>537</sup>. Também para Petitier *L'Insecte* é um discurso sobre a morte: para Michelet, os insetos são como seus agentes, os auxiliares da morte, mas é através da morte que há a ascensão à luz, uma ressurreição. A idéia de ressurreição para Michelet é tão forte após o seu segundo casamento com Athénaïs, que o primeiro nome de seu filho é Lazare, aquele que foi ressuscitado no Evangelho<sup>538</sup>.

A morte também faz parte como um dos temas principais do primeiro livro autoral de Athénaïs, *Mémoires d'une Enfant*, ao trazer as lembranças da infância e da perda de seu pai. No capítulo sobre *Revers de Fortune* (Reversão de Fortuna), quando a família Mialaret perdeu sua fortuna com a falência da propriedade de seus pais na Louisiana, nos Estados Unidos, devido à crise dos bancos, e depois com uma epidemia de cólera, Athénaïs refletiu sobre a visão de estar pobre vivendo no campo na França, com o exemplo de coragem de sua mãe, apesar de sua tristeza, e os incentivos de seu pai: "Avec quelques mots de mon père, parfois un vers de son Virgile, nous pouvions glaner, esherber, vendanger et faire toute chose, dans la grâce, la vivacité qu'ont les enfants heureux, pour qui ces travaux sont des fêtes"<sup>539</sup>.

<sup>534</sup> MICHELET, *L'Insecte*, *op. cit.*, p. 311. "Longe de envergonharem-se pela sua origem, nobres abelhas virgilianas, não desprezam as flores do cemitério, formam sociedade com os mortos e, para os vivos, recolhem este mel da alma, esperança do futuro" (tradução nossa).

<sup>535</sup> *Ibidem*, p. 306. "Virgílio substituiu a sua ressurreição das abelhas por este canto cheio de imortalidade, que, no mistério das transformações da natureza, contém a nossa melhor esperança: que a morte não é uma morte, mas uma nova vida iniciada. [...] Virgílio é o filho da terra, a figura nobre e sincera do velho camponês italiano, questionador religioso, intérprete cuidadoso e ingênuo dos segredos da natureza" (tradução nossa).

<sup>536</sup> KAPLAN, *op. cit.*, p. 87.

<sup>537</sup> *Ibidem*, p. 141.

<sup>538</sup> PETITIER, *Un discours sur la mort*, *op. cit.*, p. 106-107.

<sup>539</sup> MICHELET, *Mémoires d'une Enfant*, *op. cit.*, p. 231. "Com algumas palavras do meu pai, às vezes um verso do seu Virgílio, poderíamos colher, capinar, colher e fazer tudo, na graça, na vivacidade que têm as crianças felizes, para quem estas tarefas são celebrações" (tradução nossa).

Interessante notar que neste momento do livro *Athénaïs* cita Virgílio, num capítulo em que ela faz uma reflexão sobre o campo e a cidade, um contraste que para Alessandro Rolim de Moura é muitas vezes evocado como característica da poesia bucólica<sup>540</sup>. Apesar de *Athénaïs* ser muito jovem para sentir os revesses da perda de fortuna, ela escreveu em seu texto:

La pauvreté de la campagne n'est nullement celle de la ville, très-spécialement dans le midi, où le climat adoucit tout. Certains côtés tristes de la pauvreté sont absents, certaines choses, les vulgarités qui fanent et flétrissent l'âme. Point de honte, d'effort pour cacher les difficultés. Point d'isolement sauvage, ni le regard d'envie sur les heureux. La vie même étroite garde aux champs, aux vergers, une aimable image d'aisance, des moments d'abondance même<sup>541</sup>.

É no canto da primeira Bucólica de Virgílio, no diálogo entre dois pastores, Títilo e Melibeu, que há o tema da perda das terras, por desapropriações na região de Mântua, durante um período crítico de Roma. Melibeu perdeu suas terras e partiu em exílio, enquanto Títilo manteve suas terras. No canto, apesar de mostrar certa tensão entre os pastores, Melibeu descreveu as terras com caráter emotivo, com elementos de idealização, mas de forma ambígua mostrou admiração por Títilo, e ao mesmo tempo indignação<sup>542</sup>.

O exílio após os eventos de 1852 foi para Michelet, como para *Athénaïs*, o ponto de partida para um contato maior com a natureza, vivendo em uma casa de campo em Nantes, em região litorânea, de forma muito solitária e com o convívio com animais domésticos e da companhia das aves do lugar. Após a saúde de Jules ficar debilitada, o casal foi morar em região montanhosa mais quente, em Nervi, perto de Gênova na Itália, e ali a natureza pareceu para o historiador mais do que apenas um refúgio, mas um lugar de renovação, de ressuscitação, e exprimirá: “Telle fut donc ma rénovation, cette tardive *vita nuova* qui m’amena peu à peu aux sciences naturelles”<sup>543</sup>.

No entanto, o casal irá experienciar novamente um exílio, durante o período da Guerra Franco-Prussiana, saindo de Paris em julho de 1870, novamente passando uma temporada do exílio na Itália, e em outras regiões, e retornando apenas em abril de 1872. Praticamente o

<sup>540</sup> MOURA, Alessandro Rolim de. *Poesia Bucólica. Virgílio, Calpúrnio Sículo, Nemesiano*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2022, p. 227-228.

<sup>541</sup> MICHELET, Mémoires d'une Enfant, *op. cit.*, p. 231. “A pobreza do campo não é de forma alguma a da cidade, especialmente no *Midi*, onde o clima ameniza tudo. Alguns lados tristes da pobreza estão ausentes, certas prosas, as vulgaridades que murcham e secam a alma. Sem vergonha, sem esforço para esconder as dificuldades. Nada de isolamento selvagem, nem olhar de inveja dos felizes. Mesmo a vida estreita preserva nos campos, nos pomares, uma imagem agradável de tranquilidade, momentos de abundância até” (tradução nossa).

<sup>542</sup> MOURA, *op. cit.*, p. 238.

<sup>543</sup> MICHELET, L'Oiseau, *op. cit.*, p. 49. “então essa foi a minha renovação, aquela tardia *vida nova* que me conduziu pouco a pouco às ciências naturais”

mesmo tempo que o primeiro exílio, dois anos. Os dois exílios tiveram em comum a fragilidade na saúde de Michelet. Entretanto, em 1871, Michelet, já idoso, estava ficando cada vez mais debilitado. Durante esse período, Athénaïs irá terminar o seu capítulo sobre os cisnes, e homenagear tanto Virgílio, o cisne de Mântua, quanto chorar por Michelet. O nome do capítulo, *Why the Swan sings no more* (Porque o cisne não canta mais), alude a Michelet, o cisne como símbolo do exilado, e à lenda do último canto do cisne.

O cisne, que habita regiões aquáticas, como rios, lagos e pântanos, é uma ave migratória, está associado a deslocamentos e partidas forçadas e, em muitas culturas, é o símbolo do exilado, que mesmo afastado de sua terra natal carrega consigo sua essência e memória, frequentemente associado ao sentimento de melancolia. Athénaïs assim o descreve em *Nature*: “But the Swan of which Virgil has sung, he laboured also, and yet was no vexed, no quarrelsome Swan. He was a melancholy bird”<sup>544</sup>. No século XIX, o poema *Le cygne* (O Cisne, 1859), de Charles Baudelaire (1821-1867), é reconhecidamente um dos mais importantes do escritor francês, e é lido como a imagem ou metáfora do exílio do sujeito poético, do homem que sofre com as mudanças radicais pelas quais passa<sup>545</sup>. Da mesma maneira, Athénaïs abriu suas notas do capítulo evocando o exílio, e a alusão da partida de Paris:

The drying-up of the waters necessitates the exile of their inhabitants. Notwithstanding their wings, they have certain fixed localities which they love, and which they quit with regret. [...] I have endeavoured to become thoroughly acquainted with the one which, despite his sufferings, still remains, in his noble beauty and unchangeable purity, the bird-god<sup>546</sup>.

O canto do cisne é considerado uma fábula antiga, que diz que o pássaro é completamente mudo durante toda a vida, mas em sua morte é capaz de cantar a mais bela canção já ouvida. Dessa maneira, o último canto do cisne é interpretado como as últimas palavras de alguém nas imediações de sua morte. Em *L'Oiseau* o casal evoca essa lenda:

Ce chant, dont parle toute l'antiquité, est-il une fable? Les organes du chant, qu'on trouve si développés chez le cygne, lui furent-ils toujours inutiles? Ne jouaient-ils pas dans une heureuse liberté quand il avait une atmosphère plus chaude, quand il passait le meilleur de l'année aux doux climats de Grèce et

<sup>544</sup> MICHELET, *Nature*, *op. cit.*, p. 332. “Mas o Cisne sobre o qual Virgílio cantou, ele também trabalhou, e ainda assim não era um Cisne irritado, nem briguento. Ele era um pássaro melancólico” (tradução nossa).

<sup>545</sup> AMORIM, Orlando Nunes de. O cisne noutros lugares ou da impossibilidade de esquecer a dor. **Revista Texto Poético**, v. 15, 2013, p. 12.

<sup>546</sup> MICHELET, *Nature*, *op. cit.*, p. 329. “A secagem das águas exige o exílio de seus habitantes. Apesar de suas asas, eles têm certas localidades fixas que amam e que abandonam com pesar. [...] Eu me esforcei para conhecer profundamente aquele que, apesar de seus sofrimentos, ainda permanece, em sua nobre beleza e pureza imutável, o deus-pássaro.” (tradução nossa).

d'Italie? On serait tenté de le croire. Le cygne, refoulé au nord, où ses amours trouvent mystère et repôs, a sacrifié son chant, a pris l'accent barbare, où il est devenu muet. La muse est morte; l'oiseau a survécu<sup>547</sup>.

Nas *Bucólicas*, o nono canto está relacionado diretamente com o primeiro canto, mencionado anteriormente. No diálogo entre Lícidas e Méris, Buc. 9, aprende-se que Méris, assim como Melibeu, perdeu suas terras. Lícidas diz que a força do canto poderia conservar suas terras, e Méris acredita que não passa de boatos. Virgílio fará menção ao cisne, e ao seu canto sublime, e segundo Moura, nessa passagem, como em outras das *Bucólicas*, há “a ideia de que o poeta cria no mundo aquilo que canta, como se tivesse um poder mágico de alterar a realidade”<sup>548</sup>.

Assim, o cisne, que atravessa culturas e literaturas, surge como um símbolo tanto do exílio quanto da transformação. A metáfora de seu último canto, evocada em *L'Oiseau*, e a melancolia expressa em *Nature* traduzem não apenas a dor da despedida e da perda, mas também a ideia de uma última manifestação sublime antes do fim, um sofrimento profundamente sentido por Athénaïs ao escrever sobre o capítulo num período de exílio forçado. O exílio, seja ele geográfico ou existencial, marcou a trajetória do casal Michelet, que encontrou na poesia pastoral e bucólica de Virgílio um espelho de sua própria jornada. Dessa forma, a presença do poeta de Mântua nas obras de Athénaïs e Jules Michelet reafirma a duradoura influência de sua poesia no imaginário literário do século XIX, reforçando a conexão entre natureza, arte e memória como formas de resistência e renovação diante das adversidades.

---

<sup>547</sup> MICHELET, *L'Oiseau*, *op. cit.*, p. 61-62. “Essa canção, da qual toda a antiguidade fala, é uma fábula? Os órgãos de canto, tão desenvolvidos no cisne, sempre foram inúteis para ele? Eles não brincavam em feliz liberdade quando ele tinha uma atmosfera mais quente, quando ele passava a melhor parte do ano nos climas amenos da Grécia e da Itália? Alguém ficaria tentado a acreditar nisso. O cisne, levado de volta para o norte, onde seus amores encontram mistério e descanso, sacrificou seu canto, assumiu um sotaque bárbaro e ficou mudo. A musa está morta; o pássaro sobreviveu” (tradução nossa).

<sup>548</sup> MOURA, *op. cit.*, p. 242.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente tese apresenta os resultados de uma investigação sobre a trajetória de busca de uma autonomia autoral de Athénaïs Michelet como escritora autônoma e como colaboradora intelectual de seu marido, o historiador Jules Michelet, na segunda metade do século XIX. O interesse por essa relação intelectual surgiu a partir de um estudo anterior sobre o livro *L'Oiseau*, tema da conclusão de curso em História, Memória e Imagem, defendido na UFPR em 2019 pela mesma autora. Durante o levantamento bibliográfico sobre Jules Michelet, tornou-se evidente a recorrente presença de sua segunda esposa na historiografia, embora quase sempre retratada de forma crítica e, em muitos casos, pouco respeitosa. A colaboração conjugal entre ambos foi frequentemente desconsiderada, reduzindo a atuação de Athénaïs a um papel secundário e reforçando narrativas que minimizam ou apagam a participação feminina na produção intelectual da época.

Assim, para o doutorado, levantaram-se inicialmente perguntas sobre como surgiu essa colaboração entre Athénaïs e Michelet e sobre como produziram juntos uma série de obras de História Natural. As questões polêmicas trazidas pela crítica que envolvem essa colaboração sempre pareceram um tópico não resolvido, como um “elefante branco” na sala dos historiadores. A dimensão que se deu em meados do século XX à edição e reescrita de alguns dos textos póstumos de Michelet por Athénaïs, àquilo que Bonnie Smith apresentou como a construção da imagem da “viúva abusiva”, tomou enorme proporção. Ela foi utilizada como argumento para apagar sua colaboração com Jules, e desmerecer também a sua produção escrita autoral. Aliás, a obra *Gênero e História* de Bonnie Smith tem uma ousadia pioneira em criticar essa historiografia que criou o apagamento e o desmerecimento de Athénaïs como colaboradora, mas sua proposta ainda não encontra muitos partidários no interior da academia francesa. Podemos perceber o quanto Athénaïs ainda é uma personagem histórica que sofre preconceitos e tem sua produção deslegitimada, seja pela escassez de artigos contemporâneos que lhe são dedicados, seja pelas críticas à sua invisibilização aparecerem apenas em obras ficcionais ou romanceadas — como sua única biografia, escrita pela historiadora Isabelle Delamotte — ou mesmo quando os temas de pesquisa são muito específicos, como a defloração no século XIX.

Durante as pesquisas preparatórias para o projeto de doutorado, de início havia a intenção de apenas trabalhar com o tema da colaboração do casal Michelet, analisando a correspondência e os diários de Jules Michelet, documentos já publicados, compreendendo as redes de sociabilidades científicas em que o casal estaria inserido. Além da natureza da

constituição dessas obras, não se tinha clareza sobre considerá-las ou não como divulgação científica. Algumas dessas questões foram trazidas no capítulo três desta tese. Mas o trabalho, que avançou lentamente durante o período da pandemia, pôde ser complementado com uma pesquisa diretamente com as fontes, cartas inéditas e os próprios manuscritos dos autores, principalmente os documentos de Athénaïs, graças a um estágio de Doutorado Sanduíche em Paris, através de bolsa concedida pelo CNPq, durante cinco meses, entre março e julho de 2023. A partir das pesquisas nos manuscritos das obras autorais de Athénaïs, depositados na *Bibliothèque de l'Institut de France*, pode-se compreender o quanto esse material foi pouco explorado, tanto o seu diário escrito no início de seu casamento como os manuscritos de produção de sua obra *Nature; or, the Poetry of the Earth and Sea*, além de correspondências inéditas entre Athénaïs e naturalistas e intelectuais do período. Essa foi a razão determinante para reorganizar o tema cerne da pesquisa. Não apenas analisar a colaboração do casal durante a escrita dos livros de história natural, mas abranger a construção de uma colaboração intelectual conjugal, que levaram Athénaïs a escrever suas próprias obras, e que resultaram em dois capítulos novos da tese, o dois e o quatro. Dessa forma, os capítulos abrangem os temas sobre a intelectualidade feminina e a mulher nos círculos científicos e literários do século XIX.

O primeiro capítulo analisa a construção da colaboração intelectual entre Athénaïs e Jules Michelet no início de seu casamento, e os diversos aspectos que envolveram a posição da mulher nos ambientes públicos e privados de meados do século XIX, através dos olhares de Michelet e da sociedade à qual ele e Athénaïs pertencem, uma elite burguesa e letrada. Através da trajetória educacional a qual Athénaïs recebeu, compreende-se o seu desejo de independência a partir de seus estudos e de seu trabalho como educadora, apesar de suas dúvidas quanto a uma vocação religiosa. Para evitar os embaraços de uma vida de solteira, Athénaïs, uma jovem letrada, casou-se com um homem mais velho e viúvo, experiente, professor e historiador renomado, e apesar de deixar de lado inicialmente suas expectativas de independência, sonha com um casamento harmônico, e de trocas intelectuais com aquele que ela também via como a figura de um pai e um professor. A partir do diário de Athénaïs, no qual se encontra uma escrita incentivada pelo marido e mantida apenas nos dois primeiros anos de casamento, evidencia-se um início de um companheirismo, mas também de muitas contradições e reflexões religiosas, devido ao anticlericalismo de Michelet, e de sua tristeza pela perda de seu único filho. Athénaïs encontra conforto para suas questões na leitura e em seus estudos, atividades a que sempre foi muito dedicada.

A educação para Jules foi um propulsor em sua vida profissional, e a educação da mulher foi uma pauta importante em seus cursos, desde que se casou com Athénaïs. O historiador via

em sua esposa o modelo para a concretização do que seria para ele uma mulher ideal, através de uma iniciação a partir da educação que parte do marido, e não através da educação religiosa, vigente naquele período. Apesar de suas convicções sobre o papel da mulher serem conservadoras, Michelet, ao advogar pela educação da mulher, se viu atravessado por uma rede de sociabilidade com educadoras laicas de Paris. Rede que abrangia diretamente Athénaïs, através de sua participação em sociedades femininas, e as discussões sobre a educação e o direito das mulheres crescentes na década de 1860. Tais contextos a influenciaram escrever sua primeira obra, *Mémoires d'une Enfant*. Uma obra que relata sua trajetória educacional na infância, e a dificuldade em se conformar com as diferenças de gênero no ambiente doméstico e na educação.

As diferenças de gênero tornaram-se evidentes durante e após a colaboração de Athénaïs Michelet com seu marido na produção dos livros de História Natural, sendo alvo de críticas na imprensa e em correspondências, conforme analisado no capítulo três. Essa série de obras, concebida pelos autores como uma forma acessível de divulgação científica, fundamentava-se nos estudos do casal sobre história natural. A partir dessa produção intelectual, questiona-se não apenas a posição de Jules e de Athénaïs no meio científico, mas também as estratégias adotadas para a disseminação de seus livros. As críticas literárias não se restringiram a desmerecer a participação de Athénaïs nessa série, mas se estenderam a outras obras de Jules e à própria produção autoral da escritora, revelando um padrão de resistência à visibilidade intelectual feminina no período.

Após suas primeiras experiências de escrita nos livros de História Natural, e sua primeira autobiografia, Athénaïs assumiu um grande trabalho de encomenda para uma editora do Reino Unido, a *T. Nelson and Sons*, e publicou com apenas sua autoria, *Nature; or, the Poetry of the Earth and the Sea*, obra que foi construída a partir de sua parceria com Jules, mas também com o artista Hector Giacomelli, que ilustrou suas páginas. Para esse empreendimento, Athénaïs recorreu a sua rede de sociabilidade para aprofundar seu conhecimento e preencher as lacunas de seus estudos, pedindo informações e referências para a composição de seu texto. Uma rede de sociabilidade que teve intermédio de Jules inicialmente, a partir de seus próprios círculos literários e científicos, mas de que Athénaïs participou como interlocutora e protagonista.

Refletir sobre a trajetória de Athénaïs Michelet é também refletir sobre o papel das mulheres colaboradoras de seus maridos no século XIX, cujas contribuições foram frequentemente invisibilizadas pela historiografia. Muitas delas permaneceram à sombra dos círculos sociais de seus maridos e familiares, sem reconhecimento por suas próprias redes intelectuais ou produções autorais. Athénaïs exemplifica essa realidade, compartilhada por

inúmeras outras mulheres da época. O que o estudo para a tese pretende destacar, é que Athénaïs, apesar de não se engajar mais profundamente, enquanto casada com Jules Michelet, nas questões feministas que estavam surgindo naquele período, como aos direitos profissionais e uma maior participação na esfera pública, pôde se expressar através de sua escrita, mesmo que de forma indireta, ou pode-se dizer direta, através de sua autobiografia. Através de suas correspondências, muitas vezes deixadas de lado na publicação dos compêndios de cartas de Michelet, é possível perceber que ela ousou estar em lugares que não eram permitidos para mulheres, fazendo parte de uma rede de sociabilidade científica, se tornando inclusive uma das únicas francesas a se corresponder com o renomado naturalista Charles Darwin.

Destaca-se a importância de pesquisas históricas darem evidência à rede de sociabilidade feminina no entorno de figuras ilustres masculinas do século XIX, como aqui foi analisado, e não apenas a algumas mulheres intelectuais mais conhecidas do período. Mulheres donas de pensionatos, professoras, *institutrices*, tradutoras e divulgadoras científicas, são exemplos importantes de um protagonismo silencioso na construção de uma abertura do espaço público francês para as mulheres. São pioneiras no debate feminista pela educação da mulher, e pelo direito a se profissionalizarem. A relação do casal Michelet com essas mulheres abriu novos horizontes ao casal para pensar sobre os temas de seus escritos, e mesmo em sua atuação na sociedade, atuando muitas vezes solidariamente, abrindo e buscando espaços de trabalho para mulheres viúvas ou solteiras. O intelectualismo feminino no século XIX inicia a partir dessas trajetórias de mulheres que se favoreceram do seio de famílias burguesas pela oportunidade a uma educação, mesmo que ainda muito aquém da masculina. Com seus diplomas de educadoras, ou mesmo estudos autodidatas, puderam participar do espaço público a partir de suas publicações, sejam elas traduções, autobiografias, romances, obras infanto-juvenis, obras de divulgação científica, entre tantas outras escritas femininas.

Esta pesquisa ainda abre muitas perguntas sobre Athénaïs como escritora. Não apenas de suas edições nas obras póstumas do marido, mas a partir de uma gama de pequenos textos que produziu para lutar pelos seus direitos como autora às obras de história natural. Durante as pesquisas foi possível perceber que Athénaïs gostava de artes e poesia, inclusive organizava *soirées* para leitura de poemas, além de escrever diversos pequenos poemas que estão espalhados nas obras de história natural, nas correspondências ou no diário de Jules Michelet. Sua atração às artes a fez publicar uma obra sobre uma pintura de Gericault anonimamente. Esse texto, que construiu a partir de notas de Michelet, escrito à quatro mãos, é uma das críticas de arte mais conhecidas e citadas do historiador.

Dessa maneira, ao recuperar a trajetória intelectual de Athénaïs Michelet, esta pesquisa contribui para a ampliação do entendimento sobre a participação feminina na produção do conhecimento no século XIX. Ao examinar sua colaboração com Jules Michelet, bem como suas próprias obras e redes de sociabilidade, a tese evidencia os desafios enfrentados por mulheres intelectuais para terem seu trabalho reconhecido e a necessidade de revisitar narrativas historiográficas que, por tanto tempo, marginalizaram suas contribuições. O estudo de Athénaïs revela não apenas os limites impostos às mulheres escritoras e cientistas do período, mas também suas estratégias para os contornar, demonstrando que, apesar das restrições, elas encontraram formas de se afirmar no campo intelectual. Com isso, reforça-se a importância de seguir investigando a atuação de outras mulheres que, como Athénaïs, deixaram sua marca na história, mas cuja visibilidade ainda precisa ser plenamente restaurada.

## FONTES

### Fontes Manuscritas

Contrat de Mariage entre Monsieur Michelet Jules et Mademoiselle Mialaret Athénaïs, 10 mars 1849. Étude de Mr. Raimond Péronne. Arquivo MS 4855 – *Fragments divers de M<sup>me</sup> Michelet*, depositado na *Bibliothèque de l'Institut de France*.

Journal 1849-1850, arquivo MS 4855 – *Fragments divers de M<sup>me</sup> Michelet*, depositado na *Bibliothèque de l'Institut de France*.

Correspondências de Athénaïs: arquivo MS 4856 – 1858: Brouillon em français de l'ouvrage traduit em anglais par William-D. Adams et publié à Londres em 1872 sous le titre *Nature or the poetry of Earth and Sea - Papiers de M<sup>me</sup> Jules Michelet*. Depositado na *Bibliothèque de l'Institut de France*.

Notas e manuscritos dos capítulos do livro *Nature*, originais em francês: arquivo MS 4856 – 4858: Brouillon em français de l'ouvrage traduit em anglais par William-D. Adams et publié à Londres em 1872 sous le titre *Nature or the poetry of Earth and Sea - Papiers de M<sup>me</sup> Jules Michelet*. Depositado na *Bibliothèque de l'Institut de France*.

### Fontes Bibliográficas

MICHELET, M<sup>me</sup> J. [Athénaïs]. *Mémoires d'une Enfant*. Paris: Librairie de L. Hachette et C<sup>ie</sup>, 1867.

\_\_\_\_\_. *Nature; or, the Poetry of Earth and Sea*. London: T. Nelson and Sons, Paternoster Row, 1872.

\_\_\_\_\_. Une Histoire d'Hirondelle. NOËL, Eugène; POUCHET, Georges; PENNETIER, Georges (Orgs.). *Almanach des Normands pour 1862*. Rouen: Ch. Haulard, 1861, p. 66-71.

MICHELET, M<sup>me</sup>. *Ma Collaboration a L'Oiseau, L'Insecte, La Mer, La Montagne*. Mes droits a la moitié de leur produit. Paris: Typographie Georges Chamerot, 1876.

MICHELET, Madame. *La mort et les funérailles de Michelet*. Paris: Sandoz et Fishbacher, 1876.

\_\_\_\_\_. *J. Michelet et sa famille*. Paris: Imprimerie A. Quantin, 1878.

\_\_\_\_\_. *Le Centenaire de Michelet, ce qu'il doit être: la fête des grands souvenirs, 1798-1898*. Paris: Ernest Flammarion, 1898.

MICHELET, Madame Jules. *Les Chats*. Avec une introduction et des notes de Gabriel Monod, de l'Institut. Paris: Ernest Flammarion, 1904.

MICHELET, Athénaïs. *Mes Chats*. Frontignan: Editions Le Chat Rouge, 2015.

MICHELET, Jules. Les Femmes de la Révolution. Paris: Adolphe DelaHays, Librairie-Éditeur, 1854.

\_\_\_\_\_. L'Oiseau. Paris: Librairie de L. Hachette et C<sup>ie</sup>, 5<sup>e</sup> Édition, revue et augmentée, 1858.

\_\_\_\_\_. L'Amour. Paris: Librairie de L. Hachette et C<sup>ie</sup>, 1859.

\_\_\_\_\_. La Femme. Paris: Librairie L. Hachette et C<sup>ie</sup>, 1860.

\_\_\_\_\_. L'Insecte. Paris: Librairie de L. Hachette et C<sup>ie</sup>, Deuxième édition, revue et corrigée, 1858.

\_\_\_\_\_. Le Prêtre, la Femme, et la Famille. Nouvelle Édition. Paris: Chamerot, Librairie, 1861.

\_\_\_\_\_. La Mer. Paris: Librairie de L. Hachette et C<sup>ie</sup>, 1861.

\_\_\_\_\_. La Montagne. Paris: Librairie Internationale, 1868.

\_\_\_\_\_. Histoire de la Révolution Française. Tome Deuxième. Paris: Librairie Internationale, 1869.

\_\_\_\_\_. Nos Fils. Paris: Librairie Internationale, Troisième Édition, 1870.

\_\_\_\_\_. Ma Jeunesse. Paris: Calmann Lévy, 1884.

\_\_\_\_\_. Mon Journal (1820-1823). Paris: G. Marpon et Flammarion, 1888.

\_\_\_\_\_. Rome. Paris. Marpon et Flammarion, 1891.

\_\_\_\_\_. Sur les chemins de l'Europe. Paris: Ernest Flammarion, 1893.

\_\_\_\_\_. Lettres Inédites Adressées a M<sup>lle</sup> Mialaret (M<sup>me</sup> Michelet). Paris: Ernest Flammarion, 1899.

\_\_\_\_\_. Écrites de Jeunesse. Journal (1820-1823) - Mémorial, Journal des Idées. Org. Paul Viallaneix. Paris: Gallimard, 1959.

\_\_\_\_\_. Journal Tome I (1829-1848). Org. Paul Viallaneix. Paris: Gallimard, 1959.

\_\_\_\_\_. Journal Tome II (1849-1860). Org. Paul Viallaneix. Paris: Gallimard, 1962.

\_\_\_\_\_. Journal Tome III (1861-1867). Org. Claude Digeon. Paris: Gallimard, 1976.

\_\_\_\_\_. Journal Tome IV (1868-1874). Org. Claude Digeon. Paris: Gallimard, 1976.

\_\_\_\_\_. O Povo. São Paulo: Martins Fontes, 1988.

\_\_\_\_\_. A mulher. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

\_\_\_\_\_. Correspondance Générale Tome VI (1849-1851). Org. Louis Le Guillou. Paris: Librairie Honoré Champion, 1997.

\_\_\_\_\_. Correspondance Générale Tome VII (1852-1855). Org. Louis Le Guillou. Paris: Librairie Honoré Champion, 1997.

\_\_\_\_\_. Correspondance Générale. Tome VIII (1856-1858). Org. Louis Le Guillou. Paris: Librairie Honoré Champion, 1998.

\_\_\_\_\_. Correspondance Générale Tome IX (1859-1861). Org. Louis Le Guillou, Paris: Librairie Honoré Champion, 1999.

\_\_\_\_\_. Correspondance Générale Tome X (1862-1865). Org. Louis Le Guillou, Paris: Librairie Honoré Champion, 1999.

\_\_\_\_\_. Correspondance Générale Tome XI (1866-1870). Org. Louis Le Guillou. Paris: Librairie Honoré Champion, 2000.

\_\_\_\_\_. Correspondance Générale Tome XII (1871-1874 et suppléments). Org. Louis Le Guillou. Paris: Librairie Honoré Champion, 2001.

\_\_\_\_\_. On History: Introduction to World History (1831); Opening Address at the Faculty of Letters, 9 January 1834; Preface to History of France (1869). Traduções: Flora Kimmich, Lionel Gossman and Edward K. Kaplan. Cambridge: Open Book Publishers, 2013.

\_\_\_\_\_. La Montagne. Éditions le Pommier, Les pionniers de l'écologie, 2020.

### **Jornais e Revistas**

DAURIAC, Philippe. Le Monde Illustré, Paris (France), 01 décembre 1866. Seção: Revue Littéraire, p. 362.

ETIENNE, L. Le Constitutionnel, journal politique, littéraire, universel, Paris (France), samedi, 25 janvier 1861, Seção: Littérature. Bibliographie Hebdomadaire, p. 3.

GRANDIN, G. Journal du Cher, Bourges (France), 27 novembre 1866. Seção: Chronique, p. 2.

LEVALLOIS, Jules. Femmes d'hier. Revue Bleue. La Revue Politique et Littéraire, Paris (France), n. 17, 4<sup>e</sup> série, tome XII, 21 octobre 1899, p. 529-535.

MARET, Henry. Michelet (M<sup>me</sup>). Le Charivari, Paris (France), dimanche 18 septembre 1870. Seção: Panthéon de Poche. Des Célébrités Contemporaines, p. 3.

MARUEL, André. L'art d'être Veuve. Gil Blas, Paris (France), 12 novembre 1905, p. 1.

La Femme. Par M. Michelet. Journal du Cher, Bourges (France), 26 novembre 1859. Seção: Variétés, p. 3.

G. M. Revue et Magasin de Zoologie pure et appliquée, Paris (France), 2<sup>a</sup> Série, tome XIX, 1867. Seção: Analyses D'Ouvrages Nouveaux, p. 247-248.

RANC, Odilon. Carta de Odilon Ranc, ancien juge de paix. Revue et Magasin de Zoologie pure et appliquée, Paris (France), 2<sup>a</sup> Série, tome XIII, 1861. Seção: Mélanges et Nouvelles, p. 379-382.

## REFERÊNCIAS

AGULHON, Maurice. La République. L'Esprit Créateur, Michelet: Inventaire critique des notions-clés, v. 46, n. 3, 2006, p. 15-20.

ALEXANDRE, Françoise. La Femme et l'oiseau dans l'œuvre de George Sand. In: BERNARD-GRIFFITHS, Simone; MADELÉNAT, Daniel. La Femme et L'Oiseau aux XVIII<sup>e</sup> et XIX<sup>e</sup> siècles, dans la littérature, la peinture et la musique. Presses Universitaires Blaise Pascal, 2011, p. 21-38.

AMORIM, Orlando Nunes de. O cisne noutros lugares ou da impossibilidade de esquecer a dor. Revista Texto Poético, v. 15, 2013, p. 9-24.

ANDRÉ, Jean-Marie. La Survie de Virgile dans le preromantisme et dans le romantisme français. Würzburger Jahrbücher für die Altertumswissenschaft, v. 8, 1982, p. 149-159.

AUSSEL, Michel; DUFOUR-MAITRE, Myriam. Floreska Guépin (1813-1889): Combats pour la liberté et l'instruction. Presses Universitaires de Rennes, 2025.

BACHELLERY, Joséphine. Lettres sur l'Éducation des Femmes. Tome 1. Paris: Rue du Rocher d'Antin 50, 1848.

BALZAC, Honoré de. Les peines de cœur d'une chatte anglaise. In: M.P.-J. Stahl (Dir.). Scènes de la vie privée et publique des animaux. Tome I. Paris: J. Hetzel et Paulin, Éditeurs, 1840, p. 89-112.

BARTHES, Roland. Michelet. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

BASTIT-LESOURD, Marie-Françoise. Marie Souvestre, féministe et pédagogue. Les Cahiers de l'Iroise, n. 202, Brest, 2005, p. 11. Disponível em: <https://yroise.biblio.brest.fr/ark:/12148/bpt6k9126898z/f5.item>. Artigo modificado e completado pela autora, Disponível em: <https://ouestfigureshistoriques.wordpress.com/famille-souvestre/21-2/>.

BENTHIEN, Rafael Faraco. Sociabilidades privadas no fazer científico: Marcel Mauss, Henri Hubert e a questão da constituição de uma família. In: DORÉ, Andréa; RIBEIRO, Luiz Carlos. O que é Sociabilidade? São Paulo: Editora Intermeios, 2019, p. 103-115.

BERNARD-GRIFFITHS, Simone. L'Éducation féminine selon Michelet. In: HECQUET, Michèle. L'Éducation des filles au temps de George Sand. Arras: Artois Presses Université, 1998, p. 103-120. Disponível em: <https://books.openedition.org/apu/3343>.

BORDEAUX, Henry. Les Livres et les Mœurs. Les Lettres d'Amour de Michelet. La Revue Hebdomadaire. Romans-Histoire-Voyages, Paris (France), tome XI, 28 octobre 1899, p. 565-574.

BOURDIEU, Pierre. Por uma ciência das obras. In: \_\_\_. Razões Práticas. Sobre a teoria da ação. São Paulo: Papirus, 1996, p. 53-89.

\_\_\_\_\_. As regras da arte: gênese e estrutura do campo literário. São Paulo: Companhia das letras, 1996.

BRAHM, Alcanter de. Notes sur Michelet. In: \_\_\_. Curiosités de Carnavalet. Paris: Librairie Française, 1920, p. 141-156.

BRISSON, Adolphe. La vie intime de Michelet. In: \_\_\_. Portraits intimes. Paris: Armand Colin et C<sup>ie</sup>, 1899, p. 31-54.

BRONTË, Charlotte. Jane Eyre. São Paulo: Martin Claret, 2014.

BÜLOW-WENDHAUSEN, Baroness von (her niece). The Life of the Baroness von Marenholtz Bülow. NY, William Beverley Harison, 1901.

CADOT, Michel. Herzen e Michelet. Revue des Études Slaves, tomo 78, fascículo 2-3, Alexandre Herzen l'Européen, 2007, p. 177-185.

CALO, Jeanne. La Création de la Femme chez Michelet. Paris: Livraria Nizet, 1975;  
MOREAU, Thérèse. Le sang de l'Histoire. Michelet L'Histoire et l'idée de la femme au XIX<sup>e</sup> siècle. Paris: Flammarion, 1982.

CAMPANA, Crislaine Aline. A irmã silenciosa: Anne Brontë e a escrita de autoria feminina na Inglaterra no início do século XIX. Monografia em História, Memória e Imagem, 112p. Universidade Federal do Paraná, Setor de Ciências Humanas, 2017.

CASSON, Loïc. L'entomologie autour de 1900: une science d'amateurs? Gesnerus, v. 73, n. 2, 2016, p. 294-317.

CHAMPFLEURY. Les Chats. Paris: J. Rothschild, 1869.

CHARUE, Marie. Perspective historique: les femmes em littérature jusqu'au XXe siècle. In: \_\_\_. Mécanisme d'exclusion de autrices dans le champ littéraire: condition littéraire, genres, prix, paratopie. Faculté de philosophie, arts et lettres, Université catholique de Louvain, 2020, p. 11-32.

CIM, Albert. Les Coulisses du Monde Littéraire. Michelet et sa seconde femme, Athénaïs Mialaret. La Revue (Ancienne "Revue des Revues"). 1<sup>er</sup> décembre 1918, volume XCCI, du 1<sup>er</sup> octobre au 15 décembre, p. 404-416.

CORBIN, Alain. Bastidores. In: PERROT, Michele. História da Vida Privada, da Revolução Francesa à Primeira Guerra. Vol. 4. São Paulo: Companhia das Letras, 1992, p. 413-165.

CREYGHTON, Camille. La Politique Éditoriale d'Athénaïs Michelet. In: \_\_\_. La Survivance de Michelet. Historiographie et politique en France depuis 1870. Thèse de Doctorat. 480p. Faculty of Humanities – University of Amsterdam, 2016, p. 95-134.

DAL MASO, Aline. Considerações sobre o homem e a natureza: uma leitura sobre as contribuições às Ciências no livro *L'Oiseau* (O Pássaro) de Jules Michelet. 2019. 95p. Monografia – Departamento de História da Universidade Federal do Paraná, Curitiba.

DAUMARD, Adeline. Affaire, amour, affection: le mariage dans la société bourgeoise au XIXe siècle. *Romantisme*, n. 68, Amours et société, 1990, p. 33-47.

DAUPHIN, Cécile. Mulheres Sós. In: DUBY, Georges; PERROT, Michele (Orgs.). História das Mulheres no Ocidente. Vol. 4: O Século XIX. Porto: Edições Afrontamento, 1994.

DELAMOTTE, Isabelle. Le Roman d'Athénaïs, une vie avec Michelet. Paris: Belfond, 2012.

DERA, Aleksandra. *L'Amour* au féminin, ou la philosophie morale de Jules Michelet sous la plume (et à la loupe) d'Adèle Esquiros. *Fabula / Les colloques*, Critiquer au féminin au XIX<sup>e</sup> siècle (Dir. Julie Anselmini, Lucie Barette), 2023, . Disponível em: <http://www.fabula.org/colloques/document11365.php>.

DIAZ, Brigitte. Carta e diário no século XIX: influências e confluências. *Letras de Hoje*, v. 49, n. 2, abr-jun, 2014, p. 233-240.

DIMOPOULOU, Barbara. Les jardins secrets d'Athénaïs dans La Montagne de Michelet. In: BERNARD-GRIFFITHS, Simone; LE BORGNE, Fraçoise; MADELÉNAT, Daniel (Orgs.). Jardins et intimité dans la littérature Européene (1750-1920): Actes du colloque du Centre de recherches révolutionnaires et romantique. Clermont-Ferrand: Presses Universitaires Blaise Pascal, 2008, p. 197-212.

DROUIN, Jean Marc. Les amateurs d'histoire naturelle: promenades, collectes et controverses. *Alliage*, n. 69, Amateurs ?, 2011, 8p. Disponível em : <http://revel.unice.fr/alliage/index.html?id=3241>.

DURKHEIM, Émile. A Evolução Pedagógica. Tradução de Bruno Charles Magne. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

FAGUER, Jean-Pierre. Esposa e Colaboradora. In: BOURDIEU, Pierre. (Org.). A Miséria do Mundo. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2008, p. 637-650.

FABRE, Mélanie. Explorer des couples d'intellectuels: le dialogue de l'intime et du politique. *Les Études Sociales*, n. 170, 2019, p. 11-22.

FOISIL, Madeleine. A escrita de foro privado. In: CHARTIER, Roger (Org.). História da Vida Privada 3. Da Renascença ao Século das Luzes. São Paulo: Companhia das Letras, 2009, p. 323-324.

FRANCO, José Eduardo. Anticlericalismo e universo feminino. Polêmicas e estereótipos. *Revista Lusófona de Ciência das Religiões*, Ano VI, n. 11, 2007, p. 257-270.

FROEBEL, Frédéric. *Manuel Pratique des Jardins d'Enfants*. Par J.-F. Jacobs avec une introduction de Madame La Baronne de Marenholtz. Bruxelles: F. Classen; Paris: L. Hachette et C<sup>ie</sup>, Librairie Éditeurs, 1859.

GAY, Peter. *O Coração Desvelado: a Experiência Burguesa da Rainha Vitória a Freud*. Volume 4. São Paulo: Companhia das letras, 1999.

GIRAUD, Charles-Jules. *Études Ornithologiques*. Angers: Cosnier et Lachèse, 1857.

GOMES, Ângela de Castro (Org.). *Escrita de si, escrita da história*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004, p. 13.

GOSSMAN, Lionel. Michelet and Natural History: The Alibi of Nature. *Proceedings of the American Philosophical Society*, v. 145, n. 3, 2001, p. 283-333.

GOUGELMANN, Stéphane; VERJUS, Anne. Introduction. In: \_\_\_. (Dir.) *Écrire le mariage en France au XIX<sup>e</sup> siècle*. Saint-Étienne: Publications de l'Université de Saint-Étienne, 2016, p. 7-33.

GRIBENSKI, Fanny; JARDIN, Étienne. Introduction. In: QUINET, Hermione. *Ce que dit la musique*. Présenté et Commenté par Fanny Gribenski et Étienne Jardin. Actes Sud, 2016, p. 9-38.

HALÉVY, Daniel. *Le mariage de Michelet*. *La Revue de Paris*, Paris (France), neuvième année, tome quatrième, 1902, p. 557-579.

HANIN, Laetitia. *L'autobiographie au féminin, ou les codes de la distinction*. *Littérature*, n. 191, Beauvoir em ses Mémoires, 2018, p. 15-27.

HANNOOSH, Michèle. *Jules Michelet. Writing art and History in Nineteenth-Century France*. Pennsylvania: The Pennsylvania State University Press, 2019.

HARVEY, Joy. Darwin's 'Angels': the women correspondentes of Charles Darwin. *Intellectual History Review*, v. 19, n. 2, 2009, p. 197-210.

HAVELANGE, Isabelle, HUGUET, Françoise; LEBEDEFF, Bernadette. MARCHEF-GIRARD Marie Joséphine de [note biographique]. In: *Les inspecteurs généraux de l'Instruction publique. Dictionnaire biographique 1802-1914*. Paris: Institut national de recherche pédagogique, Histoire biographique de l'enseignement, v. 11, 1986, p. 492-493.

HENDRICK, Robert M. The Role of History in Teaching Science - A Case Study. *The Popularization of Science in Nineteenth-Century France*. *Science & Education*, v. 1, n. 2, 1992, p. 145-162.

HINARD, André. *Psychanalyse posthume d'Athénaïs Mialaret épouse de Jules Michelet*. *Recueil de l'Académie de Montauban*, 3<sup>eme</sup> série, tome LXIX, années 1975-1976, p. 175-191.

HOBSBAWM, Eric J. A Primavera dos Povos. In: \_\_\_\_\_. A Era do Capital 1848-1875. Editora Paz e Terra, 1982.

KABAKER, Vera Azria. Le Journal de Michelet: un cas clinique de constipation chronique: Madame Michelet. Thèse de Doctorat. Université Sorbonne Paris Nord, 1991.

KAPLAN, Edward K. Michelet's Poetic Vision, a Philosophy of Nature, Man & Woman. Anherst: The University of Massachusetts Press, 1977.

KIPPUR, Stephen. Jules Michelet. A study of mind and sensibility. New York: State University of New York Press, 1981.

LAMARTINE, Alphonse de. Le Fable des Indes. Nouvelle Revue de Paris, Première année, tome deuxième, 1864, p. 5-29.

LEDRAIN, Eugène. Madame Michelet (Lettres et Souvenirs Inédits). La Revue (Ancienne "Revue des Revues"), volume LXVI, 1917, p. 311-331.

LE GUILLOU, Louis. Resenha: Edgar Quinet, lettres à sa mère, T.I (1808-1820). Textes réunis, classés, et annotés par Simone Bernard-Griffiths et Gérard. Peylet. Paris: H. Champion, 1995. In: Revue d'histoire littéraire de la France, 01 mars 1998.

LEJEUNE, Philippe. Diários de garotas francesas no século XIX: constituição e transgressão de um gênero literário. Cadernos Pagu, Gênero, narrativas, memórias, v. 8-9, 1997, p. 99-114. Disponível em: <https://ieg.ufsc.br/storage/articles/October2020/31102009-093637lejeune.pdf>.

\_\_\_\_\_. O Pacto Autobiográfico. De Rousseau à Internet. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.

LEMONNIER, Charles. Religion Saint-Simoniene. Eglise de Toulouse; Enseignement de l'Athénée; Avenir de la femme. Toulouse: Presses de A. Hénault, 1831.

LEMONNIER, Charles. Élisabeth Lemonnier fondatrice de la Société pour l'enseignement professionnel des femmes. Saint-Germain: Imprimerie L. Toinon et C<sup>ie</sup>, 1866, p. 25, 29.

LÉVY-DUMOULIN, Oliver. Les "Écoles historiques" à l'épreuve de Gabriel Monod. Un historien célèbre et méconnu. Revue Historique, Retour sur Gabriel Monod, n. 664, v. 4, 2012, p. 789-801.

LIMA, Nádia Laguárdia; SANTIAGO, Ana Lydia B. O diário íntimo como produto da cultura moderna. Arquivos Brasileiros de Psicologia, v. 62, n. 1, 2010, p. 22-34.

LORIGA, Sabina. O pequeno X – da Biografia à História. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2011.

LORUSSO, Silvia. La misogynie littéraire. Le cas Sand. Revue italienne d'études françaises, v. 7. 2017, 12p. Disponível em: <https://journals.openedition.org/rief/1473>.

LYKKNES, Annett; OPITZ, Donald; TIGGELEN, Brigitte Van (Eds.). For Better or For Worse! Collaborative Couples in the Sciences. Basel: Birkhäuser, 2012.

MACHADO, Daiane Vaiz. Dois tempos de um percurso de experiências historiográficas: 1958-59 e 1970. As cartas que Cecília Westphalen trocou com Altiva Pilatti Balhana e Fernand Barude. *Patrimônio de Memória*, São Paulo, Unesp, v. 11, n. 1, 2015, p. 137-159.

MACHADO, Daiane Vaiz. Le genre de l'Histoire: la carrière d'Adeline Daumard, 1940-1980. *Les études Sociales*, v. 1, n. 177, 2023, p. 165-190.

MARENHOLTZ-BÜLOW, Baroness von. *Reminiscences of Friedrich Froebel*. Boston: Lee and Sheard, 1877;

\_\_\_\_\_. *The child, its nature and relation, an elucidation of Froebel's principles of education*. New York: E Steiger & Co., 1877.

MAROTIM, François. Michelet et les femmes de lettres. In: BELLET, Roger (Dir.). *Femmes de lettres au XIX<sup>e</sup> siècle. Autour de Louise Colet*. Lyon: Presses Universitaires de Lyon, 1982, p. 282-300. Disponível em: <https://books.openedition.org/pul/798>.

MATAMOROS, Isabelle. *Mais Surtout, Lisez! Les pratiques de lecture des femmes dans la France du premier XIX<sup>e</sup> siècle*. Thèse de Doctorat. 573p. Littératures: Université de Lyon, 2017.

\_\_\_\_\_. "Moi, je revenais à ma mère". Les trajectoires "scolaires" des frères et des sœurs comme lieu d'expérience de la différence des sexes au XIX<sup>e</sup> siècle. *Genre & Histoire, revista eletrônica*, n. 20, 2017. Disponível em: <https://journals.openedition.org/genrehistoire/2845>

MAYEUR, Françoise. *L'Education des filles em France au XIXe siècle*. Paris: Hachette, 1979.

\_\_\_\_\_. Les femmes et l'enseignement en France au XIX<sup>e</sup> siècle. *Bulletin du Centre Pierre Léon d'histoire économique et sociale*, n. 2-3, 1993, p. 23-30.

\_\_\_\_\_. A educação das raparigas: o modelo laico. In: DUBY, Georges; PERROT, Michelet (Orgs.). *História das Mulheres no Ocidente Volume. 4: O Século XIX*. Porto: Edições Afrontamento, 1994, p. 277-295.

\_\_\_\_\_. Les Maîtresses de pension à l'époque de George Sand: tradition, identité, expériences. In: HECQUET, Michèle (Org.). *L'Éducation des filles au temps de George Sand*. Arras: Artois Presses Université, 1998, p. 29-40. Disponível em: <https://books.openedition.org/apu/3268>

\_\_\_\_\_. *Histoire générale de l'enseignement et de l'éducation en France Tome III. De la Révolution à l'École républicaine, 1789-1930*. Paris: Perin, 2004.

MERLET, Gustave. *Hommes et livres: causeries morales et littéraires*. Paris Librairie Académique. Didier et C<sup>e</sup>, 1869.

MONOD, Gabriel. Yves-Jean-Lazare Michelet. *Fragments d'un Journal Intime 1849-1850*. La Grande Revue, Vol. 11, 01 nov. de 1899, p. 254-278.

\_\_\_\_\_. Jules Michelet. *Études sur sa vie et ses œuvres*. Paris: Librairie Hachette et C<sup>ie</sup>, 1905.

\_\_\_\_\_. M. et M<sup>me</sup> Michelet em 1870-1871. *Revue Bleue. La Revue politique et littéraire*, n. 19, 5<sup>e</sup> série, tome IV, 4 novembre 1905, p. 582-584.

\_\_\_\_\_. MONOD, Gabriel. L'Expiation. *Revue Bleue, La Revue politique et littéraire*, n<sup>o</sup> 20, 5<sup>e</sup> série, Tome IV, 11 nov. 1905, p. 609-611.

\_\_\_\_\_. Les deux Madame Michelet. *La Revue des Revues*, 1<sup>er</sup> décembre 1906, p. 364-366.

\_\_\_\_\_. Comment furent composés "Les Mémoires d'une Enfant". *La Revue (Ancienne "Revue des Revues")*, volume LXXIV, 1908, p. 385-400.

\_\_\_\_\_. Les mémoires d'une jeune fille. *La Nouvelle Revue. Troisième série*, tome II, mars-avril 1908, p. 3-16.

MOLLIER, Jean-Yves. Women authors and their publishers in the nineteenth century: A long struggle for the recognition of the right to be a writer. 24p. Publicado originalmente como: Les femmes auteurs et leurs éditeurs au XIX<sup>e</sup> siècle: un long combat pour la reconnaissance de leurs droits d'écrivains, *Revue Historique*, p. 313-333, v. 2, n. 638, 2006. Disponível em: <https://www.sharpweb.org/linguafranca/wp-content/uploads/2017/06/Women-authors-and-their-publishers-in-nineteenth-century-France.pdf>.

MONTEIRO, Maria Conceição. Figuras errantes na época Vitoriana: a preceptora, a prostituta e a louca. *Fragmentos*, v. 8, n. 1, 1998, p. 63.

MONZIE, Anatole de. *Les veuves abusives*. Paris: Grasset, 1936.

MOREAU, Thérèse. *Le Sang de l'Histoire. Michelet, l'histoire et l'idée de la femme au XIX<sup>e</sup> siècle*. Paris: Flammarion, 1982.

MORTAS, Pauline. *Une Rose épineuse. La défloration au XIX<sup>e</sup> siècle em France*. Rennes, Presses Universitaires de Rennes, 2017.

MOURA, Alessandro Rolim de. *Poesia Bucólica. Virgílio, Calpúrnio Sículo, Nemesiano*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2022.

OGILVE, Marilyn Bailey; HARVEY, Joy (Eds.). Michelet, Athénaïs (Mialaret) (1826-1899). In: \_\_\_\_\_. *The Biographical Dictionary of Women in Science. Pioneering Lives from Ancient Times to the Mid-20th Century. Volume 2 L-Z*. New York, Routledge, 2000, p. 892-894.

ORR, Linda. *Jules Michelet. Nature, History and Language*. Cornell University Press, 1976.

ORR, Mary. Catalysts, Compilers and Expositors: Rethinking Women's Pivotal Contributions to Nineteenth-Century 'Physical Sciences'. In: JONES, Clare G.; MARTIN, Alison E.; WOLF, Alexis (Eds.). *The Palgrave Handbook of Women and Science since 1660*. Palgrave Macmillan, 2022, p. 505-528.

PARIS DANS SA SPLENDEUR V. 3, Paris: Henri Charpentier, Imprimeur-Éditeur, 1861.

PETITIER, Paule. Michelet e a História – Ressurreição. *Olho d'água*, São José do Rio Preto, v. 5, n. 2, 2013, p. 63-78.

\_\_\_\_\_. Un discours sur la mort: Michelet et le modele de “L’Insecte”. *Romantisme*, n. 64, Raison, Dérision, Laforgue, n. 64, 1989.

\_\_\_\_\_. Jules Michelet: l’homme histoire. Paris: Grasset, 2006.

\_\_\_\_\_. Correspondance et structure du moi chez Jules Michelet. In: Groupe Michelet. Université Paris 7 Equipe XIX<sup>e</sup> siècle, Sem Data, 11p. Disponível em: <http://equipe19.univ-paris-diderot.fr>.

PICARD, Nicolas. *Le Grimoire Animal. L’existence des bêtes dans la prose littéraire de langue française 1891-1938*. Thèse de Doctorat. 464p. Littérature Française: Université Sorbonne Nouvelle – Paris III, 2019.

PLANTÉ, Christine. *La Petite Sœur de Balzac: essai sur la femme auteur*. Paris: Seuil, 1989.

\_\_\_\_\_. La place des femmes dans l’histoire littéraire: annexe, ou point de départ d’une relecture critique? *Revue d’Histoire Littéraire de la France*, n. 3, 2003, p. 655-668.

PLAS, Elisabeth. Qui veut dire l’homme dit la bête: Alphonse Toussenel et sa zoologie passionnelle: stratégies éditoriales et enjeux épistémologiques. *Mémoires du livre/ Studies in Book Culture*, v. 6, n. 1, 2014, p. 1-28.

PONZETTO, Valentina. “George Sand, Œuvres complètes, 1835: André, Leone Leoni”. *Studi Francesi*, n. 173, 2014, p. 388. Resenha, Disponível em: <https://journals.openedition.org/studifrancesi/1898>.

POTIN, Yann. Les Fantômes de Gabriel Monod. Papiers et paroles de Jules Michelet, érudit et prophète. *Revue Historique, Retour sur Gabriel Monod*, n. 664, v. 4, 2012, p. 803-836.

PUJADE-RENAUD, Claude. *Chers Disparus*. Actes Sud, 2004.

QUINET, Edgar. *Du génie des religions*. Paris: Charpentier Éditeur, 1842.

RIBEIRO, Milena Carolina. *A Trajetória de Madame Alice Bauer Hertz (1877-1927): Pedagoga dos jardins de infância*. Dissertação em História, Memória e Imagem. 133p. Universidade Federal do Paraná, Setor de Ciências Humanas, Programa de Pós-graduação em História, 2021.

RODRIGUES, Deise. As cartas de Agassiz: uma dinâmica epistolar na interação intelectual e na circulação de conhecimento na história natural no século XIX. In: RINKE, Stefan (Ed.). *Entre Espacios: La historia latino-americana en el contexto global*. Actas del XVII Congreso Internacional de AHILA, Berlin, 9-13 de septiembre de 2014. Berlín: Universität, 2016, p. 970-990.

ROGERS, Rebecca. Écrire la vie d’une famille en institution: le journal du couple Bachellery (Paris, 1835-1852). *Le Mouvement social*, n. 279, avril-juin 2022, p. 155-170.

ROSSITER, Margaret W. The ~~Matthew~~ Matilda Effect in Science. *Social Studies of Science*, v. 23, n. 2, 1993, p. 325-341.

SAINT-DENIS, Éric de. Virgile et la formation de Michelet. Bulletin de l'Association Guillaumé Budé, v. 2, 1960, p. 272-284.

\_\_\_\_\_. Les souvenirs de Virgile dans le Journal de Michelet. Les Études Classiques. Tome XXVIII, n°. 3, 1960, p. 257-277.

SAND, George. André. Paris: Félix Bonnaire et Victor Magen, 1835.

\_\_\_\_\_. Histoire de ma vie. Paris: Victor Lecou, 1854-55.

\_\_\_\_\_. História da Minha Vida. São Paulo: Unesp, 2017.

SANTOS, Elaine Cristina Prado dos. O IV cantos das Geórgicas. São Paulo: Scortecci, 2007.

SCHREINER, Michelle. Jules Michelet (1798-1874). In: BENTVOGLIO, Julio; LOPES, Marcos Antônio (Orgs.). A Constituição da História como Ciência. De Ranke a Braudel. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2013, p. 33-58.

SCOTT, Joan. Gênero: uma Categoria útil para análise Histórica. (Tradução de Guacira Lopes Louro e revisão de Tomaz Tadeu da Silva). Educação e Realidade, n. 20, v. 2, 1995, p. 71-99.

SÉGINGER, Gisèle. Les notes d'histoire naturelle de Michelet: émergence et transformations de la notion de métamorphose. In: AZOULAI, Juliette; FAYOLLE, Azélie; SÉGINGER, Gisèle (Dir.). Les Métamorphoses, entre fiction et notion. Littérature et Sciences (XVI<sup>e</sup> – XXI<sup>e</sup> siècles), Champs sur Marne: LISAA, 2019, p. 111-124.

SERINA-KARSKY, Fabienne. La formation des jardinières d'enfants, une institutionnalisation conflictuelle (1910-1931). In: GARNIER, Bruno; KAHN, Pierre (Dir.). Éduquer dans et hors l'école. Lieux et milieux de formation. XVIII<sup>e</sup>-XX<sup>e</sup> siècle. Presses Universitaires de Rennes, 2016. Disponível em: <https://books.openedition.org/pur/45484>.

SMITH, Bonnie. Gênero e História: homens, mulheres e a prática histórica. São Paulo: Edusc – Editora da Universidade do Sagrado Coração, 2003.

SOUZA, Maria de Fátima Medeiros; OLIVEIRA, Emerson Dionisio Gomes. As mulheres na produção editorial científica ilustrada do século XIX: Maria Graham, Anna Atkins e Matilda Smith. Campinas, SP, Cadernos Pagu, n. 63, 2021, 23<sup>o</sup>.

STEEL, David. Marie avant Avon Bretagne et Paris. In: \_\_\_\_\_. Marie Souvestre 1835-1905 Pédagogue pionnière et féministe. Presses Universitaires de Rennes, Archives du Féminisme, 2014. Extrato Gratuito, Disponível em: <https://www.librairie-des-femmes.fr/livre/9782753534421-marie-souvestre-1835-1905-pedagogue-pionniere-et-feministe-david-steel/>.

TAINÉ, Hippolyte. Vie et opinions philosophiques d'un chat. In: \_\_\_\_\_. Voyage aux Pyrénées. Paris: Librairie de L. Hachette et C<sup>ie</sup>, 1858, deuxième édition p. 303-313.

THIÉBAUT et RAINOT. Mnémotechnie. Nouvelles formules historiques, mnémorisées d'après la méthode de M. Aimé Paris, à la usage des élèves de l'institution de Mmes Thiébaud et Rainot. Paris: Chez Mesdames Thiébaud et Rainot, 1845.

TOUSSENEL, Alphonse. L'Esprit des Bêtes. Le monde des Oiseaux. Ornithologie passionnelle. Paris: Librairie Phalantérienne, 1853.

VARENNE, Gaston. Le Jeune Bourdelle et M<sup>me</sup> Mialaret-Michelet. La Revue de France, 17<sup>e</sup> année, 1<sup>er</sup> juin 1937, p. 439-456.

VIALLANEIX, Paul. Michelet, les travaux et les jours 1798-1874. Paris: Gallimard, 1998.

WIERUSZESKI, Lucie. Les institutrices au XIX<sup>e</sup> siècle: témoins et militantes de la condition féminine? Mémoire de Master 2 professionnel. 50p. Nord-Pas-de Calais - Institut Universitaire de Formation de Maîtres, Université d'Artois, 2012.

WILLIAMS, Heather. The poetry of Celtic places. Nineteenth-Century Contexts, v. 41, n. 1, p. 63-74, 2019.

### **Páginas da Internet**

Archive.org. Disponível em: <https://archive.org/>.

Musée Carnavalet. Disponível em: <http://parismuseescollections.paris.fr>.

Charlesfourier.fr, 2024. Disponível em:  
<https://www.charlesfourier.fr/spip.php?article1274#nb9>.

Darwin Correspondance Project. Cambridge Universtity Library (2023). Disponível em:  
<https://www.darwinproject.ac.uk/>.

Gallica. Disponível em: <https://gallica.bnf.fr/accueil/fr/html/accueil-fr>.

Marie Souvestre. Disponível em: <https://ouestfigureshistoriques.wordpress.com/famille-souvestre/21-2/>.

Museu do Louvre - Coleções. Disponível em:  
<https://collections.louvre.fr/en/ark:/53355/cl010062436>.

## ANEXO

Documentos transcritos. Correspondências inéditas de Athénaïs preservadas nos arquivos na *Bibliothèque de l'Institut de France* (MS 4846-4848, *Papiers de M<sup>me</sup> Michelet*).

**Carta 1. de Tancrede Mialaret Becknell à Athénaïs Michelet**

Valence, le 14 janvier [18]70

Je ne sais, cher amie, pourquoi tous les grands journaux de province veulent que vous soyer à Hyères. Dans l'ouest tous l'ont annoncé et ici également. Ta lettre n'on dit pas un mot. Du grand travail que tu as entrepris, je conclus à un déplacement peu probable, car ça demande du temp et puis trouveras-tu ailleurs les documents dont tu as besoin pour porsuivre ton œuvre? *Benen al fait.*

Voici inclus q. q. notes que je tiens de l'ami Castel qui en partant me a dit que si elles ne te suffisaient pas tu veuilles bien lui faire l'honneur de [penser] à lui, mais il te foudrait lui bien [primier] a que tu [ilegível] savoir. Il est en mains de te bien renseigner sur la grande culture de notre département. Mais comme c'est un chapitre a [épuiser] bien des volumes il est urgent que tu priais les points sur laquele tu manque de documents. [...]

Mialaret Becknel

**Carta 2. de Comtesse Emma De Gerando à Athénaïs Michelet**

Paris le 21 jan[vier] 1870, 1 rue du château.

Chère Madame,

Voici le portrait de quelques bœufs ; leur couleur est toujours blanche, comme aussi celle des vaches. À l'exposition de 1855 nous avons vu à Paris une jeune vache blanche avec son veau ; ses cornes formaient une superbe demi lune et elle était si sauvage qu'on ne pouvait la toucher. Les quatre bœufs qu'on y avait aussi aménés, avaient tous les cornes comme ceus que je vous envoie. Je possède à Paris la photographie de tous ces animaux.

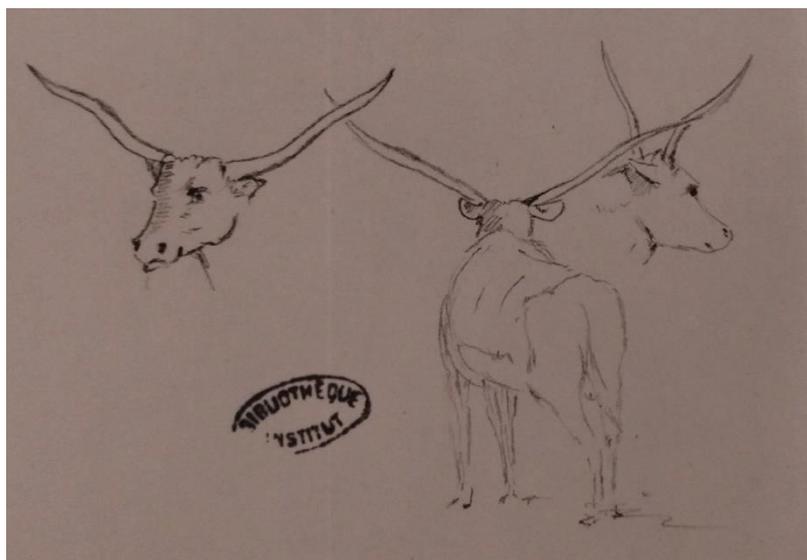
L'aspect des plaines de Hongrie change souvent, quelque fois c'est du sable fertile où pousse du tabac, du maïs et du blé. Ces champs de blé s'étendent à perte de vue et les épui donés ondulent sous le vent. D'autrefois ce sont des champs de maïs au feuilles brillantes, qui pourraient bien cacher un cavalier. Là où il y a des paturages, d'imenses troupeaux de chevaaux

ou de bœufs brontent une herbe verte qui ressemble à celle de Normandie, et que la quantité d'animaux qui l'absorbent empêche de pousser bien haut. Leus gardiens ne sont donc à cheval que quand ils conduisent les troupeaux d'un lieu à l'autre. Une herbe qui ressemble un peu à celle des pampas est le *árva leány haj*, en allemand *Marienflachs*, *Reihergras* (*Flachs* veut dire lin, car cette herbe en a l'aspect ; *Reiher* héron, gras herbe, parce que les jeunes paysans la portent sur le chapeau en guise de plume) dont nous vous avons donné des échantillons ; ce sont les cheveux de la belle Illona, que la belle-mère privait de sa belle chevelure dorée, pour en parer sa fille, qu'elle voulait faire épouser au roi. Nous vous avons raconté cette histoire.

Ce qui caractérise les plaines, ce sont les *csárda*, petites auberges isolées, qui se voient au loin, les puits à bras, *gémes hût*, et les cigognes qui se promènent solitairement. Le soir, allument les feux des bergers, et les cloches des troupeaux, qui viennent boire, s'entendent au loin. Les plaines de Hongrie sont la plus part fertiles, il n'y a qu'en certain endroits, comme aux environs de Gödöllő, à trois lieues de Pesth, où le sable mouvent empêche la culture. Dans ces contrées le vent soulève des colonnes de sable qui forment des collines là où elles tombent. Par un temps d'orage toute la plaine est soulevée et on ne voit que les éclaires qui déchirent ces vagues opaques.

Adieu, chère Madame, exprimer à Monsieur toute ma reconnaissance de sa blle lettre. Monsieur Dauzon lit dans ce moment ce magnifique ouvrage que nous lui avons prêté, le beau chapitre des fêtes le transporte de joie. Mes enfants vont bien et vous prient, ainsi que Monsieur d'agréer leur salut respectueux. Je vous serre la main.

E. DeGerando



**Carta 3. de Comtesse Emma De Gerando à Athénaïs Michelet**

Pau, le 24 Janvier 1870, 1 rue du château

Chère Madame,

Monsieur Grisza notre compatriote exilé, vous apportera le poème de Petofi sur la puszta avec une traduction. Il demeure rue Gaillon 17.

Toute la plaine depuis Pesth jusqu'à la Tisza s'appelle *Puszta*, les hautes herbes sont plutôt dans l'intérieur, et là la puszta ressemble aux pampas d'Amérique. Vous ne vous êtes donc pas trompée. Le sol de la Hongrie a un vigueur remarquable, nous avons souvent cuilli des feuilles qui poussent parmi les herbes, qui ont un mètre et demi de large, on les roulant en forme d'entonnoir pour y porter l'eau, quand nous campions sur la lisière d'une forêt. Les forêts vierges sur la frontière de la Croatia ont une végétation si touffue qu'on n'y peut marcher qu'à l'aide de la hache. Du coté de Debrezen, dans la Nyir, le blé murit deux fois, il en vient même qui n'a pas été semé. Vous voyez que le poète a pu, sans exageration donner aux herbes de la puszta, les dimensions dont vous parlez.

Je vous remercie de vous inquiéter de la santé de mes enfants, depuis deux jours nous avons aussi un peu de neige et Attila se tient dans la chambre, Antonine est vaillante, car c'est plutôt le soleil du midi qui est son ennemi. Je trouve Paul toujours charmant le froid ici n'est pas du froid, et il y a toujours moyen de se promener dans le magnifique par cet sur la place royale. Pauvre Monsieur Noël comment se fait-il qu'il ait des accès de mélancolie, cela doit être la neige, qui n'est pas à Rouen un léger duvet comme ici.

Adieu, chère Madame, agréer pour vous et pour Monsieur nos saluts bien affectueux

E. DeGerando

**Carta 4. de Edouard Morren à Athénaïs Michelet**

Liège le 11 fevrier 1870

Madame

J'ai vainement cherché une traduction complète du mémoire de M. Hugo de Mohl sur *La Chute des Feuilles*, mais vous en trouverez une analyse suffisamment détaillée dans le *Bulletin de la Société Botanique de France*, tome VII, p. 34 et 178. Cette société siège près de M. [ilegível], 84 Rue de Grenelle et M. [Richardet] ou M. de Schoenefeld s'empreseront de vous communiquer ce volume. *La Chute des Feuilles* nous fait soupirer parce qu'elle est

l'image et le précurseur de notre destinée, que sommes nous chacun sinon une feuille de l'humanité et chaque feuille qui tombe [nous] dit: "Voici, il faut mourir." [...]

**Carta 5. de Antonin Mialaret à Athénaïs Michelet**

Saint-Jean-Baptiste, le 7 mars 1870

Ma chère Sœur,

J'ai reçu ta lettre, il y a environ quinze jours. Je n'a pris que le temps de consulter les personnes, et les livres qui pouvaient me renseigner, j'espère donc n'être pas trop en retard. J'avois d'abord envie de te renvoyer simplement à la Géologie Pratique de la Louisiane par R. Thomassy. Cet ouvrage est publié à Paris en 1860, chez Lacroix et Baudry, 15 quai Malaquais, te fournirait la réponse à presque toutes les questions, et je t'engage fortement à le procurer. Mais, pour le cas où tu n'aurais ni le loisir ni la volonté d'y faire des recherches, en voici la substance. Il y a bien par ci par là quelques impressions ou souvenirs personnels. Ce sous me, cependant, si mon travail t'afforde quelques données utiles tu devras, selon toute justice, en créditer M. Thomassy. [...]

A. Mialaret

[Antonin escreveu uma longa carta, de onze páginas, com inúmeras informações e fichamentos da obra de Thomassy. Nas duas últimas páginas ele escreveu sobre seus próprios projetos na Louisiana, e dá notícias de sua família. Ao final pergunta sobre o gato de Athénaïs, e pede que ela continue escrevendo, enviando também notícias dos irmãos Tancrede e Henry.]

**Carta 6. de Athénaïs Michelet à Edouard Morren**

Paris 1[3] juillet [18]70

Monsieur,

Avant de vous avoir remercié pour vos précieuses indications sur la chute des feuilles, je viens vous faire une autre demande.

Excusez-moi si j'ai paru manquer à la politesse, je suis accablé par le travail. Il y a six mois que je n'ai respiré. Dans ce livre que j'écris et qui sous forme littéraire ne veut rien donner à la fantaisie, je rencontre le système des eaux, depuis les eaux vivantes, les [torrents] jusqu'aux

coins mourantes qui nous tuent en nous faisant rêver. Eh ! Bien en travaillant à ce dernier sujet, je parle des algues qui sont souvent la cause des fièvres paludéennes, par les spores qu'elles disseminent dans l'air, et qui s'insinuent et se développent dans notre sang.

L'exemple que j'en fais citer est celui de M.[onsieur] votre père qui en faisant chez lui des études sur conferves, il reçut la maligne influence, ainsi que ses élèves. Si vous me permettez dire la chose, voucriez-vous me [mander] a quelle époque de l'année ces algues laissent échapper leurs spores – Est-ce au printemps à l'été ? Et ces fièvres, les croyez-vous de même nature celles qui naissent des émanations des marais en décomposition ou des chanvrières ? C'est e crois à cette dernière influence que j'ai dû accès de fièvre qui pendant trois longues annés ont miné en moi une constitution naturellement fort et vivace.

Il en reste toujours quelque chose quoiqu'on guerisse à la moindre atteinte on sent se glisser non pas le frisson, mais quelque chose de singulier, comme un courant qui vous [rent] sensible chaque artere, chaque veine, chaque capillaire. Vous sentez toute votre circulation perceptible dans un détail infini. Demi chaleur, demi langueur, demi rêve. On n'en voudrait pas sortir.

Je vous remercie d'avance et vous [...]

[A carta termina sem a finalização da despedida e da assinatura de Athénaïs. Provavelmente seja uma cópia da que foi enviada à Morren.]

### **Carta 7. De [Jules] Desnoyers para Jules Michelet**

Paris, 13 juillet [1870]

Mon cher confrère,

Je me fais un plaisir de vous adresser [sur] le Cygne les renseignements bibliographiques que vous désirez ou plutôt que desire Mad. Michelet.

Dabord M. Salerne médecin d'Orléans est bien auteur d'un traité d'ornithologie publié en 1767 à Paris (in-4°) sous ce titre: *Histoire naturelle éclaircie dans une de ses parties principales, l'ornithologie...* ouvrage traduit du latin du Synopsis Aviun de Ray. L'article du cygne p. 404-406, en peu important; il cite cependant le nom de quelques auteurs anciens qui ont parlé du cygne.

C'est surtout dans les ouvrages indiqués sur la page ci-jointe que [se] trouvent un grand nombre les mentions et les extraits de textes anciens. L'ouvrage d'Aldrovande [semble] plus riche [se peut] tenir bien de tous les autres [...]

Il n'ai pas d'ouvrage moderne traitant de l'ornithologie qui n'ait consacré quelques pages au cygne, en notant dans Brisson (t. VI) p. 288, dans Mauduyt (Encycl. Meth. Ornith., t. 2, p. 664).

L'article de Buffon (t. 9 du oiseau de l'éd. Royale in-4° 1783) présente un grand nombre de citations des auteurs anciens et modernes qui n'ont point été reproduits dans les [plupart] des autres [éditions]. [...] Ces articles du cygne [inelegível] des meilleurs monographies des oiseaux, avec le travail plus ancien d'Aldrovande.

Il suite une [inelegível] de Mongez publié en 1783, intitulée Mémoires sur les cygnes qui chantent (in 8°. 39p.) Jel'ai [vous indiqué] pour Mauduyt, celle manque à la Bibl. du Muséum, mais vous la trouverez [...].

Reçois Monsieur et cher confrère, l'assurance de mes sentiments tout devoués et du plaisir que j'ai à faire quelque chose que vous voir agréable

[J.] Desnoyers

Aldrovande *Ornithologie* éd. de Bologne 1637. in-f° t. III, p. 1 à 42 (très nombreux textes rapportés et [cités])

Gesner *Historia animalium*, éd. de Francfort, 1585. in-f° t. 3 (avis. p. 379). (très nombreuses citations d'auteurs anciens.)

Jonston *Histor. nat. de avibus*, éd. de Francfort, 1650, in-f° p. 130. (*auteurs anciens cités.*)

Ruysch *Theatrum universale omnium animalium* Éd. d'Amsterdam, 1717, in-f° (p. 90 et 91. – Très nombreuses citations des auteurs anciens sur le cygne.)

### **Carta 8. de Devals Ainé à Athénaïs Michelet**

Montauban, 15 juillet 1870

Madame,

Je vous remercie de m'avoir, une foi de plus, fourni l'occasion de vous être agréable en vous transmettant les renseignements que vous avez bien voulu me demander sur les allures tantôt torrentielles, tantôt assoupies de notre charmant Aveiyron.

Si j'étais poète, je dirais que celle belle rivière se modèle sur la physionomie des régions qu'elle arrose, et qu'après avoir couçé comme un vrai torrent dans nos gorges [alpestres], elle prend dès sous entrée dans ses valées tertiaires l'ampleur et la magesté qui distinguent ordinairement les fleuves dont les méandres se dessinent au milieu des larges plainers. Mais ce ne serait là qu'une assez méchante explication du phénomène tout naturel que nous avos lous

les yeux. J'arrive dans tout de suite à une démonstration plus prosaïque mais aussi bien plus exacte : A partir de son entrée dans le département de Tarn et Garonne, qui a lieu à Laguépie, jusqu'à son embouchure dans le Tarn, l'Aveyron offre trois sections bien distinctes.

1°. - De Laguépie à S<sup>t</sup> Antonin, où la vallée élargie permet à la rivière de s'étendre davantage et de revêtis jusqu'à un certain point les caractères des cours d'eau qui arrosent les plaines ;

2°. De S<sup>t</sup> Antonin à Montricoux, où l'Aveyron se frayant un étroit passage à travers les rochers jurassiques prend toutes les allures d'un torrent ;

3°. De Montricoux à l'embouchure de l'Aveyron, où la rivière, coulant dans une large plaine, s'étend à l'aise et descend majestueusement vers le Tarn.

De Laguépie à S<sup>t</sup> Antonin, le trajet en ligne directe est de 17 kilomètres 200 mètres, et en suivant les détours de l'Aveyron, de 30 kilomètres. Il y a donc 12 kil 800 mètres pour les sinuosités. L'étiage de l'Aveyron à Laguépie est à 147 mètres au dessus du niveau de la mer, et à 128 mètres seulement à S<sup>t</sup> Antonin. Ainsi pour cette première section, la pente de la rivière est de 19 mètres, soit de 0<sup>mèt.</sup> 633<sup>millimètres</sup> par kilomètre.

De S<sup>t</sup> Antonin à Montricoux, le trajet direct est de 14 kilomètres, et du couble, 28 kilom. En suivant la rive de l'Aveyron, les détours prennent donc 14 kilomètres l'étiage de la rivière à S<sup>t</sup> Antonin, est comme nous l'avons déjà vu, à 128 mètres au dessus du niveau de la mer, il n'est plus qu'à 88 mètres à Montricoux. Pour cette deuxième section, la pente est donc de 40 mètres, ou de 1<sup>met</sup> 429<sup>mill.</sup> par kilomètre, ce qui explique tout naturellement les allures torrentielles de l'Aveyron.

De Montricoux à l'embouchure de l'Aveyron, la distance à vol d'oiseau est de 28 kilomètres, et en longeant la rivière de 41 kilom. 500 mètres. Les méandres comptent donc pour une longueur de 13 kil. 500<sup>m.</sup> A Montricoux, l'étiage est à 88 mètres au dessus du niveau de la mer, et à l'embouchure à 78 met. La pente totale n'est donc plus, dans cette 3<sup>[e]me</sup> section, que de 10 mètres, soit 0<sup>m.</sup> 241 millimètres par kilomètre ce qui donne parfaitement la raison de cet assouplissement que vous avez remarqué vis-à-vis de Cayrac.

Telles sont Madame, les explications techniques des caractères si différents qu'offre le cours de l'Aveyron dans notre département. Je ne doute pas que vous ne tirez un excellent parti de ces données si [sécher], et quand vous aurez délayé sur ce cadre si pauvre les trésors de votre riche palette, je m'estimerai heureux d'avoir pu contribuer en quelque chose aux charmants récits que, comme ses aînés, votre nouveau livre offrira à ses lecteurs.

Veillez agréer, Madame, pour vous et pour Monseigneur Michelet, les respectueux hommages de votre tout dévoué

Devals Ainé

**Carta 9. de Edouard Morren à Athénaïs Michelet**

Liège le 17, Juillet 1870

Madame

[...] Dans ma croyance, les algues et les champignons sont deux légions pestilentielles, qui s'ébattent sur l'humanité comme deux fleaux de nature bien différente. Les algues laissent [derrière] elles la fièvre lente (la fièvre intermittente, la malaria – en un mot le frisson) – Les champignons repoussent la fièvre muqueuse, le fièvre typhoïde, le typhus, la fièvre jaune, le choléra, en un mot la pourriture. Chose curieuse, l'algue microscopique (*Germiasma*) donne la fièvre – tandis que le champignon quand on l'appelle ferment (*Cryptococcus cerevisiae*) donne la désorganisation, c'est à donc le feu [...]

E. Morren

**Carta 10. de Jeanne Bétant à Athénaïs Michelet**

Genève, 18 juillet 1870

[Que] j'ai été heureuse, chère Madame, de revoir votre bonne écriture, il y avait si longtemps que je désirais de vos nouvelles et que j'hésitais à vous en demander, vous sachant si occupée. Quel bonheur de vous savoir bien, vous et Monsieur Michelet, mais nous craignons qu'un excès de travail par ces chaleurs excessives que nous traversons, ne vous fasse du mal et vous aimerions pouvoir penser que vous vous reposez le corps et l'esprit dans quelque'un de ces recoins de notre chère Luis de que vous aimez tant. Mais hélas y a-t-il un repos possible dans les temps que nous traversons et comment échapper à l'angoisse générale. Le cœur n'est-il pas tout meurtri en pensant à toutes les souffrances qui pour une prétexte aussi futile veut accabler toute l'Europe. Dieu sait pour combien de temps et d'abord de populations innocentes!

Monsieur Barni en est profondément affligé. Avez-vous reçu le manifeste de la Ligue de la paix? Ne le trouvez vous pas bien beau, mais sans effet pour le moment. Si au moins ces efforts pouvaient quelque chose pour l'avenir et changer l'opinion générale ! Pour quoi les souverains trouvent-ils des soldats prêts à se battre et ne seraient-ils pas arrêtés par le mépris que leur caprices inspireraient?

Mais parlons plutôt des cygnes.

J'ai le regret de ne pouvoir rien vous raconter auteur sujet des nôtres, on les voit, on les regarde, mais personne ne les a vraiment observés. On n'a rien écrit d'eux. Quoique vivant si près de l'homme, ces animaux ont conservé leur caractère sauvage, ils ne s'apprivoisent pas, ils ont seulement appris à connaître les heures où les enfants les promeneurs plus nombreux leur jettent du pain. Ils sont surtout très bons amis avec les lavandières et au moment des repas de ces femmes on en voit toujours plusieurs réunis autour des bateaux à laver le linge, car elles partagent toujours généreusement avec les cygnes leur déjeuner ou leur diner. Ils connaissent donc les heures, car ils arrivent un peu d'avance pour ne pas manquer le moment.

Entre eux, ils ne vivent pas toujours en paix et de des fenêtres Madame Barni en a vu plus d'un dont le beau plumage était tout ensanglanté par les coups de bec de son rival. Dernièrement, deux ou trois petits qui avaient passé chez leurs voisins en plongeant par dessous la barrière flottante qui sépare les différents couvées à côté de l'Île Rousseau, ont été impitoyablement massacrés. Le fait que vous me racontez est touchant, mais un peu légendaire, on le répète mais personne ne l'a vu de ses yeux. Ce qu'on voit, quelquefois, ce sont les petits emportés par le courant qui sont ramenés au bord à coups d'aile par leurs parents. Quelques personnes prétendent que lorsque un des deux meurt, l'autre se laisse mourir, mais c'est encore une fable puisque nous en avons vu un blanc se promener tout seul sur le lac pendant plusieurs années. Il venait souvent chez une de mes amies près de Genthod. Et encore maintenant, il y en a un noir qui vit tout seul depuis longtemps, son compagnon a péri par accident très peu de temps, après avoir été apportés ici. Celui que reste est très mal vue par les cygnes blancs, qui ont l'air de le regarder comme les plus mauvais Américains regardent les nègres.

Mais quoique mes recherches aient été jusqu'ici infructueuses, je ne les cesserai pas et si j'avais le bonheur de trouver quelque chose qui en valût la peine, je m'empresserai de vous le communiquer.

Nous avons été charmés de la famille de Gérando, ce sont des esprits si distingués. Mademoiselle m'a plu particulièrement, car nous avons un sentiment commun, notre amitié pour vous. Mon père s'est empressé d'envoyer à ces dames la lettre de recommandation que M. Ruinet lui a demandée pour elles et qui est adressé, je crois, au Ministre de l'instruction publique]. Malheureusement ces dames vont à Athènes dans la plus mauvaise saison de l'année, la chaleur y est terrible maintenant et tous ceux a qui cela est possible quittent la ville pour s'éparpiller dans la campagne. Ils sont souvent à de grandes distances.

Madame Quinet était beaucoup [ilegível] portant à son départ de Genève et à son arrivée. La chaleur a été étouffante à Veytaux et ils attendaient avec impatience le moment d'aller aux

Plans, mais il fallait attendre le départ d'autres visites. Ils doivent y être maintenant et jouir d'une fraîcheur relative, car nous avons encore bien chaud.

Monsieur Chenevière a été tout heureux de votre aimable souvenir, il prétend que si vous le voyiez à présent vous le trouveriez bien bête, mais quoique affaible et moins gai. Il est encore bien aimable et ma tante jouit beaucoup des moments qu'il vient passer de temps en temps à côté de son fauteuil. Ma pauvre tante est toujours aussi faible et aussi souffrante, je crois pourtant que la chaleur lui convient, elle l'aide au moins à se soutenir et je voudrais de toutes mes forces faire durer l'été indéfiniment. Pourtant elle n'a pu faire malgré le beau temps une seule promenade en voiture, les seules courses sont pour venir dans les bons jours diner avec nous, mais toujours dans la chaise à roulettes, ses jambes lui refusent toujours plus leur service. Malgré cet état elle est toujours gaie et c'est auprès d'elle que nous allons nous reconforter. Nous parlons souvent de vous et l'espoir de vous revoir lui serait bien doux.

Nous avons d'assez bonnes nouvelles de nos deux frères. Nous espérons que Charles (celui de Belgrade) pourrait obtenir un congé en automne, mais la guerre nous forcera probablement de renoncer au plaisir de le voir. Quant à Albert, après avoir passé l'hiver à Belgrade, il est retourné à Smyrne pour régler quelques affaires, et nous espérons qu'il reviendra prochainement à Genève. Sa santé s'est un peu raffermie, mais il n'est pas encore aussi bien que nous voudrions. Notre désir serait qu'il pût trouver un emploi plus près de nous. Pour en finir sur les détails de santé que vous avez la bonté de me demander, je vous dirai encore que maman a été très-éprouvée par la chaleur et que papa commence un peu à se reposer, il est en vacances depuis quinze jours. Pour moi, il n'en faut pas parler, je suis ni bien ni mal, mon plus grand plaisir est de vous aimer et de penser à vous.

Presentez nos respectueuse compliments à Monsieur Michelet et excusez cet[te] affreuse griffonnage d'une favarde. À vous de cœur,

Jenny Bétant

### **Carta 11. de Athénaïs Michelet à Edouard Morren**

Pierrefonds (Oise) 29 juillet [18]70

Monsieur,

Je veux vous remercier sans retard de votre belle lettre, très expressive.

Sa distinction que vous faites entre la malignité de l'algue et celle des champignons est bien intéressante. Elle reveille des pensées qui m'étaient venues, au souvenir de ces végétations

rapides qui dans mon Midi convrent souvent le sol en automne, après une nuit de brouillards. Champignons de toute espèce, de toutes couleurs, multiplions leurs atômes, grossissant avec la rapidité de l'éclair.

Fils, il me semblait alors, du miracle, et que je sens aujourd'hui n'être que la concentration d'atômes quasi animaux, mais dont la nature épuisé on affaiblie, ne pourra plus se servir dans l'arrière saison. Ces atômes [azotés] laissés libres flottants dans l'atmosphère, sans emploi, n'[ens]sent-ils point engendré les maladies que nous nomons épizo[o]ties ? Dans de cas, le champignons des près de bois qui se gonfle de ces atômes aujourd'hui encore la vie, et demain la mort, n'est il pa un bienfaiteur ? [...]

[Obs : Esta carta tem 4 páginas, mas a última página contém inúmeras correções que inviabilizam a correta transcrição do texto. Provavelmente esta carta é uma cópia da que Athénaïs enviou para Morren, e que ela utilizou para seus estudos posteriormente.]

### **Carta 12. de Athénaïs Michelet à Devals Ainé**

Pierrefonds / Oise / 29 juillet [1870]

Monsieur,

J'ai reçu ici votre belle et bonne lettre qui m'a fait un bien grand plaisir. Je vous suivais, je voyais avec vous se dérouler le cher torrent à la fois impétueuse et calme, comme sont les forces vives de la nature. Et sans orgueil je me sentais lui-même. L'humanité est comme l'eau tour à tour agitée et dormante. Et les belles grandes passions passent aussi par ces alternances.

Mais pour revenir à notre Aveyron, votre [science], je jous assure n'a rien d'aride. La poésie qui chevauche en l'air sur les mots est bien creuse. Si le rythme ne la soutenait, elle tomberait tout à plat.

Me suis-je trompée en disant dans une partie de mon livre qu'elle tournait tout autour de la montagne comme dans un labyrinthe. Le chemin de fer qui a percé [les] tun[n]els la trouve toujours à sa droite ou à sa gauche. Elle aussi a persé, scié, limé, mais non en ligne droite, impatiente comme l'homme. Ce beau travail de l'eau en marche l'a pourtant bien servi autrefois. Toutes les montes suivis par nos ancêtres sont précisément celles qu'avait tracé le vertueux torrent. Ces défilés repaires et abris, ont vu en dessous la pauvre humanité naissante y chercher son premier toit, et l'humanité terrible du moyen âge, en dessous, sur le roc y bâtir son aire. C'est ce qui appartient très especialement comme histoire à notre torrent. Il mérite d'être consacré. J'y ferais un peu si j'avais quelques détails sur les châteaux; sur les cavernes.

J'ai oublié où la rivière prend sa source, et qu'elle est alors son élévation.

Pardon de vous forcer de m'écrire encore; mais je n'ai pas des ailes pour aller voir, et les souvenirs lorsqu'on veut réaliser ne suffisent plus: on n'a de vraie richesse que ses émotions d'autrefois. Avec reconnaissance je recevais ce que vous m'enverriez encore.

Amitiés, A. Michelet

Une dernière question peut-être singulière mais qui m'importe, je voudrais savoir si notre champignon orange [vint] sur terre ou sur le pied d'un arbre. Quel arbre et quelle terre ?

### **Carta 13. de Devals Aîné à Athénaïs Michelet**

Montauban, le 3 Août 1870 (Département de Tarn-et-Garonne. Archives)

Madame,

Vous avez admirablement compris notre bel Aveyron. Les rochers et les cavernes de ses rivières ont vu le développement de l'humanité, depuis l'homme contemporain du grand ours, du lion des cavernes, du renne et du mammoth, jusqu'aux fiers barons du moyen âge, tout [bardés] de fer dans ces nids d'aigle qui surplombent le torrent. C'était alors l'apogée de la civilisation pour ces sites sauvages dont les échos ont conservé les souvenirs des tendres amoureux que le noble Vicomte de S<sup>t</sup>. Antonin, Raymond Jourdain, allait soupirer au pied du roc altier où se dressent encore les ruines du château de Penne. Assise à l'une des fenêtres du donjon gothique, Adelaïde, la belle châtelaine, prêtait l'oreille aux chants du guerrier troubadour, et sa main chargée d'un baiser s'abaissait vers son noble amant. Ces temps ne sont plus : avec la chute des châteaux, les seules monuments qui puissent figurer avec honneur dans ce cadre grandiose, la barbarie est revenue insensiblement s'asseoir sur les rudes montagners dont l'Aveyron baigne le pied, et malgré les efforts inouïs de la civilisation actuelle qui a réussi à tracer un chemin de fer là où la chèvre seule pouvait poser le pied, cette région sauvage reste réfractaire aux aspirations modernes, et je ne doute point que l'homme n'y soit aujourd'hui peu au dessus du niveau de ses ancêtres de l'âge de pierre !

L'Aveyron prend sa source dans les montagnes de Lézou, près du village de S<sup>t</sup>. Dalmasy (dép<sup>t</sup>. de l'Aveyron). M. le Blanc du Vernet a décrit avec talent les bords de l'Aveyron, dans une série d'articles qui ont été récemment publiés par le Progrès Libéral, journal de Toulouse, sous le titre : Les Merveilles du Grand Central. Je crois que ces divers articles ont été réunis et qu'ils ont servi à faire un volume. Vous pourriez du reste vous assurer de ce fait en

écrivait à la Direction du Progrès Libéral, qui très-probablement se chargerait de vous faire parvenir l'ouvrage en question, si vous le désirez.

J'ai interrogé plusieurs campagnards sur les habitudes de l'orange, habitude que j'ignorais complètement. Voici ce qu'ils m'ont appris là-dessus. L'orange croit au milieu des bruyères, soit dans un terrain nu, soit auprès d'un arbre. Le chêne et surtout le genévrier sont les arbres qu'elle paraît [affectionner]. Je me souviens d'en avoir cueilli en quantité au fond d'un ravin situé dans le voisinage d'une maison de campagne que mon père possédait jadis au Carreyrat. Il y avait là, en effet, beaucoup de chênes, de genévriers, et surtout une épaisse bruyère.

Je désire vivement que vous puissiez tirer quelque parti de ces renseignements et je vous prie d'agréer, pour vous et pour Monsieur Michelet, la nouvelle assurance de mon entier dévouement.

Devals Ainé